

**UNIVERSIDADE DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**ESCOLA NACIONAL DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA EM DESPORTOS  
- UMA POSSÍVEL HISTÓRIA -**

VICTOR ANDRADE DE MELO

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Victor Andrade de Melo e aprovada pela Comissão Julgadora em 05 de janeiro de 1996.

Data: 12/06/97  
Assinatura: *[assinatura]*

Campinas  
1996

9708076

UNIDADE	7BC
N.º CHAMADA	T/UNICAMP
	M4912
V.	Es
TOMBO	87/31028
PROD.	281/97
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	12/07/97
N.º CPD	

CN-00 099205-2

FICHA CATALOGRAFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

Mello, Victor Andrade de  
M 489e Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história /  
Victor Andrade de Mello. - - Campinas, SP : [s. n.], 1996.

Orientadores: Ademir Gebara, Alfredo Gomes de Faria Júnior  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade  
de Educação Física.

1. Educação física-história. 2. Professores de educação física. 3. Forma-  
ção profissional. 4. Movimentos estudantis. I. Gebara, Ademir. II. Faria Jú-  
nior, Alfredo Gomes de. III. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade  
de Educação Física. IV. Título.

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação Física  
Coordenação de Pós-Graduação

A dissertação de Mestrado intitulada ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS - UMA POSSÍVEL HISTÓRIA elaborada por Victor Andrade de Melo foi aceita pela Faculdade de Educação Física após homologação do resultado como requisito final a obtenção do grau de

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Campinas, 05 de janeiro de 1996

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ademir Gebara



Prof. Dr. Alfredo Gomes de Faria Júnior



Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns

## AGRADECIMENTOS

### Mais Além

(Lenine, Bráulio Tavares,  
Lula Queiroga e Ivan Santos)

A leste das montanhas da nação Cherokee  
Um índio numa motocicleta cruza o deserto.  
Ao longe o cemitério onde dorme o pai,  
Mas ele sabe que seu pai não está ali.

É mais além.

A linha que separa o mar do céu de chumbo  
A gaiivota caça o peixe radioativo;  
O naufrago retém a última miragem  
E morre como se continuasse vivo.

É mais, é mais além.

Um pouco de exagero, não é nada demais  
Um olho nas estrelas outro olho aqui:  
O astrônomo lunático brincando com o sol  
Descobre que a distância é mais que um cálculo.

É mais, é mais, é mais além

A lua metafísica na poça de lama.  
Ponteiros que disparam ao contrário das horas;  
Hora de saber o que mudou em você,  
Que olha no espelho e não vê ninguém.

É mais, é mais, é mais, é mais além.

O homem sobre a areia como era no início,  
roçando duas pedras, uma em cada mão;  
Descobre a fagulha que concedia o paraíso,  
E imaginou que havia inventado Deus.

É mais, é mais, é mais, é mais, é mais além

### Olho de Peixe

(Lenine e Lula Queiroga)

Permanentemente, preso ao presente

O homem na redoma de vidro  
Em raros instantes  
Alívio e deleite  
Ele descobre o véu  
Que esconde o desconhecido  
É como uma tomada a distância  
Numa grande angular  
É como nunca tivesse existido dúvida  
Evidentemente a mente é como um baú  
O homem é que decide  
O que nele guardar,  
Mas a razão prevalece  
Impõe seus limites  
E ele se permite esquecer de lembrar  
É como se passasse a vida inteira  
Eternizando a miragem  
É como o capuz negro  
Que cega o falcão selvagem

Se na cabeça do homem tem um porão  
Onde moram o instinto e a repressão  
Me diz ai  
O que que tem no sótão?

Esse trabalho não é uma vida. Não é minha vida. Ciência não é em si a vida. Pode e deve ajudar a viver, mas não a representar nem a substituir. História, a arte do incompleto, também não é a vida, a coisa mais incompleta que existe. Esse trabalho não explicita o que tive a oportunidade de viver, sofrendo e gozando, nesses últimos anos. Esse trabalho é incompleto, não só por suas humildes e parciais colaborações, mas por não ter a força de demonstrar o que realmente esteve em jogo em sua consecução. Assim, meus mais incompletos agradecimentos a:

\* Ao que há de mais completo no universo. À Olorum, supremo; à Ogum(Ogun yê!), Iemanjá (Odoya!), Oxalá(Epa Baba!), Logunede (Oluwao!), Oya(Epa Hei!), Xangô(Kaô!), Oxoossi(Okê Arô!), Ossayin (Assau!), Exu (Larôye!), Oxum(Ora ye yeo!) e todos orixás; e a todas as entidades que me protegem. Pela força, equilíbrio, ajuda e principalmente por adotarem como filho e protegido esse ser tão incompleto.

\* À minha mãe, Vera Lúcia Andrade de Melo. Tudo de mais completo que eu tentasse falar seria incompleto demais para expressar meu amor e gratidão.

\* À Almir Lo Giudice. Um, ainda bem, padrasto incompleto que preferiu ser um bom amigo.

\* A todos os entrevistados, todos aqueles que não entrevistei, e muitos que nem mesmo sei quem são, mas que tem a sua parcela de contribuição na construção dessa magnífica instituição (ENEFD) e, como não dizer, da educação física nacional.

\* À Jorge Machado, meu pai, pelos caminhos, espirituais ou não, que tem apontado nesses últimos anos. Um cada vez mais completo amigo. Um dos maiores presente que os orixás me deram.

\* A meus orientadores, nem sempre completos, mas, de múltiplas formas, importantes e necessários em minha aprendizagem.

\* À família Carnieto. Minha eterna gratidão pela acolhida e carinho, que nunca completamente consegui expressar.

\* À Patricia Dini. Um amor incompleto, como nós nos prometemos desde o início.

\* A Maria Elisete Brigatti, Verter Paes Cavalcanti, Janisio(Santista), a galera da C-10 (Dojão, Luciano, Marcelo), Elizabeth Novo e Marcelo Loureiro pelo apoio que deram, de diferentes formas e em diferentes momentos, a realização desse estudo.

\* Aos irmãos Marcelo Guina, Marcos Avellar, Carlos Fernando, Hajime Nozaki, Coriolano Rocha e Ana Julia Pacheco, seres que nunca acreditaram que esse mundo era completo o suficiente para que parássemos de lutar por dias melhores. A incompletude de nossa relação também ensinou-me o quanto, paradoxalmente, é o incompleto também necessário.

\* Em especial ao meu irmão Vinicius Andrade de Melo, 'com seu alforje de caçador'. Uma relação incompleta...a mais completa e melhor das minhas relações incompletas...

## DEDICATÓRIA

Três dedicatórias tenho para fazer:

\* A todos os estudantes que se envolveram/envolvem, nos mais diversos graus, alguns inclusive enferrujando com seu sangue inocente o sujo metal de reluzentes inescrupulosos, com movimentos organizados de reivindicação, por acreditarem/acreditar que há algo de errado nessa mediocridade e pasmaceira que insiste em nos cercar. "Vamos pedir piedade, senhor piedade, a essa gente careta e covarde".

\* Ao Rio de Janeiro, minha terra, meu lar. A você uma homenagem incompleta por não conseguir expressar a beleza de tuas florestas, praias, montanhas; por não conseguir expressar a alegria de teu povo, do qual felizmente faço parte; por não conseguir expressar o prazer de tomar uma cerveja nos bares e botecos de tuas esquinas e ruas; por não conseguir expressar o prazer que me dá ouvir ecoar a bateria da minha Vila Isabel. "Esse samba é só porque, Rio eu gosto de você".

\* Em setembro de 1989, ainda estava no meu primeiro ano de faculdade, após uma tensa reunião fui convidado a participar de um projeto de pesquisa. De lá para cá aprendi algumas coisas no que se refere a pesquisa. Aprendi que pesquisa não era colar um monte de fotos em um cartolina e sair reproduzindo livros. Aprendi que pesquisa não era ficar enfurnado dentro de um laboratório cheio de produtos químicos sem saber o que se passava no mundo, desconectado da realidade. Aprendi as dificuldades de fazer uma pesquisa e de ser pesquisador numa área como educação física, em um país como o Brasil. Aprendi muito pouco, mas o pouco que aprendi devo a Alfredo Gomes de Faria Júnior, a quem dedico esse trabalho. Espero que esse trabalho não decepcione o querido mestre, e que se um dia meu nome for por algum motivo lembrado, que o seja como fazendo parte da 'Escola Faria Júnior'. Isso será de muito orgulho para mim...

## SUMÁRIO

1. Folha de Rosto.....	I
2. Folha de Aprovação.....	II
3. Agradecimentos.....	III
4. Dedicatória.....	V
5. Sumário.....	VI
6. Resumo.....	VII
7. Introdução - Escola Nacional de Educação Física e Desportos - um estudo histórico.....	1
8. Capítulo 1 - Escolas e cursos de formação de professores na Educação Física brasileira - uma contribuição histórica.....	17
9. Capítulo 2 - Escola Nacional de Educação Física e Desportos: o auge de sua atuação e o papel central dos médicos .....	54
10. Conclusão - A importância da Escola Nacional de Educação Física e Desportos para o cenário da educação física nacional .....	101
11. Abstract .....	109
12. Bibliografia .....	110
13. Anexo 1 - A produção de documentos - as entrevistas na íntegra.....	119

## RESUMO

Este estudo teve por objetivo recuperar e escrever uma das possíveis histórias da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), primeira escola de formação de professores na educação física brasileira ligada a uma universidade (Universidade do Brasil), fazendo uso não só de fontes escritas, mas também de depoimentos de pessoas ligadas ao seu cotidiano, procurando refletir criticamente sobre essa história. Este estudo não pretendeu se limitar ao levantamento de datas e fatos da história de uma instituição acadêmica já reconhecidamente importante. Ao adotar a História Oral como possibilidade metodológica, no entanto, não pretendi abandonar a utilização de documentos e as preocupações com datas e fatos, mas sim redimensionar tais possibilidades, buscando um diálogo entre as fontes utilizadas. Justifica-se esse estudo basicamente por dois motivos: a) a ENEFD é um patrimônio cultural da educação física brasileira, construído com o esforço de nossos antepassados e carrega em si parte de nossa memória; b) possibilidade de contribuir dando subsídios e embasamento para que melhor se entendam determinadas questões contemporâneas, através do surgimento de novos fatos, novas abordagens e interpretações, que podem até permitir reformular e reestruturar concepções históricas existentes. Seis são as conclusões básicas desse estudo; a) a criação da ENEFD estava ligada ao projeto político do Estado Novo; b) o processo de criação da ENEFD foi similar ao de outras escolas e cursos de formação de professores, ressaltando-se a presença central de militares; c) a ENEFD obteve maior *status* no momento em que os médicos ocuparam a direção; d) a ENEFD teve um importante papel na produção e divulgação de novos conhecimentos; e) os estudantes ocuparam papel de destaque na estrutura da ENEFD e f) a perda de status da ENEFD deu-se tanto por influência de fatores externos (mudança de capital, reforma universitária, fusão do Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara), quanto por fatores internos (lenta renovação do corpo docente, restrições ao movimento estudantil, afastamento dos médicos da direção).

UNITERMOS: História da educação física; formação de professores; movimento estudantil.

## INTRODUÇÃO

### ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS - UM ESTUDO HISTÓRICO -

Esta introdução tem por objetivo apresentar o problema e as reflexões iniciais que originaram essa dissertação, procurando a partir daí destacar o objetivo da investigação e a justificativa para a realização do estudo. Também procurar-se-a apresentar algumas das especificidades da opção pela História Oral nesse estudo. Ao final desta introdução apresentar-se-a a organização da dissertação, de forma a permitir ao leitor uma compreensão geral da obra.

O argumento fulcral do estudo é o da perda de *status* da outrora a mais prestigiosa Escola de formação de professores de educação física do Brasil como consequência de uma conjunção de fatores à ela extrínsecos e intrínsecos.

Inicialmente ressalto que este estudo não pretendeu se limitar ao levantamento de datas e fatos da história de uma instituição acadêmica já reconhecidamente importante, a partir do uso tradicional de documentos. Não se está a afirmar, no entanto, que se pretendeu abandonar a utilização de documentos e as preocupações com datas e fatos, mas sim redimensionar tais possibilidades, buscando um diálogo entre o documento tradicional e fontes de outra natureza<sup>1</sup>, prioritariamente os relatos orais. Penso que essa abordagem possibilitou uma original investigação de uma instituição cuja história ainda não foi profundamente discutida. Com isto, se pretendeu identificar no seu desenvolvimento histórico, evidências que permitissem (re)discutir alguns momentos da trajetória da educação física brasileira.

A origem desta pesquisa se encontra em algumas de minhas reflexões que geraram três suposições básicas que permearam o desenvolvimento desse estudo: a percepção do uso quase que exclusivo de fontes escritas tradicionais nos estudos históricos na educação física brasileira; o relativo abandono de fatos e datas na escrita de nossa

---

<sup>1</sup>. O conceito de fonte não é único e uniforme, muitas vezes sendo confundido com o conceito de documento. Nesse estudo estou a considerar documento como atos escritos emanados dos poderes públicos ou particulares; e fontes como tudo o que se presta a contar a história, todos os vestígios que nos permitam ampliar a compreensão historiográfica, sejam documentos, relatos orais, iconografias, letras de música etc.

história; uma nova unanimidade, ou ao menos uma forte tendência a isso, na forma de pensar nossa história<sup>2</sup>.

A História da Educação Física no Brasil parece ter sofrido grande mudança a partir da década de 80. É a partir dessa década que surgiram no cenário nacional diversos movimentos, motivados e orientados pelas mais diferentes matrizes teóricas, que propunham rediscutir o papel da educação física no contexto da sociedade brasileira. Um impulso fundamental para esses movimentos foi a reconquista da possibilidade de debates e discussões surgidas com o fim do último regime de exceção imposto à sociedade brasileira. O amplo processo de discussão parece ter apresentado a necessidade de retomar os estudos e a reinterpretação da história da educação física no Brasil. Isto é,

*"...nos períodos de crise e de oposição quando a estabilidade é abalada, os homens descontentes com o presente são inclinados a estarem também descontentes com o passado: a história é então submetida a uma reinterpretação na perspectiva dos problemas e das dificuldades do presente..."* (SCHAFF, 1987, p.261).

São desta época, por exemplo, os trabalhos de Mário Ribeiro Cantarino Filho (1982), Lino Castellani Filho (1988) e de Paulo Ghiraldelli Júnior (1988), que procuram reinterpretar a história da educação física no Brasil a partir da emergência dos fatos e de uma concepção crítico-dialética. Ademir Gebara (1992) também é um exemplo de autor voltado para o redimensionamento dos estudos históricos na educação física brasileira<sup>3</sup>.

Tais contribuições, sem dúvida um avanço ou pelo menos uma importante mudança de enfoque, parecem ter alguns pontos em comum. Por exemplo, uma proximidade muito grande na forma de pensar nossa história. Essa proximidade também tem relação com as características do momento histórico, que acirrava de forma maniqueísta as discussões. Em consequência, a História da educação física na década de 80 não conseguiu romper com a visão tradicional e maniqueísta, ou com a visão parcial construída em cima de verdades estabelecidas, que sempre a impregnou.

---

<sup>2</sup>. Esclareço que nesse estudo estarei a usar o termo história da educação física, iniciado com minúscula, para referir-me aos acontecimentos históricos relativos a essa disciplina. Ao usar o termo História da educação física, com inicial maiúscula, estarei me referindo a uma sub-área de estudo que se preocupa com os acontecimentos anteriores.

<sup>3</sup>. Com isto não estou a afirmar que as características dessas quatro obras sejam idênticas. A análise desenvolvida procura fazer uma abordagem geral, o que leva a desconsiderar exceções e diferenças que com certeza existem.

Ao romper com a unanimidade que significava a obra de Inezil Penna Marinho, ainda hoje uma forte referência no estudo da história da educação física no Brasil e uma das responsáveis por homogeneizar as abordagens históricas por parte dos profissionais de educação física, parece que se tendeu a criar uma nova unanimidade<sup>4</sup>. Em contraposição, ou oposição, à história oficial factual-reprodutora-acritica surge uma tendência-unânime-de-história-critica. Entretanto parece ainda faltar multiplicidade de opiniões e posturas que transitem entre esses extremos, além de riqueza de detalhes.

Assim esse estudo procurou fugir de 'verdades estabelecidas' tentando compreender as contradições existentes no desenvolvimento histórico de qualquer objeto de estudo, partindo da premissa que deve contribuir para a análise crítica e compreensão do momento histórico, devendo, no entanto, fazê-lo sob uma perspectiva original historiográfica, que não se resuma a uma abordagem ideológica a priori.

As obras da década de 80 também se valeram basicamente de fontes documentais tradicionais e fatos históricos globais para sua análise, sem atentar para a apreensão cotidiana da realidade, individual ou das instituições<sup>5</sup>. Parece que os estudiosos da História da educação física no Brasil só recentemente tem descoberto, ainda muito timidamente, que um grande número de objetos, além do documento tradicional, podem ser utilizados enquanto fontes para seus estudos, e que uma utilização mais diversa pode ampliar a forma de compreender a história.

Finalmente, entre tais obras não se pode perceber rigoroso esforço em armazenar datas e fatos, que começam a se perder com o tempo, talvez por interpretações

---

<sup>4</sup>. Penso que a importância da obra do professor Inezil Penna Marinho, bem como a relação de sua obra com o momento historiográfico brasileiro, mereça maior atenção. Para que não se cometam injustiças esclarecemos que o referido professor, em algumas oportunidades, foi o responsável por, intencionalmente, reorientar os caminhos da História da educação física no Brasil, como se pode perceber, por exemplo, nas palavras daquele professor ao ser investido na cátedra de História da educação física da ENEFD:

*"...pretendo emprestar-lhe não apenas nova orientação, como propor, oficialmente, modificações que me parecem indispensáveis...O importante no estudo da História não é a memorização de fatos e datas...pretendo suscitar em meus alunos o interesse que os leve à investigação dos fatos, ao aproveitamento das experiências...a interpretação dos dados oferecidos à sua razão"(1958,p143)*

<sup>5</sup>. O estudo de Lino Castellani Filho (1988), embora se valendo de depoimentos, não conseguiu se libertar dessas características, além de ter sido desenvolvido com uma metodologia bastante controversa.

errôneas de críticas aos estudos documentais-factuais<sup>6</sup>. Existem verdadeiros 'espaços vazios' na história de nossa área e várias nuances que comumente estão a ser desprezadas. A ocorrência dessas lacunas, possivelmente, estaria a ocultar controvérsias que poderiam e necessitariam ser resgatadas, desmistificando e recolocando no centro das discussões determinadas 'verdades estabelecidas'.

Um exemplo dessas lacunas é o próprio desconhecimento da produção intelectual da primeira metade deste século. Segundo alguns autores, como Verter Paes Cavalcanti (*In:WIDMER, 1993*), um dos motivos dos processos de discussão peculiar da década de 80 foi o maior dinamismo na produção de conhecimentos, consequência do aumento do número de publicações especializadas, de eventos científicos e de cursos de pós-graduação.

Entretanto, uma revisão preliminar da literatura já apontava, entre as décadas de 40 e 50, por exemplo, pelo menos quatro periódicos de importância que veiculavam farto material de pesquisa e/ou ensaios<sup>7</sup>. Também entre aquelas décadas, embora não existissem cursos de pós-graduação nos modelos atuais, pude identificar uma preocupação constante com cursos de extensão universitária e aperfeiçoamento e estágios técnico-pedagógicos, promovidos principalmente pela Divisão de Educação Física (DEF) do Ministério da Educação e Saúde(MES), pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos(ENEFD), pela Escola de Educação Física do Exército(EsEFEx) e pela Divisão de Educação Física do Estado de São Paulo<sup>8</sup>. Para ratificar minha posição em relação a importância e a necessidade de procedermos estudos mais rigorosos no que se refere àquelas décadas, informo ainda a realização de diversos eventos científicos específicos, como o I Congresso

---

<sup>6</sup>. Peter Burke (1992) resume bem as discussões que tem se estabelecido no interior da História:

*"A oposição tradicional entre os acontecimentos e as estruturas está sendo substituída por um interesse por seu interrelacionamento e alguns historiadores estão experimentando formas narrativas de análise ou formas analíticas de narrativa"* (p.30).

Também Jacques Le Goff (1990) crê que a cronologia...

*"...continua sendo um conjunto de referências que sem dúvida dever ser enriquecido, flexibilizado, modernizado, mas que permanece fundamental para o próprio historiador, para os jovens e para o grande público"* (p.7).

<sup>7</sup>. Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (Universidade do Brasil), Boletim de Educação Física (da Divisão de Educação Física, do Departamento Nacional de Educação, do Ministério da Educação e Saúde), Educação Física (editada por João Lotufo e Oswaldo Rezende) e Revista de Educação Física (da Escola de Educação Física do Exército).

<sup>8</sup> Como exemplo de cursos de extensão podem ser citados os de Biometria aplicada a educação física (1943) e de educação física na História da educação (1956). Como curso de aperfeiçoamento cita-se o de Recreação e Jogos (1956). Ainda de grande importância existiram os quatro Estágios Internacionais de Educação Física realizados entre 1956 e 1959, no Rio de Janeiro, sob a égide da DEF.

Panamericano de Educação Física; a inclusão de sessões especializadas em educação física nos Congressos da área de educação, como os promovidos pela Associação Brasileira de Educação (ABE), e lembro a exigência da Escola de Educação Física do Espírito Santo de os alunos apresentarem monografias ao fim do curso.

Em síntese, aquelas décadas apresentaram grande efervescência intelectual no campo da educação física, considerando sobretudo o pouco tempo de criação da profissão no meio civil, o número restrito de professores formados e a existência de apenas seis cursos superiores da especialidade.

Assim, parece-me fundamental a procura de alternativas para ampliar o espectro de estudos e a multiplicidade de compreensões na História da educação física brasileira. Penso que o estudo de biografias e de histórias de indivíduos ou instituições pode, sem a pretensão de exclusivamente resolver esse problema, ser de boa utilidade no atual momento de nossos estudos históricos. Entre essas opções pode também estar a diversificação das fontes documentais habitualmente utilizadas e a procura de fontes de natureza diversa. Nesse sentido, a História Oral, que utilizei nesse trabalho, pode ter uma grande contribuição a dar aos estudos históricos em nossa área.

A recuperação do uso da História Oral pelos historiadores<sup>9</sup> não se deu em contraposição a história documental tradicional, mas sim como resultado da busca de alternativas para reorientar os estudos históricos. É efetivamente a partir de meados da década de 60 que se torna observável o desenvolvimento do processo de reutilização das fontes orais nos estudos históricos<sup>10</sup>.

Nesse primeiro momento expandiu-se a idéia de que a História Oral seria uma forma de dar voz aos excluídos e promover a democratização da própria história. Seria uma história engajada e militante, uma espécie de *contra-história* disposta a questionar métodos e procedimentos adotados até então<sup>11</sup>. É importante perceber que mesmo tendo

---

<sup>9</sup>. Embora o seu uso estivesse obliterado pelo predomínio da utilização quase que exclusiva do documento escrito, as fontes orais podem ser consideradas uma das primeiras utilizadas pelos historiadores, datando seu uso da própria gênese da prática historiográfica.

<sup>10</sup>. Como marco contemporâneo de reutilização da História Oral é considerada a pesquisa sobre a personalidade e a administração do presidente norte-americano Groover Cleveland, conduzida por Allan Nevis na Universidade de Columbia.

<sup>11</sup>. O trabalho de Paul Thompson teve sua primeira publicação em 1978 e radicalizou as idéias que já existiam sobre a história oral enquanto história dos excluídos.

pontos em comum com propostas de redimensionamento que se desenvolviam, a sua aceitação não foi das maiores na comunidade de historiadores, principalmente na França. Com certeza, tal posição está ligada a ainda supervalorização do escrito, mas também às desconfianças com sua proposta de militância e sua própria deficiência metodológica.

A História Oral pode se apresentar como uma alternativa que não concordando com uma determinada e exclusiva utilização do documento, permite mudar o enfoque historiográfico, passando também a se preocupar com toda espécie de pessoas comuns. O intuito inicial era o devolver às pessoas a sua própria história. Isso implicava na necessidade de reorientar o papel do historiador, não mais o 'detentor exclusivo do saber', mas um intelectual que percebe que sua atuação se dá no contexto social e tem implicações políticas.

A década de 80 trouxe profundas modificações no que se refere a pesquisa histórica. A perspectiva de estudos contemporâneos e o surgimento da história do tempo presente, a revalorização do papel do sujeito, a revalorização das abordagens qualitativas, a preocupação quanto as relações entre os sujeitos e as estruturas, a valorização da história política e cultural, o repensar da importância dos acontecimentos, são algumas das mudanças que possibilitaram uma nova postura em relação ao uso de depoimentos, relatos e biografias e uma garantia de maior legitimidade, a partir dos espaços obtidos pelo reconhecimento de sua importância (FERREIRA, 1994).

Aqui, nesse estudo, independentemente desse caráter 'militante', considero que a História Oral teve a possibilidade de oferecer diferentes visões. Ao ouvir indivíduos que não tinham sua compreensão apreendida, surgiram novos pontos de vista que me abriram novas possibilidades de interpretação e novas abordagens para antigos problemas. A partir da compreensão do desempenho e da trajetória do '*ator*', o indivíduo que vivenciou o momento histórico, penso que tenha conseguido ampliar minhas fontes de informação, já que procurei perceber os elos significativos de conexão com os acontecimentos relatados. Perceba-se que não procurei colocar o indivíduo como supremo ao acontecimento, muito menos a creditar o estatuto de 'verdade absoluta' a suas compreensões. Mas, simplesmente, tentei considerar suas posições como uma representação possível, merecendo ser considerada e discutida.

A História Oral foi por mim encarada ultrapassando os seus limites enquanto técnica. Assim como outros pesquisadores também encontrei dificuldade de definir o conceito de História Oral. Com certeza, porque esta não encerra um estatuto independente, comportando várias categorias das ciências humanas. Além disso, ora podemos identificá-la enquanto fonte, ora enquanto técnica, mas também enquanto método. Neste estudo optei por definir História Oral como fonte-técnica-método que...

*"...privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo"* (ALBERTI, 1989, p.2).

É importante ressaltar que se pode questionar a objetividade da História Oral e os problemas que podem ser ocasionados por percepções subjetivas ou falhas na memória, que levariam a falsas evidências,

*"Contudo...a afirmação ou contra afirmação de que as fontes da História Oral são fidedignas ou não, verdadeiras ou falsas, para este ou aquele fim, obtidas desta ou aquela pessoa, encobrem as questões de real interesse. A natureza da memória coloca muitas armadilhas...porém oferece recompensas...A realidade e o mito, o objetivo e o subjetivo se mesclam inextricavelmente em todas as percepções"* (THOMPSON, 1992, p.179)<sup>12</sup>.

Penso que tais preocupações ligam-se diretamente às questões ligadas a objetividade do conhecimento histórico, forte influência do positivismo que impregnou os historiadores ávidos de enquadrar a história no conceito de ciência em vigor. Tais preocupações em momento algum merecem ser abandonadas, mas devem ser relativizadas, compreendidas a partir do atual momento dos estudos históricos<sup>13</sup>. As discussões relativas a objetividade científica se perdem pelo tempo e se acentuam quando se desvia dos métodos e técnicas mais tradicionais. Com certeza cada fonte será utilizada peculiarmente, mas, creio,

---

<sup>12</sup>. Para maiores informações sobre as vantagens da memória para a historiografia, mesmo com suas falhas ou esquecimentos, procurar em Aspásia Camargo (1978), Verena Alberti (1989) e Paul Thompson (1992).

<sup>13</sup>. Alguns movimentos de redimensionamento dos estudos históricos, como o da Escola dos Annales, vem contribuindo para tal discussão.

*"Não me faça dizer que repudio o método histórico criado e aperfeiçoado com tanto rigor por nossos predecessores do século XIX e princípio do século XX. Pelo contrário... mas repito, nós utilizamos esse material criticamente analisado, com a maior liberdade, tendo a plena consciência de que jamais chegaremos a verdade objetiva"* (DUBY, 1989,p.11).

todas serão da mesma forma passíveis de '*desvios de interpretação*' e de algum modo carecerão de completa objetividade. Assim, procurei o 'melhor ponto' de objetividade possível, reconhecendo não a absolutização da objetividade, mas sim a busca constante dessa, seja por motivos de ordem moral e ética, como também para legitimar o conjunto de afirmações da obras.

Ainda hoje não foram sanadas todas as desconfianças no que se refere a utilização de depoimentos e também tive a consciência de que o uso da História Oral é mais arriscado, principalmente por ainda não ter construção metodológica tão desenvolvida quanto a do documento tradicional, que aliás em momento nenhum foi abandonado. De fato, grande parte das desconfianças tem sido eliminadas, sendo cada vez mais aceitável que

*"Ainda que objeto de poucos estudos metodológicos mais consistentes, a História Oral, não como uma disciplina, mas como um método de pesquisa que produz uma fonte especial, tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos em uma dada sociedade"*(FERREIRA, *op.cit.*, p.12).

Os historiadores apontam potencialidades diferentes para o uso da História Oral<sup>14</sup>. Em minha pesquisa, primordialmente considereirei as possibilidades de: reconstituição da história, considerando também aspectos subjetivos; resgate de informações perdidas; produção intencional de um documento histórico; ampliação dos estudos em áreas marginalizadas, em que predominam zonas de obscuridades, tanto no estudo de elites como no de grandes massa, onde normalmente...

*"No primeiro caso, a obscuridade advém do caráter secreto de muitas decisões estratégicas, da marginalização natural dos vencidos e da teia complexa de interesses que comandam o processo decisório na vida pública. No segundo caso, a obscuridade resulta do desinteresse das fontes oficiais pela experiência popular, da ausência de documentos, da teia protetora e auto defensiva que se cria naturalmente em torno dos movimentos populares a partir de suas próprias lideranças...o que aparece através da História Oral é o ignorado"*(CAMARGO, *In: ALBERTI, op.cit.*, p.X).

---

<sup>14</sup>. Informações sobre esses diversos usos podem ser obtidas nos estudos de Alberti (*op.cit.*), José Meihy (1990) e Thompson (*op.cit.*).

Optei por enquadrar esse trabalho entre as duas linhas não excludentes que parecem se apresentar nos trabalhos ligados a História Oral<sup>15</sup>. Assim, simultaneamente a preocupações de contemplar lacunas deixadas pela documentação tradicional, privilegiei a memória por si só enquanto objeto de estudo, o estudo das representações e as ligações entre história e memória. Na verdade, como ambas as linhas não se excluem, há mesmo uma grande tendência para a realização de estudos que em maior ou menor grau considerem as duas linhas.

Embora a entrevista seja o cerne e a parte fundamental dos estudos que se utilizam da História Oral, nem todo estudo que utiliza entrevistas é um estudo de História Oral. Ao realizar as entrevistas procurei ter o cuidado de: preocupar-me com o não dito, isto é, sinais dos mais diversos, silêncios, falhas na memória; preocupar-me em não só revelar fatos, mas esclarecê-los a partir da compreensão de quem os viveu de alguma forma; preocupar-me fundamentalmente com os aspectos históricos; transcrevê-las na íntegra, já que um dos objetivos era produzir um documento "histórico. Existem basicamente dois tipos de entrevista nos estudos de história oral, sendo privilegiado nesse estudo o primeiro:

*"As entrevistas temáticas são aquelas que versam especificamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido como objeto principal, enquanto as de história de vida tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou" (ALBERTI, op.cit, p.19).*

Enfim, considero que a utilização da História Oral se mostrou interessante, acertada e eficiente na tentativa de recuperar uma história da Escola Nacional de Educação Física (ENEFD), escolhida por sua possível importância no cenário nacional. Ao escolher a ENEFD, acreditava que sua história se prestaria a ampliar a riqueza de compreensões acerca da constituição histórica de nossa área de estudos, além de sua importância ainda não ter sido plenamente identificada e discutida. Na verdade, na revisão preliminar da literatura que efetuei, não encontrei qualquer estudo específico que buscasse escrever a história ou discutir a importância da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), somente achando pequenas citações em livros e periódicos.

---

<sup>15</sup>. Maiores informações sobre as duas linhas podem ser encontradas em Ferreira (op.cit.)

A ENEFD, primeira escola brasileira de educação física ligada a uma Universidade - a Universidade do Brasil (UB), fundada em 1939 pelo Decreto-Lei 1212 (BRASIL, 1939) e hoje integrando a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), parece estar enfrentando total desconhecimento de sua história. Essa instituição passou por diversas modificações estruturais, decorrentes dos diversos papéis que representou ao longo da história, e as correlações de poder que se estabeleceram em seu cotidiano muitas vezes determinaram caminhos polêmicos.

Por exemplo, o que teria representado a mudança de sua sede da Rua Wenceslau Braz, na Praia Vermelha, bairro da zona sul carioca, para a Ilha do Fundão? A sede da Praia Vermelha foi o resultado da luta coletiva de professores, funcionários e alunos por um espaço melhor e mais digno para a ENEFD, pois, anteriormente, as atividades eram desenvolvidas em salas cedidas pelo Instituto Nacional de Surdos e nas dependências do Fluminense Futebol Clube.

A sede atual, na Ilha do Fundão, anexa a Ilha do Governador (Rio de Janeiro), foi possível graças a convênios estabelecidos pelo Governo Militar da época e não agradou a muitos, que acreditavam na suficiência e na importância da sede da Praia Vermelha. Imobilismo ou resistência? Antagonismos ideológicos? Rivalidades pessoais com a professora Maria Lenk, na época diretora da ENEFD? Interesses pessoais contrariados? Ou avaliação desprovida de sentido prático ou senso político? Dificilmente os extremos podem explicar coerentemente sentimentos que se interrelacionam. Mas a História pode nos conceder apontamentos das discussões que se estabeleceram, sem a preocupação com a procura de heróis. Essas discussões podem ainda permitir melhor compreensão de fatos paralelos que ocorreram na educação física brasileira.

Preliminarmente, a importância da ENEFD para a educação física brasileira pode ser percebida na obra de Marinho (1952)

*"A 17 de abril, coroando os esforços que de há muito vinha fazendo a Divisão de Educação física, é criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, que indubitavelmente veio a preencher uma das maiores lacunas da nossa organização educacional. A criação da ENEFD, ..., é a concretização do ideal com que sonhavam quantos se dedicavam aos problemas da educação física" (p.181).*

Crendo na necessidade urgente de discussão de aspectos relativos à história da ENEFD e no seu potencial para permitir compreensões mais amplas ligadas ao desenvolvimento da educação física brasileira, tracei como objetivo desse estudo: recuperar e escrever uma de suas possíveis histórias, não só a partir de fontes escritas, mas também fazendo uso de depoimentos de pessoas ligadas ao seu cotidiano, procurando introdutoriamente refletir criticamente sobre essa história, percebendo possíveis contribuições no sentido de repensar a trajetória da educação física brasileira.

Ao tentar escrever uma história da ENEFD, pretendi primordialmente discutir os aspectos de seu cotidiano que se apresentassem nas entrevistas. No período histórico selecionado para a abordagem, inúmeros acontecimentos de grande importância, de diversas ordens, foram observáveis no cenário histórico nacional, entre eles: a Revolução de 1930; o governo ditatorial de Getúlio Vargas; o restabelecimento de eleições presidenciais; a mudança da capital da República para Brasília; a mobilização e ascensão dos movimentos sociais, inclusive dos estudantes; o golpe militar de 1964; a Reforma Universitária de 1968, a fusão do Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara, entre outros. Nesse estudo, não estive a desconsiderar esses acontecimentos a priori, mas também não pretendi privilegiá-los em minha análise, a não ser aqueles reflexos e impactos, de diferentes naturezas, que por ventura fossem perceptíveis e relevantes para a compreensão do cotidiano da ENEFD. Ainda assim minha preocupação básica se deslocou para o desvendar das lógicas internas que se estabeleceram nesse cotidiano.

Restringiu-se entre 1939 e 1968 o período histórico a ser estudado com maior profundidade por considerá-lo fundamental e suficiente. Além de tudo, creio que o ano de 1968 é para a ENEFD uma marca fundamental no processo gradativo de perda de sua identidade enquanto '*escola padrão*', responsável por propagar e desenvolver a educação física no Brasil. Esse processo teria tido seu início, de um ponto de vista macro, com a transferência da capital da República do Rio de Janeiro para Brasília, e chega ao seu auge por ocasião da Reforma Universitária de 1968. Do ponto de vista micro, esse processo tem relação com as lutas pela direção e com os interesses conflitantes que se apresentavam em seu interior, além da tardia renovação do corpo docente.

Justifica-se esse estudo basicamente por dois motivos: a) a ENEFD é um patrimônio cultural da educação física brasileira, construído com o esforço de nossos

antepassados e carrega em si parte de nossa memória; por si só e pela estrutura que representa é digna de ser resguardada ;b) possibilidade de poder contribuir dando subsídios e embasamento para que melhor se entendam determinadas questões contemporâneas, através do surgimento de novos fatos, novas abordagens e interpretações, que podem até permitir reformular e reestruturar concepções históricas existentes.

Para alcance dos objetivos utilizei-me fundamentalmente de entrevistas livres, técnica de história oral adequada a revelação de informações complexas e/ou carregadas de emoção. As entrevistas foram basicamente temáticas, já que pretendia verificar diretamente a participação do entrevistado no tema e sua compreensão acerca de determinadas questões ligadas ao tema. Já que pretendi estudar "*obras, palavras, gestos, ações, textos, símbolos, discursos que precisam ser compreendidos ou desvendados em seus sentidos*"(FARIA JÚNIOR, 1991, p. 4), utilizei um processo lógico de interpretação e reflexão(*ibid*).

Creio também ser importante explicitar a visão de mundo adotada, já que essa, ao ser encarada de forma abrangente, "*é um pressuposto fundamental que elucida a lógica implícita nas várias abordagens epistemológicas*" (GAMBOA, 1993, p.133). Ao adotar as preocupações diacrônicas nesse estudo, utilizei-me de uma visão dinâmica da realidade, preocupando-me em perceber tal dinâmica, não aceitando a visão homogênea e não conflitiva de sociedade e a visão estática dos modelos positivistas.

Essa dissertação será apresentada dividida da seguinte forma:

Uma introdução, '*Escola Nacional de Educação Física e Desportos - um estudo histórico*', cujos objetivos são: a) apresentar o problema que originou a pesquisa; b) justificar a realização do estudo; c) destacar o objetivo da investigação; e d) apresentar a organização da monografia.

O capítulo 1, '*Escolas e cursos de formação de professores na Educação Física brasileira - uma compreensão histórica*', têm por objetivos: a) identificar relações entre a criação de uma *escola nacional* destinada a formação de professores e os movimentos anteriores de desenvolvimento e fundação de escolas e cursos de formação de docentes no âmbito da educação física brasileira; b) a partir daí discutir o papel central dos militares nos primeiros momentos dessa escola. O capítulo está dividido em quatro partes. Na primeira parte tento tecer breves considerações sobre a prática dos profissionais que atuavam nos primórdios da nossa educação física, antes das primeiras iniciativas de

formação profissional específica. Na segunda, tento identificar possíveis especificidades que permearam, no Brasil, o desenvolvimento e a criação de cursos e escolas de formação de professores na educação física. Na terceira, tento identificar em que medida a criação da ENEFD destoa ou se aproxima dessas especificidades, procurando identificar também motivos e interesses que estariam por trás dessas aproximações e diferenças. Por fim, procuro identificar as peculiaridades e a natureza dos primeiros momentos de existência da ENEFD, dando ênfase ao papel central dos militares.

Já o capítulo 2, '*Escola Nacional de Educação Física e Desportos: o auge de sua atuação e o papel central dos médicos*', tem por objetivo abordar o período em que médicos assumem a direção da ENEFD e passam mais diretamente a influenciar os seus rumos. Argumenta-se que a partir dessa ação a ENEFD muda completamente seu foco de atuação e suas preocupações, sendo também o período em que atingiu o auge de sua atuação no cenário da educação física nacional.

A dissertação encerra-se com a conclusão, '*A importância da Escola Nacional de Educação Física no cenário da educação física nacional*', onde procuro apresentar reflexões sobre a perda de *status* da ENEFD e sua importância no cenário da educação física nacional.

Em anexo apresento as entrevistas concedidas, transcritas na íntegra, transformando-as assim em documento, e possibilitando que os leitores tirem suas próprias conclusões e/ou concedam tratamento diferenciado a elas.

Por fim, acho fundamental explicitar, na medida que esta dissertação liga-se diretamente a área de História, que busquei inspiração teórica entre alguns dos movimentos que nos últimos cinquenta anos tem procurado redimensionar o campo da historiografia, principalmente a 'História Nova'<sup>16</sup> e a 'História Cultural'. Entre essas concepções historiográficas básicas, sem a preocupação de filiação incondicional, pretendi encontrar subsídios para embasar meu 'fazer historiográfico' no decorrer de todo o trabalho.

---

<sup>16</sup>. Chama-se de 'História Nova' ao movimento historiográfico, um conjunto de idéias em desenvolvimento, que surgiu basicamente em meados da década de 20, tendo como principais insígnias Marc Bloch e Le Febvre. Buscava-se basicamente desde o início, redimensionar e ampliar, nos mais diversos sentidos, as possibilidades de abordagem historiográfica, a partir da crítica a história Rankeana e sua visão reducionista, impregnada por elementos do positivismo. Maiores informações podem ser obtidas em Burke (*op.cit.*) e Le Goff (*op.cit.*)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
2. ARENO, Waldemar. Oração dos 20 anos. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 13, jun. 1959, p.120-136.
3. BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História?* São Paulo: Brasiliense, 1980.
4. BRASIL. Decreto-Lei nº 1212 de 17 de abril de 1939.
5. BURKE, Peter (org.). *A escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.
6. CAMARGO, Aspásia. O ator, o pesquisador e a História: impasses metodológicos na implantação do CPDOC. In : NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- 7.-----, Quinze anos de História Oral: documentação e metodologia. In: ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
8. CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. *A educação física no Estado Novo: história e doutrina*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
9. CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução a História*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
10. CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 1988.
11. CAVALCANTI, Verter Paes. Educação física : discurso histórico - um processo de materialização ideológico. In : WIDMER, Cacilda Pereira (org.). *Coletânea do I Encontro de História da Educação física e dos Esportes*. Campinas: UNICAMP, 1993.
12. DUBY, Georges et.al. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1989.
13. FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. *Metodologia da Pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1991(mimeo).
14. FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.
15. -----, História oral: um inventário das diferenças. In: -----, *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

16. GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. *Pedaços da Guerra: experiências com história oral de vida de tobarrenhos*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1992.
17. GAMBOA, Sílvio Sanchez. As concepções de tempo e a questão da historicidade do objeto na pesquisa em ciências sociais. In: WIDMER, Cacilda Pereira (org.). *Coletânea do I Encontro de História da Educação física e dos Esportes*. Campinas: UNICAMP, 1993.
18. GEBARA, Ademir. Perspectivas (na história) para o século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Educação física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.
19. GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *Educação física progressista*. São Paulo: Loyola, 1988.
20. GLÉNISSON, Jean. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Bertrand, 1986.
21. LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
22. ----- . *História e Memória*. Campinas: Ed.UNICAMP, 1992.
23. MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física e desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: DEF-MES, 1952.
24. ----- . Discurso de posse de cátedra de História e Organização da Educação Física e Desportos. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.12, dez.1958, p.123-129.
25. MEIHY, José Carlos Sebe. *A Colônia Brazilianista - história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.
26. MELO, Victor Andrade de. Possíveis reflexões sobre a História da Educação Física no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, volume 17, número 1, set/95, p.134-138.
27. MELO, Victor Andrade de, DINI, Patrícia. Levantamento de fontes para a História da educação física brasileira - Biblioteca Nacional. In: MEZZADRI, Fernando Marinho. *Coletâneas do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Curitiba: UFPR, 1995.
28. PESSOA, Roberto. Escola Nacional de Educação física e Desportos. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE - SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO. *Cursos e conferências*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1944.
29. ROLIM, Inácio Freitas. *Probidade e Civismo: 1939-1942*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1943.
30. ROMA, Antônio Gonçalves. Discurso de orador de 1952. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.6, jan.1953, p.140-144.

31. SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
32. THOMPSON, Paul. *A voz do passado - história oral*. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.
33. ZAIDAN FILHO, Michel. *Crise da Razão Histórica*. Campinas: Papyrus, 1989.

## CAPÍTULO 1

### ESCOLAS E CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA - UMA COMPREENSÃO HISTÓRICA -

Esse capítulo tem por objetivos: a) identificar relações entre a criação de uma *escola nacional* destinada a formação de professores e os movimentos precedentes de fundação e desenvolvimento de escolas e cursos de formação de docentes no âmbito da educação física brasileira; b) a partir daí discutir o papel central dos militares nos primeiros momentos de existência dessa *escola nacional*.

O capítulo está dividido em quatro partes. Na primeira parte tento tecer breves considerações sobre a prática dos profissionais que atuavam nos primórdios da nossa educação física, antes das primeiras iniciativas de formação profissional específica. Na segunda, tento identificar possíveis especificidades que permearam, no Brasil, o desenvolvimento e a criação de cursos e escolas de formação de professores na educação física. Na terceira, tento identificar em que medida a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) destoa ou se aproxima dessas especificidades, procurando identificar também motivos e interesses que estariam por trás dessas aproximações e diferenças. Por fim, procuro identificar as peculiaridades e a natureza dos primeiros momentos de existência da ENEFD, dando ênfase ao papel central dos militares.

Ao final do capítulo, espero ter conseguido apresentar uma argumentação consistente que demonstre que mesmo com suas peculiaridades, consequência das correlações de forças de diversos interesses que estavam ao redor, a criação da ENEFD guarda relações claras com as especificidades que normalmente permearam o desenvolvimento de cursos e escolas de formação de professores na educação física brasileira. Nesse sentido, não foi incomum que os militares ocupassem um lugar central na sua criação e no direcionamento de suas primeiras iniciativas.

Qual terá sido o significado da fundação da ENEFD dentro do contexto do desenvolvimento das escolas de formação de professores na área de educação física? Teria sido o auge de um processo? Como e sob quais pressupostos teria a ENEFD caminhado em

seus primeiros momentos de existência. Esse capítulo, ao tentar responder a essas questões, não pretende ser um ensaio sobre a formação profissional no Brasil, assunto que por si só merece estudos exclusivos. Alerto também que estarei fundamentalmente preocupado em desvendar uma possível lógica interna do processo de criação desses cursos e/ou escolas, não estando a privilegiar análises macros, ligadas ao panorama sócio-político-econômico, embora em determinados momentos não possa me abster de tocar em pontos dessa(s) natureza(s)<sup>17</sup>.

Desde as origens das escolas militares brasileiras pode-se observar a preocupação com o ensino de práticas ligadas a exercícios físicos, por exemplo, esgrima e natação (para os cursos de infantaria e cavalaria da Escola Militar). Para atender ao ensino prático havia um mestre de esgrima e um mestre de equitação (MARINHO, 1952). Exemplos disso são as nomeações tanto do mestre de esgrima Antônio Francisco da Gama, em 1858, quanto do contramestre de ginástica Pedro Guilhermino Meyer, em 1860, ambos para a Escola Militar, instituição responsável na época pela formação do oficialato do Exército. Na Escola da Marinha "*...estabeleciam-se as seguintes práticas: esgrima, uma vez por semana; ginástica, uma vez por semana; natação, duas vezes por mês e aos domingos antes da missa*" (MARINHO, *op.cit.*, p.50). A valorização da prática sistematizada de exercícios físicos, provavelmente pela sua utilidade na manutenção da boa forma do combatente e pela crença que era de utilidade na disciplinarização da tropa, não é somente observável nas forças armadas brasileiras. Um superficial passeio pela história dessas atividades no mundo permite perceber inúmeros militares ligados ao desenvolvimento, como, por exemplo, na concepção, desenvolvimento e divulgação de alguns métodos gímnicos<sup>18</sup>.

Tão importante quanto identificar a precoce presença de militares ligados a docência de exercícios físicos, é perceber a forte influência e presença do Método Alemão<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup>. Alguns estudos em nossa área já procuraram analisar a educação física brasileira relacionando-a diretamente a contextos históricos nacionais em geral, como os de Mário Cantarino Filho (1982); Lino Castellani Filho (1988) e Carmem Lúcia Soares (1994), entre outros. Penso que uma possível alternativa seria a de, sem dispensar a priori o contexto geral, buscar lógicas internas, diferenças e especificidades somente percebidas com uma análise mais direcionada e focalizada sobre o objeto de estudo.

<sup>18</sup> Alguns exemplos de militares envolvidos com o desenvolvimento de métodos podem: Francisco Amoros y Ondeano e Georges Hébert (ligados ao Método Francês, aliás desenvolvido fundamentalmente e essencialmente por militares) e Major J.G.Thulin (método sueco). Além disso ainda temos casos de civis, como G. Demeny (método Francês) e Per Henrik Ling (método sueco) que desenvolveram seus estudos com apoio e/ou no interior de instituições militares.

<sup>19</sup>. O método Alemão, principalmente a partir de Friederich Ludwig Jahn(1778-1825), pensava a prática da ginástica, com forte caráter militar, como forma de manter o povo 'forte e saudável'. Com forte teor de civismo e patriotismo, estava diretamente ligado aos movimentos nacionalistas alemães.

nos primórdios dessa prática no Brasil. O grande número de migrantes alemães que no Brasil continuavam com seus hábitos gímnicos; a guarda imperial, uma força militar brasileira que possuía raízes austríacas devido a influência de nossa imperatriz<sup>20</sup>; e a influência do exército, que adotou como oficial o método alemão em 1860, tiveram grande influência na implantação da ginástica no Brasil, segundo os moldes desse método. É interessante observar que o próprio Pedro Guilhermino Meyer era alemão e alferes do estado maior da 2ª classe.

No meio civil a influência alemã estendeu-se a nosso sistema escolar da época. Essa influência dava-se por conta da atuação direta dos instrutores, mas também através de ações governamentais como a publicação do 'Novo guia para o ensino da ginástica nas escolas públicas da Prússia', traduzido em 1870 por determinação do Governo Imperial, que assim parecia, no mínimo, querer difundir esse método em nossas escolas. Não se pode, além disso, desprezar o importante papel das sociedades alemãs de ginástica que muito contribuíram para reforçar e propagar a doutrina alemã de ginástica<sup>21</sup>.

Para melhor compreensão, resalto que nesse momento existiam no país diversos professores alemães dando aulas de sua língua-mãe, normalmente migrantes que aqui chegavam e não encontravam alternativa melhor para sua sobrevivência. De fato, o alemão passou a ser uma língua muito prestigiada e difundida no país, tendo sido Rodolpho Prayon um dos seus maiores divulgadores no Rio de Janeiro, então sede da corte (RENAULT, 1982). Possivelmente a influência da língua alemã também tenha sido importante para difusão do *método alemão*. Na verdade, os aspectos da cultura alemã, divulgados pelos inúmeros escritos nessa língua, gozavam de penetrabilidade na sociedade de então.

Outra influência também a ser considerada nos primeiros passos da educação física no Brasil é a da religião protestante, de grande parte dos alemães que aqui chegavam.

*"...Outras inovações são introduzidas graças às correntes protestantes. Dentre essas, além da prática de alguns gêneros de esporte e de novos métodos de ensino, observa-se a adoção do sistema de classes mistas" (Ibid, p.84).*

<sup>20</sup> . Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo nasceu na Áustria (1797) e além de imperatriz do Brasil, esposa de Dom Pedro I e mãe de Dom Pedro II, era arquiduquesa da Áustria.

<sup>21</sup> . Exemplos: Sociedade Ginástica Porto Alegre , fundada em 1867; Sociedade Clube Ginástico Português, fundada em 1868 no Rio de Janeiro.

Embora possa dizer que o método alemão tenha tido grande propagação, obviamente deve-se considerar nessa afirmação o contexto de uma época onde a educação física ainda era embrionária e, possivelmente, sofria resistências devido a seu caráter 'manual'<sup>22</sup>. E, certamente, ocorreram muitas manifestações de resistência a aquela doutrina. Uma reação mais efetiva e direta parece ter sido iniciada pelo Dr. Eduardo Augusto Pereira de Abreu com seu livro 'Estudos higiênicos sobre a educação física, intelectual e moral do soldado' (1867). Essa reação, no entanto, parece ter sido esvaziada pela forte influência de Meyer junto a oficialidade brasileira que difundia a doutrina de Jahn. No meio civil também as reações ocorreram através das posições assumidas por Rui Barbosa, Pedro Manuel Borges, Arthur Higgins, Jorge de Moraes e Fernando Azevedo, estes dois últimos diretamente ligados aos movimentos pró formação do professor e aos de criação de escolas e cursos de formação.

Então, no Brasil, é possível identificar preocupações relativas a prática de exercícios físicos sistematizados desde o início do século passado<sup>23</sup>. Muitos regulamentos, decretos e recomendações se sucederam<sup>24</sup> sem que, entretanto, efetivamente fosse implementada alguma disciplina curricular, muito possivelmente devido a dificuldades operacionais de um sistema educacional ainda engatinhando, como espaço para a prática das atividades, e mesmo até resistências sociais. Um exemplo disso observa-se, no Município da Corte, em 1876, quando foram propostas, para as duas escolas normais de ensino primário recém criadas, disciplinas ligadas a princípios da educação física, intelectual e moral e ginástica (MARINHO, *op.cit.*)<sup>25</sup>.

Diretamente ligadas aos princípios da educação física, nesse caso colocada separadamente da ginástica<sup>26</sup>, se encontravam as mais diversas preocupações, como as de ordem moral e intelectual. O que poderia significar 'princípios da educação física'? Ademir Gebara (*In: MOREIRA, 1992*), procedendo análise nas primeiras publicações em língua

---

<sup>22</sup>. Renault (*ibid*) afirma que na época a "A atividade manual e mecânica são desprezadas mesmo pela classe média"(p.85).

<sup>23</sup>. Em 1823 já se falava de Educação Physica nos projetos de estímulo e estruturação do ensino da recém proclamada independente nação brasileira (MARINHO, *op.cit.*).

<sup>24</sup>. Além das preocupações de 1823 já citadas, é também possível perceber-las em 1837, 1854, 1860, entre outras.

<sup>25</sup>. Já no século passado, em alguns colégios particulares, como Colégio Anchieta de Friburgo e Colégio Reis de Petrópolis(R.J.) e Colégio Koelle de Rio Claro e Seminário Santana de São Paulo (S.P.), e colégios públicos, como o Colégio Pedro II, se identificava a presença curricular e sistematizada de atividades físicas.

<sup>26</sup>. Parece-me que não havia uniformidade conceitual nos diversos usos dos termos ginástica e educação física. Algumas vezes eram considerados completamente diferentes, em outras a ginástica era a estratégia para a educação física, uma terceira ainda os utilizava como sinônimos.

portuguesa na área, nos mostra que o nome educação física não gozava de unanimidade de conteúdos, ora estando ligada a pediatria, a higiene e até a ginecologia<sup>27</sup>. Para chegar a essa conclusão o autor valeu-se de algumas das teses desenvolvidas no século passado, normalmente às produzidas na Faculdades de Medicina ou na Faculdade de Direito, que de alguma forma possuíam ligação com a área de educação física. Assim, parece que no Brasil, os militares foram os primeiros a incluir em seus programas de formação disciplinas ligadas a prática de exercícios físicos. Foram os médicos, no entanto, que primeiro se preocuparam com o aprofundamento do seu estudo.

É provável que os estudos realizados pelos médicos não chegassem a ser lidos ou utilizados pelos militares. Alguns indicadores aparentes levam-me a crer que parece possível interpretar-se que, desde os primórdios da educação física no Brasil, *teoria e prática* ficaram sob responsabilidades distintas. Assim, existiria um conhecimento sendo produzido e uma prática sendo realizada de forma aparentemente dissociada. Isto não significa que os '*professores*' (aqueles da '*prática*') de forma alguma consultassem qualquer material teórico. Possivelmente privilegiavam a experiência prática, mas ampliada pelo conhecimento e pelas experiências práticas de outros profissionais, expressos nos diversos manuais que começavam a ser editados na época, tanto de autores estrangeiros como de autores nacionais<sup>28</sup>.

Assim estar-se-iam produzindo conhecimento de duas naturezas: uma teorização que surgia das embrionárias pesquisas no interior das faculdades de medicina e uma teorização diretamente ligada a prática dos instrutores que ministravam as *sessões*. Contemporaneamente podemos refletir analogamente sobre esses níveis de conhecimento, onde, por exemplo, normalmente se observam congressos de uma '*natureza científica*' mais aprofundada, e outros marcados pela realização de cursos eminentemente '*práticos*', voltados às necessidades de um mercado de consumo em constante mudança.

---

<sup>27</sup>. Outro artigo que aborda essa questão é o de João Peregrino Júnior, 'Sentidos e objetivos da educação física', publicado nos Arquivos da ENEFD número 5, em setembro de 1949.

<sup>28</sup>. Exemplos disso são: o 'Manual da arte de nadar', traduzido do francês e distribuído a partir de 1881 pela Casa Laemmert, famosa livraria do Rio de Janeiro; o livro 'Sports Athletiques' de E.Weber, publicado em Paris em 1905 e traduzido para o português em 1907 com o nome de 'Sports Athléticos'; o livro 'Homem forte, gymnástica doméstica, natação, esgrima, tiro ao alvo' de D. Nascimento, publicado em Curitiba no ano de 1905; e dois importantes livros de Arthur Higgins, 'Compêndio de gymnástica e jogos escolares' (1896) e 'Manual de gymnástica higiênica para uso sem necessidade de professor'(1902).

De qualquer forma, parece claro que preocupações com os profissionais que deveriam ministrar as aulas não foram constantes: as fontes que utilizei em momento nenhum passaram-me essa impressão. Os instrutores que ministravam as sessões ainda não contavam com um processo de formação sistematizado, sendo possivelmente preparados a partir de sua experiência prática. Quais seriam então os primeiros indivíduos que estiveram envolvidos com o ministrar das aulas/sessões? Creio que talvez alguns praticantes ou ex-praticantes de modalidades desportivas que, ainda embrionariamente, começavam o seu desenvolvimento no Brasil. Ou os migrantes que traziam o conhecimento adquirido em seus países. Mas, possivelmente, os militares, mais ligados a '*prática*', deveriam constituir a maioria.

Evidência dessa presença de militares como instrutores pode ser, por exemplo, encontrada em 1881, quando seria pela primeira vez nomeado oficialmente um professor de ginástica na Escola Normal, situada no Município da Corte: o capitão Ataliba M. Fernandes. Outro indício pode ser encontrado na obra de Hely F. Câmara e Euclides Andrade (1931) que comentam a constante presença de instrutores formados pela Escola da Força Pública de São Paulo<sup>29</sup> ministrando exercícios em associações e estabelecimentos de ensino particular

*"Os clubs esportivos de Ribeirão Preto dispõem de um monitor da Força Pública para as suas sessões da educação physica;...o tenente Bernadelli...é professor de gymnastica e natação no club Esperia; o sargento ajudante Ramalho é mestre de Esgrima no Club Paulistano e no Portugal Club...afora muitos mais que, nas suas horas de folga, dão licções em casas particulares, concorrendo assim para a maior difusão do atletismo" ( p.146).*

Os migrantes também estiveram entre os primeiros professores. Em 1873, um professor alemão (não identificado) publica anúncio no Jornal do Comércio (1/10) se oferecendo para ministrar aulas de "...*sciencias, linguas clássicas, alemão, francez, italiano, desenho e gymnastica*" (p.1). Anos mais tarde (23/04/1879) esse mesmo periódico faz publicar anúncio de um recém chegado de Paris que se oferece para *ministrar "lições (de ginástica) em alguns collegios da côrte e dos arrabaldes"*. A aula "...*de gymnastica seria de saúde e graduada conforme a natureza dos discipulos*" (p.2).

---

<sup>29</sup>. Estou a considerar a Força Pública como uma instituição militar, pelas similaridades que apresenta em sua estrutura com as Forças Armadas.

Gostaria de aqui destacar possíveis características desses primeiros momentos de uma prática de exercícios físicos de forma mais estruturada, características essas que de alguma forma continuariam a ser observadas na educação física brasileira: a ação fundamental dos militares na difusão de doutrinas importadas de realidades diversas a nossa e que atendia diretamente a seus interesses e visões ligados a civismo, patriotismo e '*corpo saudável*'; a dissociação entre teoria e prática, que muitas vezes ocasionava níveis distintos e estanques de apreensão do conhecimento. A dificuldade de uma conceituação única, que leva a utilização das mais diversas nomenclaturas ou a utilização de uma mesma nomenclatura para os mais diversos objetos de estudo, também era fruto daquela ação básica dos militares.

É bem verdade que não devemos afirmar que somente militares ministravam aulas<sup>30</sup>, mas penso ser possível perceber que era numerosa sua inserção em várias instâncias, desde os primórdios das atividades dessa natureza. Sua influência parece ter sido sempre presente e não somente, ou especialmente, em determinados períodos. Essa inferência acerca da inserção dos militares fica mais reforçada quando percebemos o desenvolvimento mais específico da formação profissional em si. Possivelmente os militares foram os primeiros profissionais com algum forma de especialização a ministrar aulas de exercícios físicos sistematizados.

Afirma Inezil Penna Marinho (*op.cit.*) que no Brasil os primeiros esforços de formação de professores se deram em 1902, com a fundação, por iniciativa do coronel Pedro Dias de Campos, de uma Escola de Esgrima, com sede no Batalhão de Caçadores, no Quartel da Luz, São Paulo. Com formação básica em ginástica<sup>31</sup>, é possível supor que os formandos atuassem também fora dos quartéis. Em 1906 essa escola sofreria modificações, assumindo o comando da seção de Ginástica, o Capitão Lemaitre e o da seção de Esgrima, o Capitão Balandier, ambos do exército francês<sup>32</sup>. É criada então, em 1909, a Escola de

---

<sup>30</sup>. Observo que havia uma grande ecleticidade entre os instrutores que ministravam aulas. Um dos exemplos disso pode ser encontrado na comunicação pessoal (1993) do professor Alberto Latorre de Faria ao afirmar que, na década de 10, seu professor de Ginástica no Ginásio Baiano (Salvador) foi um violonista que marcava o ritmo dos exercícios ministrados com seu instrumento (MELO, 1993).

A previsão de mulheres como mestras de ginástica em escolas normais também é uma evidência de que não apenas militares se ocupavam do ensino da educação física.

<sup>31</sup>. Além de formação em ginástica, havia formação em esgrima.

<sup>32</sup>. A Escola de Educação Física da Força Pública teve importante papel no sentido de divulgar através de seus mestres de esgrima e ginástica, nas fileiras da Força e nos meios civis, a prática do método sueco, quebrando a hegemonia do método alemão.

Educação Física da Força Policial, proposta do coronel Paul Balagny, comandante da missão francesa que viera contratada pelo governo de São Paulo para instruir aquela Força.

A Escola evolui depois para ser um departamento da já então Força Pública do Estado de São Paulo, que possuía um quadro fixo de instrutores, curiosamente todos sargentos e cabos, que preparavam novos especializados, mas também ministravam atividades físicas para todos os batalhões da Força Pública (CÂMARA E ANDRADE, *op.cit*).

Entretanto, aos poucos o campo de ação da Escola foi sendo ampliado, bem como sua presença no cotidiano paulistano.

*" Creada para educar physicamente o soldado paulista, a Escola, alargou seu campo de acção e coadjuva agora efficazmente os governos do Estado e da República na campanha por ambos emprehendida no sentido de diffundir, tanto quanto possivel, o amor pela cultura fisica no paiz" (ibid, p.145).*

É ainda na primeira década do século, em 1905, que podemos assistir a segunda iniciativa, primeira de caráter nacional, no que se refere a formação do profissional da área: o projeto do deputado amazonense Jorge de Moraes. Tal projeto previa a criação de duas escolas de educação física, uma civil e uma militar, sem mencionar, entretanto, o nível dessa formação. Quais teriam sido as motivações que levavam o deputado a tentar separar os caminhos da educação física civil e militar? Será que estava consciente das diferenças necessárias? Penso que não, uma vez que na justificativa e defesa do projeto, apresentados em plenário do Congresso Nacional, em momento nenhum ficava explícito o reconhecimento de possíveis necessidades de diferenciação.

Penso que tal proposição estava diretamente ligada a clara inspiração de Jorge de Moraes nesse projeto: a realidade da educação física e da formação profissional com influência francesa<sup>33</sup>. É mesmo possível especular que tal projeto tenha sido escrito com auxílio direto de militares franceses que estavam no Brasil em missões oficiais.

---

<sup>33</sup>. A influência francesa seria crescente e muito presente na educação física nacional, inclusive na organização das escolas e cursos de formação.

*" Creio que a fundação de uma Escola idêntica na capital do país será de incontestável vantagem e dela partirão, como acontece em França, todos os instrutores de Ginástica para os diversos corpos do exército espalhados pela república...Do mesmo modo a Escola Civil...fornecerá os professores. de Educação física para todos os colégios existentes no Brasil. Em nossos dias o professores. de Ginástica necessita de uma soma regular de conhecimento que só um curso bem organizado pode fornecer" (MORAIS apud. MARINHO, op.cit., p.245 ).*

Esse projeto, embora aprovado, não se concretizou. Assim, foram mesmo os militares que desenvolveram esforços mais efetivos no sentido de sistematizar a formação profissional. Por exemplo, a fundação do Centro Militar de Educação Física, em 1922, localizado junto a Escola de Sargentos de Infantaria na Vila Militar do Rio de Janeiro, estava voltada para ministrar cursos preparatórios de três meses para oficiais e sargentos.

A fundação desse Centro pode ser considerada mais uma evidência da influência que teriam exercido os militares. Por outro lado, os médicos não ficavam fora desse processo embora, aparentemente, parecessem menos presentes. Também no Centro Militar é possível perceber que os militares se encontravam mais diretamente ligados à '*prática*', diretamente voltados para as atividades de ensino, enquanto os médicos estavam na academia (nas Faculdades de Medicina), teorizando sobre a educação física, começando a imprimir um caráter '*científico*' para a área. No caso do Centro Militar, os médicos eram também militares<sup>34</sup>.

Entretanto, o Centro Militar de Educação Física só começaria a atuar efetivamente em 1929 com a realização de um curso provisório de formação em convênio com a prefeitura do Distrito Federal. Um dos grandes responsáveis por essa realização foi o professor Fernando Azevedo, notório educador brasileiro extremamente sensível a problemática da educação física brasileira e ao processo de formação de profissionais para sua atuação<sup>35</sup>, na ocasião responsável pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal. Esta

---

<sup>34</sup>. Quando utilizo o termo militar me refiro aquele profissional das forças armadas e forças auxiliares que atua diretamente com a tropa, independente de outra formação complementar. Os militares que também são médicos são considerados como médicos desde que estejam atuando especificamente como tal.

<sup>35</sup>. Fernando Azevedo propôs a criação, na reforma de ensino do Distrito federal por ele conduzida em 1928, de uma Escola de formação para profissionais de educação física. Sua proposta era bastante completa, prevendo inclusive cursos de especialização, obrigando o estágio e criando uma escola para crianças para aplicação dos conhecimentos por parte dos formandos. Maiores informações sobre Fernando Azevedo e a educação física brasileira devem ser procuradas na dissertação de mestrado 'Fernando Azevedo - educador do corpo' do prof. Pedro Pagni, recentemente defendida na PUC de São Paulo (1994).

iniciativa foi significativa no referendar da influência dos militares na formação profissional, pois não só militares participaram como alunos desse curso, mas também alguns civis, escolhidos diretamente por Fernando de Azevedo, professores de outras áreas ou já envolvidos, por algum motivo, com o ministrar de aulas de educação física nas escolas.

O Curso, dirigido pelo Tenente Inácio Freitas Rolim e pelo Tenente Médico Virgílio Alves Bastos<sup>36</sup>, foi ministrado basicamente por militares que serviam na Escola de Sargentos de Infantaria e tinham sido preparados por Pierre de Seguir<sup>37</sup>. É interessante observar que ao final do curso foram formados profissionais de diferentes naturezas, com diferentes denominações. Os militares que concluíram receberam o título de instrutores, os tenentes, e de monitores, os sargentos, já os civis receberam o título de médicos especializados ou professores civis. Entre os formados, essa é considerada a primeira turma diplomada por curso oficial, se encontravam nomes que seriam de grande importância futura como os tenentes Laurentino Lopes Bonorino, mais tarde um dos organizadores da pioneira educação física do Estado do Espírito Santo e Hermílio Gomes Ferreira, futuro professor e diretor da ENEFD.

Creio ser bastante peculiar o quadro que se apresentava, no qual era imprescindível que médicos e militares estivessem juntos no desenvolvimento do processo de formação. Os médicos forneceriam a argumentação '*científica*', conferindo um *status* elevado para o campo de conhecimento. Enquanto os militares estavam mais presentes e inseridos, não só no nível dos altos escalões governamentais, como também nos da sociedade civil, onde atuavam como instrutores. Eram aqueles que exaltavam a importância da prática de atividades físicas, despertando também discussões acerca da necessidade de uma boa formação para o instrutor. Parece que o interesse de estar presente, seja por quais fossem os motivos, no processo de desenvolvimento da formação profissional na área de educação física, de alguma forma os aproximou.

Por exemplo, uma análise inicial do quadro de docentes da ENEFD, formado basicamente por médicos e militares, muitos oriundos da Escola de Educação Física do

---

<sup>36</sup> . Aqui mais uma vez é possível perceber a coexistência de médicos e militares na formação profissional.

<sup>37</sup> . Um dos grandes responsáveis para a realização desse curso foi o comandante do Exército Francês (hierarquia similar a major no Exército Brasileiro) Pierre de Seguir, que assumira a direção da educação física da Escola Militar em 1928. Pierre de Seguir veio em mais uma missão francesa de propagação do método francês e teve grande responsabilidade no desenvolvimento de metodologias para diversas práticas, principalmente de lutas, e na preparação de profissionais para o ministrar de cursos e aulas. Nessas iniciativas, contava muitas vezes com o auxílio do prof. Alberto Latorre de Faria, futuro professor da ENEFD (MELO, *op.cit.*).

Exército e da Policial Especial<sup>38</sup>, mostra que os médicos ficaram ministrando as disciplinas mais diretamente ligadas a *teoria* (anatomia, fisiologia etc...), enquanto os segundos ligados as *práticas* (treinamento desportivo, desportos, ginástica etc...). Em um primeiro momento, pelo prestígio político que tinham no momento histórico nacional, militares ficaram responsáveis pela direção da ENEFD, mas logo médicos passaram a ocupar os cargos de direção e a redimensionar a estrutura da ENEFD<sup>39</sup>.

Não acredito, então, que seja possível dividir períodos na história da educação física brasileira de forma estanque segundo influências dos médicos e militares, consideradas separadamente. E mais, devemos nos afastar de posturas maniqueístas que imputam '*culpas e pecados*' a essas duas categorias, por alguns dos problemas que hoje venham a impregnar nossa área de conhecimento. Na verdade, devemos reconhecer, que médicos e militares foram importantes por emprestar prestígio e fundamentação à área de conhecimento em construção e pioneiros na defesa e na consideração de suas possibilidades. Entretanto, trouxeram como conseqüências determinadas posturas filosóficas e ideológicas que devem ser cuidadosamente consideradas segundo uma perspectiva crítica, na medida que se pretenda reorientar os rumos da educação física brasileira. Podemos então identificar no presente como essas heranças têm se manifestado, muitas vezes dissimuladamente, de forma que possamos dar novos rumos a nossa prática.

O Centro Militar de Educação Física foi a origem de uma das escolas de educação física mais importantes: a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) criada inicialmente para formar instrutores, monitores, mestre d'armas, monitores de esgrima, médicos especializados para o exercício. Os cursos eram destinados aos militares e eventualmente, civis podiam realizar o curso de monitor<sup>40</sup>.

O papel preponderante dos militares e sua preocupação com a '*formação física da população brasileira*' podem também ser sentidos pela própria atuação do Ministério da

---

<sup>38</sup>. A policial especial era o principal órgão repressivo da ditadura Vargas. Embora não fosse exatamente uma instituição militar, possuía com ela grandes similaridades. Grande parte de seus componentes eram recrutados entre atletas e profissionais que na época já ministravam aulas de exercícios físicos. Figuras futuramente famosas na educação física brasileira como Alfredo Colombo e Oswaldo Gonçalves estiveram de alguma forma ligadas a essa organização.

<sup>39</sup>. Essa discussão está mais aprofundadamente desenvolvida no próximo capítulo.

<sup>40</sup>. Adolpho Schermann (1954) afirma que em 1953 a EsEFEx já tinha formado 63 civis monitores. O número de civis aceitos na EsEFEx reduziu bastante após a criação da ENEFD. Inclusive o regulamento de entrada muda substancialmente no que se refere a essa questão, se comparados os anos de 1933 e 1947 (REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1933; 1947).

Guerra. Ainda em 1929, o general Nestor Sezefredo Passos, ministro da Guerra, submete um projeto de lei a uma comissão de estudo<sup>41</sup>. Entre suas propostas mais importantes estavam:

\* a preparação de **instrutores, professores, médicos e monitores** seria assegurada por uma *escola nacional superior*, ligada ao Ministério da Guerra, com sede no Distrito Federal, por escolas estaduais organizadas de modo semelhante, por uma escola de ginástica da marinha e por centros regionais de instrução física militar.

\* os cursos seriam de 2 anos para os que já possuíssem nível colegial e desejassem ser professores (ou professoras), instrutores (somente oficiais do Exército, Marinha, polícia e bombeiro) e para mestres de esgrima; um ano para sargentos monitores; três meses para médicos que desejassem se especializar.

\* obrigava diploma para instrutores e professores e certidão de aptidão para monitores, a serem fornecidos pelas escolas.

Esse projeto recebeu inúmeras críticas da Associação Brasileira de Educação (ABE), principalmente por propor a utilização preponderante do Método Francês<sup>42</sup>, por não desligar o curso provisório e por ligar a escola superior de educação física ao Ministério da Guerra. Na verdade, a ABE possuía um departamento específico para educação física e higiene e propunha entre outras coisas que a futura escola de formação fosse ligada à Universidade do Rio de Janeiro, a futura Universidade do Brasil (1936). Em síntese, a ABE estranhou a omissão do Ministério da Educação e da Saúde nas discussões que se referiam a educação física. Suas críticas<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup>. O futuro diretor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, Inácio Freitas Rolim, fazia parte dessa comissão. Faço essa ressalva para explicitar a constante presença de Rolim em diversos momentos decisivos da educação física brasileira, o que foi muito importante, junto com sua proximidade ao governo revolucionário de Vargas, no momento final de criação da Escola Nacional. Rolim já se envolvia diretamente com a educação física desde 1925, quando junto com o tenente Dantas Ribeiro assumiu o comando da seção de educação física da Escola de Sargentos de Infantaria (ESI).

<sup>42</sup>. O projeto propunha a adoção em todo território nacional do Método Francês enquanto não fosse criado um método nacional.

<sup>43</sup>. Essas críticas não significavam que a ABE tinha uma proposta de educação física completamente dissonante dos projetos de outros fóruns da época. Maiores informações podem ser encontradas em Carmem Lúcia Soares (ibid).

*"...foram dirigidas tanto ao órgão burocrático do governo, considerado incapaz de 'resolver um problema educativo nacional', quanto as finalidades e inconvenientes de se transplantar, para o Brasil, um sistema estrangeiro de ginástica, tornando-o obrigatório" (SOARES, op.cit, p.83).*

Deve-se perceber que as preocupações com a formação profissional em Educação física, e possivelmente com suas diretrizes a partir dos interesses dos diversos grupos, não foram propriedade exclusiva dos militares. Entre os civis algumas manifestações foram bastante significativas. Em 1927, por exemplo, o deputado Jorge de Moraes, voltava, criticando a não execução do projeto de 1905, a tentar a criação de escolas de educação física voltadas para a formação profissional. Significativas também foram as conclusões da seção 'da educação física como fator eugênico' do I Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929, que propunha entre outras coisas, a organização de escolas superiores de educação física para conveniente preparo dos professores *'indispensáveis a cultura física nacional'*.

No âmbito civil e estadual, na década de 30, cabe ressaltar também a criação de departamentos e escolas de educação física nos Estados de São Paulo<sup>44</sup> e Espírito Santo<sup>45</sup>. O Estado do Espírito Santo criou em 1931 o Curso Especial de Educação Física para formação de normalistas especialistas, primeiro curso civil reconhecido. Embora fosse um curso *'civil'*, não é demais lembrar que era dirigido por Laurentino Bonorino, tenente do exército formado no curso provisório de 1929. Assim, parece que mesmo nos meios ditos *'civis'*, os militares estavam a participar e a influenciar os rumos da educação física brasileira, até porque eram normalmente os que possuíam algum grau de especialização - obtido no Centro Militar, na EsEFEx e mesmo em alguns cursos que tiveram pouca duração, como o da Liga de Esportes da Marinha de 1922 (COSTA, 1971); já estavam a algum tempo discutindo os rumos da educação física e gozavam de certo prestígio, principalmente a partir da década de 30, que os permitia ocupar cargos e postos importantes.

É também na década de 30 que, na capital federal, se começava a delinear a possibilidade da criação de uma *escola nacional*, ligada a uma universidade. Mesmo alguns dos militares mais diretamente ligados aos rumos da educação física no Brasil começavam a

<sup>44</sup>. Curioso observar que o currículo dessa Escola foi apresentado dividido entre parte prática (prática do método francês, grandes jogos, natação, danças) e parte teórica (pedagogia, anatomia e fisiologia, psicologia, história). (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1937)

<sup>45</sup>. Aqui ressaltamos esses dois Estados pela complexidade e efetividade de suas propostas, mas em diversos outros Estados, e também no Distrito Federal, diversas iniciativas foram observadas no que se refere a formação profissional, desde palestras e seminários até criação de escolas e cursos específicos para formação.

se deixar contagiado pela ambição da cátedra, abandonando paulatinamente a ideia de ligar a escola ao Ministério da Guerra. Na verdade, esses militares que gozavam de grande prestígio junto ao governo Vargas, futuramente seriam essenciais para realização desse projeto.

A ascensão da preocupação com os rumos da educação física era mesmo flagrante e trazia em seu bojo a necessidade de uma *escola padrão*, até mesmo para permitir o melhor alcance dos interesses aos quais essa ascensão e preocupação estavam diretamente ligados<sup>46</sup>. Cabe ressaltar que uma *escola nacional* servia de padrão, principalmente através de sua grade curricular, para outras escolas existentes no país. Normalmente localizada na capital da República, essas escolas possuíam mecanismos que possibilitavam determinadas iniciativas que exerciam influência em diversos Estados da nação, como outorga de bolsas de estudo, que permitiam receber estudantes de outros Estados, principalmente aqueles onde a formação tinha um grau de desenvolvimento menor. Esses bolsistas ao voltarem para seu estado divulgavam então o conhecimento adquirido segundo os moldes da *escola nacional*. Outro mecanismo era o envio de seus professores a congressos e eventos internacionais, dando-lhes a oportunidade de introduzir pioneiramente determinados conhecimentos no país. No capítulo seguinte apresentarei mais especificamente as ações da ENEFD nesse sentido.

Entre os civis continuavam as discussões em torno dos rumos da educação física nacional. O VII Congresso Nacional de Educação dedicou sua temática central à educação física. Nesse congresso, Ciro de Moraes propôs a criação de uma escola de formação com cursos de instrutor (a ser cursado em um ano), professor (3 anos), médico especialista (1 ano), bacharel (2 anos). Entre as conclusões do Congresso encontra-se uma que determina a criação de uma escola normal de educação física ligada à Universidade do Rio de Janeiro, futura Universidade do Brasil. Esse Congresso, segundo Marinho (*op.cit.*) foi muito importante para traçar os caminhos da fundação da futura ENEFD.

É muito provável que existissem resistências internas de alguns intelectuais que não desejavam ver na universidade uma profissão que '*não necessitava de formação superior*', sem falar na '*ênfase que dava ao físico em detrimento do intelectual*'<sup>47</sup>. Mas o desenvolvimento da educação física brasileira era uma questão de tempo, pois estava

---

<sup>46</sup>. A ligação da Educação física com o Estado Novo pode ser compreendida nos estudos de Cantarino Filho (*op.cit.*), Alfredo Gomes de Faria Júnior (*In: OLIVEIRA, FARIA JÚNIOR, 1987*), Elza Borghi de Almeida Cabral (*In: OLIVEIRA, FARIA JÚNIOR, 1987*), Castellani Filho (*op.cit.*) e Soares (*op.cit.*).

<sup>47</sup>. Para fazer essas afirmações baseio-me em algumas das entrevistas concedidas para esse estudo. Maiores informações podem ser obtidas nas transcrições das entrevistas, localizadas no anexo 1 desse estudo.

também diretamente ligada, entre outros, aos interesses governamentais de um estado de exceção. Um dos significativos indicadores desse processo pode ser percebido com a inclusão de um artigo (131) sobre educação física na Carta Outorgada de 1937, primeira vez que uma constituição brasileira fazia referência direta a essa disciplina (CANTARINO FILHO, *op.cit.*; FARIA JÚNIOR, *op.cit.*; BETTI, 1991).

Em 1937, a Secretaria Geral do Conselho Segurança Nacional elabora um projeto de lei propondo a criação do Conselho Nacional de Desportos, do Instituto Nacional de Educação Física e da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Como se observa, a educação física estava ligada a um projeto de *segurança nacional*, algo muito mais complexo do que simples preocupações com uma disciplina escolar<sup>48</sup>. O Conselho Nacional de Educação, no entanto, manifestou preocupações nesse sentido e, ao apresentar um Plano Nacional de Educação ao Presidente da República, também propôs a criação de uma escola superior de educação física com curso de um ano para instrutor e dois anos para mestre. É possível perceber que as ações não estavam articuladas e grupos já se apresentavam buscando direcionar os caminhos da educação física brasileira.

Mas sem dúvida o grande avanço e o grande passo para a criação de uma *escola nacional*, nesse ano se deu com a criação da Divisão de Educação Física (DEF) do Ministério da Educação e da Saúde (MES), pela lei 378 de 13 de janeiro. Essa divisão, junto com a Juventude Brasileira<sup>49</sup> e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos seriam o tripé que sustentaria o projeto de educação física do Estado Novo (FARIA JÚNIOR, *op.cit.*).

A DEF, primeiro órgão especializado governamental no nível administrativo federal, seria a responsável por sistematizar e regulamentar dali para frente todo o processo de formação profissional, bem como contribuir para a excelência dessa formação. Todas as escolas, em funcionamento ou que viessem a funcionar, deveriam primeiro solicitar a

---

<sup>48</sup>. A capa da 'Revista de Educação Física' de junho de 42 é bem ilustrativa. Nessa capa podemos ver lado a lado, dois homens a frente e duas mulheres atrás, todos altivos, em posição de alerta(ou sentido), com corpos bem delineados, olhando para o infinito. Um dos homens e uma das mulheres são civis, enquanto os outros estão fardados. Em primeiro plano tremula uma bandeira nacional e aparece um canhão, por trás a imagem de um forte militar. Na revista encontra-se explicação que a capa "...representa o elevado objetivo da educação física, uma das mais importantes modalidades educacionais no preparo das novas gerações" (p.6)

<sup>49</sup>. Criada para promover dentro e fora da escola a educação física, cívica e moral. Todos os indivíduos brasileiros que estivessem dentro da faixa etária determinada, compulsoriamente faziam parte da juventude brasileira. Maiores informações podem ser obtidas em Cantarino Filho (*op.cit.*), Faria Júnior (*op.cit.*) e Betti (*op.cit.*).

autorização para tal e depois o seu reconhecimento, além de serem periodicamente inspecionadas. O capitão João Barbosa Leite, um dos nomes mais importantes da educação física brasileira de então, foi nomeado, em maio de 1937, seu primeiro diretor. Seria sobre a sua direção que a DEF daria seus primeiros e principais passos.

A DEF, a despeito de ter melhor encaminhado algumas questões, pode ter significado efetivamente o início do processo de separação da educação física de outras licenciaturas<sup>50</sup>. É fácil perceber que nenhuma outra disciplina, nenhuma outra licenciatura, possuía um órgão governamental próprio ligado ao Departamento Nacional de Educação, órgão do MES. Futuramente esse processo seria percebido muitas outras vezes, de muitas naturezas diversas. Basta ver que 13 dias antes da fundação da ENEFD, fundara-se na Universidade do Brasil a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), responsável por todas as licenciaturas...exceto em nossa área (FARIA JÚNIOR, *op.cit.*).

Alfredo Gomes de Faria Júnior (*ibid*), utilizando os próprios textos dos decretos de criação das duas unidades da Universidade do Brasil, levanta dois possíveis motivos na tentativa de desvendar as razões para a criação de uma escola nacional de educação física (ENEFD) fora do contexto das outras licenciaturas, agrupadas em outra instituição de caráter nacional (FNFfi): a) dois grupos viam trabalhando separadamente em cima do mesmo tema; b) e o grupo que se envolveu na criação da FNFfi tinha uma visão voltada mais para a formação do professor, enquanto os envolvidos em torno da ENEFD, militares comprometidos com o ideário estadonovista, tinham uma visão voltada para a formação do técnico, o que podia significar que para a educação física havia um projeto diferente das outras disciplinas.

Longe de discordar por completo de Faria Júnior (*ibid*) quero, no entanto, adendar algumas reflexões. Os intelectuais ligados mais diretamente a área de educação, como vimos, há algum tempo tentavam também influenciar os rumos da educação física e talvez alguns até quisessem inclui-la no contexto da FNFfi. Mas será que em sua maioria isso era uma possibilidade considerada? Porque então muitos desses intelectuais propuseram ao invés, e nesse sentido em consonância com o projeto dos militares, também que a formação fosse realizada em *escola* própria? Creio que não podemos deixar de pensar em dois

---

<sup>50</sup> . Entre outras funções, a DEF possuía inclusive a responsabilidade de efetuar com exclusividade os registros dos professores de educação física.

importantes fatores: é possível que muitos intelectuais vissem a educação física numa escola própria, fruto do preconceito que impregnava os meios universitários para com essa disciplina<sup>51</sup>; e não podemos esquecer também que grande parte da intelectualidade apoiou o projeto do Estado Novo, logo podiam também estar a apoiar um projeto diferenciado para a educação física, que previa, inclusive, uma escola de formação própria.

Por fim, creio que também é possível perceber que a educação física já possuía um processo de desenvolvimento de sua formação profissional peculiar, próprio, a partir da constante presença dos militares, e obviamente de seu projeto de uma educação física nacional. Cabe lembrar que antes mesmo dos militares possuírem maior prestígio no nível governamental, já estavam pensando e desenvolvendo iniciativas no que se refere a formação profissional nessa área. No Estado Novo, parece que simplesmente fizeram uso desse prestígio para concretizar uma antiga aspiração, mesmo que essa não fosse tão explícita. Assim, o desenvolvimento da educação física não caminhou necessariamente paralelo ao desenvolvimento da educação como um todo. Com isso não estou a afirmar que a influência da área de educação não tenha existido ou que mereça ser desconsiderada, mas sim que a educação física tenha uma especificidade própria, fruto de outras influências que estiveram ao seu redor<sup>52</sup>, e que um estudo mais focalizado nessa especificidade se faz necessário para uma melhor compreensão.

Outro exemplo de separação e isolamento da educação física, futuramente seria percebido com o surgimento de associações específicas de profissionais da área<sup>53</sup> (algumas que, mesmo 'moribundas', sobrevivem até hoje), onde as ações são desconectadas do conjunto das outras disciplinas escolares.

Gostaria de deixar registrado que no momento em que estou a escrever essa dissertação, continuam no cenário nacional discussões relativas a regulamentação da 'profissão de educação física', que implicaria na criação de um conselho nacional e de

---

<sup>51</sup>. Essa discussão será mais aprofundadamente desenvolvida no próximo capítulo.

<sup>52</sup>. Não só temos que considerar a influência dos militares, como também, por exemplo, a do desporto, cada vez mais presente e influente na área.

<sup>53</sup>. A primeira associação dessa natureza surgiu em 1935, em São Paulo, com a fundação da Associação dos Professores de Educação Física de São Paulo (APEF-SP). Em 1939 é também criada outra importante associação, a Sociedade Brasileira de Educação Física, que mais tarde se transformaria na Associação Brasileira de Educação Física. Embora nacional é fácil perceber que essa Associação agrupava fundamentalmente os professores da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Em 1944 toda a diretoria era composta por professores da Escola (MARINHO, *op.cit.*). Muitas outras associações surgiram além dessas, umas de caráter mais provisório, outras resistindo até os dias atuais.

conselhos regionais próprios, na medida que se encontra em trâmite no Congresso Nacional um projeto para tal<sup>54</sup>, a revelia das discussões estabelecidas no interior de algumas entidades da categoria que apontam para a necessidade de unificar a luta nos sindicatos, em conjunto com os professores de outras disciplinas. Mas uma vez podemos perceber movimentos que insistem em dissociar nossa luta do seio da categoria docente em geral. Embora para alguns possa parecer novidade, essa não é a primeira vez que iniciativas nesse sentido são observáveis.

Determinadas discussões, como por exemplo a criação de um código de ética para a área, já vem ocorrendo desde a era Vargas, onde já existia um código dessa natureza para os profissionais de educação física. Nessa ocasião os códigos de ética eram denominados de códigos disciplinares e Faria Júnior (*op.cit.*) acredita que, normalmente *"os códigos de ética são também usados como fator de coerção profissional exercendo a censura prévia e impedindo a divulgação de idéias novas"* (p.29)

Enfim, a DEF teve fundamental importância no desenvolvimento da educação física nacional, na medida que permitiu ações mais específicas e efetivas, mas por outro lado também contribuiu para iniciar efetivamente o antes dissimulado processo de afastamento do contexto geral das licenciaturas, o que pode ter sido um fator de preconceito, desconhecimento das especificidades de nossa prática pedagógica e até mesmo questionamentos quanto as 'preferências' concedidas a educação física.

Em 1938 a DEF já concluiu seu plano de ação, onde constavam a construção, criação, instalação e funcionamento da Escola Nacional de Educação Física e Desportos e do Instituto Nacional de Educação Física, que funcionaria anexo à Escola. Nesse mesmo ano, a partir da ação conjunta do Departamento Nacional de Educação - órgão do MES ao qual se ligava a DEF, do Ministério da Guerra, através da EsEFEx e da Prefeitura do Distrito Federal, através do Instituto de Educação, realizou-se mais um curso de emergência. Embora não preparando especificamente militares, é importante perceber e ressaltar a sua influência ainda presente, não só através de órgãos específicos envolvidos no convênio (Ministério da Guerra e EsEFEx), como na própria figura do diretor da DEF e no corpo docente do curso, formado em sua maioria por oriundos da EsEFEx.

---

<sup>54</sup> . BRASIL. Projeto de lei n.330, de 1995. Apresentado pelo sr. Eduardo Mascarenhas dispõe sobre a regulamentação dos profissionais de educação física e cria seus respectivos conselhos federal e regionais.

E é nesse contexto que a escola tão 'sonhada' finalmente é criada, pelo Decreto Lei 1212 (BRASIL, 1939), graças a ação do DEF, através de seu diretor João Barbosa Leite, de Inácio Freitas Rolim que seria seu primeiro diretor<sup>55</sup> e de Gustavo Capanema, Ministro da Educação:

*" A 17 de abril (de 1939) coroando os esforços que de a muito vinha fazendo a Divisão de Educação Física, é criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, que indubitavelmente, veio a preencher uma das maiores lacunas na nossa organização educacional. A criação da ENEFD, do mesmo modo que a Divisão de Educação Física, é a concretização do ideal com que sonhavam quantos se dedicavam aos problemas da Educação Física" (MARINHO, op.cit., p.51).*

Teria como principais funções: formar profissionais para a área de educação física; imprimir unidade teórica e prática no ensino na área de educação física no País; difundir conhecimentos ligados a área ; realizar pesquisas que apontem os caminhos mais adequados para a educação física brasileira. A exposição de motivos apresentada por Gustavo Capanema (1939) a Getúlio Vargas para a criação da ENEFD, deixa claro que

*"Ela será, antes do mais, um centro de preparação de todas as modalidades de técnicos ora reclamados pela educação física e pelos desportos. Funcionará, além disso, como um padrão para as demais escolas do país, e, finalmente, como um estabelecimento destinado a realizar pesquisa sobre o problema da educação física e dos desportos e a fazer permanente divulgação dos conhecimentos relativos a tais assuntos (p.1)"*

Teria sido a fundação da ENEFD uma imposição e uma desconsideração para com os Estados que desde o início da década organizavam a sua estrutura para a educação física? Ou teria sido o auge de um processo de luta dos *profissionais* da área? Não há como negar que por trás dessa fundação se encontravam os mais diversos interesses. Basta ver que a ENEFD foi criada no Rio de Janeiro, capital da República e sede do poder político. Para a estrutura governamental a ENEFD seria de grande utilidade, uma verdadeira '*escola de civismo e probidade*'. Para os militares, que muitas vezes se confundiam com a estrutura governamental da época, que seriam seus futuros professores, seria o acesso a cátedra,

---

<sup>55</sup> . Na verdade, como a Escola somente começou a funcionar, com o início das aulas, no segundo semestre, João Barbosa Leite ficou responsável pela direção até lá, quando Rolim a assumiu.

importante principalmente para eles e civis não médicos, já que em sua maioria os médicos já eram reconhecidos catedráticos e/ou professores em faculdades. Aliás, poucos eram os civis que não tinham ligação alguma com os militares, talvez só as duas pioneiras professoras. Os médicos lá encontrariam mais um campo de atuação e de propagação de seu prestígio, obviamente aliado ao seu interesse pela área em questão.

Todos os entrevistados<sup>56</sup> concordam, em maior ou menor grau, que ação dos militares foi fundamental para a criação da ENEFD. O depoimento de Faria Júnior apresenta maiores informações e possibilidades e não é menos enfático quanto a participação dos militares. Ele levanta a possibilidade de terem existido outras pressões e organizações no sentido de criação de uma escola de formação, inclusive no âmbito dos educadores civis, mas não deixa de considerar a fundamental ação dos militares e os interesses governamentais de então.

*"Então, a criação da Escola não pode ser vista muito como vários pioneiros que se reuniram e quiseram fazer...eles existiram, na minha interpretação, mas a estratégia da ditadura previa a criação de um núcleo formador de recursos humanos(FARIA JÚNIOR, comunicação pessoal, 1995).*

Faria Júnior (*ibid*) sugere que basta consultar os anais e verificar discussões estabelecidas nas conferências e congressos nacionais de educação para ver as ações de alguns intelectuais, como Fernando Azevedo. As teses das Faculdades de Medicina e Direito para o professor pode significar uma anterior preocupação científica à formação profissional, indicadores que existiram esses movimentos, provavelmente também responsáveis por uma pressão para a criação da Escola.

*"Evidentemente essas pressões para criar devem ter existido, uma vez que se discutia educação física em congressos de educação. Outra coisa, outra evidência que posso apresentar é que a parte científica da educação física surgiu antes da formação do professor de educação física...Você tem uma série de trabalhos científicos que mostram que a pesquisa existia antes da formação de professores. É provável que isso tenha feito uma certa pressão para culminar com a criação de uma escola civil, que fosse integrada a uma universidade"(FARIA JÚNIOR, comunicação pessoal, 1995).*

---

<sup>56</sup> . As transcrições das entrevistas se encontram na íntegra no anexo I desse estudo.

Embora reconheça essas possibilidades, foi o único a reconhecê-las, o que pode demonstrar o quanto está claro para os outros entrevistados a importância central e quase exclusiva dos militares. Faria Júnior, no entanto, também reconhece o quanto os militares e o Governo Vargas foram centrais na criação da ENEFD. E adenda um novo elemento às compreensões das articulações que levaram a criação da ENEFD: a participação de Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal do presidente Getúlio Vargas, na intermediação do pleito.

*"Eu não tenho nenhum documento, mas consta que houve essa intervenção. Eu acho que isso era possível. Hoje a gente sabe que naquela época de Getúlio as coisas funcionavam muito na base de relações pessoais, pedido pessoal, o poder que o Gregório Fortunato teve no Palácio do Catete" (FARIA JÚNIOR, comunicação pessoal, 1995).*

Penso assim ser esse o quadro no momento da criação da ENEFD, quadro que pode bem explicitar essa criação. Alguns grupos começavam a se articular em torno de projetos de uma educação física nacional, que aliás estava diretamente ligada aos interesses do governo de exceção em decurso. Dentre esses grupos os militares possuíam certa ascendência, possivelmente devido ao lugar que estavam ocupando no cenário político nacional, mas também devido a seu precoce interesse para com a área e com a formação do profissional que nela atuaria. Os militares estabeleciam ligações e articulações com médicos, que muitas vezes eram também militares. Os médicos vinham estudando a área de conhecimento, a parte '*científica*' da educação física, a mais tempo, antes mesmo de preocupações com a formação profissional, emprestando assim certo *status*.

Os movimentos mais ligados a área educacional, movimentos do *meio civil*, começaram a participar mais tardiamente dessas discussões, mas suas influências, embora numericamente menores, não podem ser desconsideradas nem desconectadas do quadro nacional geral que se apresentava. Sua influência, por exemplo, pode ter sido fundamental na articulação das primeiras grades curriculares e na determinação do caráter '*civil*' da ENEFD, sua ligação com a Universidade do Brasil. Mas não se pode esquecer que é possível que entre alguns desses intelectuais, por existirem dúvidas e/ou preconceitos para com a educação física ou por estarem de pleno acordo com o projeto do Estado Novo, houvesse uma apreensão da necessidade de um desenvolvimento destacado do conjunto geral da educação.

Enfim, embora as articulações em redor da criação de uma escola nacional padrão, de educação física, tenham sido mais complexas, o processo de criação da ENEFD não se diferenciou substancialmente do processo de criação de escolas e cursos de formação de professores, principalmente no que se refere ao papel central dos militares nesse processo, a associação desses aos médicos e a rígida divisão entre cadeiras *teóricas e práticas*.

Com certeza a ENEFD não refletiu a maturidade dos profissionais de nossa área, talvez nem mesmo seja possível falar organicamente em profissionais ou em uma profissão estabelecida<sup>57</sup>, mas penso que de alguma forma foi um primeiro passo, um incentivo a reflexão e a organização da profissão, mesmo que de forma ainda desordenada. A ENEFD, mais tarde, seria responsável por muitas iniciativas e pioneirismo. Pioneirismo aliás presente desde sua proposta inicial de criação. Um pioneirismo a beira da excessiva pretensão. Qual terá sido a contribuição e o papel dessa Escola? Como seu cotidiano pode nos oferecer subsídios para que possamos refletir sobre o nosso presente, quem sabe até introduzir questões para o futuro?

Ao discutir uma história da ENEFD, onde são abordados fundamentalmente aspectos do cotidiano dessa Escola, procurei promover o debate entre as idéias dos entrevistados, utilizando-as como eixo central de discussão. Isto é, embora não utilizasse somente as informações obtidas nas entrevistas, fiz uso também de fontes de natureza documental, foi a partir dessas informações que procurei discutir as especificidades históricas que permearam a ENEFD.

Os entrevistados foram escolhidos segundo a sua qualidade na participação no cotidiano da ENEFD, sem a preocupação estatística de estabelecer determinado número de participações. A análise das entrevistas é qualitativa, suas posições são criticadas a partir da visão do historiador, que não tem a pretensão de dar a esse estudo um estatuto de verdade absoluta, mas sim de uma possível interpretação histórica traçada a partir das fontes elencadas para tal, obviamente processo esse impregnado pela visão de mundo de quem escreve.

Com isso, penso que duas ressalvas se fazem necessárias. Ao discutir a história da ENEFD tentei respeitar as posições encontradas, entre depoimentos e documentos, mas em momento algum me furtei de tecer considerações próprias, a partir de

---

<sup>57</sup>. Faria Júnior (*In*: MOREIRA, *op.cit.*) prefere falar em profissão emergente (p.229).

meus pontos de vista; observações essas inspiradas em um processo de interpretação que de forma alguma exclui minha visão de mundo. Em nenhum momento tive a pretensão de escrever uma história definitiva para a ENEFD, até porque não acredito na existência de histórias definitivas. Tenho clareza da parcialidade desse estudo e da possibilidade (e da necessidade) de estudos que discutam a história da ENEFD em sentidos diversos. Aqui, entretanto, tenho a pretensão de ter procedido a uma discussão adequada dentro das características adotadas: uma possível história.

Nesse capítulo, até agora, tentei mapear o quadro de desenvolvimento da formação profissional na educação física brasileira, tentando compreender a ENEFD e seu significado nesse contexto. Assim, foi possível perceber a influência e o papel central dos militares nas diversas iniciativas ligadas a formação profissional, inclusive por ocasião da criação dessa Escola de formação. Também discutiram-se outras influências que caracterizando correlações de forças conduziram a criação de uma escola nacional de caráter *civil*, ligada a uma universidade e, a partir de então, considerada *padrão* para todas as outras. Mas seria mesmo a ENEFD uma instituição de caráter *civil*?

Penso que uma resposta para essa pergunta se faz necessária para que seja possível traçar inferências sobre os primeiros passos e encaminhamento das primeiras ações por parte da ENEFD. A cerimônia oficial de fundação da ENEFD é bem interessante para ser tomada como ponto inicial no sentido de responder tal questão. Em 01 de agosto de 1939, os futuros professores da ENEFD, alunos da primeira turma, os professores da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) e autoridades governamentais dos mais diversos escalões (inclusive o Presidente da República, Getúlio Vargas) realizaram uma cerimônia nos moldes das formaturas realizadas em quartéis nas dependências do Fluminense Futebol Clube, local que abrigaria as aulas práticas da ENEFD em seus primeiros tempos<sup>58</sup>.

Depois de hinos cívicos, hasteamento de bandeiras e discursos diversos, com os mais distintos teores, mas todos falando de probidade e civismo, o coronel Otávio Saldanha Mazza, comandante da EsEFEx, passa às mãos do representante da ENEFD, major Inácio Freitas Rolim, uma bandeira que simbolicamente significava que a partir de então a ENEFD era responsável pelos rumos da educação física no meio *civil*. Para Faria

---

<sup>58</sup>. Essa cerimônia recebeu grande cobertura da Revista de Educação Física, periódico oficial da EsEFEx. Na Revista número 46, de outubro de 1939, encontram-se muitas fotos da cerimônia.

Júnior (*op.cit.*), posição com a qual compartilho, isso não significou a mera transferência de responsabilidade, mas sim a marca de uma tutela que se iniciava.

Assim, em cerimônia com características marcadamente militares, os militares passam para uma Escola dirigida por outro militar, e que continha no seu corpo docente grande número de militares e policiais, a responsabilidade de conduzir uma possível *educação física civil*. Não é surpreendente então que os entrevistados, sem exceção, apontem que a ENEFD foi fundamentalmente uma continuação do projeto e um braço militar dentro da Universidade do Brasil. Faria Júnior (comunicação pessoal, 1995) é ainda mais enfático ao afirmar que foi, na verdade, um abrandamento da estrutura da EsEFEx.

*"Bem, você sabe que a origem da Escola, através da constituição de seu corpo docente, foi na Escola de Educação Física do Exército. A primeira estrutura era, vamos dizer, uma estrutura de cunho militarista, um abrandamento do que existia de organização na Escola de Educação Física do Exército e uma ida para onde hoje é o Instituto de Surdos, que foi a primeira sede".*

Maria Lenk, ex-professora, ex-diretora e uma das fundadoras da ENEFD, também entende que a criação da Escola guardou relação direta com a Escola do Exército.

*"Eis que surge uma idéia magnífica, patrocinada pela Escola de Educação Física do Exército: a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos na Universidade do Brasil. Concretizou-se a idéia com o Decreto-Lei 1212...; elaborado pelos dinâmicos e patrióticos oficiais daquela corporação militar..."(1982, p.113).*

Esclarecedora também é a posição de Inácio Freitas Rolim, por ocasião de uma visita realizada pela ENEFD à EsEFEx, quando diz que a Escola era uma continuadora ~~das atribuições anteriormente exercidas pelo Exército e suas instituições militares e suas instituições militares e civis~~ (EsEFEx), tendo assim seus professores e alunos uma responsabilidade como *"...detentores das atribuições que outrora pertenceram aquele núcleo"* (1943, p.22). A EsEFEx sempre era considerada a *célula mater*, a origem da ENEFD.

Observo como o nome de Rolim é lembrado com ênfase por dois dos entrevistados, exatamente aqueles que participaram efetivamente dos primeiros momentos da

Escola: o funcionário José Ignácio Alves de Souza<sup>59</sup> e a, na época, estudante Ramilda Colares Quitete<sup>60</sup>. O reconhecimento da importância de Rolim pode ser mais uma evidência da importância dos militares não somente na criação da Escola, como também no direcionamento em seus primeiros momentos, inclusive fazendo uso do prestígio que gozavam com as estruturas de um governo de exceção. Os entrevistados percebem que os militares colocaram seus 'louros' a serviço da criação da Escola, mas dela também fariam uso para alcance de seus objetivos ligados a atitudes de civismo e se ligariam diretamente a sua estrutura inicial.

Não só dirigindo a Escola desde a fundação até 1948, mas também cedendo grande parte do corpo docente, além de determinar sua estrutura inicial, a ENEFD deu seus primeiros passos sob os auspícios e égide dos militares. Era marcante, dessa forma, a estrutura militar da Escola nesses primeiros momentos. A rotina diária começava com as formaturas matinais onde, invariavelmente, observavam-se aspectos de ordem unida e comandos no modelo dos quartéis, o hasteamento da bandeira e o cantar do Hino Nacional. Logo após, era lida a ordem do dia, por parte da direção da Escola, e a palavra do dia, sempre a cargo de um professor, procedimentos também flagrantemente de rotina na ordem militar. A formatura não era obrigatória somente para alunos, como também para professores e funcionários.

A ENEFD era também presença marcante e cativa nos desfiles e paradas cívicas constantemente realizadas<sup>61</sup>, principalmente enquanto o período Vargas vigorou. A presença da Escola, inicialmente a partir da participação de seus alunos nos desfiles e em demonstrações, mais tarde ampliou-se para incluir a participação dos alunos no 'ensaio e treinamento' das escolas que iriam desfilar, procedimento muitas vezes observável ainda nos dias atuais. A importância da participação nos desfiles, para a direção da ENEFD, e sua relação com o momento de sua existência, pode ser vislumbrada na declaração de Rolim:

---

<sup>59</sup>. A partir de agora, nesse capítulo, toda vez que utilizar o depoimento de José Ignácio Alves de Souza, o farei identificando-o como Ignácio, nome pelo qual é comumente conhecido, e sem especificar data e página, já que esse depoimento se encontra na íntegra no anexo 1 desse estudo.

<sup>60</sup>. A partir de agora, nesse capítulo, toda vez que utilizar o depoimento de Ramilda Colares Quitete, o farei utilizando seu último nome (Quitete) e sem especificar data e página, já que esse depoimento se encontra na íntegra no anexo 1 desse estudo.

<sup>61</sup>. Por exemplo, Dia da Raça, Dia da Bandeira, Comemoração do Dia da Independência, entre outros.

*"...tendo a ENEFD por finalidade precípua a formação de bons brasileiros, adestrados de corpo e finos de espírito, acentua-se que ao lado do aperfeiçoamento físico, insiste-se na adequada formação cívica de cada um, pelo que nunca perderá a oportunidade das datas pátrias mais memoráveis para manifestações e aprimoramento de nossos sentimentos patrióticos"* (1943, p.9).

Essa declaração parece transparecer uma preocupação maior da ENEFD com a formação de um cidadão adequado aos parâmetros do projeto do Estado Novo, do que com a formação profissional em si. Ou uma identificação entre a formação profissional e a formação de um cidadão segundo esses parâmetros. Considero que esses desfiles, sem dúvida, eram também uma forma de demonstrar, principalmente aos dirigentes do Estado Novo, que a Escola estava atuando em consonância com suas propostas. É interessante observar que, segundo a percepção de Quitete, os alunos em geral gostavam muito dessas paradas e desfiles, normalmente não reclamando da obrigatoriedade da participação e se empenhando ao máximo em realizá-la com grande garbo<sup>62</sup>. Possivelmente, isso tenha ligação com o papel de destaque que ocupavam perante a população como um todo, sempre presente e empolgada nesses desfiles.

Não é surpreendente, então, com uma estrutura tão militarizada, que o boletim escolar do dia 28 de novembro de 1939, seja dedicado a uma crítica contundente a *Intentona Comunista*<sup>63</sup>, no intuito de

*"...avivar no espírito dos elementos da ENEFD o dever que nos corre de estarmos atentos contra os que pretendem, por falsos juízos, alterar a marcha de nossa civilização, integrando-nos em sistema políticos que são contrários às nossas tradições históricas, às nossas tendências psicológicas, e, em suma, aos interesses mais imediatos da nação"*(*ibid*, p.20).

Todos os entrevistados, em momentos e graus de compreensão diferentes, explicitam a percepção de que esse caráter militar tinha ligação com as relações de Getúlio Vargas com a Escola. Essa relação trazia prestígio para a ENEFD, refletido de alguma forma

---

<sup>62</sup>. De qualquer forma, sua participação era obrigatória. Ao recomendar que não houvesse faltas a cerimônia comemorativa do Dia da Bandeira de 1939, Rolim coloca que "...temos o dever de mostrar publicamente que não somos indiferentes às demonstrações de culto fervoroso a pátria...devemos ser os primeiros, como candidatos a guia da mocidade, na formação de sua mentalidade patriótica..."(*op.cit.*, p.18)

<sup>63</sup>. Nesse dia era comemorado quatro anos da vitória governamental sobre essa tentativa frustrada de revolução com cunho comunista.

nas constantes visitas de ministros e autoridades governamentais, nacionais e estrangeiras, bem como nos constantes convites para participação em eventos organizados pela Presidência da República. Concordam também os entrevistados que a ENEFD foi utilizada por Vargas para suas pretensões e seus projetos, mas Paulo Emmanuel da Hora Matta<sup>64</sup> e Quitete acreditam que esse processo tenha trazido inúmeros benefícios, não só para a Escola, como também para a educação física brasileira.

O depoimento de Quitete foi o mais significativo na abordagem desse período inicial da ENEFD, já que ela teve a oportunidade de viver diretamente como aluna esse momento. É interessante observar as diferenças flagrantes entre algumas de suas posições, internamente bastante contraditórias, com as opiniões de outros entrevistados, o que muitas vezes a levou a se justificar com frases do tipo 'aceito meu conservadorismo'. Para Quitete, por exemplo, a disciplina exigida era muito grande, sendo, no entanto, possível identificar contestações, 'pequenas indisciplinas'.

*"..Quando entrava naquela disciplina, e o próprio adolescente já é contestador, o que ocorria? Você reagia. Eu reagi muito.  
-Havia muita indisciplina, professora, muitos choques?(Victor)  
- Olha não sei se nós tínhamos muita indisciplina, mas nós também reagíamos, nós também criticávamos".*

Possivelmente essas 'indisciplinas' eram pequenos descontentamentos, pequenas reações individuais para com uma estrutura que incomodava pelo excesso de militarização<sup>65</sup>. Quitete, no entanto, não considera que *a priori* essa forte hierarquia fosse condenável. Na verdade, chega a se colocar a favor e a acreditar que era necessária em uma escola que abarcava as mais diferentes formações, as mais diferentes faixas etárias e algumas inovações para a sociedade da época, como mulheres andando de calção e calção de banho.

---

<sup>64</sup>. A partir de agora, nesse capítulo, toda vez que utilizar o depoimento de Paulo Emmanuel da Hora Matta, o farei utilizando seu último nome (Matta) e sem especificar data e página, já que esse depoimento se encontra na íntegra no anexo I desse estudo.

<sup>65</sup>. Eram constantes, nos boletins escolares diários, os alertas à necessidade de retomar a disciplina no interior da Escola. Alguns fatos eram privilegiados nos sermões, como quando estudantes eram pegos 'colando', prática expurgada pela direção.

*"Olha, nós questionávamos em termos...Eu acho que ainda havia um grande respeito. Porque foram valores que foram passados, que eram muito da época, não é? Você vê uma linha de pessoas, pois andávamos de maiôs para nadar e calção para fazer esporte. Naquela época isso já era uma coisa avançada, vamos dizer. Então isso era uma coisa que podia criar determinadas coisas, de rigidez de disciplina e tudo, porque talvez se não colocássemos, será que não íamos exagerar, extrapolar?"*

A posição internalizada de respeito e admiração de Quitete, que a meu ver explicita em grande parte as relações na ENEFD da época, pode ser também percebida em sua admiração por Rolim, apontado por ela como um dos professores que mais a marcaram, principalmente pelo caráter. Nada incomum em uma época onde o caráter, segundo os padrões apontados, era bastante valorizado. Diz Quitete que tal professor, a despeito da estrutura hierárquica consistente, permitia o diálogo e estava sempre preocupado com o bem estar do corpo discente, chegando a fazer concessões pessoais para isso. Na verdade, é difícil entender o que seria o 'diálogo permitido' e as 'concessões pessoais' em uma estrutura tão rigidamente organizada, mas com certeza esses parâmetros não devem ser similares aos dias atuais.

É importante reconhecer que a própria estrutura da Escola era potencialmente diferente de outras Escolas da Universidade do Brasil. Isso é, todas as estruturas universitárias estavam a sofrer influências do regime governamental de exceção em vigor, mas na ENEFD essa influência era destacadamente forte, contribuindo ainda mais para torná-la completamente diferente das outras escolas e faculdades dessa Universidade. Suas diferenças não se limitavam, entretanto, a essa influência. Seus cursos eram realizados em apenas um ou dois anos, ao contrário dos demais, realizados em no mínimo três, peculiaridade somente modificada em 1945, pelo Decreto-Lei 8270, a partir de importante atuação de Antônio Pereira Lyra, diretor da ENEFD na ocasião. Também somente era exigido para ingresso na ENEFD o curso *secundário fundamental*, enquanto para as outras escolas e faculdades, como por exemplo a Faculdade Nacional de Filosofia, o *secundário complementar* se fazia necessário para ingresso. Isso, além de trazer para o contexto da Universidade e da ENEFD jovens adolescentes extremamente novos, criava um interessante contrasenso, pois permitia que um curso superior tivesse exigências inadequadas, mesmo dentro do contexto da época. Somente a partir da 'lei de equivalência' (BRASIL, Lei 1821,

de 12 de março de 1953), o segundo ciclo médio passaria a ser exigido aos ingressantes em todos os níveis superiores, além da exigência da prestação de exames vestibulares (FARIA JÚNIOR, *op.cit.*).

A ENEFD nem mesmo tinha sede própria, dividindo suas atividades entre salas emprestadas no Instituto Nacional de Surdos, onde funcionava a estrutura administrativa e eram ministradas as aulas teóricas; e as dependências do Fluminense Futebol Clube, na época um dos clubes brasileiros com maior infra-estrutura desportiva, onde funcionavam as aulas práticas. Essa distância causava certo transtorno aos alunos, que despendiam grande tempo na transição entre uma dependência e outra, além de contribuir para a desconexão da Escola do contexto universitário.

Ignácio levanta que um dos motivos que levou a Escola ao Instituto Nacional de Surdos foi a grande amizade de Armando Paiva Lacerda, diretor do Instituto, com Rolim, primeiro diretor da ENEFD. É possível que isso tenha sido de grande importância por oferecer a Escola um local para começar a funcionar. Já o empréstimo do Fluminense deve ter se dado pelas ligações de figuras influentes desse clube com membros do governo. A construção e ampliação de grande parte de sua sede na rua Álvaro Chaves, bairro de Laranjeiras, foi executada com doações e empréstimos, depois não sanados, do Governo Federal. Afirma Adolpho Schermann (*op.cit.*):

*"A colaboração do Fluminense com os poderes públicos, em se assinala com destaque nas mais diversas oportunidades pela nobreza de seus objetivos. Citemos, como exemplo, a cessão de suas modelares instalações para o funcionamento da Escola Nacional de Educação Física e Desportos e para competições militares"*(p.436).

Nessa cessão, além de '*nobreza de objetivos*', a meu ver também se encontrava uma *nobreza* muito ligada a necessidade de manter a proximidade com o poder e contando com seus favorecimentos<sup>66</sup>. Alguns dos fundadores da ENEFD, como Antônio Pereira Lyra, também se encontravam entre os que tinham alguma ligação com o Fluminense Futebol Clube, o que pode ter ajudado na cessão de suas instalações.

---

<sup>66</sup>. Encontrei outra referência a realização das aulas da ENEFD no Fluminense na Revista 'Educação Física' número 47, de outubro de 40: "...É mais uma prova do conceito que goza o tricolor perante nossas autoridades públicas" (p.52).

Com todas as precariedades e diferenças nesses primeiros momentos, como teriam sido escolhidos os primeiros professores? Uma das preocupações que tive foi observar as posições dos entrevistados no que se refere ao processo de montagem das primeiras grades curriculares e escolha dos respectivos professores, pretendendo identificar se houve uma possível lógica que determinasse os convites realizados. Parece-me que a experiência de outras escolas e a adaptação e influência de professores que a algum tempo vinham se envolvendo com a educação física no Brasil foram determinantes nesse processo, mas não se pode aí dispensar a proximidade do poder e o tráfico de influência como elemento importante para a escolha, que pode inclusive ter sido elemento exclusivo na criação de alguma disciplina de e/ou realização de algum convite para a docência. Não se pode também negar que o destaque na área desportiva pode ter sido levado em conta. De qualquer forma, Waldemar Areno afirma que: "...*embora pareça inacreditável para a época, fomos solicitados e nomeados sem a influência nefasta das influências políticas ou partidárias* (1947, p.17).

Na composição e apresentação das disciplinas, parece ficar claro que os entrevistados percebem uma clara separação entre disciplinas *práticas*, onde policiais (da Polícia Especial), militares, ex-militares e atletas de renome na época assumiram; e as *teóricas*, normalmente conduzidas por médicos. Quitete, embora afirme não ter conhecimento do processo de montagem da grade curricular, não se furta a comentar que os professores eram conhecidos como da '*prática*' ou da '*teórica*', acreditando que na ocasião a prática era mais exaltada. Para Faria Júnior desde o início ficaram convencionados os '*feudos médicos*', disciplinas onde ninguém que deixasse de ter tal formação conseguia ministrar. Nas outras disciplinas, no entanto, isso não era observado, existindo exemplos de médicos, como Cássio Rothier do Amaral, que era professor de ginástica, uma disciplina *prática*, ou como Aloísio Aciolly, professor de História e Organização da Educação Física, uma disciplina não ligada a área biomédica.

Com todos os problemas e críticas que se possam fazer à fundação da ENEFD e a sua atuação nesses primeiros instantes, como a centralização nacional da formação profissional a partir de um modelo único; a sua desvinculação das outras licenciaturas, aglutinadas em torno da Faculdade Nacional de Filosofia; ao caráter eminentemente técnico da formação, em detrimento a preocupação com a formação do

professor; inegavelmente essa instituição teve grande importância para a educação física nacional na época.

Sua criação foi fundamental por favorecer a possibilidade de reconhecimento da educação física enquanto disciplina acadêmica, trazendo suas discussões para o seio da universidade, adquirindo os hábitos e a lógica universitária e permitindo aos seus alunos o contato com o mundo acadêmico. Penso que a ascendente influência do ambiente universitário na Escola foi de grande importância para um futuro redimensionamento e reorientação de suas ações. Além disso, a Universidade contribuiu para que a ENEFD pudesse cumprir sua função *de escola padrão, nacional*. A estrutura universitária parece ter sido valiosa para respaldar esse processo futuro.

Embora essa aproximação fosse inicialmente tímida, com o decorrer do tempo, a partir das diversas modificações pelas quais passaria a Escola, esse processo de aproximação se acirraria e cada vez mais a ENEFD buscava se afirmar enquanto uma instituição que fazia parte da estrutura da Universidade do Brasil. Existiriam, no entanto, resistências para com a ENEFD no contexto universitário e/ou na própria sociedade?

Um caminho para responder essa questão pode estar na própria história de vida dos entrevistados. Como esses chegaram até a ENEFD? Quais tipos de resistência sofreram? Quitete era de uma família tradicional de professores que embora não tivessem ligação direta com a docência e prática de exercícios físicos, reconheciam sua importância no contexto educacional. Assim, sua família não se opôs a sua escolha, apoiando-a em todos os momentos. Afirma que não conseguia perceber que os colegas tivessem problemas com suas famílias, embora a ENEFD tivesse uma estrutura avançada para as mulheres da época, o que ocasionava algum preconceito para com as alunas da ENEFD.

*"-Quando a senhora cursou existia alguma espécie de preconceito da sociedade para com a mulher fazendo curso?(Victor)*

*-Existia sim. Existia e, isso eu volto a falar no major Rolim, ele procurava quebrar isso. Exatamente as moças mais educadas, de família, iam para as escolas de freiras, coisas assim mais tradicionais. E praticar esporte, colocar calção, isso era uma coisa muito avançada, que criava dificuldade. Não da minha família. Não da minha família, graças a Deus eu não tive esse problema".*

Penso que sua posição pode conduzir a algumas reflexões. Mesmo afirmando que não percebia resistências entre seus colegas, Quitete deixa claro que as moças sentiam uma forte resistência social. A não percepção das resistências dos familiares, talvez esteja ligada a uma apreensão considerada fundamentalmente a partir de sua realidade, o que a aglutinou em torno de pessoas que não possuíam esse problema, impedindo-a de perceber movimentos contrários. Mas também pode demonstrar que em sua época, devido ao forte prestígio da ENEFD junto as estruturas governamentais, esse preconceito estivesse adormecido. Não podemos esquecer que em geral o projeto de Vargas logrou grande penetração entre as massas e mesmo entre os intelectuais. Assim, penso ser possível que esse contexto de alguma forma estivessem a 'tornar aceitável' um profissional dedicado, mesmo que fosse uma mulher, *somente às questões ligadas ao corpo*.

Os outros entrevistados tem posições e percepções dispares e mais contundentes no que se refere a resistências familiares. Matta já vinha desde seu colegial, no Colégio Estadual da Bahia, tendo contato com experiências ligadas a educação física/desporto. Naquela ocasião foi técnico de voleibol da equipe feminina desse colégio. Afirma ter sofrido grande influência dos professores de educação física, que o fizeram perceber e refletir acerca de seu dom, sua vocação para educador. Quando já cursava advocacia, na Faculdade de Direito de Salvador, tomou conhecimento do oferecimento de bolsas para cursar a ENEFD. Participou de todo o processo de seleção escondido da família, que não aceitaria a troca de uma profissão de respeito e aceitabilidade, por outra de menor importância. Ao ser aprovado e ao deslocar-se para o Rio de Janeiro teve que fazê-lo contra as determinações de sua família, o que lhe obrigou a não mais contar com os recursos financeiros, passando a sobreviver da bolsa de estudos oferecida pela ENEFD aos que vinham de outro Estado. A mãe aceitou mais rápido, já o pai somente bem mais tarde quis saber algo sobre sua profissão, quando Matta já era técnico da seleção brasileira de voleibol. Matta afirma que seu exemplo não era único na ENEFD. Muitos colegas de turma sofreram resistências semelhante, alguns até vindo a desistir ou a cursar outras faculdades.

*" -Mais em geral era assim? Os outros colegas manifestavam isso?(Victor)*

*- Em geral era assim. Grande parte dos colegas, a não ser aqueles de origem mais humilde, eles vieram, foram fazer educação física sofrendo uma discriminação e pressão muito forte familiar para que eles fizessem outras áreas nobres e não educação física".*

Essa afirmação de Matta lança uma curiosa observação. As famílias da classe trabalhadora aceitavam melhor seus filhos cursando educação física, enquanto os mais abastados, caso inclusive de Matta, cuja família era proprietária de fazendas de cacau na Bahia, resistiam mais enfaticamente. É bom lembrar que não era das mais comuns a presença de indivíduos das classes menos privilegiadas economicamente nas universidades, ao contrário dos indivíduos das classes mais abastadas. Isso pode guardar certa relação com a maior aceitabilidade por parte de elementos dessa classe econômica, já que cursar uma faculdade, mesmo que fosse de educação física, era uma grande vitória para os menos abastados. Também não podemos desconsiderar as resistências existentes na sociedade burguesa brasileira ao *trabalho manual*, prática destinada aos menos favorecidos, que inclusive determinou grandes resistências a introdução da educação física nos colégios.

A história de Faria Júnior é bastante semelhante. Tendo cursado seu segundo grau no tradicional Colégio Militar do Rio de Janeiro, ingressou em seguida na Escola de Aeronáutica. Assim como Matta, Faria Júnior já vinha tendo diversas experiências ligadas a educação física/desporto, seja como atleta e técnico de natação, desporto ao qual viria a se dedicar por bom tempo, ou professor de jiu-jitsu em uma academia do Rio de Janeiro. Em seu círculo de relações encontravam-se alunos e ex-alunos da ENEFD que lhe falavam sobre a estrutura e as experiências vividas naquela Escola. Desligando-se da Escola de Aeronáutica, inscreveu-se no curso pré-vestibular mantido na época pelo Diretório Acadêmico da ENEFD, preparatório para o ingresso nessa instituição, também sem o conhecimento da família.

Aprovado no vestibular, as reações familiares também não foram as melhores, principalmente por parte da família da mãe. Uma das tias afirmava que teria um sobrinho estudando para ser juiz de boxe. É interessante observar que o imaginário de muitas pessoas da época poderiam estar orientado em sentidos semelhantes. O pai, embora não o apoiasse, evitou pressões maiores, reconhecendo seu direito de escolha.

Também em sua época na Escola muitos colegas sofriam pressão de seus familiares. Faria Júnior acredita que essa resistência estava diretamente ligada ao processo de estratificação profissional urgente na ocasião, onde poucas profissões eram reconhecidas e prestigiadas, fundamentalmente a Medicina, a Engenharia, o Direito e a carreira militar. Outras profissões também davam seus primeiros passos e sofriam resistências similares,

como Psicologia e Sociologia. A própria Universidade valorizava mais determinadas disciplinas. Além disso, percebe que a ENEFD era completamente dissociada dos contextos das licenciaturas, seguindo currículo, legislação, parâmetros totalmente diferenciados, o que a transformava em uma ilha dentro da Universidade do Brasil, aumentando o desconhecimento para com as especificidades da formação.

Faria Júnior, então, embora sofrendo resistências como Matta, parece ter sentido menos suas conseqüências, pelo menos no que se refere ao apoio financeiro da família, complementando os primeiros ganhos com a profissão já no primeiro ano. Devem-se guardar as devidas proporções, obviamente as famílias não são as mesmas e possuem características diferentes, mas essa mudança pode apontar uma avanço na visão e na quebra das resistências e discriminações para com a profissão de professor de educação física. Um avanço obtido a partir das próprias mudanças executadas no interior da ENEFD, diferenças já sensivelmente perceptíveis, ver-se-a a seguir, ao se observar os períodos em que Matta e Faria Júnior estiveram como estudantes. Um avanço vagaroso, que não estará completo mesmo no dias de hoje, onde ainda podemos assistir muitas manifestações de resistência dessa natureza.

Dessa maneira a ENEFD enfrentou seus primeiros momentos. Os militares ocupando um lugar central em sua estrutura acabavam por torná-la contraditoriamente uma escola civil com características extremamente militarizadas. Ainda assim não se pode negar sua importância na estruturação de uma Escola que se apresentava com uma grande 'ilha' no contexto da Universidade do Brasil, isolada não somente oficialmente, legalmente, mas também devido as características de sua formação e ao forte reflexo da influência do Estado Novo em sua estrutura, o que a tornava completamente dispare das outras faculdades. Paulatinamente, no entanto, substanciais modificações iriam ocorrer e seu papel sensivelmente se modificaria a partir de um dado extremamente importante: a ação central e crescente influência dos médicos, assunto a ser abordado aprofundadamente no próximo capítulo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABREU, Eduardo Augusto Pereira. *Estudos Higiênicos sobre educação física, moral e intelectual e moral do soldado*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1847.
2. ARENO, Waldemar. Profissão de fé. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.2, jun.1946, p.9-16.
3. -----, Limiar da esperança - Aula inaugural de 1946. *Revista Brasileira de Educação Física*, Rio de Janeiro, n.29, jul./ago. 1946, p.3-5.
4. ARAÚJO, Paulo. Desenvolvimento da Educação física mundial no último quinquênio. *Boletim de Educação física*, Rio de Janeiro, n.10, agosto de 1944, p.31-72.
5. BETTI, Mauro. *Educação física e Sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
6. BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: DEF/MES, 1941-1954.
7. BONORINO, Laurentino Lopes et al. *Histórico da Educação física*. Vitória: Imprensa Oficial, 1930.
8. BRASIL. Lei nº 378 de 13 de janeiro de 1937.
9. -----, Decreto-Lei nº 1212 de 17 de abril de 1939.
10. -----, Lei n.1821 de 12 de maio de 1953.
11. CABRAL, Elza Borghi de Almeida. O homem novo no Estado Novo. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de, FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de (orgs). *Fundamentos Pedagógicos da Educação Física - 2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
12. CAMARA, Hely F., ANDRADE, Euclides. *A Força Pública de São Paulo - esboço histórico*. São Paulo: [s. n.], 1931.
13. CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. *A educação física no Estado Novo: história e doutrina*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
14. CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.
15. COSTA, Lamartine Pereira da. *Diagnóstico da Educação Física/ Desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1971.
16. EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, n.9, abr.1937.
17. -----, Rio de Janeiro, n.47, out.1940

18. ----- . Rio de Janeiro, n.68, set.1942.
19. ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS. *Regimento Interno*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1941.
20. FARIA Júnior. Alfredo Gomes de. Professor de Educação física, licenciado generalista. *In:OLIVEIRA, Vitor Marinho de, FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de (orgs.). Fundamentos Pedagógicos da Educação Física -2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
21. ----- . Perspectivas na formação profissional em educação física. *In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.
22. FERRAZ, Arison. *Fragments da história da tropa de Piratininga*. São Paulo: [s.n],1942.
23. GEBARA, Ademir. Perspectivas (na história) para o século XXI. *In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.
24. HIGGINS, Arthur. *Compêndio de gymnástica e jogos escolares*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1896.
25. ----- . *Manual de gymnástica higiênica para uso sem necessidade de professor*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1902.
26. JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1873.
27. ----- . Rio de Janeiro, 23 de abril de 1879.
28. LENK, Maria. *Braçadas e abraços*. Rio de Janeiro: grupo Atlântica Boavista, 1982.
29. LYRA, Antônio Pereira. Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 1, out. 1945, p.101-127.
30. MANUAL DA ARTE DE NADAR. Rio de Janeiro:Laemert, 1881.
31. MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação física e Desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: DEF-MES, 1952.
32. ----- . *Sistemas e Métodos de Educação Física*. Rio de Janeiro: Companhia Brasil Editora, s/d.
- 33.MELO, Victor Andrade de. *Alberto Latorre de Faria e a Educação física brasileira - uma biografia autorizada*. Memória de Licenciatura. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

34. ----- . Primórdios da Educação Física escola brasileira - urna revisão inicial da literatura. Anais do I Congresso Nacional de Ensino Fundamental. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1995.
35. NASCIMENTO, Domingos. *Homem forte, gymnástica doméstica, natação, esgrima, tiro ao alvo*. Curitiba: [s.n.], 1905.
36. PAGNI, Pedro. *Fernando Azevedo- educador do corpo*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontificia Universidade Católica, 1994.
37. PEREGRINO JÚNIOR, João. Sentidos e objetivos da educação física. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set.1949, p.7-14.
38. PESSOA, Roberto. Escola Nacional de Educação Física e Desportos. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE - SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO. *Cursos e Conferências*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1944.
39. RAMOS, Jair Jordão. *Os exercicios físicos na história e na arte*. São Paulo: IBRASA, 1982.
40. RENAULT, Delso. *O dia a dia do Rio de Janeiro segundo os jornais- 1870-1879*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1982.
41. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro, n.14, jul.1945.
42. REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro, n.37, dez.1937
- 43.----- . Rio de Janeiro, n.46, out.1939
- 44.----- . Rio de Janeiro, n.49, nov.1941
- 45.----- . Rio de Janeiro, n.53, jun.1942
- 46.ROLIM, Inácio Freitas. *Probidade e Civismo: 1939-1942*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1943.
47. SCHERMANN, Adolpho. *Os desportos em todo mundo*.Rio de Janeiro: A.A.B.B., 1954.
48. SOARES, Carmem Lúcia. *Educação física-raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.
49. WEBER, Ernest. *Sports Athlétiques*. Paris: [s.n.], 1905.
- 50.----- . *Sports Athléticos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

## CAPÍTULO 2

### ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS: O AUGUE DE SUA ATUAÇÃO E O PAPEL CENTRAL DOS MÉDICOS

Esse capítulo tem por objetivo apresentar a história da Escola Nacional de Educação Física e Desportos a partir do momento em que médicos assumem a sua direção e passam mais diretamente a influenciar os seus rumos. Argumenta-se que a partir disso a ENEFD muda completamente seu foco de atuação e suas preocupações, sendo também nesse período que atingiu o auge de sua atuação no cenário da educação física nacional.

Na verdade, é a partir de meados da década de 40 que começa a Escola a entrar em um segundo momento de sua existência, a partir das mudanças das relações de poder em seu interior. A mudança no cenário nacional, com o fim do regime de exceção imposto por Getúlio Vargas, com certeza teve alguma influência nessa mudança, mas penso não ter sido o elemento determinante. Não podemos esquecer que o fim desse regime não significou exatamente uma ruptura, mas antes uma distensão e aperfeiçoamento das suas características populistas e uma continuidade da influência de Vargas, eleito senador pelo Estado do Rio Grande do Sul. Sua atuação na campanha presidencial de 1945 foi primordial para a eleição de um candidato que inicialmente não entusiasmara, chegando mesmo a pensar em abandonar a candidatura. O presidente eleito, Eurico Gaspar Dutra, tinha ligações diretas com o governo anterior (ele fora Ministro da Guerra). A máquina política montada pelo Estado Novo mostrava-se eficiente, e seria responsável, junto com o carisma e identificação com as classes populares, pelo retorno de Getúlio Vargas à presidência, em 1951, desta feita eleito diretamente.

Embora reconheça a importância nas mudanças do quadro nacional, penso que focalizando o interior e as especificidades da ENEFD podemos captar e compreender melhor seu desenvolvimento, percebendo importantes modificações em sua estrutura. Isto é, creio que análises feitas exclusivamente a partir do momento sócio-político-econômico brasileiro em geral podem mascarar outros significados dos acontecimentos no interior da ENEFD, possíveis também de serem compreendidos dentro da dinâmica interna que os ocasionaram. No interior da ENEFD, indícios de mudanças podem ser claramente

percebidos a partir do momento em que os médicos passaram a assumir a direção e começaram a mais diretamente influenciar em seus rumos.

Para refletir sobre essas mudanças, optei por selecionar a greve dos estudantes da ENEFD de 1956/57 como eixo central que me permitirá tecer observações e considerações. Penso que essa greve foi um dos acontecimentos interessantes e importantes desse período. Que terá significado uma greve de estudantes de educação física em meados da década de 50? Que relações teria com o momento pelo qual passava a educação física no país? Será que seus significados somente referem-se a uma 'simples' reivindicação de estudantes ou tem significado maiores e pode contribuir para possibilitar uma síntese mais rica de múltiplas compreensões históricas? Creio que a consideração desse fato, que foge dos padrões tradicionais de consideração histórica em nossa área, por se referir a uma organização e realização de estudantes, indivíduos que na história da educação física no Brasil raramente foram abordados, pode nos trazer novos elementos e indicadores que contribuam no redimensionar e repensar das estruturas da educação física da época.

Através desse acontecimento, então, creio ser possível resgatar grande parte das transformações que ocorreram na ENEFD nesse período, explicitando também possíveis significados para o movimento estudantil em educação física, para a profissão de professor de educação física, enfim para a educação física nacional.

A greve de 1956/57 parece ter certa relação com os movimentos de poder e as modificações estruturais da ENEFD, perceptíveis a partir da década de 40. A ENEFD sofreu um forte mudança no seu eixo de poder com a saída paulatina dos militares, inclusive dos órgãos de direção<sup>67</sup>, e a ascensão dos médicos. Com os médicos na direção e comando dos caminhos, a Escola progressivamente muda sua estrutura e sua forma de agir, assumindo outro papel no cenário nacional.

Até Antônio Pereira Lyra todos os diretores tinham sido diretamente escolhidos em primeira instância pelo Presidente da República, que para isso se valia do artigo 50 do Decreto-Lei 1212 (*op.cit.*)<sup>68</sup>. Nesses sete anos iniciais, embora a ENEFD tenha sido dirigida por militares indicados, houve movimentos reivindicatórios para a eleição do diretor através da lista triplíce da Congregação. E isso ocorreu em 1946, sendo eleito e

---

<sup>67</sup>. Os quatro primeiros diretores da Escola, entre os anos de 1939 e 1946, foram militares do Exército: Inácio Freitas Rolim, Hermilio Ferreira, Roberto de Pessoa e Antônio Pereira Lyra.

<sup>68</sup>. Esse artigo permitia ao Presidente da República, nos primeiros cinco anos, indicar funcionário para exercer qualquer cargo ou função na ENEFD.

conduzido ao cargo o médico Carlos Sanchez de Queiroz. Waldemar Areno, também médico, saúda a posse de Queiroz, em 1947, afirmando que a Escola passaria a viver uma nova fase.

*"Hoje vivemos esse prazer e essa euforia peculiares aos que conseguem um objetivo, aos que legalmente conquistam um direito, dentro do senso e da razão. Toma posse o primeiro diretor indicado pela Congregação e nomeado pelo magnífico reitor da Universidade; entra assim a Escola na sua fase de emancipação administrativa" (1947, p.17).*

O discurso de posse de Queiroz é ainda mais incisivo no que se refere a percepção de uma nova fase para a ENEFD:

*" Por isso, a ENEFD pretende se caracterizar antes por uma consciência educacional, elevada e esclarecida, do que pelas formas de trabalho que são atributos externos...No momento a Escola Nacional de Educação Física e Desportos tomou consciência de si mesma e cada um de nós tomou responsável por seu destino" (1947, p.19).*

Embora os médicos possam ser considerados elementos centrais e uma marca nesse processo de mudança, penso que não se pode considerá-los estritamente como agentes da ruptura. Percebem-se, fundamentalmente, maiores preocupações com o embasamento científico e com a qualidade da formação profissional, do que as anteriores preocupações com os desfiles cívicos e demonstrações militarizadas de '*civismo e amor a pátria*'. Mas isso não quer dizer que instantaneamente se tenham percebido posturas filosóficas completamente diferentes, mudanças somente perceptíveis no decorrer do tempo. Mesmo alguns dos avanços efetivados quando estavam os médicos na direção, podem ser observados anteriormente, sendo, no entanto, iniciativas isoladas, sem uma organicidade maior<sup>69</sup>. Penso que a grande mudança com os médicos se deu com o surgimento de preocupações maiores no sentido de efetivar a ENEFD como a *escola padrão*, responsável por desenvolver, direcionar e uniformizar a formação na educação física no Brasil.

Não se pode desconsiderar o papel de Antônio Pereira Lyra, responsável pelos primeiros impulsos de importantes modificações que estariam para surgir. Partiram de Lyra,

---

<sup>69</sup>. Por exemplo, as primeiras iniciativas de pesquisa são observadas em 1940, sem, no entanto, mobilizarem a ENEFD como um todo, não serem privilegiadas e nem mesmo efetivadas (BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1941).

por exemplo, as primeiras sugestões de modificações na estrutura curricular e nos regimentos da ENEFD. Entre as modificações mais importantes, contempladas pelo Decreto-Lei 8270, estão a passagem da duração do curso de dois para três anos e a extinção do limite de idade de 40 anos para professor catedrático, com o argumento que a parte prática das aulas seria realizada pelos assistentes.

De grande importância, por influenciar as opiniões de Lyra, foi uma viagem que realizou em 1944, com Alfredo Colombo, para conhecer a educação física no Uruguai e na Argentina. Envolvido com a organização da escola de formação desses países, Lyra propõe ao retornar uma série de modificações para a Escola, algumas bastante curiosas, como a difusão da prática do excursionismo<sup>70</sup>, a adoção do regime de internato e a proposta de formação de especialistas militares. Mas outras de grande importância futura: a criação de novas disciplinas, como recreação e jogos<sup>71</sup>; a criação de centros de aplicação para os estudantes, somente efetivados na década de 70; e fundamentalmente a solicitação de uma sede própria, sugerindo a divisão de espaço na Praia Vermelha com o Colégio Pedro II, que inicialmente para lá iria por determinação anterior de Gustavo Capanema, Ministro da Educação. Também surgiram as primeiras críticas a utilização exclusiva do Método Francês e sugestões de prestígio ao Diretório Acadêmico, mais diretamente propostas por Colombo.

*"Isso tudo nos convenceu ainda mais da necessidade de prestigiar os Diretórios Acadêmicos, prevendo no horário, dias para as suas reuniões, que orientadas a exemplo do que ocorre na Argentina são tão ou mais importantes que as demais aulas"*(COLOMBO, 1945, p.24).

Esse horário nunca chegou a ser efetivado, mas tal iniciativa pode significar uma mudança de consideração para com o Diretório Acadêmico e um marco inicial da mudança de sua função na estrutura da ENEFD. Há que se perceber que o Diretório Acadêmico foi uma das estruturas que teve maiores modificações na ENEFD. A primeira diretoria do Diretório Acadêmico foi montada em 1940, por iniciativa direta de Rolim, mas só é possível perceber melhor seus significados e funções para a Escola com o primeiro

<sup>70</sup>. A ENEFD chegou a organizar muitas excursões, sendo a primeira em 1945, com apoio do Exército e do Centro de Excursionismo Brasileiro.

<sup>71</sup>. A ENEFD nunca teve disciplinas diretamente ligadas a recreação e jogos, mas algumas de suas disciplinas desenvolviam alguns desses conteúdos em seu interior, além da constante realização de cursos de extensão.

regimento interno, em 1943. Naquele regimento, grande parte é dedicada aos discentes e a suas possibilidades de associação.

O artigo 122 oportunizava a organização de associações do corpo discente, que teriam os objetivos de desenvolver o convívio social e as relações com os estudantes de outras escolas e faculdades da Universidade do Brasil. Mais a frente, no entanto, esse mesmo regimento alertava que os alunos poderiam ser punidos com penas que iam de advertência até expulsão da Escola, passando por suspensões progressivas. Para isso bastava que desrespeitassem o diretor ou qualquer membro do corpo docente, desobedecessem os mesmos ou perturbassem a ordem da Escola. Esse tipo de punição, no contexto da época, podia ser interpretada como qualquer forma de reivindicação ou descontentamento mais exacerbado. A representação dos estudantes nascia assim com suas possibilidades reduzidas.

Essa atitude era plenamente referendada pelo título VII do Regimento, que tratava do corpo discente. Nesse título, um sub-título era dedicado exclusivamente ao Diretório Acadêmico, onde é claramente perceptível uma forte interferência da direção e do corpo docente. O sub-título determina, entre outras coisas, o número de estudantes na diretoria (10 estudantes, necessariamente dois de cada curso), que as reuniões do Diretório teriam que obrigatoriamente ser dirigidas por um docente, e, ainda assim, suas decisões seriam submetidas ao Conselho Administrativo. O artigo 132 ainda previa que

*"Artigo 132- O Diretório Acadêmico que, depois de advertido, insistir na prática de atos infrigentes das leis universitárias, ou do próprio estatuto, e bem assim o que não cumprir as decisões do conselho universitário, será dissolvido pelo Reitor, convocando o diretor da Escola imediatamente novas eleições"*

De qualquer forma, mesmo sendo bastante conservador no que se refere a participação dos estudantes, só o reconhecimento da possibilidade de participação e organização dos estudantes pode significar um avanço, embora não se possa desconsiderar possíveis objetivos de controle dos estudantes nesse processo. Outros avanços para os estudantes eram a previsão de sua participação nos 'Arquivos da ENEFD', periódico futuro da Escola, e o estímulo a sua participação em pesquisas, somente futuramente efetivada.

Enfim, penso que a grande contribuição de Lyra foi sua latente preocupação com iniciativas que viessem a legitimar a ENEFD enquanto *escola padrão*, um grande estímulo para que modificações futuras fossem encaminhadas e efetivadas.

*"...pois o decreto-lei 1212 nos faculta, pedagogicamente, manter a unidade de doutrina em todo território nacional, e, em consequência, estamos entrando em ligação com as demais escolas congêneres do país, afim de que possam elas cooperar conosco nas pesquisas e experiências relativas aos novos processos de trabalho, atualmente em estudos na escola padrão do país, que é a Escola Nacional de Educação Física e Desportos"*(LYRA, 1945, p.7).

Uma das suas ações mais interessantes nesse sentido, por exemplo, foi a reunião que realizou com todas as escolas e cursos de formação de professores de educação física do país, exceto as escolas militares que não compareceram. Nessa reunião foi apresentado o método de educação física da ENEFD e todos o ratificaram como base de um ante-projeto do método eclético nacional.

É mesmo a partir da direção dos médicos que se tornam mais observáveis não só modificações cotidianas, como também de postura perante a ENEFD e a educação física. Por exemplo, a Escola com maior frequência passa a oferecer ou co-patrocinar cursos de especialização e extensão, estágios técnicos-pedagógicos, além de congressos científicos. Tais cursos e congressos, muitos realizados em convênio com órgãos governamentais, contavam com a presença de professores de todo o país, aumentando assim a influência e inserção da Escola no nível nacional.

*"Naquela época havia uma, vamos dizer, uma euforia muito grande de criação de cursos na Nacional. A Nacional estimulava muito a organização, então tinham cursos de verão, cursos de extensão, os cursos de extensão eram muito importantes, tinham os cursos de aperfeiçoamento"* (FARIA JÚNIOR, comunicação pessoal, 1995).

Deve-se ressaltar a natureza diversa desses eventos, se comparados aos dias atuais. A estrutura dos congressos, por exemplo, era muito diferente.

*"Por exemplo, ninguém fazia perguntas. Você tinha um conferencista, o conferencista acabou todo mundo aplaudia e pausa para o café... os professores iam praticamente lá ouvir, não questionar os oradores, os professores convidados de fora(ibid)"*.

Esses conferencistas eram muitas vezes professores de outros países, convidados a apresentar um conhecimento mais atualizado, dada a elaboração e consolidação das discussões ligadas a educação física em seus países<sup>72</sup>.

*"Nós já recebíamos periodicamente professores do exterior, notadamente da Europa, que vinham fazer cursos na Escola, que eram reciclagens, atualizações, lançamentos de novos métodos, processos novos de educação física e que ocorriam na 'Nacional'..." (MATTA, comunicação pessoal, 1995).*

Não se pode rejeitar a importância dessa iniciativa, mas também não se pode negar que a aceitação sem uma crítica mais elaborada de propostas e informações trazidas de outros países, pode ter conduzido a uma aceitação desse saber enquanto verdade inquestionável e a adoção de tais referenciais sem uma preocupação maior de adaptabilidade as características e necessidades nacionais.

Muitos dos cursos oferecidos na ENEFD eram também ministrados, em parte ou completamente, por seus professores. Entre os muitos cursos alguns merecem ênfase pela organização, peculiaridade e/ou pioneirismo. Como os cursos de verão de natação, iniciativa da professora Maria Lenk no sentido de popularizar a natação, oferecido para crianças desde os 5 anos de idade, nas férias. No terceiro ano de sua realização, 1961, contou com cerca de 700 inscritos. Interessante observar que outras escolas de educação física mandavam alunos para fazerem estágios, como Raymundo Angelo Filho do Espírito Santo; e a partir desses cursos, muitos estudantes da ENEFD que participavam como estagiários organizavam cursos de natação nos clubes da cidade. Iniciativa semelhante ocorreu no mesmo ano com a organização do I Curso de Tênis, dirigido por Levy de Magalhães.

Merecem ênfase também o curso de extensão universitária 'Problemas atuais da educação física'(1954) e o Curso de especialização sobre recreação (1958). O primeiro contou com a participação de 300 pessoas, sendo realizado em oito conferências de grande relevância para as discussões da época: educação física no quadro histórico humano; educação física e desportos; educação física e profilaxia de distúrbios mentais; filosofia da

---

<sup>72</sup>. Exemplos dessas realizações: curso de aperfeiçoamento sobre recreação e jogos, pelo prof. Marcel Rodgers, com 98 inscritos(1957); dança moderna, por Martha Myers, 60 inscritos (1961); técnica e treinamento de atletismo, Carl Onsem (1961); judô feminino, Kimie Kihara, 30 inscritos(1961). Entre esses se destacavam os Estágios Internacionais de Educação Física, organizados em conjunto com a Divisão de Educação Física.

educação física; estresse e educação física; educação física e vida genital feminina; aspectos jurídicos e legais da educação física e desportos; e problemas urbanos dos modernos campos desportivos. O segundo, organizado por Inezil Penna Marinho, desenvolvido em 63 aulas, práticas e teóricas, contou com a participação de 61 inscritos. No entanto, somente foram aprovados nas verificações, na frequência e nos trabalhos, 21 dos inscritos.

É interessante observar que alguns cursos, não menos importantes, contavam com número reduzido de participantes, talvez por sua duração prolongada para os padrões da época ou pelo pioneirismo de suas discussões. Entre esses, o curso de extensão universitária 'Instruções de recuperadores', dirigido por Camilo Manoel Abud, com duração de um ano, contando com 9 inscritos; e o curso de extensão universitária 'Fatores emocionais que interferem na aprendizagem e conduta', por Yesis Amoedo Passarinho, com 17 participantes.

Os professores da ENEFD aumentam suas participações como palestrantes e conferencistas, em diversas instâncias e momentos. Por exemplo, palestras para um público leigo, não formado por profissionais da área, como a participação de João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior, professor de biometria, na Semana dos Servidores do Estado, onde falou sobre o 'Aperfeiçoamento físico do servidor do estado - educação física, fator de bem estar e eficiência' (1945). Foram observadas também tais participações em outras faculdades de educação física<sup>73</sup>, nas associações de profissionais da área<sup>74</sup>, nos órgãos governamentais ligados a área<sup>75</sup>, e até mesmo em outros países<sup>76</sup>, entre outras.

Os professores da ENEFD começaram também a comparecer em maior afluxo para eventos científicos e desportivos realizados no exterior. Em muitas dessas oportunidades aproveitavam para conhecer a organização da educação física nos países visitados e fazer contatos no sentido de estabelecer relações. Os médicos normalmente viajavam para Congressos e Simpósios, enquanto os professores de educação física participavam de estágios, campeonatos, competições e representações, determinadas vezes até mesmo como enviados oficiais dos órgãos governamentais, seja como técnicos de

---

<sup>73</sup>. Camilo Manoel Abud, professor de fisioterapia, pronunciou, por exemplo, uma conferência sobre 'Atitude e Cinesioterapia', na Escola de Educação Física de São Paulo, no ano de 1949.

<sup>74</sup>. 'Síntese pedagógica das atividades físicas rítmicas educacionais' foi uma conferência realizada pela professora de Rítmica, Maria Helena Pabst, na Associação de Professores de Educação Física do Distrito Federal, no dia 3 de novembro de 1948.

<sup>75</sup>. Por solicitação do Conselho Nacional de Desporto, Peregrino Júnior apresenta, em 1954, seu estudo 'Stress e exercício físico.

<sup>76</sup>. Peregrino Júnior apresentou no Instituto Nacional de Educação Física de Lisboa, em 1956, uma conferência denominada 'Glândulas internas e educação física'.

equipes, delegados e até como observadores responsáveis por futuramente contribuir no desenvolvimento do desporto nacional.

Já nesse momento eram perceptíveis as diferenças na concessão de autorização e verbas para as viagens, sendo privilegiados os médicos em suas opções (MATTA, comunicação pessoal, 1995). Uma análise nos Arquivos da ENEFD, onde o número de comunicados e relatórios de viagens de médicos é maior, aponta essa possibilidade. Não se deve, no entanto, abandonar a possibilidade dos professores de educação física não publicarem seus relatórios ou mesmo não se interessarem, tanto quanto os médicos, por viagens dessa natureza.

Ao voltarem dessas viagens era comum que os professores apresentassem sua experiência, em palestras ou artigos publicados nos Arquivos. Não era incomum os professores trazerem informações que tinham impacto direto sobre a Escola, novidades consideráveis para a ocasião. Como reflexo das decisões do II Congresso Panamericano de Educação Física, realizado em 1946 no México, Areno apresenta a necessidade de combate a eugenia e suas relações com a educação física, em um momento em que discursos dessa natureza ainda impregnavam a ENEFD, embora posições em contrário já existissem. Em 1949, Alfredo Colombo foi a Estocolmo participar da II Lingiada, evento mundial de ginástica, aproveita para passar na França, onde observa que o Método Francês estava em desuso, sendo utilizados outros métodos para a educação física.

Assim, esses pequenos exemplos ilustram como o aumento dessa participação teve grande influência e impacto na atualização dos conteúdos, bem como no aumento do número de pesquisas no interior da Escola, ainda na maioria desenvolvidas pelos médicos. Além disso, sem dúvida a publicação dos 'Arquivos da ENEFD', periódico oficial de divulgação da produção das pesquisas realizadas, foi de grande importância no estímulo a esses momentos iniciais de uma produção científica mais sistematizada na educação física brasileira.

Com isso, não estou a dizer que anteriormente não existissem iniciativas no sentido de desenvolver estudos e pesquisas em nossa área, mas a partir de então, observa-se uma preocupação metodológica maior, uma estruturação e organização que embora ainda inicial, mais se aproxima do que hoje costumamos cobrar e esperar de uma pesquisa científica. Ainda assim muitas teses e estudos da época hoje se comparariam a um estudo de

graduação, não tendo, no entanto, menor importância naquele contexto. De qualquer forma, Matta percebe que

*"Com o aparecimento e advento dos Arquivos...a linguagem foi melhorada. Se você for buscar as origens, você vai ver que os artigos foram ficando mais sofisticados a proporção que foram desenvolvendo".*

Embora publicados pela primeira vez em 1945, quando Antônio Pereira Lyra era o diretor da ENEFD, sua existência já fora prevista desde a criação da Escola<sup>77</sup>, assim como a função da ENEFD enquanto divulgadora de pesquisas. Mas a publicação dos Arquivos foi muito mais do que simplesmente uma medida de cumprimento legal, fazendo parte das ambições e desejos dos professores da ENEFD, tendo ligação direta com a consciência da necessidade da Escola se afirmar enquanto escola padrão.

*"E o cumprimento da lei coincide aqui com o propósito unânime de todos nós, dirigentes, professores e auxiliares de ensino da Escola, que sempre desejamos contribuir com a publicação de nossos trabalhos, frutos de aturado estudo e de longa experiência, para a difusão da boa doutrina e da sã orientação científica em matéria da educação física, em todos os centros do país" (LYRA, 1945, p.1).*

Os Arquivos tornaram-se uma das mais importantes fontes de consulta na área. Embora raramente autores que não estivessem ligados a estrutura da ENEFD tivessem a oportunidade de escrever artigos, os Arquivos tinham uma repercussão nacional, sendo enviados para as faculdades de educação física existentes, órgãos governamentais, além de pessoas físicas.

Os Arquivos chegaram a ter uma tiragem de 2000 exemplares esgotados em 1965, e o atraso de sua publicação, como ocorreu nesse número 20 (junho/dezembro de 1965), motivava a procura constante da Escola a busca de informações sobre seu atraso e sua publicação. Essas consultas não eram somente limitadas ao âmbito nacional, mas também de muitas instituições de outros países (ARENO, 1965).

No início somente os titulares da ENEFD podiam publicar seus artigos, com o tempo, no entanto, não só outros professores da ENEFD, como também alguns

---

<sup>77</sup>. A publicação de um periódico para divulgação das pesquisas realizadas no interior da ENEFD foi prevista no artigo 41, capítulo VIII, do Decreto-Lei 1212 de 17 de abril de 1939, decreto de criação da ENEFD.

convidados<sup>78</sup> e até mesmo os alunos e ex-alunos<sup>79</sup> começaram a ter seus artigos publicados. Traduções de artigos colhidos em revistas de outros países, destacadamente de origem norte americana<sup>80</sup>, também estavam entre os artigos encontrados nos Arquivos. Através dos artigos publicados, pode-se perceber claramente os avanços das discussões teóricas e o ecletismo que imperava entre seus professores, onde podem ser encontradas as mais diferentes propostas, pautadas nas mais diversas visões de educação física e seus objetivos. Nos Arquivos percebe-se bem, a partir do imenso espectro das contribuições dos professores, a complexidade (ou confusão) teórica que parece sempre ter imperado na educação física brasileira. Podem-se encontrar artigos que nenhuma ligação, direta ou indireta, possuíam com a educação física, a não ser o fato de seu autor ser professor da ENEFD e trabalhar ligado a área<sup>81</sup>.

Outra mudança se deu na reestruturação das seções, aparecendo, por exemplo, uma seção de noticiários<sup>82</sup>. Essas seções contém invariavelmente informações de grande utilidade para permitir vislumbrar aspectos do cotidiano da ENEFD, como discursos de paraninfos, viagens a congressos, eventos ocorridos no interior da ENEFD, participação de seus professores em atividades fora da ENEFD etc. Isso torna também os Arquivos uma importante fonte para o levantamento de acontecimentos relevantes na educação física brasileira.

O aumento na qualidade das pesquisas realizadas na época tornou os Arquivos um periódico de natureza diferente aos de então, fazendo-o ocupar lugar de destaque e de grande importância, destacando-se de outras duas grandes revistas, Educação Física e Revista de Educação Física, por ter um caráter '*científico*' mais aprofundado e elaborado.

Os Arquivos estavam tão ligados a estrutura da ENEFD que seus movimentos internos determinavam e influenciavam diretamente sua publicação. Assim,

---

<sup>78</sup>. O professor Flexa Ribeiro, da Escola Nacional de Belas Artes, foi o primeiro autor de fora da ENEFD a publicar artigo nos Arquivos (número 6, janeiro de 1953).

<sup>79</sup>. A primeira vez que ex-alunos escreveram para os Arquivos foi em 1965, com a publicação de quatro trabalhos, "*...numa orientação que vem movendo o nosso desejo de promover oportunidades aos talentos jovens*" (ARENO, 1965, p.7).

<sup>80</sup>. Por exemplo, ao final dos Arquivos número 2, encontram-se as traduções de três artigos de autores norte-americanos

<sup>81</sup>. Exemplo disso é o artigo de Antônio Caio do Amaral, professor de Traumatologia Desportiva e Socorros de Urgência, 'Sutura primária retardada e enxerto livre de pele no tratamento das feridas de guerra', publicado nos Arquivos de número 4.

<sup>82</sup>. Essa seção foi pela primeira vez publicada nos Arquivos número 6, de janeiro de 1953.

embora durante alguns anos tenha sido mantida a periodicidade anual, às vezes até dois números eram publicados em um mesmo ano, foram observados períodos de interrupção: sua publicação se interrompera entre 1949 e 1953, sendo recuperada na direção de Peregrino Júnior; e entre 66 e 72, sendo dessa vez recuperada por iniciativa dos professores Alfredo Gomes de Faria Júnior e José Maurício Capinussú de Souza.

Embora os Arquivos possuissem, desde o primeiro número, um conselho de redação responsável por sua organização<sup>83</sup>, Matta e Faria Júnior afirmam que o diretor da Escola era o grande responsável pela publicação, não só na estruturação e organização material do periódico, mas também porque procurava estimular os professores e buscar artigos para fechar as edições. Percebi claramente isso nos Arquivos de número 15 (dezembro de 60), onde, no editorial, Waldemar Areno reclamava da falta de material que conduziu a um único número neste ano, ressaltando também a necessidade de produção de material para que a publicação se desse semestralmente.

Obviamente esse novo trâmite de informações, possibilitado e estimulado pela participação em congressos, pelas constantes viagens, pelos Arquivos, influenciaram diretamente na estrutura curricular da Escola, não somente a partir de decisões oficiais que reestruturavam as disciplinas, mas também no cotidiano dos professores, que iam incorporando as novas discussões e novos conteúdos às suas disciplinas.

A entrada de novos professores, muitos inclusive ex-alunos da ENEFD, também foi uma importante contribuição no redimensionar das disciplinas. É claramente perceptível, por exemplo, uma preocupação pedagógica maior e a ascensão das discussões em torno do desporto, embora a ginástica ainda ocupasse grande espaço nas preocupações dos professores e alunos. Os concursos para catedráticos, livre-docente e para entrada de novos professores ocuparam, então, papel de destaque. Para Faria Júnior esses concursos tiveram grande impacto na estrutura da ENEFD, sendo um dos momentos que mais o marcou em seu tempo na Escola.

*"Acho que foi ali que eu tomei gosto pela vida acadêmica, que eu achei que gostaria de ser professor universitário. Aquilo sacudiu a Escola. Eu senti que aquele foi um momento que a Escola virou pelo avesso. A Escola, a partir daquele momento, não foi mais a mesma."*

---

<sup>83</sup>. Por exemplo, o primeiro conselho de redação foi formado pelos professores João Peregrino Júnior, Alfredo Colombo e Cecília Stramandinolli

Creio ser interessante observar que no período em que o Faria Júnior esteve na Escola, não houve concurso para as disciplinas *práticas*. Os concursos era normalmente realizados para as cadeiras ligadas a área biomédica, entretanto cadeiras como História e Organização da Educação Física e Metodologia do Ensino da Educação Física também realizaram concursos, onde participaram e foram aprovados professores de educação física, como Inezil Penna Marinho, Renato Brito Cunha, Yesis Amoedo Passarinho, entre outros. Perceba-se que as disciplinas citadas contam com a docência de professores de educação física, não se ligam diretamente a área biomédica, mas são disciplinas *teóricas*.

Na verdade, esse foi um grande problema nunca resolvido a contento na estrutura da ENEFD. Quando a ENEFD foi criada, foram concedidos dez cargos de catedrático a serem preenchidos por concurso. Esses concursos não foram autorizados por muitos anos, embora desde 1942 já existissem professores da ENEFD pleiteando sua realização. Até 1945, quando a realização dos concursos foi finalmente autorizada, a ENEFD somente possuía catedráticos provisórios, investidos sem concurso. Obviamente esses catedráticos tinham menor prestígio no interior da Universidade do Brasil, devido a sua titulação ainda não devidamente regularizada. Em 1946, finalmente um professor da ENEFD é aprovado em concurso tornando-se catedrático: Cid Braune Filho.

Um outro problema, no entanto, persistia: a cátedra para as *cadeiras práticas*. O Decreto-Lei de criação da ENEFD fazia uma distinção clara, e o regimento interno<sup>84</sup> referendava, entre *cadeiras teóricas*<sup>85</sup> e *cadeiras práticas*<sup>86</sup>. Curiosamente somente era exigido nível superior aos professores da ENEFD ligados as cadeiras teóricas. E também somente a esses era facultado o direito de realizar concursos para catedrático e livre-docente. Assim, os professores da parte prática, mesmo investidos na cátedra a partir de 1945, passando então a ter mesmas atribuições dos catedráticos, ficavam sem a possibilidade de

---

<sup>84</sup> . O Regimento Interno da ENEFD foi publicado no Diário Oficial da União de 13 de agosto de 1941.

<sup>85</sup> . Eram consideradas cadeiras teóricas: Anatomia e fisiologia humanas e higiene aplicada, cinesiologia, fisiologia aplicada, fisioterapia, matabologia aplicada, biometria aplicada, traumatologia desportiva e socorros de urgência, psicologia aplicada, metodologia da educação física e do treinamento desportivo, história e organização da educação física e dos desportos. Observa-se que para as primeiras sete cadeiras, além de nível superior, havia a exigência de o professor ser médico. Com certeza isso referendava os espaços de exclusividade dos médicos e aumentava seu poder na estrutura da ENEFD.

<sup>86</sup> . As cadeiras práticas eram: ginástica rítmica, educação física geral, desportos aquáticos, desportos terrestres individuais, desportos terrestres coletivos, desportos de ataque e defesa.

realizar os concursos tão importantes dentro da estrutura da Escola e da Universidade, sendo legalmente considerados como professores de ensino superior.

Existiram diversas tentativas de obter autorização para a realização de concursos também para as cadeiras práticas, não contempladas com essa possibilidade no decreto de criação da ENEFD. Essa pressões viam do interior da ENEFD, mas também de fora, de alguns círculos ligados a educação física. A 'Revista Brasileira de Educação Física', por exemplo, ao apresentar o edital para o concurso de catedrático para a cadeira de cinesiologia, comenta:

*"...(a Revista) apresenta congratulações efusivas, fazendo votos para que a medida seja estendida também aos professores das cadeiras práticas...afim de que não se sintam eles diminuídos perante seus colegas do ensino teórico"(1945, p.10).*

No interior da ENEFD várias iniciativas foram também observáveis. Desde 1951 corria um processo no conselho universitário para resolver o problema dos concursos para as cadeiras práticas. Em 1959, Areno informa que esse processo continua correndo sem resultado. Nesse ano é perceptível uma preocupação e uma dedicação maior para a resolução desse problema. Penso que isso tenha relação com os movimentos internos de poder, veremos no decorrer desse estudo, mas também se devia ao fato de estar a Congregação desfalcada de alguns catedráticos que haviam morrido, e não havia se obtido permissão para sua substituição por outros concursos. Assim, acreditava a direção, se os concursos da parte prática fossem permitidos, possivelmente essas vagas seriam também reoferecidas. Lamentavelmente os concursos para as cadeiras práticas nunca chegaram a ser realizados<sup>87</sup>.

As mudanças na estrutura da ENEFD podem também ser sentidas em sua rotina diária. Embora algumas características não tenham sido abandonadas, como a extrema separação entre as alunas e alunos e a utilização de uniformes, já não mais existiam as formaturas diárias e os boletins militares. A participação em paradas, tão características dos primeiros momentos da ENEFD, tinha mudado muito de enfoque. Os alunos da ENEFD passaram a ajudar nas cerimônias de abertura e encerramento das competições desportivas. As competições acadêmicas e estudantis passaram a ser o grande campo de atuação dos

---

<sup>87</sup>. Desde 1948, Vitor Macedo Soares Alves (desportos terrestres coletivos); 1950, Carlos Eugênio Varady (desportos aquáticos e náuticos); 1956, Alencar de Castro (desportos aquáticos e náuticos) aguardavam decisão para realizarem o concurso.

alunos da ENEFD. Os alunos participavam diretamente em diversos momentos, competindo, preparando alunos de escolas de primeiro e segundo graus e na organização dos desfiles e competições, normalmente a partir da ação e estímulo dos diretores da Associação Atlética.

*"Nós tínhamos duas competições muito importantes e que nós tínhamos grande envolvimento, que eram os Jogos Infantis e os Jogos da Primavera. Eram nosso campo, digamos, de treinamento. Então nós nos espalhávamos pelos vários colégios, coordenávamos os desfiles, que era responsabilidade nossa os desfiles de abertura e de encerramento..."* (MATTA, comunicação pessoal, 1995).

A realização constante de cursos de extensão, uma intensa programação social, competições, festas, congressos e palestras, treinamento de equipes de outras faculdades da Universidade, e mesmo a efervescência cultural da Universidade naquele momento, faziam com que muitos alunos passassem todo o dia na Escola, embora suas aulas se restringissem ao horário da manhã. A rotina de aulas era muito intensa, sendo muitas vezes motivo de reclamação entre os alunos. Aulas práticas seguidas e em locais diferenciados, além do pouco tempo para deslocamento em uma cidade com um sistema de transporte não tão avançado, tornavam o horário sacrificado.

Os alunos tiveram participação direta em importante conquista para a vida da ENEFD: sua transferência para instalações próprias incorporadas ao *campus* da Universidade do Brasil na Praia Vermelha. A conquista da sede da Praia Vermelha foi o resultado da luta coletiva de professores, funcionários e alunos. Pode-se perceber a importância dessa conquista na afirmação de Waldemar Areno, por ocasião da comemoração do vigésimo aniversário da Escola:

*"...as instalações deficientes e cedidas por empréstimo, já a contra gosto, e a necessidade de expansão que o nosso crescimento exigia, colocaram em pauta o problema da mudança de sede, o que foi ultimado em agosto de 50, na administração do professor Alberto Latorre de Faria, vice-diretor em exercício, e após sucessivos esforços de vários diretores, iniciados em 1946, pelo então diretor Antônio Pereira Lyra" (1959, p.132).*

Essa importância também aparece na afirmação do acadêmico Antônio Gonçalves Roma, orador da turma de 52, ao falar das dificuldades materiais que a turma

enfrentou a princípio, sanadas com a nova sede: *"Este benefício, deve-se a plêiade de professores de nossa Escola, que muito lutaram para a concretização deste feito"* (1953, p.140).

Todos os entrevistados concordam que essa mudança de sede foi de grande importância para a ENEFD. Ignácio diz que anteriormente a Escola era um 'barraco' emprestado de favor, mas não deixa de ressaltar que a mudança de sede aumentou sua carga de trabalho. Quitete diz que a sede da Praia Vermelha era não só um desejo, como uma necessidade para que a ENEFD cumprisse melhor suas funções. Faria Júnior analisa a importância da nova sede a partir de sua proximidade e presença no contexto da Universidade, o que foi fundamental influência na mudança de seus rumos por possibilitar acesso a excelente estrutura cultural da Universidade do Brasil na ocasião. Matta levanta ainda uma questão que a meu ver é de suprema importância. Foi na sede da Praia Vermelha que a Escola desenvolveu sua identidade, foi lá que grande parte de sua tradição foi construída e onde viveu seu apogeu.

Essa série de mudanças contribuiria para o aumento da inserção da ENEFD na Universidade do Brasil, o que pode parecer um paradoxo se analisado em relação ao momento que deixa de contar com a atenção central das estruturas governamentais. Mas isso se deve fundamentalmente aos espaços que foi ocupando e a efetividade crescente de sua atuação, o reconhecimento de sua importância. Os professores começaram a participar mais ativamente das organizações universitárias, como o Conselho Universitário, e um dos professores, Peregrino Júnior, chegou a ser escolhido para ser conferencista da aula magna da Universidade do Brasil em 1955<sup>88</sup>.

A ação dos alunos parece ser também grande responsável por diminuir resistências e preconceitos para com a ENEFD, principalmente por sua cada vez maior participação no contexto universitário, tanto nas competições e festas quanto nos órgãos do movimento estudantil.

*"Então nós fomos tendo uma conotação mais universitária, integrados mais dentro da estrutura universitária. Eu acho que os estudantes tiveram uma participação definitiva, decisiva nessa mudança de estrutura, de mentalidade, de posicionamento"* (FARIA JÚNIOR, comunicação pessoal, 1995).

---

<sup>88</sup> . 'A missão da Universidade na formação das elites' foi publicado nos Arquivos de número 8 (1954/1955).

Enfim, a partir desse intrincado complexo de fatores, a ENEFD paulatinamente passou, sem vencer de vez as barreiras das resistências, a ser mais presente e a efetivamente ser reconhecida enquanto unidade universitária. Ao comemorar dez anos de existência, o quadro que se apresentava ainda não era o ideal, mas as expectativas eram excelentes.

*"...mudança breve para a sede própria e condigna, administrativa, salas de aula, ginásios e laboratórios, para o palácio universitário e campos desportivos para os terrenos da Avenida Venceslau Braz, provimento efetivo de todas as cátedras, por concurso já em processamento, igualdade de todos os professores, com regularização definitiva do corpo congregado" (PEREGRINO JÚNIOR, 1949, p.2).*

Nesse processo de transformação, as mudanças que mais afetaram os alunos foram a exigência do diploma de curso secundário complementar, equivalente ao 2o grau, para entrada na Escola e uma seleção mais rigorosa de bolsistas vindos de outros estados. Até então, embora a ENEFD estivesse dentro da Universidade do Brasil, seu curso era predominantemente técnico, realizado em dois anos e com alunos no nível de 2o grau, na maioria atletas e ex-atletas que muitas vezes faziam da Escola uma continuação de seu treinamento. Com a mudança, o curso passou a ser realizado em três anos, com alunos já possuidores do 2o grau e que tinham que passar por um vestibular bastante rigoroso. Em alguns anos foi necessário inclusive a realização de mais de um vestibular para preenchimento das vagas. Com certeza isso modificou profundamente a característica dos alunos, que passaram a chegar mais maduros e capazes teoricamente, muitos até oriundos de outras faculdades<sup>89</sup>.

A ENEFD, enquanto *escola padrão*, concedia anualmente, desde 1942, bolsas de estudos para que estudantes de outros estados do Brasil pudessem vir ao Rio de Janeiro, capital da República, fazer seu curso<sup>90</sup>. Cada Estado podia indicar bolsistas, ficando a seu encargo a realização de concurso para proceder tal escolha. Os candidatos selecionados deveriam ainda realizar normalmente o vestibular, sendo agraciados com uma ajuda

---

<sup>89</sup>. Para se ter uma idéia da idade dos alunos da ENEFD anteriormente, a DEF sentiu a necessidade de estabelecer, a partir de 1945, a idade mínima de 16 anos para matriculas nas Escolas de Educação Física. (BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1945).

<sup>90</sup>. Embora as bolsas oficialmente só começassem a ser oferecidas em 1942, desde 1940 a Escola recebia estudantes de outro Estado, por ação direta de Rolim. (EDUCAÇÃO FÍSICA, 1942).

financeira caso obtivesse êxito. Afirma Matta que os bolsistas eram bastante cobrados nas disciplinas devido a sua condição, encarada como de *aluno profissional*, embora a bolsa fosse financeiramente insuficiente, sem falar nos inúmeros atrasos.

É interessante observar que grande parte da dotação orçamentária da ENEFD era destinada ao pagamento das bolsas. Em 1959, de um total de cr\$ 2.323.538,00, foram destinados às bolsas cr\$ 1.280.000,00, isto é, mais de 55% do orçamento. Algumas bolsas ainda eram concedidas por empresas particulares, como é o caso da Sears Roebuck S.A., entregues a um estudante designado pelo Diretório Acadêmico (ARENO, 1959).

Todos os entrevistados sustentam que a concessão de bolsas foi de grande importância por permitir acesso à Universidade do Brasil de estudantes que de outra forma dificilmente poderiam fazê-lo, para divulgar a educação física no Brasil e também porque a "*repercussão nacional (da ENEFD) se deu através dessas pessoas*" (FARIA JÚNIOR, comunicação pessoal, 1995). O bolsista deveria assumir o compromisso de, ao final do curso, retornar a seu Estado de origem para atuar e organizar a educação física de sua região. Isso nem sempre ocorria, entretanto. Alguns permaneciam no Rio de Janeiro, deixavam-se contagiar pelo padrão de vida da capital, de uma grande cidade. Outros, como Matta, receberam autorização do governador de seu Estado para que ficassem no Rio de Janeiro. Mas em geral, os bolsistas retornavam, e a ENEFD chegou a desenvolver iniciativas para fiscalizar e efetivamente obrigar o retorno, e atuavam efetivamente em seu Estado de origem. Normalmente a maioria dos bolsistas da ENEFD era oriunda dos Estados e Territórios do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, e menos eram oriundos da região Sul, que já contava com um processo de formação profissional bastante avançado, estabelecendo também maiores relações com o Estado de São Paulo<sup>91</sup>.

A partir do final da década de 40, passou a ser mais rigorosa a seleção dos candidatos que vinham de outros Estados com bolsa para realização de seus estudos. Desde 1945 já se percebia que algo estava errado na seleção de bolsistas. Naquela ocasião, a ENEFD conseguira e comemorava o aumento do número de bolsas. Mas, percebeu-se que um grande número de bolsistas desistia, alegando falta de vocação, ou não retornavam a seus estados de origem. Assim, em 1948, pela primeira e única vez, um representante da

---

<sup>91</sup>. Em 1958, a ENEFD recebeu 28 bolsistas (18 para curso superior, 9 para educação física infantil e 1 para especialização), sendo: 4 do Acre, 3 do Maranhão, 3 da Paraíba, 3 de Mato Grosso, 3 da Bahia, 2 de Alagoas, 2 do Piauí, 2 do Ceará, 1 do Pará, 1 de Goiás, 1 de Sergipe, 1 do Rio Grande do Norte, 1 do Rio Grande do Sul e 1 de Santa Catarina.

Escola, Waldemar Areno, fez pessoalmente a seleção de bolsistas nos Estados, avaliando também a situação da educação física nos Estados de origem. A ENEFD recebeu também alunos estrangeiros de acordo com convênios que estabelecia com países latino-americanos.

Nesse contexto, as relações que se estabeleciam entre as diversas categorias no interior da Escola iam paulatinamente sofrendo mudanças e distensões. A ENEFD sempre conviveu com uma estrutura hierárquica muito marcada, existindo várias formas de hierarquização a serem consideradas. Por exemplo, entre as diversas categorias docentes: titular, assistente, auxiliar, havendo ainda a importante figura do livre-docente. O titular possuía uma importância fundamental na estrutura acadêmica, não só teórica-científica, mas também administrativa. De fato, segundo Faria Júnior, o nível de preparação dos titulares era mesmo superior, bastante considerável segundo o contexto da época, alguns até com visão avançada de ciência e de universidade. Normalmente davam poucas aulas, suficientes para perceber a diferença para com a dos seus auxiliares e assistentes. Os titulares gozavam de grande respeito entre seus pares.

Uma mudança significativa é perceptível na relação entre alunos, funcionários e professores. Inicialmente muito marcada, até mesmo devido a estrutura militarizada da Escola, foi sendo atenuada a partir da ação fundamental dos estudantes. Há que se ressaltar que embora bastante delineada e marcada, essas relações aparentemente não se estabeleciam de forma conflituosa. Todos os entrevistados apontam o respeito que havia entre as três categorias. O que parece ter primordialmente modificado foi a proximidade entre professores e alunos, a quebra da rigidez que Quitete afirma ter havido em seu período.

Entre professores e funcionários essas modificações parecem ser menos observáveis. Ai também, os entrevistados afirmam que o respeito era observável. Os funcionários não interferiam na parte acadêmica da escola, nem mesmo tinham assento nos órgãos colegiados, mas na parte administrativa dificilmente os professores interferiam de maneira contundente.

Entre os funcionários, tal como entre os professores, a hierarquia era bem marcada, sendo o chefe da secretaria o cargo hierárquico mais elevado. O secretário tinha grande prestígio, como era o caso do senhor Antônio Ferreira Chiaradia que no vigésimo aniversário da ENEFD também discursou ao lado do diretor da Escola (Waldemar Areno), dos homenageados (o ex-ministro Gustavo Capanema; o reitor da UB, Pedro Calmon; o

primeiro diretor da DEF, João Barbosa Leite; o primeiro diretor da ENEFD, Inácio Freitas Rolim; e o ex-diretor, Antônio Pereira Lyra). O secretário da ENEFD era designado, da mesma forma que o diretor, pelo Presidente da República, o que de alguma forma ilustra sua importância na estrutura da ENEFD. Mas mesmo os funcionários mais simples tinham uma responsabilidade e poder inquestionável. Tanto Matta quanto Faria Júnior lembram-se de Inácio enquanto um funcionário marcante em seus períodos e de sua ação 'proibitiva'.

Inácio chegara a ENEFD em seus primeiros anos, quando ela ainda estava no Instituto Nacional de Surdos. Contratado a princípio, como garçom, por uma firma que prestava serviços ao Instituto Nacional de Surdos, foi contratado para a Escola por Rolim, a pedido de Armando Paiva Lacerda, diretor do Instituto que se impressionara com seus serviços. Quando chegou a Escola, Roberto Pessoa já era o diretor, ficando Inácio responsável pelo serviço de limpeza. Inácio afirma que Antônio Pereira Lyra foi muito importante para os funcionários, pois conseguiu passar-lhes de diaristas para mensalistas, além de aumentar um pouco o baixo salário. Acredita que para conseguir esses benefícios, Lyra utilizou as influências de seu irmão, José Pereira Lyra, secretário particular de Eurico Gaspar Dutra, presidente da República. Como já dissemos, o governo Dutra não significou um rompimento completo com o governo Vargas e afirmações como essas levantam a possibilidade da direção da ENEFD continuar mantendo algumas *relações pessoais* mais profundas com órgãos governamentais, fazendo uso desses favores quando necessário.

Algum tempo depois, Inácio passou a ser responsável por servir e preparar o material para as aulas práticas, além da manutenção das instalações desportivas. Assim, por ordem dos professores, quando chovia era o responsável por diretamente comunicar a proibição de uso das instalações aos alunos, ávidos para 'jogar uma pelada'. Possivelmente os alunos se esmeravam em desenvolver argumentos que o fizesse voltar atrás em sua posição, emprestando-lhes o tão sonhado material e os permitindo entrar nas quadras. Era em vão, Inácio não descumpria uma ordem e sua posição era aceita, embora nem sempre conformadamente. Inácio minimiza um pouco as afirmações de Matta e Faria Júnior.

*"Mas eu sempre sabia porque o aluno só podia aprender se treinasse. Eu sempre entendia aquilo, porque eu era filho de trabalhador, eu sempre entendia aquilo. ..O aluno tinha que treinar. Como o aluno podia treinar sem dar o material a ele? Quem tomava conta do material era eu, não era? Mas eu me dava bem com eles todos e arranjei muitos amigos com eles todos..."*

Outras interessantes relações (ou rivalidades) que não podem ser desconsideradas, eram as que se estabeleciam entre médicos, militares e professores de educação física. Quitete começa a responder tal questão afirmando que não existiam rivalidades, mas posteriormente assume a possibilidade dessa existência. Ressalta, porém, que alguns civis assumiam posturas mais autoritárias que os próprios militares.

Lembre-se que no seu período na ENEFD, os militares estavam enquanto poder inquestionável, por suas relações com o Estado Novo e sua ação na criação da Escola. Além disso, entre os primeiros professores da ENEFD poucos eram os profissionais que tinham formação exclusiva em educação física. Eram médicos e militares que possuíam algum curso ligado a área, como o curso de emergência realizado em 1938, de onde saíram grande parte dos professores da ENEFD, e os cursos da EsEFEx, entre outros<sup>92</sup>.

Com o tempo, aumentam na ENEFD o número de professores não médicos e/ou militares, ou melhor, aqueles formados especificamente em educação física. Aparentemente esses profissionais ocupavam menor espaço e gozavam de menor prestígio na estrutura da ENEFD. Embora o clima fosse relativamente amistoso, não havia igualdade no tratamento entre professores-médicos e professores com formação unicamente ligada a educação física. Matta categoricamente afirma isso:

*"- Então existia isso mesmo ? Os professores de educação física sofriam preconceitos dos médicos?(Victor)*

*- Existia, Existia. Existia sim. Existia*

*- Tinham menos poder de palavra ?(Victor)*

*- Não só menos poder de palavra, como a liberdade política de trânsito dentro da Universidade. Então apareciam mais verbas para as cadeiras dos médicos do que para as cadeiras dos professores. Apareciam viagens, congressos e a Universidade bancava para uns e para outros só arrumava passe. Havia. Isso sem dívida havia "(comunicação pessoal, 1995).*

Na verdade, até mesmo no depoimento de Ignácio é possível detectar uma certa rivalidade entre médicos, militares e depois professores de educação física. Coloco tal constatação em destaque, pois o próprio depoente deixa claro que a participação política dos

---

<sup>92</sup>. É interessante observar que entre os primeiros docentes estavam Maria Lenk, que cursara a Escola de Educação Física de São Paulo, e Luiza Paoliello, que cursara a Escola de Educação Física do Espírito Santo.

funcionários não era intensa (pelo menos a sua), o que não o impediu de ver fatos que o tenham conduzido a tal conclusão.

Abro aqui um parênteses para que fique claro que a suposta rivalidade que levanto não significava abandono ou desconsideração para com a formação profissional. É possível perceber entre alguns professores-médicos uma grande preocupação com a formação do profissional de educação física e de sua necessidade de ocupar espaços. Waldemar Areno era um desses professores-médicos que constantemente estavam a abordar tal assunto. No seu discurso de paraninfo de 1945, por exemplo, procura estimular os estudantes a não pararem de estudar e se especializar, vendo aí uma possibilidade de reverter um quadro onde a profissão era embrionária e o profissional de educação física mal remunerado e desconsiderado pela sociedade, segundo suas palavras uma verdadeira 'profissão de fé', isto é, mantida exclusivamente pelo ideal dos profissionais. Areno constantemente abordava essas questões, preocupando-se também com a invasão de profissionais não formados no mercado de trabalho<sup>93</sup>.

No interior da ENEFD, muitos professores estiveram a alertar para a necessidade de um trabalho conjunto entre médicos e professores de educação física. Mais do que uma reflexão teórica, essas manifestações podem também significar uma embrionária percepção do trabalho desconectado e da necessidade de condições mais igualitárias de consideração das categorias<sup>94</sup>. Essas manifestações não ocorreram, entretanto, somente entre os professores de educação física, sendo observados também médicos propondo um trabalho em conjunto<sup>95</sup>. Ressalto o que considero um desses estudos mais importantes e completos: o de Maurette Augusto<sup>96</sup>, em 1959. Nesse estudo, a professora apresenta uma peculiaridade dessa relação, que acaba por conduzir a uma dissociação entre teoria e prática :

*"O problema se agrava, sem dúvida, numa escola de educação física, em virtude da extensão dos programas, de sua complexidade, que decorre da multiplicidade de técnicas abrangidas por essa parte da educação geral" (p.33).*

<sup>93</sup>. Além do discurso de paraninfo de 1945, pode-se encontrar tais reflexões no discurso de paraninfo de 1948.

<sup>94</sup>. Exemplo disso pode ser identificado no artigo de Alfredo Colombo, 'Estudo crítico de várias formas de atividade física' (1945).

<sup>95</sup>. Aqui me refiro ao artigo 'O médico e o professor de educação física' de Guilherme S. Gomes. Ressalvo que esse artigo somente foi publicado depois da greve de estudantes. Essa ressalva será melhor compreendida no decorrer desse capítulo.

<sup>96</sup>. 'Da estreita relação que deve existir entre as cadeiras práticas e teóricas na Escola Nacional de Educação Física e Desportos' foi publicado nos Arquivos de número 14, dezembro de 1959

A referida professora ainda arrisca ao final de seu estudo, uma sugestão no sentido de minimizar tal problema: *"Poder-se-ia, entretanto, encontrar uma fórmula conciliatória, desde que fosse estimulado, por exemplo, o contato entre as cadeiras teóricas e práticas"* (1959, p.33).

Faria Júnior tem uma compreensão que caminha no sentido apontado por Augusto, no que se refere a essas relações. Para ele, as resistências e o desprestígio maior não eram para com o professor de educação física em si, mas para com aqueles envolvidos com as disciplinas *práticas*. Perguntado se a falta de concurso para provimento de professores para as cadeiras *práticas* significava uma forma de desprestígio dos professores de educação física, Faria Júnior responde:

*"Eu acho tua pergunta muito incisiva...Então acho que está mais na concepção de teoria e prática, e não se eram professores de educação física. Era: quem lida com a teoria tinha um status mais elevado, era mais respeitado..."*

O menor prestígio dos professores ligados a parte prática pode ser sentido também na formação da Congregação da ENEFD. A priori esses professores nem catedráticos eram, ou melhor, embora fossem investidos na cátedra e considerados como tal, não tinham passado em concursos, como já vimos, de realização não permitida. Com certeza, isso devia significar menor prestígio. Além disso, os livre-docentes nunca eram ligados a parte prática, pelo menos nas cadeiras a que se ligavam. Mesmo que os concursos fossem realizados, as cadeiras práticas teriam um peso menor nas decisões da congregação, formada pelos catedráticos de cada cadeira e um representante dos livres-docentes. Assim dos habituais dezenove membros da Congregação, somente sete eram ligados as cadeiras práticas, nenhum legitimamente catedrático ou livre-docente.

Faria Júnior aponta que alguns professores de educação física que possuíam prestígio dentro da Escola normalmente eram ligados às disciplinas teóricas. Assim, me parece que sugere que na Escola era plenamente perceptível essa divisão entre *teóricos*, privilegiados, normalmente médicos, embora alguns professores de educação física fizessem parte desse grupo seletivo; e *práticos*, os professores de educação física. A divisão entre teoria e prática, embora de forma velada, pode, por exemplo, ser percebida nessa afirmação de

Peregrino Júnior ao comentar os objetivos dos Arquivos da ENEFD (grifo meu): "...*recolher e divulgar os frutos de nossa experiência e do nosso trabalho, assim no plano teórico da doutrina, como no plano pragmático da aplicação e da prática...*"(1953, p.6).

Observo, no entanto, que Faria Júnior também aponta que um professor da parte prática tinha grande prestígio: Cássio Rothier do Amaral, professor de ginástica. O professor era, de fato, "...*uma capacidade, uma autoridade no assunto...*" (FARIA JÚNIOR, comunicação pessoal, 1995), mas é importante esclarecer que "...*ele era respeitado como pessoa, talvez porque ele fosse médico*"(ibid). É possível que sua formação em medicina fosse mais determinante para seu prestígio, do que sua capacidade indiscutível.

Logo, é possível que além da divisão entre teóricos e práticos, a divisão e a diferença de poder e prestígio entre médicos e não médicos, professores de educação física, também fosse observável. Mais ainda, lembro que Faria Júnior viveu, ver-se-a a seguir, um período em que os professores de educação física já tinham conquistado mais espaço e respeitabilidade. Assim essa divisão entre teóricos e práticos pode ser também uma continuidade disfarçada, embora com certeza sempre tenha existido, da divisão entre médicos e não médicos. Não é demais lembrar, para referendar essa possibilidade, que os médicos, com raras exceções como Cássio Rothier do Amaral, estavam invariavelmente ligados a disciplinas teóricas, mesmo disciplinas não diretamente ligadas ao campo da medicina.

O próprio Faria Júnior sugere que o fim "*da convivência harmônica, até certo ponto cordial*", a separação explícita, a marca do '*racha*', se deu em 1950, no III Congresso Panamericano de Educação Física, realizado em Montevideo (Uruguai), quando progressivamente os professores de educação física começaram a ser impedidos de apresentar seus trabalhos<sup>97</sup>. Não posso deixar de apresentar um adendo a essa afirmação de Faria Júnior, uma evidência bastante instigante para pensar as relações entre médicos e professores de educação física.

Entre os dias 01 e 02 de setembro de 1959 foi realizado na Universidade de Northwestern (Chicago-EUA) o III Congresso Panamericano de Medicina Desportiva. Curiosamente, pela primeira vez na história desses congressos foi permitida a participação de técnicos e professores de educação física. Areno, representante da ENEFD no evento, ao

---

<sup>97</sup> . Entre os professores médicos da ENEFD que estiveram nesse Congresso estavam Guilherme de Souza Gomes e Waldemar Areno.

comentar essa permissão colocou-se a favor, mas não deixa de comentar depreciativamente que muitos professores de educação física ministraram palestras, discordando completamente desse procedimento. Isto é, os professores podiam até participar dos congressos, mas apresentar trabalho era considerado como inoportuno e exagerado.

Esse fato, para mim, representa a resistência que possivelmente existia entre os médicos para a participação dos professores naqueles *fóruns* que consideravam como exclusivamente seus, seus '*feudos*'. Observo que só recentemente professores de educação física conseguiram, em algumas universidades, assumir disciplinas ligadas as áreas biomédicas na formação profissional em educação física. Na época, segundo Faria Júnior, somente os estudantes questionavam esse privilégio dos médicos, até mesmo por perceberem que alguns professores de educação física ministravam o conhecimento com maior propriedade e dedicação. Essa conquista de espaço foi longa e paulatina e não sem luta.

Na ENEFD, depois da direção de Carlos Sanchez de Queiroz e de Waldemar Areno, ambos médicos, Alberto Latorre de Faria assumiu a direção por dois anos. Mas, já em 1952, mesmo tendo sua administração sido considerada um sucesso por professores, alunos e funcionários, não consegue se reeleger para a direção, recebendo, na Congregação, somente os votos dos professores de educação física não médicos, que eram minoria absoluta. Elege-se assim mais um médico para a direção: o brilhante João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior.

Mesmo tendo o hábito de economizar elogios não se pode dizer menos do que brilhantismo acerca de Peregrino Júnior. Alguns dos seus artigos nos Arquivos de fato refletem sua capacidade. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1929 recebera seu primeiro prêmio da Academia Brasileira de Letras, onde é aceito e eleito como imortal em 1945, quando já tinha publicado 6 livros e mais de 100 artigos, sendo 32 na área de biometria, biotipologia e educação física. Em 1939, quando foi para a ENEFD, sendo um de seus fundadores, era também professor da Faculdade Fluminense de Medicina, da Faculdade Nacional de Medicina, da Escola Técnica de Serviço Social e na Escola de Árbitro da Federação Metropolitana de Basquete, além de ser chefe do serviço de endocrinologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Foi exatamente esse homem de grande prestígio que iria assistir os estudantes entrarem em greve, não só na sua administração, como também contra ela. Foi exatamente

contra esse homem de grande prestígio que os estudantes se bateram: não voltariam as aulas enquanto Peregrino Júnior não deixasse a direção da Escola.

A movimentação dos estudantes não surgiu de uma hora para outra. Se deu em um contexto onde era possível perceber um maior número de posturas críticas entre os professores, que progressivamente abandonavam os fortes referenciais de influência militar. Críticas ao método francês não foram poucas, é possível perceber uma preocupação cada vez maior com os referenciais pedagógicos, o desporto ganha espaço e com eles os professores de educação física e até é possível perceber o crescente número de posturas políticas explícitas de alerta quanto as funções do professor para a sociedade brasileira sob uma ótica crítica, principalmente nas obras de Alberto Latorre de Faria e Inezil Penna Marinho<sup>98</sup>.

O próprio Peregrino Júnior alertava para uma possível "*falta de disciplina dos alunos*", em discurso que proferiu em homenagem a Carlos Sanchez de Queiroz na sua posse de cátedra, publicado no número 6 dos 'Arquivos' (1953). Essa 'falta de disciplina', com certeza, tinha ligação com os primeiros impulsos claros de uma mudança de postura dos estudantes.

No início de 1956, no editorial dos 'Arquivos' de número 9, Peregrino Júnior tentava prestar contas de algumas de suas realizações. No fim do ano, já com a greve em andamento, torna a publicar no mesmo espaço dos 'Arquivos' de número 10, suas realizações, dando ênfase as modificações materiais na ENEFD, uma das fortes críticas dos alunos, e as concessões que interessavam os estudantes. Afirma que administrativamente criara uma seção de material pedagógico, a função de diretor de campo, reequipara a banda de música, criara disciplina de canto orfeônico, conseguira viagens e congressos para professores. Afirma também que reequipara o laboratório e o gabinete de fisioterapia e o ginásio de aparelhos, entre outras mudanças materiais. Para os alunos especificamente tinha concedido três aumentos de bolsas de estudo, ampliado e conseguido mais uma sala para o Diretório Acadêmico e Associação Atlética, além de ter melhorado a merenda.

---

<sup>98</sup>. É no discurso de paraninfo de Inezil Penna Marinho, para a turma de 53, que encontro pela primeira vez uma análise profunda do quadro social de pobreza e injustiça, bem como preocupações com as minorias sociais. Outras posições nesse sentido, ou no sentido de redimensionar por completo a formação na ENEFD, podem também ser encontrados em seu discurso de posse na cátedra de História(1958).

As posições de Alberto Latorre de Faria, mais enfáticas que as de Marinho, podem ser percebidas na sua aula inaugural de 1957 e em seus discursos de paraninfo de 1958 e 1960

Esse seu editorial, um misto de apelo e cobrança, não foi suficiente para fazer os alunos voltarem às suas atividades. Os motivos para a greve parecem ter se ligado diretamente a falta de atenção do ocupado diretor para com a ENEFD e seu desleixo em relação a estrutura material, embora ele afirmasse o oposto, que vinha causando inúmeros problemas. Mas o estopim parece ter sido uma declaração sua afirmando que se envergonhava de ser diretor de um curso de educação física, pois esse não tinha *status* e nível para ser dirigido por ele.

Foi então realizada uma assembléia, com a presença da grande maioria dos alunos, que decidiu pela greve enquanto o professor Peregrino Júnior não deixasse a direção da ENEFD. Foi escolhida uma comissão de greve composta entre outros por Vinicius Ruas, presidente do Diretório, Estela Alves, José Sobrinho, futuro presidente do Diretório e Paulo Matta, presidente da Associação Atlética, escolhido como presidente da Comissão de greve. Prepararam então um manifesto que entre outras coisas deixava claro os motivos da greve:

*"Certos estamos que a renúncia ou afastamento de tão 'ocupado' e embaraçado diretor, com o seu retorno à cátedra, que ocupa, traz-nos-á o estímulo e orgulho de alunos de uma Universidade democrática, livre, ativa, vibrante e sincera- obra que não pode ser prejudicada pela teimosa vaidade, obstinação de quem busca vantagens e prestígios em que manifestação qualquer pessoa de sensibilidade e auto-crítica evitaria." (In: CASTELLANI FILHO, 1988, p.154).*

Os movimentos de retirada do diretor começaram com o fechamento da ENEFD e a tentativa de contato com o Presidente da República, Juscelino Kubstichek, facilitado pela presença da capital federal no Rio de Janeiro. Depois de inúmeros contatos com o reitor, Pedro Calmon, e com o secretário da presidência, Josué Montuello, subchefe da Casa Civil, os estudantes somente conseguiram tal contato depois de levemente insinuar que iriam realizar uma passeata com o apoio da 'Tribuna da Imprensa', jornal dirigido por Carlos Lacerda, inimigo político ferrenho de Kubstichek. Aliás, a imprensa carioca deu grande espaço para a greve, publicando inúmeras notícias do acontecido.

Além da imprensa, os estudantes obtiveram o apoio dos diretórios da Universidade do Brasil, do Diretório Central de Estudantes (DCE) e da União Nacional dos Estudantes (UNE). Embora a repercussão em outros Estados e nas outras faculdades de educação física não pareça ter sido das maiores, inúmeras lideranças e entidades estudantis

enviaram seu telegrama de apoio. Na verdade, os relacionamentos entre as faculdades de educação física não eram muito intensos.

*"Quanto à greve, eu acompanhei muito por cima...Além disso, o relacionamento das 2 faculdades, Universidades, através de seus corpos discentes, não era tão íntimo, porque se fosse suficientemente íntimo, talvez essa greve pudesse ter gerado uma greve geral pelo Brasil" (GONÇALVES apud CASTELLANI FILHO, 1988, p.184).*

Recebidos pelo presidente Juscelino Kubstichek, veladamente os estudantes foram ameaçados e segundo Matta

*"Estavam acontecendo exatamente nessa época dois episódios históricos que estavam prejudicando, estavam colocando em perigo o governo dele. Eram Aragarça e Jacareacanga, das forças da Aeronáutica que estavam se rebelando contra o poder civil e contra o governo de Juscelino. Então eu lembrei desse fato, que ele já tinha Aragarça e Jacareacanga para resolver, que não seria bom ele ter os estudantes do Brasil inteiro levantados."*

Embora não conseguissem desse encontro o compromisso da retirada de Peregrino Júnior da direção, os estudantes começariam a delinear uma primeira vitória: a autorização para a construção de uma piscina para a Escola. Efetivamente, a piscina somente seria construída depois de inúmeras iniciativas dos estudantes no sentido de liberação das verbas, liberação de equipamentos e até problemas com o Patrimônio Histórico, que os levou a cavarem com suas próprias ferramentas o local onde mais tarde as máquinas iam completar o serviço finalizando a piscina que até hoje lá se encontra<sup>99</sup>.

Obviamente não faltaram pressões das mais diversas naturezas para que os estudantes voltassem às suas atividades. Matta afirmou que foi convocado ao gabinete do reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, onde lhe foi oferecida uma série de melhoramentos para a ENEFD, caso colaborasse no suspender da greve. Atitude essa bem possível de acontecer. José Ignácio, por exemplo, afirma ao comentar a greve:

---

<sup>99</sup>. Os estudantes da ENEFD em diversas oportunidades estiveram a colaborar na construção e manutenção das dependências. Em 1958, Areno comenta que a falta de pavimentação das vias internas era um grande problema e "...com a colaboração do Diretório Acadêmico, conseguimos do magnífico reitor a realização dessa obra..."(p.88)

*"...Depois tinha um reitor, o reitor da Universidade lá, ele esteve vinte anos como reitor, foi um cara, chamava-se Pedro Calmon, se o aluno fizesse greve, quando o aluno fizesse greve, se o presidente do DCE conversasse quinze minutos com o reitor, acabava a greve. Ele convencia o aluno de que...um crânio...o cara".*

Mas nada adiantou na tentativa de encerrar a greve. O próprio Pedro Calmon foi a uma assembléia, convencido de que a greve seria encerrada em parte por sua oferta de melhoramentos, mas o máximo que conseguiu foi ter que assumir que executaria os melhoramentos independente do andamento da greve. E de fato executou todos os melhoramentos prometidos.

A adesão à greve entre os estudantes, é bem verdade, foi flutuante. No início todos lá estavam, participando ativamente das mobilizações, manifestações, atividades e assembleias. Com o tempo, no entanto, tirando episódios isolados, a greve foi esvaziando, perdendo a participação de estudantes. Mas uma ressalva deve ser feita. Mesmo com o esvaziamento da presença e o crescimento dos 'apoios morais', o corpo de estudantes assumiu integralmente a greve, não realizando em qualquer dos cursos sequer reivindicações para a realização dos exames finais, mesmo para aqueles que somente um mês faltava para a conclusão de seu curso. Mesmo os alunos de medicina desportiva, na sua maioria mais velhos e casados, e os alunos de outros estados aceitaram a greve e foram até o final, alguns inclusive não vindo a concluir seus cursos já que suas bolsas de estudo se encerravam e já não mais podiam ficar no Rio de Janeiro. Se a greve não foi uma unanimidade, ao menos parece ter sido respeitada integralmente, entre todos os cursos<sup>100</sup>.

*"...Ninguém na época, e eu como presidente da comissão de greve era o, digamos, receptor de qualquer dissidência, de qualquer informação, ninguém veio a mim solicitar uma exceção que permitisse que fechasse o curso e que eles não eram aluno de Educação física e que o curso deles não tinha nada haver. Nenhum deles" (MATTA, comunicação pessoal, 1995).*

É importante ressaltar que as unanimidades não existiam. As eleições para o Diretório Acadêmico e Associação Atlética eram bastante disputadas, com inúmeras chapas de candidatos. Mas, após a escolha dos vencedores parecia haver um esforço coletivo no

<sup>100</sup>. Na época a ENEFD oferecia além do curso superior (3 anos), o curso de massagem (1 ano), o curso de técnica desportiva (1 ano), educação física infantil (1 ano), medicina especializada (1 ano) e curso de especialização em ginástica rítmica.

sentido de promover os inúmeros eventos, que normalmente não contavam com grande apoio da direção. A vida cultural e política na ENEFD era imensa com os alunos contando com grande autonomia de, inclusive, levantar os recursos financeiros necessários às suas realizações.

A greve terminou com uma saída honrosa para Peregrino Júnior, que foi aposentado com todas as gratificações e todos os direitos incorporados ao seu salário. "*Só faltou banda de música*"<sup>101</sup> (MATTA, comunicação pessoal, 1995). Durante esse período os professores da ENEFD tiveram reações diferenciadas. Alguns foram completamente contra, outros não se envolveram de forma alguma e um grupo menor apoiou as reivindicações, destacadamente o professor Alberto Latorre de Faria, inclusive veiculando na Congregação o material e documentação dos estudantes. Curiosamente, o grupo de professores que apoiou a greve era formado por professores de educação física. Apoiaram, mas sem efetivamente participarem de assembléias, mobilizações ou passeatas. A greve era uma iniciativa dos estudantes e mesmo eles não solicitavam esse tipo de participação mais direta dos professores.

A greve sem dúvida foi um marco para o movimento estudantil na ENEFD e no movimento estudantil da educação física no Brasil. Dentro da Escola os estudantes passaram a ter uma força ainda não vista. Suas opiniões passaram a ser mais consideradas, seus assentos e representações nos órgãos colegiados mais respeitados e sua presença marcante. Nos primeiros anos do novo diretor, Waldemar Areno, que esperava contar com o apoio dos estudantes, esta participação foi extremamente marcante. O próprio Areno comenta no editorial dos 'Arquivos' de número 11 (1957):

*"A Escola viveu no fim do ano letivo de 1956, uma fase de grande agitação interior, que culminou com a greve dos estudantes até o fim dos mês de janeiro de 57, quando, por delegação superior, foram realizadas as provas de verificação e os exames finais, o que acarretou, como é óbvio, um retardo no início do ano letivo" (p.7).*

Qual teria sido o resultado se os estudantes não tivessem sua reivindicação atendida? Será que o tom do discurso seria tão ameno e conciliador, como se nada de tão grave tivesse ocorrido? Será que suas provas teriam sido realizadas com tanta

---

<sup>101</sup> . Peregrino Júnior ainda voltaria a participar da ENEFD a partir de 1961, quando foi eleito professor emérito conquistou lugar vitalício na Congregação.

disponibilidade? O fato é que a complacência para com ação dos estudantes modificou completamente a partir da greve. A própria manifestação pela construção da piscina, realizada no decorrer da greve, que possivelmente pode ter ocasionado críticas de muitos professores, recebe o seguinte comentário no mesmo editorial:

*"Foi iniciada a construção de nossa piscina de 25 metros por 12 metros, após um movimento de reivindicação dos alunos que encontrou o apoio integral do magnífico reitor; concretizou-se assim velha aspiração de alunos e professores" (ARENO, 1957, p.8).*

Na verdade as posições de Areno podem significar um reflexo da confusão que possivelmente se instalara na hierarquia da ENEFD a partir da conquista de espaço pelos estudantes. Seu discurso transita desde uma posição conciliadora,

*"Esse compromisso regimental de publicação dos Arquivos encerra mais um ano intenso e proveitoso de trabalho, quando alunos e professores não viveram outros objetivos senão os de interesse da Escola, do ensino de bom nível e da conseqüente melhoria da formação universitária (ARENO, 1958, p.7).*

...passando pela preocupação com a ascensão do 'poder estudantil'

*"Há, é inegável, nos estudantes de hoje, em face mesmo de maré de renovação social, uma hipertrofia de direitos, melhor dizendo, de pretensos direitos, e de atribuições que excedem as que lhe devem caber durante o trato com os bancos acadêmicos" (ARENO, 1959, p.116).*

...e chegando até a proceder elogios rasgados, embora sob termos contraditórios, a ação do Diretório Acadêmico e dos estudantes.

*"Devo abrir um parênteses, para dizer-vos que a sugestão para este ângulo do problema foi feita pelo nosso Diretório Acadêmico...Faço com satisfação e orgulho para que se saiba que os universitários da ENEFD, tem senso de equilíbrio, honestidade de propósitos e espírito de colaboração" (ARENO, 1959, p.19).*

Outra importante observação que marca a ascensão da influência dos estudantes é sua presença nos 'Arquivos'. Anteriormente somente aqueles que iam para jogos olímpicos ou competições oficiais tinham seus nomes lembrados. Nos 'Arquivos' a partir de

1957, já constantemente é possível perceber referências a iniciativas dos alunos e do diretório acadêmico. Até mesmo discurso dos alunos passaram a ser publicados. Primeiro as orações de formatura, depois saudações e participações nos órgãos colegiados, inclusive o discurso de posse de José Augusto Cavalcante Cysneiros na presidência do diretório. Por fim seus ensaios e trabalhos de pesquisa ganham o *status* de artigos.

O grau de consciência dos estudantes, pelo menos de seus representantes, pode ser sentido no discurso de posse de Cysneiros (1959). Foi um duro e denso discurso onde procede uma análise crítica dos rumos da formação universitária, da educação física no Brasil e da utilização do professor de educação física para fins ideológicos. Demonstra também grande clareza acerca da dificuldade e responsabilidade de sua função:

*"Via de regra, a posição do presidente do Diretório Acadêmico é entendida para muitos como um parabrisa, surgido da necessidade de harmonizar os entrecosques entre o corpo discente e o docente. Esta não é minha maneira de encarar o problema...pretendo ser interprete fiel de vossas reivindicações, que os fados e vosso estímulo me permitam levar a bom termo a tarefa que me propus"(CYSNEIROS, 1959, P.132).*

E termina dando o tom das discussões e dos sentimentos que possivelmente mobilizavam professores e alunos naquele momento

*" Creio na sua hierarquia, apenas como condição de uma positiva eficácia administrativa. Creio que muito se deve fazer para que mestres e alunos encontrem uma nova formulação para a Universidade do Brasil. Creio que justamente a ausência dessa formulação, o não abandono do conceito tradicional e medieval, a não adoção de medidas mais condizentes com as novas realidades que tem infelizmente colocado alunos e professores em constante oposição"(CYSNEIROS, 1959, p.132).*

De fato, existiram demonstrações diversas da quebra de hierarquia por parte dos estudantes. A turma de 1957 escolheria Alberto Latorre de Faria como paraninfo, possivelmente por sua proximidade com os estudantes, inclusive pelo seu apoio a greve. Essa escolha, no entanto, era plenamente aceitável. Outros professores de educação física já tinham sido escolhidos, além do que Faria era um catedrático, procedimento comum na escolha de paraninfos. A turma de 1958, no entanto, desafiaria as normas universitárias ao escolher para paraninfo, pela primeira vez na ENEFD, um professor não catedrático: Hélio

de Macedo Medeiros. Ao comentar a escolha, José de Oliveira Barreto Sobrinho, orador da turma e estudante de grande destaque por sua participação no Diretório Acadêmico, afirma:

*"Sendo o professor Hélio de Macedo Medeiros, auxiliar de ensino em nossa Escola, o nosso ato vem quebrar o formalismo, que quase sempre predomina na escolha de um paraninfo, pois geralmente consideram-se mais o cargo e os títulos escolhidos do que a pessoa propriamente dita" (p.99).*

Com certeza esses questionamentos a estrutura da Escola não significaram uma oposição desenfreada, mas antes a tentativa dos estudantes de se tornarem mais presentes e respeitados em seu contexto. É possível que tais posições fossem extremamente polêmicas para o corpo docente e a direção, mas o número de iniciativas em comum parece ter superado os constrangimentos ocasionados pelos embates que ocorreram. Areno chega a afirmar em 1959 que:

*"Teve a diretoria no aluno José Augusto Cavalcante Cysneiros, um colaborador de vanguarda, que soube coordenar os interesses discentes com educação, respeito e dignidade, e soube merecer assim, a estima e admiração dos seus colegas, do corpo administrativo e dos seus professores" (p.10).*

Ainda assim, nesse mesmo ano, Areno afirma que a greve de apoio a Faculdade de Medicina, que levou a perda de 15 dias de aula, foi injustificada e inoportuna, acarretando prejuízo para as atividades da Escola. Afirma ainda que a totalidade do corpo discente não concordava com a paralisação, somente aderindo por deliberação da maioria. Essa posição, a meu ver, explicita bastante as relações na ENEFD da época, onde, pelo menos em muitos momentos, as oposições e discordâncias entre professores e estudantes, não invalidavam o trabalho em conjunto e o respeito mútuo.

Enfim, a partir da greve os alunos conquistariam um espaço muito mais significativo nas decisões da ENEFD. É perceptível identificar a diferença da importância concedida ao Diretório Acadêmico e a Associação Atlética entre os entrevistados. Embora o primeiro Diretório Acadêmico da ENEFD tenha sido eleito já em 1940, Quitete não consegue se lembrar de suas ações.

*"Se isso existiu, se você tem registrado, devia ter existido, mas eu não...para mim não foi alguma coisa tão significativa, pois eu não me lembro. Até porque esse governo de alunos talvez não era tão incrementado, tão valorizado".*

Embora tenha sido uma liderança em sua turma, Quitete assume que essa liderança não se dava através do Diretório Acadêmico, um órgão menos significativo na época ou somente existente por força de aspectos legais, sem efetivamente demonstrar funcionalidade. De qualquer forma, Quitete deixa claro que, em sua época, a participação política era menor, estando as discussões de então mais ligadas ao desporto e a ginástica ("mais ao Fla-Flu", segundo suas palavras) do que a política.

Ao contrário de Quitete, nos depoimentos de Matta e Faria Júnior a ação do Diretório Acadêmico ocupa lugar de destaque. Devido aos diferentes momentos em que estiveram na ENEFD, seus depoimentos apresentam características diferentes. Matta enfatiza os momentos que antecederam a greve e a greve em si, enquanto Faria Júnior expressa primordialmente o momento pós-greve e as conquistas a partir dessa. As conquistas a partir do período pós-greve, entre os alunos, foram de naturezas diversas. Começaram a ter suas sugestões mais ouvidas, sua independência ficou ainda maior e referendando uma possível significativa representatividade entre o corpo discente, passam a conquistar espaços nos órgãos colegiados.

No período de Faria Júnior, a ENEFD já contava com boa estrutura, material desportivo adequado e em boa quantidade, bandejão farto, um lanche fornecido aos alunos entre o segundo e o terceiro tempo de aula. A estrutura material melhorou sensivelmente com a construção da piscina e, futuramente, de ginásios. Curioso observar que a ENEFD dispunha de um serviço médico com ambulatório, gabinete de fisioterapia, gabinete de raio x, laboratório de análises clínicas, que prestava também serviços a clubes e escolas. Logo, é possível perceber que uma das reivindicações dos estudantes em sua greve estavam contempladas: uma estrutura material mais adequada e modernizada.

Os depoimentos de Matta e Faria Júnior permitem também perceber que outra associação estudantil, além do Diretório Acadêmico, tinha importante papel na estrutura da ENEFD: a Associação Atlética, responsável mais diretamente pela organização e ações ligadas às competições. Como já dito, as competições ocupavam lugar de importância na estrutura da ENEFD. As Atléticas se notabilizavam pelo empenho em organizar e estimular

a participação dos estudantes nessas competições. Os estudantes participavam em peso, diretamente como atleta e/ou auxiliando na preparação anterior, seja organizando a competição ou a equipe, com a preparação de lanches e material para a torcida organizada. As competições eram um verdadeiro acontecimento social que mobilizava muitas vezes a população da cidade e contava invariavelmente com a participação de grande público.

*" (as competições) Eram alvo de, digamos, colaboração geral. Mesmo quem não era da equipe era... havia a torcida, havia a organização de torcida, havia a coordenação deles. Até lanche; tinha quem preparava os lanches, os próprios alunos, a tietagem dos atletas, daquele grupo. Tinha as garotas que iam assistir e que depois começavam as paqueras. Tinham os namoros e depois acabavam nos casamentos" (MATTA, comunicação pessoal, 1995).*

Faria Júnior também cita a importância das competições na estrutura da ENEFD, a importância da Associação Atlética no estímulo a participação e que no interior dessa organização, a partir das experiências vividas, surgiram muitos futuros dirigentes esportivos, na Confederação Brasileira de Desportos Universitários, na Federação Atlética de Estudantes, Confederações e Federações esportivas. Matta, presidente durante vários anos da Associação Atlética, aponta essa participação como marcante em seu tempo na ENEFD e fundamental em sua vida.

É interessante que Faria Júnior observa uma forte divisão entre a Associação Atlética e o Diretório Acadêmico. No seu ponto de vista, os representantes do Diretório Acadêmico eram 'mais politizados', tinham um posicionamento político mais claro e uma participação política mais efetiva, vinculação maior com as entidades representativas dos estudantes; enquanto os membros da Associação Atlética eram normalmente menos atuantes politicamente, dizendo-se às vezes até 'apolíticos'.

Na verdade, parece que sempre existiu uma certa disputa cordial entre a Atlética e o Diretório, normalmente para ver quem executava mais ações ou tomava mais iniciativas, mas não me parece que essa disputa chegasse a ser pouco amistosa. Em muitas ocasiões estavam juntos, desenvolvendo ações conjuntas, como, por exemplo, por ocasião da greve. É possível, no entanto, que a Atlética gozasse de maior popularidade entre os estudantes, até mesmo pela natureza de suas atividades ou pelo perfil de suas lideranças.

De qualquer forma, essa divisão é bastante denunciadora, pois parece separar o desporto do rol das 'atividades políticas'. Quem faz política para um lado, quem faz desporto para o outro. Não creio que essa divisão fosse tão rígida e clara no interior da ENEFD, mas não custa lembrar que por ocasião dos desdobramentos do golpe de 64, o Diretório Acadêmico foi fechado, enquanto a Associação Atlética mantida aberta. Assim, me parece que mesmo entre os estudantes essa percepção não era questionada e talvez fosse mesmo estimulada. Veja-se, por exemplo, a afirmação de Matta sobre as diferenças entre as eleições para a Associação Atlética e as eleições para o Diretório Acadêmico:

*"Porque a Atlética sempre foi algo diferenciado. Era bem diferente da briga, por exemplo, do Diretório Acadêmico. O Diretório Acadêmico era sempre brigado, havia sempre oposição, havia sempre concorrência. Já a Atlética não. A Atlética chegava a um ponto que era muito importante... a continuidade. Porque eles já tinham um programa, eles já sabiam o que iria acontecer."*

Creio que no contexto teórico da época, essas discussões, separação entre política e desporto, começavam a dar seus primeiros passos. Embora não passassem despercebidas, basta ver como se consideravam 'apolíticos' os que se envolviam com a Associação Atlética, essas discussões ainda não eram centrais entre os estudantes, nem prejudicavam fundamentalmente o relacionamento e trabalho em conjunto das instituições. Hodiernamente, no entanto, quando temos avançadas essas discussões, devemos proceder a crítica a tal divisão, ainda existente em muitas faculdades de educação física, transformando Atléticas e Diretórios, hoje mais conhecidos como Centros Acadêmicos, em uma única instituição de luta pela representação dos estudantes.

Outra conquista dos estudantes foi o aumento de sua participação nos projetos de pesquisa dos professores. Nesse ponto em especial, embora a pesquisa fosse destacada desde a decreto de criação da Escola, as diferenças entre os três depoimentos de ex-estudantes são realmente esclarecedoras. Quitete afirma que as pesquisas, que possuíam um nível totalmente diferente dos dias atuais, somente esporadicamente contavam com a participação de alunos. Na verdade, nesses primeiros momentos da ENEFD, a pesquisa ainda não era uma prática muito difundida entre os professores. É possível que mesmo os médicos, que já possuíam uma tradição anterior de pesquisa, estivessem ainda a desenvolver e/ou finalizar seus estudos em outra área. Além disso, até mesmo relacionada com a

estrutura da ENEFD e com o contexto da estrutura de ensino, a realização de pesquisas não era considerada uma atividade discente. Logo, possivelmente a participação dos estudantes deve ter se limitado a sua utilização enquanto objeto-alvo, contribuindo não na estruturação do estudo, mas enquanto fornecedores de dados<sup>102</sup>.

*"- Na Escola não existiam pesquisas?(Victor)*

*- Olha, eu acredito que existissem sim, pois às vezes nós éramos indagados sobre determinados comportamentos, porque interessava para a pesquisa. Mas era pesquisa com as ferramentas da época...não tinha uma cientificidade, esse comportamento científico ainda não existia" (QUITETE, comunicação pessoal, 1995).*

Já Matta percebe que, em seu período, alguns alunos começavam a mais efetivamente participar de pesquisas, embora não fosse procedimento tão comum. As pesquisas ainda partiam dos docentes, mas alguns alunos já levantavam temas de pesquisas e eram auxiliados por algum professor. Começavam também a ser permitidas as participações de estudantes nos congressos, até então vetadas. Na verdade, os alunos começavam a organizar seus próprios congressos.

Matta percebe que muito comum era a aproximação com os professores para a busca de experiências docentes, principalmente os da parte prática, já que esses possuíam os conhecimentos e trabalhavam em inúmeros locais do Rio de Janeiro. Mais do que interesse em futuramente assegurar um emprego, essa iniciativa devia-se a busca de minimizar a falta de uma disciplina específica para o treinamento docente, somente efetivada na educação física brasileira a partir da década de 70, inclusive com a ação central de Matta e Faria Júnior<sup>103</sup>. Assim, os alunos começavam observando as aulas dos professores nesses colégios, depois passavam a dar algumas aulas em conjunto ou substituindo-os, e muitas vezes eram efetivados. Existiam poucas escolas públicas e os professores da ENEFD implantaram e estavam a ministrar aulas de educação física nos grandes colégios e escolas particulares da cidade, para lá levando muitos alunos formados pela ENEFD.

---

<sup>102</sup>. Exemplo disso é a pesquisa 'Menstruação e esporte', de Peregrino Júnior e Maria Lourdes Oliveira (1948). As alunas participaram somente fornecendo os dados necessários à pesquisa, não tendo experiência como pesquisadoras.

<sup>103</sup>. Uma experiência interessante era realizada para treinamento de docência dos alunos. Uma escola da rede de ensino, normalmente que possuía dificuldade de conseguir um professor de educação física e se situava próximo a Escola, conduzia seus alunos até a ENEFD, onde os estudantes do terceiro período ministravam a aula sob orientação de professores.

No que se refere a tal aproximação para a prática docente, Faria Júnior viveu um momento bastante semelhante. Mas no que se refere a pesquisas e a participação dos alunos nas pesquisas, seu momento na ENEFD foi bastante diverso. Assim como no período de Matta, a pesquisa ainda não era uma constante, mas impulsos mais significativos já eram perceptíveis, mesmo que ainda bastante diferente das realizadas nos dias atuais, com um domínio metodológico menor. Faria Júnior, por exemplo, teve a oportunidade de participar, junto com a professora Maria Lenk, na primeira pesquisa ligada a introdução no Brasil do Intervall-training de Gerschler e Reindell na natação<sup>104</sup>. Essa pesquisa foi realizada no Centro de Desportos da Marinha, na ocasião dirigido pelo tenente Lamartine Pereira da Costa. A participação nessas pesquisas é apresentada por Faria Júnior como marcante em sua carreira profissional e seu tempo na ENEFD.

Nos relatórios do diretor da ENEFD, Waldemar Areno, em 1961, encontrei outra reveladora informação sobre o avanço da pesquisa na Escola. Areno comenta na página 56 que: "Foram realizados estudos e pesquisas sobre o movimento com alunas dos cursos regulares, do grupo de dança contemporânea que funciona na cadeira (ginástica rítmica) e com a colaboração do prof. Camilo Abud, catedrático de fisioterapia.

Faria Júnior lembra também de uma importante e pioneira iniciativa dos estudantes, que contaram para isso com o apoio da professora Maria Lenk: a organização de um seminário para que os estudantes apresentassem seus trabalhos realizados na graduação. Não havia a exigência de trabalhos de fim de curso, mas com essa iniciativa, muitos estudantes estiveram a apresentar seus trabalhos. Faria Júnior, inclusive, não se sentindo preparado para apresentar trabalhos, optou para participar assistindo as seções realizadas. Três dos trabalhos apresentados nesse primeiro simpósio interno<sup>105</sup> foram publicados nos Arquivos de número 17, quando Areno comenta:

*"Este simpósio já está definitivamente incorporado às nossas atividades, o que demonstra o grande interesse dos nossos alunos pela pesquisa, pela publicação dos trabalhos e pelas oportunidades que se lhe oferecem de expor o que aprenderam" (1962, p.8).*

---

<sup>104</sup>. Essa doutrina de treinamento teve grande penetrabilidade no Brasil. Waldemar Gerschler e Hebert Reindell chegaram a proferir conferência na ENEFD, em 7 de outubro de 1959.

<sup>105</sup>. Esse seminário seria realizado por muitos anos mais. Até onde pude perceber, pelo menos até 1965, quando foi realizada a quinta edição.

Os estudantes, assim, mais uma vez contribuíam com os rumos da ENEFD e da educação física brasileira. Essas experiências dos seminários, bem como sua busca pela participação efetiva em pesquisas, podem ser consideradas como de grande importância para a área. Esses primeiros momentos de produção científica foram efetivamente importantes para Faria Júnior e demonstram como passaram a ter relativa importância na estrutura da ENEFD. O Diretório Acadêmico, em outra demonstração de preocupação com a formação, constantemente divulgava publicações com artigos e trabalhos realizados pelos professores da Escola.

Outras ações e indicadores menores, mais não menos importantes, também marcam esse novo momento da organização estudantil. Por exemplo, em 1958 conseguiriam voltar a publicar 'O dardo', seu órgão oficial de divulgação, criado em 1948, mas interrompido desde 1954. Em 1958, José Sobrinho e Josail Estrela Gonçalves são premiados pela Congregação por seu trabalho junto ao corpo discente. Importante também foram as viagens que os representantes do Diretório Acadêmico passaram a realizar para participar nos congressos nacionais de estudantes, alguns inclusive da União Nacional dos Estudantes<sup>106</sup>.

Assim, não somente no interior da ENEFD, mas também no nível nacional, o movimento estudantil em educação física começou a se efetivar, fundamentalmente por ação dos estudantes do Rio de Janeiro. É no fim da década de 50 que se organiza a União Nacional dos Estudantes de Educação Física (UNEEF), tendo como primeiro presidente Vinicius Ruas. Foi a UNEEF que organizou o Primeiro Congresso de Estudantes de Educação Física, nas dependências da ENEFD. Realizado entre os dias 15 e 24 de outubro de 1957, contou com a presença de representantes do Rio Grande do Sul, Paraná, São Carlos, Minas Gerais e Rio de Janeiro (na época Distrito Federal), além de representantes da própria ENEFD. Entre as discussões, se encontravam preocupações com a elevação do nível da formação, criação da cadeira de recreacionista e cursos de especialização, entre outras. Sem dúvida, a UNEEF e o Congresso são antepassados, lamentavelmente pouco conhecidos,

---

<sup>106</sup>. Por exemplo, em 1958 a ENEFD enviou dois representantes ao Congresso Nacional de Estudantes realizado em Bauru, São Paulo; no II Congresso Nacional de Estudantes de Educação Física, realizado em 1959, em Porto Alegre, compareceram dois estudantes da ENEFD; e no aniversário da Escola de Minas de Ouro Preto, onde a Universidade do Brasil foi representado pelo presidente do DCE e pelo presidente do Diretório Acadêmico da ENEFD, José Cysneiros.

de nossa atual Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física e de nossos Encontros Nacionais de Estudantes de Educação Física.

Foi também em meados da década de 50 que pela primeira vez os estudantes de educação física enviavam representantes para a União Nacional dos Estudantes e para seus congressos anuais, participação com certeza extremamente importante a ser considerada nos movimentos que antecederam a greve.

A ascensão dos estudantes dentro da ENEFD e as primeiras tentativas de organização de um movimento de estudantes de educação física no nível nacional têm um de seus marcos e grande estímulo na greve dos estudantes de 1956. Obviamente tanto a greve quanto os movimentos devem ter sofrido forte influência do momento histórico nacional em que ocorreram, onde os estudantes fortemente se organizavam e tinham presença marcante no cenário nacional. O Diretório Acadêmico da ENEFD tinha efetiva participação no DCE e na UNE.

*"Nós freqüentávamos a UNE, o prédio da UNE na Praia do Flamengo. Tinham várias atividades que faziam com que a gente fosse para lá... A gente tinha orgulho de ser de uma Escola que tinha um diretório que participava de um DCE e que tinha ligação com a UNE"* (FARIA JÚNIOR, comunicação pessoal, 1995).

Foi um momento de grande efervescência na realidade nacional. Essa efervescência não era circunscrita ao Brasil, existindo, em muitos outros países, movimentos de organização dos estudantes e da juventude. No Brasil, observa-se uma crescente importância e presença da União Nacional dos Estudantes e em geral os estudantes tiveram uma participação política muito forte, refletida muitas vezes através de manifestações artísticas e culturais. Dentro da ENEFD, reflexos claros são perceptíveis.

*"Não se compreenderia nos tempos atuais, que outro fosse o sentimento do jovem, que vive e participa das horas mais dramáticas da definição nacional... e os estudantes de educação física, atentos a evolução por que passa esta especialidade, querem acompanhar esta fase de transição, não como meros espectadores, mas como partes vivas de um organismo que se transforma recebendo o termo novo para etapas porvindouras"* (CYSNEIROS, 1960, p.135).

Assim, não se pode negligenciar a influência do efervescente momento nacional, mas penso que a greve tenha tido também outro significado, específico da (e para) área de educação física, até porque na ocasião de sua realização, a UNE e os movimentos estudantis ainda não estavam no auge de sua atuação. A greve significou uma forma de afirmação do profissional de educação física.

Isso é, as principais forças não se encontram no contexto histórico geral do país, mas sim nos problemas internos que acometiam o grupo. A greve foi uma expressão da comunidade, uma forma de resistência, o resultado de uma necessidade de forjar um novo poder, não somente para os estudantes, como também para a profissão de professor de educação física. Foi a busca de novos papéis para eles estudantes, mas também futuros professores. A consciência de comunidade os fez romper com algo que os professores de educação física da ENEFD ainda não tinham feito por motivos éticos ou por resultado da grande discriminação que sempre sofreram: a interferência primordial e direcional de outras áreas numa área que tentava se afirmar, conquistar espaço e legitimidade. A greve foi também, e primordialmente, resultado da afirmação, de orgulho ferido, de um grupo que se constituía.

Depois da presença de militares e médicos na direção da ENEFD, e o destacado prestígio para essas categorias, a insatisfação de alguns professores de educação física era latente e cada vez mais presente. Paulatinamente, esses professores foram conquistando espaços, desde nos órgãos colegiados, até supressão de condições que os mantinham em inferioridade, passando até mesmo pelo aumento de suas escolhas como patrono e paraninfo das turmas que concluíam o curso. A direção da ENEFD passara de militares para médicos e os professores de educação física pareciam dispostos, mesmo que de forma não deflagrada, a tê-la sob o seu comando.

Observe-se que a reivindicação da greve não se ligava a busca de maiores assentos nos órgãos colegiados ou brigas com o corpo do professorado em geral. A reivindicação ligava-se diretamente a retirada de um diretor (médico) que não dava a devida atenção a Escola e ainda por cima dizia que essa não tinha nível para ser dirigida por ele. Nada mais sintomático do que o apoio para a greve tenha vindo de um grupo de professores de educação física.

*"...E houve, sem dúvida alguma, um grupo que foi solidário, principalmente aquele grupo mais relacionado a educação física, que sentia a discriminação dentro do Conselho Departamental, entre o grupo médico e o grupo de professores; então eles acharam que era hora de inverter" (MATTA, comunicação pessoal, 1995).*

Os professores de educação física vinham sentindo a tempos as diversas formas veladas de desconsideração; e a greve vai ao encontro de seus desejos de mudar os rumos da ENEFD. A greve de estudantes de 1956 pode ter significado também os primórdios da luta pela conquista de espaço do profissional de educação física dentro de sua própria área. Conquista essa somente efetuada em maior grau nas décadas de 80 e 90. Dentro da ENEFD da época, a greve significou a conquista de inúmeros espaços:

*"- E os professores de educação física passaram a ser mais respeitados ?(Victor)*

*- Sim, sem dúvida nenhuma, porque o Areno não era bobo. E ele próprio viu que houve uma pressão, que havia uma divisão e que aquilo não era algo que ele quisesse que crescesse. Então de alguma maneira as coisas foram levadas a minimizar esses, essas possibilidades, digamos, de outra virada de mesa." (MATTA, comunicação pessoal, 1995).*

Cabe ressaltar que em momento algum tentei dizer que o grupo de professores de educação física estivesse mais avançado nas discussões teóricas e/ou políticas no interior da ENEFD ou na educação física brasileira. Entre eles também se encontravam posições controversas, posições tradicionais, possivelmente que iam de encontro com as próprias posições do Diretório Acadêmico. Exemplo disto, aliás bastante ilustrativo do que tentei argumentar no que se refere a aproximação dos professores aos estudantes como forma de afirmação da profissão, pode ser encontrado no discurso de paraninfo de Alfredo Colombo em 1952<sup>107</sup>. Na ocasião afirma,

*"Ao vosso convite acedi porque nele reconheço não só uma homenagem ao professor, como também uma demonstração da evolução do conceito em que são tidas as cadeiras desportivas dessa Escola, as chamadas práticas"(p.134).*

---

<sup>107</sup>. Na verdade, aqui encontramos mais um elemento para pensar as relações teoria/prática e/ou professor de educação física/médico. De fato, o primeiro professor de educação física a ser escolhido para paraninfo foi Inezil Penna Marinho em 1945. Alfredo Colombo foi, na verdade, o primeiro professor de cadeira *prática* a ser escolhido

mas logo após deixa claro que acredita que *"...conservando a Universidade do Brasil fora da órbita da política, os rumos seguem tranqüilos sua trajetória ascensional"* (p.135). Obviamente deve-se considerar que esse discurso foi realizado antes da greve de 1956, podendo inclusive ter sido feito a partir do detectar do aumento da participação e organização dos estudantes, identificando, assim como Peregrino Júnior (curiosamente no mesmo ano de 1952), a 'indisciplina' dos alunos. Mas mesmo depois da greve, quando a aproximação entre estudantes e professores de educação física era maior, exceções eram os que pensavam de forma diversa.

Enfim, com toda essa movimentação, como visto, nos mais diversos campos e sentidos, a ENEFD parece ter atingido o auge de sua atuação e influência na educação física brasileira na virada da década de 60, quando melhor esteve a cumprir suas determinações enquanto escola padrão, influenciando marcada e definitivamente os rumos da educação física brasileira. Embora não seja ação exclusiva dos médicos, sua inspiração e atuação parece ter sido fundamental na reorientação dos caminhos da Escola, principalmente no que se refere ao estímulo, desenvolvimento e divulgação de pesquisas. Areno resume bem a Escola nesse momento, ao comentar por ocasião do aniversário de vinte anos da ENEFD:

*"...temos hoje uma Escola que merece o respeito de quantos a conhecem, que merece a admiração dentro da nobre Universidade a que pertence e tem sabido dignificar. Possuímos instalações condignas, sentimos condições favoráveis de trabalho, em confronto com os locais impróprios, insuficientes e desconfortáveis dos primeiros anos de vida, daquele período difícil de luta árdua para conquista de nossas reivindicações. Não poderei negar a fase maravilhosa, esplendorosa, que agora atravessamos, de prestígio ascendente e conceito estabilizado"* (1959, p.117).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABUD, Camilo Manoel. Atitude e cinesioterapia. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, out.1945, p.15-24.
2. AMARAL, Antônio Caio do. Sutura primária retardada e enxerto livre de pele no tratamento das feridas de guerra. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.4, jun.1948, p.5-15
3. ARENO, Waldemar. Profissão de fé. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.2, jun.1946, p.9-16.
- 4.-----. Limiar da esperança - Aula inaugural de 1946. *Revista Brasileira de Educação Física*, Rio de Janeiro, n.29, jul./ago. 1946, p.3-5.
- 5.-----. II Congresso Panamericano de Educação Física realizado no México em outubro de 1946. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.3, 1947, p.5-25.
- 6.-----. Relatório da viagem ao norte do Brasil. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.4, jun.1948, p.26-43.
- 7.-----. O conselho e o adeus. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set.1949, p.25-34.
8. ----- .Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.11, dez. 1957, p.7-8
9. ----- .Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.12, dez. 1958, p.7-8.
10. ----- .*Relatório de 1958*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1958.
11. ----- .Oração de patrono da turma de 58. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.13, jun. 1959, p.114-118.
- 12.----- .Oração dos 20 anos. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.13, jun.1959, p.120-136.
13. ----- . A Educação física e seus problemas. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.14, dez. 1959, p.9-20.
14. ----- . III Congresso Panamericano de Educação Física. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.14, dez.1959, p.101-104.
15. ----- .*Relatório de 1959*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1959.
16. ----- .*Relatório de 1961*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1961.
17. ----- .Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.17, jun.62, p.7-8.

18. ----- . Editorial - vinte e cinco anos. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.19, jun.1964, p.7-16.
19. ----- . Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.20, jun./dez. 1965, p.7-8.
20. ARQUIVOS DA ENEFD. Rio de Janeiro, n.2, jun.1946
21. ----- . Rio de Janeiro, n.6, jan.1953.
22. ----- . Rio de Janeiro: ENEFD, n.15, dez.1960.
23. ----- . Rio de Janeiro: ENEFD, n.17, jun.1962.
24. AUGUSTO, Maurette. *Da estreita relação que deve existir entre as cadeiras práticas e teóricas na Escola Nacional de Educação Física e Desportos*. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.14, dez.1959, p.31-34.
25. BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: DEF/MES, n.3, dez.1941
26. ----- . Rio de Janeiro: DEF/MES, n.12, abr.1945.
27. BRASIL. Decreto-Lei nº 1212 de 17 de abril de 1939.
28. ----- . Decreto-lei n. 8270 de 03 de dezembro de 1945.
29. ----- . Lei n.1821 de 12 de maio de 1953.
30. CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil - a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.
31. COLOMBO, ALFREDO. Estudo crítico de várias formas de atividade física. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.1, out.1945, p.50-55.
32. ----- . Aspectos da educação física nos países do Prata. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.2, jun.1946, p.21-30.
33. ----- . A segunda Língua. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set.1949, p.73-81.
34. ----- . Discurso de Paraninfo. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.6, jan.1953, p.133-139.
35. COSTA, Lamartine Pereira da. *Diagnóstico da educação física/desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1971.
36. CYSNEIROS, José Augusto Cavalcante. Discurso de posse na presidência do DA. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.14, dez.1959, p.129-132.

- 37.----- . Oração da despedida. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 15, dez. 1960, p.135-138.
38. EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, n.47, out. 1940
39. ----- . Rio de Janeiro, n.68, set. 1942.
40. ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS. *Regimento Interno*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1941.
41. FARIA, Alberto Latorre de. Aula inaugural dos cursos da ENEFD de 1957. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.11, dez. 1957, p.9-20.
- 42.----- . A educação física e o momento atual da sociedade. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.12, dez. 1958, p.9-24.
- 43.----- . O professor e seu país. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 15, dez. 1960, p.21-28.
44. FARIA Júnior. Alfredo Gomes de. Professor de Educação física, licenciado generalista. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de; FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de (orgs.). *Fundamentos Pedagógicos da Educação Física -2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
45. GOMES , Guilherme de Souza. O médico e o professor de educação física. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.7, dez. 1957, p.65-68.
46. GONÇALVES, Jarbas. Depoimento. In: CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil - a história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 1988
47. HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
48. LENK, Maria. *A educação física e a Reforma Universitária*. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.22, 1972.
49. LYRA, Antônio Pereira. Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 1, out. 1945, p.101-127.
50. MARINHO, Inezil Penna. Discurso de Paraninfo. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.7, jan.54, p.121-127.
- 51.----- . Discurso de posse na cátedra de História e Organização da Educação Física e Desportos. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.12, dez.58, p.127-145.
52. MELO, Victor Andrade de. *Alberto Latorre de Faria e a Educação física brasileira - uma biografia autorizada*. Memória de Licenciatura. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

53. MELO, Victor Andrade de. Possíveis reflexões sobre a História da Educação Física no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, volume 17, número 1, set/95, p.40.
54. PABST, Maria Helena de Sá. Síntese pedagógica das atividades rítmicas. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set,1949, p.35-48.
55. PEREGRINO JÚNIOR, João. Aperfeiçoamento físico do servidor do Estado: educação física, fator de bem estar e eficiência. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.1, jan. 1945, p.80-86.
56. ----- . Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set.1949, p.3.
57. ----- . Discurso de posse de cátedra de Carlos Sanchez de Queiroz. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.6, jan. 1953, p.123-129.
58. ----- . Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.6, jan.1953, p.5-6.
59. ----- . Editorial - 15 anos de labor e luta. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.7, jan.54, p.5-6.
60. ----- . Stress e exercício físico. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.8, 1954/55, p.83-94.
61. ----- . A missão da universidade na formação das elites. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.8, 1954/55, p.7-32.
62. ----- . Editorial - após 17 anos de luta. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.9, jan./jun.1956, p.5-6.
63. ----- . Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.10, dez.1956, p.7-8.
64. ----- , OLIVEIRA, Maria de Lourdes. Menstruação e esporte. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.4, jun.1948.
65. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro, n.14, jul.1945.
66. ----- . Rio de Janeiro, n.40, jul.1947.
67. REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro, n.46, out.1939
68. RIBEIRO, Flexa. Estádio e Anfiteatro. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.6, jan.53, p.69-76.
69. SCHERMANN, Adolpho. *Os desportos em todo mundo*. Rio de Janeiro: A.A.B.B., 1954.
70. SOBRINHO, José de Oliveira Barreto. Discurso. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.13, jun.1959, p.106-107.

## CONCLUSÃO

### A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Nesse espaço final pretendo ressaltar algumas das discussões efetuadas no contexto dos capítulos, evidenciando aquelas que considero mais importantes. Pretendo também apresentar, à guisa de conclusões, algumas reflexões sobre a perda de *status* da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) que, possivelmente têm relação com seu atual momento histórico e sua importância no cenário da educação física nacional.

Na parte inicial desse estudo, pretendi argumentar que processo de criação da ENEFD não apresentou diferenças substanciais dos processos de criação de outras escolas e cursos de formação de professores na educação física brasileira. Obviamente deve-se considerar que as relações ao seu redor foram mais complexas, principalmente devido a seu caráter de *escola padrão nacional* e sua proximidade com as estruturas de poder da época. Mas em geral pode-se identificar a marcante e fundamental presença dos militares, não só nas articulações em torno da criação, como também determinando inicialmente seus rumos e impregnando sua estrutura com seus princípios e doutrina, ligados a interesses apresentados desde o início da educação física brasileira. A esses estiveram associados os médicos, sempre responsáveis por conceder o suporte científico que concedia maior credibilidade e *status* para a área. Também não se diferenciou no que se refere a divisão entre teóricos e práticos, manifesta inclusive no seu decreto de criação e reproduzida no seu cotidiano.

Paulatinamente, entretanto, a ENEFD passou a assumir e representar novos papéis, redimensionamentos perceptíveis fundamentalmente a partir da direção e ação dos médicos. Embora não tenham sido os únicos, os médicos foram de grande importância por reorientaram os rumos da Escola, passando a engajá-la em preocupações maiores no que se refere a seu aspecto educacional e sua função no desenvolvimento e divulgação de pesquisas e novos conhecimentos e foi justamente enquanto os médicos estavam na direção que a ENEFD atingiu seu momento de maior *status*, o auge de seu prestígio e de sua penetrabilidade na educação física brasileira. E, porque não dizer, cumpriu melhor suas determinações de *escola padrão*, influenciando pronunciadamente o desenvolvimento de nossa educação física.

Certamente esse percurso não foi uniforme e desprovido de conflitos. Embora progressivamente fossem percebidas iniciativas no sentido de diminuir as diferenças e estabelecer o diálogo entre as cadeiras teóricas e as práticas, essas iniciativas ocasionaram e foram fruto de lutas internas. Uma das maiores repercussões da depreciação para com as cadeiras práticas estava no próprio desprestígio para com os professores de educação física de uma forma geral, refletido em várias ocasiões, de inúmeras formas.

Essa situação foi, no entanto, se revertendo pela própria atuação e conquista de espaço por parte dos professores de educação física. Nesse processo os estudantes ocuparam um papel fundamental. Os estudantes constituíram a categoria que mais conquistou espaço dentro da Escola e suas ações não só não podem ser desconsideradas, como devem ser levadas em conta como fundamentais na própria reorientação dos caminhos da ENEFD. Foram os estudantes também que deram os passos mais efetivos no sentido de contribuir para a afirmação do professor de educação física no interior de uma Escola de formação que embora estivesse a ele ligada, tinha sido até então dirigida por profissionais de outras áreas. Curiosamente é quando os professores de educação física efetivam esse processo na ENEFD, processo que somente seria efetivado na educação física como um todo na década de 80, que a Escola perceptivelmente apresenta sinais de perda de *status* no cenário nacional.

A virada no eixo de poder, consolidação das articulações dos professores de educação física, se deu em meados da década de 60, quando a lista triplíce para escolha de diretor da ENEFD encaminhada para o Ministério da Educação e Cultura (MEC) continha três professores de educação física: em primeiro lugar, na preferência da Congregação, o professor Alfredo Colombo; em segundo lugar a professora Maria Helena Pabst de Sá Earp e em terceiro a professora Maria Lenk. A lista foi assim montada de forma a conduzir Alfredo Colombo a direção pois, imaginava a Congregação, O MEC não escolheria uma mulher. O MEC, no entanto, em atitude que ainda não ocorrera com a ENEFD, desprezou os dois primeiros nomes e a professora Maria Lenk foi a escolhida.

A partir da direção da professora Maria Lenk, rapidamente os rumos da ENEFD se alterariam substancialmente. Uma das razões dessa mudança foi a Reforma

Universitária de 1968. Maria Lenk, a nova diretora<sup>108</sup>, possuía prestígio como ex-atleta e com a cúpula desportiva do governo militar golpista, tendo sido convidada a participar ativamente das decisões relativas a educação física na reforma universitária. É possível que essas relações com o Governo Militar tenham sido fundamentais em sua escolha como diretora, mesmo sendo a terceira opção apresentada pela Congregação da ENEFD. Com a reforma universitária, a Universidade do Brasil passaria a Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ) e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos passaria a ser a Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ. Perdia assim também seu status de *escola padrão*, responsável por desenvolver e uniformizar a formação profissional na educação física brasileira. Processo semelhante ocorreu com as outras *escolas e faculdades nacionais* que se situavam no Rio de Janeiro, como a Faculdade Nacional de Filosofia.

A perda de *status* da ENEFD e de sua função enquanto *escola padrão*, entretanto, não pode ser somente atribuída à reforma universitária, mas deve ser entendida como um processo paulatino e complexo. Possivelmente, esse processo terá tido início, a nível macro, com a mudança do Distrito Federal para Brasília. Essa mudança abalou toda a estrutura de uma cidade acostumada a viver como sede dos poderes e das decisões<sup>109</sup>. Assim, o Rio de Janeiro deixou de ser o centro das decisões políticas, o lugar que abrigava a Presidência da República, para se tornar um Estado: a Guanabara. Futuramente, seria unificado com o Estado do Rio de Janeiro, em um processo político para desarticular a tradição de luta e oposição da cidade/estado. Obviamente, todas as instituições localizadas nessa cidade, foram abaladas por esse processo de fusão, e a ENEFD por ele não passou incólume.

É importante perceber que na reforma universitária não havia um projeto político e científico-pedagógico claro para a Escola de Educação Física, ao contrário da ocasião de sua criação. Esse deve ser um outro fator a ser considerado nas reflexões em torno da perda de *status* da ENEFD.

Entretanto, a reforma universitária trouxe também algumas contribuições interessantes para a Escola, principalmente na parte material. Lenk (1972) afirma que os

---

<sup>108</sup>. Com Maria Lenk pela primeira vez um professor de educação física ocupou a direção por indicação da Congregação. Anteriormente, por duas vezes, já haviam assumido a direção, interinamente (em 1947 com Alfredo Colombo e em 1950/1951 com Alberto Latorre de Faria). Nessas ocasiões esses professores eram vice-diretores.

<sup>109</sup>. A cidade do Rio de Janeiro foi sede do governo por 197 anos.

estudantes estiveram envolvidos, por volta de 1968, com greves e manifestações devido as péssimas condições em que a ENEFD se encontrava. Obviamente, Lenk estava a reduzir os motivos que conduziam a mobilização estudantil, em um momento de grande mobilização estudantil no cenário nacional, mas não deixava de ter razão quanto a deteriorada estrutura material da ENEFD. Segundo Lenk, uma das ações da reforma universitária mais sentidas na ENEFD foi exatamente a melhoria da infra-estrutura. Outras ações, não ligadas a estrutura material, também foram encaminhadas, como a criação de uma assessoria técnica de ensino, um curso pré-vestibular e, uma grande inovação, os primeiros passos para a instalação de um laboratório de aptidão física.

Ainda no que se refere a infra-estrutura, o prestígio da professora Maria Lenk com o governo militar parece ter sido muito importante para que se realizasse a segunda mudança de sede da ENEFD: agora para a Ilha do Fundão<sup>110</sup>, onde se construiria o Campus Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Essa mudança causou muita polêmica e não agradou a muitos que acreditavam na suficiência e importância da sede da Praia Vermelha. Imobilismo ou resistência? Antagonismos ideológicos e rivalidades pessoais a figura da professora Maria Lenk ou avaliação desprovida de sentido prático ou senso político?

As fortes resistências às mudanças não existiram somente na ENEFD, mas em diversas outras unidades da Universidade, tendo algumas mesmo conseguido ficar em seus locais originais. Na ENEFD, embora houvesse oposição de estudantes, as maiores resistências vieram do corpo docente. Matta e Faria Júnior concordam que as maiores resistências deviam-se a dificuldade de acesso e a interferência na vida cotidiana dos professores. Assim, os motivos que os levavam a se opor a mudança estavam diretamente ligados aos seus interesses pessoais e a proximidade de sede da Praia Vermelha com o centro da cidade, com os colégios em que habitualmente trabalhavam e os negócios particulares que mantinham. Entre os funcionários processo semelhante parece ter ocorrido. Ignácio não quis ir para a nova sede, devido a distância, conseguindo, com apoio da

---

<sup>110</sup>. A sede montada na Ilha do Fundão contava com: oito ginásios; duas piscinas, sendo uma olimpica; salas de aulas e vestiários para 1500 alunos; gabinetes médicos e de pronto socorro, salas para administração e laboratórios; sala de massagem; bibliotecas; grande número de quadras descobertas, campos de futebol, instalações de atletismo; instalações para esportes náuticos. Parte dessas instalações, embora em estado precário de conservação, ainda existe na atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

professora Maria Jacy Vaz, ficar na Faculdade de Educação, que continua até hoje na Praia Vermelha, até que a professora Maria Lenk o trouxe de volta para a Escola.

Não existiram, é verdade, somente resistências. Alguns professores, funcionários e estudantes acreditavam na necessidade de outra sede. Areno, já em 1964, deixava transparecer essa posição.

*"Daqui sairemos, oxalá em futuro próximo, para uma nova Escola de Educação Física na Ilha Universitária, a ser construída dentro da estrutura de um novo campus, de acordo com a evolução do ensino, da aprendizagem, da tecnologia..."(p.9).*

Faria Júnior e Matta acreditam que, a despeito das resistências, tal mudança era necessária. As instalações da Praia Vermelha eram pequenas para o aumento do número de vagas e o aumento de entrada de alunos, exigidas a partir da reforma universitária<sup>111</sup>. Além disso, suas instalações eram tecnicamente ultrapassadas, não prevendo, por exemplo, espaços para mais laboratórios. O reforço do esforço de departamentalização das unidades, introduzidas pela reforma universitária, também abriam a necessidade de mais espaço. Assim, a sede do Fundão, no fundo a concretização do projeto original existente desde a criação da Escola e nunca efetivado<sup>112</sup>, se fazia necessária e poderia ter sido de grande importância para a ENEFD. Ginástica, atletismo e rítmica foram as primeiras disciplinas que para lá se deslocaram, caracterizando a ocupação do espaço.

Algumas estruturas sofreram um pouco com essa mudança. A biblioteca, por exemplo, teve muitos de seus livros doados antes da mudança e extraviados na passagem. Na Praia Vermelha, a biblioteca já vinha enfrentando problemas, relacionados a falta de preparação dos funcionários que lá trabalhavam e a falta de espaço para armazenar os livros. Não era incomum que com a chegada de novos livros e falta de lugar nas estantes, fossem jogados fora alguns exemplares de livros raros e importantes.

Outro problema interno parece ter abalado muito a ENEFD: a renovação de seu quadro docente; uma demorada renovação que claramente refletiu na perda de qualidade, pois a diferença entre os titulares que saíam e os que assumiam era marcante. A passagem de professores bastante idosos e experientes, para outros opostamente muito novos e

---

<sup>111</sup>. Em 1959, o total de alunos de todos os cursos da ENEFD atingia apenas 254 acadêmicos. Com a reforma de 1968 e o aumento do número de vagas esse número aumentaria consideravelmente.

<sup>112</sup>. A sede do Fundão seguia em grande parte o modelo apresentado com grande sucesso no I Congresso Panamericano de Educação Física, realizado no Rio de Janeiro em 1943, com grande participação da ENEFD.

inexperientes na docência superior, sem haver um intermédio nessa passagem influiu nos aspectos qualitativos. A ENEFD teve também que assistir ao crescimento e ao desenvolvimento da profissão e da formação profissional em educação física, com o surgimento, no Rio de Janeiro e no Brasil, de várias outras escolas, algumas até mais bem estruturadas. Enfim, a outrora ENEFD não conseguiu manter a posição central de destaque que ocupara nas décadas anteriores no cenário da educação física nacional.

*"- Como você vê hoje a atual herdeira da ENEFD? (Victor)*

*- Eu vejo com tristeza. Eu acho que houve uma decadência da Escola... Mas eu não posso dizer que ela seja uma escola ruim. Mas ela não exponenciou qualitativamente como se esperava de uma escola que teve toda essa tradição, chegar a um ponto bastante avançado do ponto de vista qualitativo" (FARIA JÚNIOR, comunicação pessoal, 1995).*

Concluindo, alguns pontos podem ser ressaltados para explicitar a importância da atuação da ENEFD. Dentre as principais contribuições a educação física brasileira temos as pesquisas realizadas em seu interior e divulgadas através dos 'Arquivos' e dos inúmeros cursos e congressos que sediava e/ou ajudava a organizar, com infra-estrutura material e física, mas também com a participação direta de seus professores como palestrantes e conferencistas, facilitando o acesso a informações mais recentes e teoricamente mais aprofundadas. A ENEFD foi a primeira escola e possivelmente uma das primeiras, e talvez mais importantes na época, instituições, no Brasil, a fazer e divulgar pesquisas sistemáticas em educação física<sup>113</sup>.

Outra grande contribuição foi lutar para que as Escolas de Educação Física de outros Estados fossem aceitas no âmbito das Universidades. Areno, por exemplo, quando diretor, viajou para muitos Estados e procurou entrar em contato com os reitores das Universidades, procurando apresentar-lhes as experiências satisfatórias da ENEFD, a única Escola de Educação Física não só ligada a uma Universidade, como também ligada a uma das mais importantes universidades do Brasil. Em 1961, por exemplo, manteve contato com os reitores da Universidade do Rio Grande do Sul, Elyseu Pagliali, e da Universidade do Paraná, Flávio Suppicy.

---

<sup>113</sup>. Não se pode deixar de citar a Escola de Educação Física do Espírito Santo, com sua pioneira exigência de trabalho de fim de curso, e a Escola de Educação Física do Exército como importantes instituições no que se refere a pesquisa. A ENEFD, no entanto, parece ter conduzido suas pesquisas com uma organicidade e qualidade mais aprofundadas, sendo inclusive mais capaz de divulgá-las, por sua condição de *escola nacional padrão*.

No Espírito Santo, Escola com a qual a ENEFD tinha excelentes relações através do professor Aloyr de Queiroz, insigne da educação física daquele estado, a ENEFD chegou até a realizar, através de uma comissão formada por três professores<sup>114</sup>, uma visita de avaliação para verificar a possibilidade da Escola ser incluída na Universidade do Espírito Santo. O parecer favorável foi plenamente ratificado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1961. A ENEFD também contribuía, não só com o Espírito Santo, mas também com outros Estados, com o empréstimo de material, como as placas de cortiça emprestadas para o Festival de verão de natação da Escola do Espírito Santo, em 1961, e até doação de livros. Nesse mesmo ano, a ENEFD doou cerca de 170 livros para diversas Escolas de Educação Física do país.

A ENEFD também foi responsável por formar gerações de profissionais competentes em todos os ramos, muitos dos quais, enquanto bolsistas, voltavam a seus estados e divulgavam o conhecimento adquirido e/ou auxiliavam na organização da educação física em seu estado. Na área desportiva, por exemplo, existem inúmeros técnicos que foram ex-alunos da escola. Entre eles podemos, ainda com o risco de omissões, citar: Paulo Emmanuel da Hora Matta, Célio Cordeiro, Ingiborg Ingrid Crause (voleibol); Alfredo Gomes de Faria Júnior, Roberto de Carvalho Pavel, Júlio Arthur Duarte Mendes, Daltely Oliveira, Rômulo Noronha (natação); Ari Vidal, Waldir Geraldo Bocardo, Edson Bispo dos Santos, Renato Miguel Gaia de Brito Cunha (basquetebol), Ernesto Santos, Admildo Chirol, Carlos Alberto Parreira, Sebastião Lazoni (futebol), Aida Santos (Atletismo), Guilherme Abtibil (ginástica olímpica), Antônio Carlos Ferreira Lopes (futsal), Hilton de Almeida (pólo aquático), Margarida Leite (natação sincronizada), Rudolf Hermani (judô).

Enfim, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos teve uma importância fundamental no desenvolvimento da educação física nacional. E sua história, ou uma de suas possíveis histórias, lança luz em muitos de nossos fatos contemporâneos. A citação de Peregrino Júnior, embora se refira diretamente aos Arquivos da ENEFD, sintetiza para mim o significado da ENEFD no cenário da educação física nacional:

---

<sup>114</sup>. Os professores foram: Armando Peregrino, Renato Brito Cunha e Maria Jacy Nogueira Vaz.

*"...procurando difundir, em todo o território nacional, os conhecimentos relativos a educação física e aos desportos, assim como o resultado das pesquisas, dos estudos, das experiências que pacientemente adquirimos no plano da ciência, da pedagogia, da aplicação prática dos conhecimentos aqui ensinados...Criando uma tradição de cultura que deve ser mantida, estes arquivos representam, também, o elo que correlaciona, de modo permanente e eficaz, a vida interna da Escola - seu trabalho e seu pensamento, sua doutrina, sua experiência - com o mundo exterior, isto é, com todos aqueles que lá fora, no país e no estrangeiro, se devotam com o mesmo ideal que nos anima"(1954, p.5).*

Com certeza, a educação física no Rio de Janeiro sentiu muito o declínio da ENEFD, entrando em um paulatino processo de perda de prestígio e de importância no cenário nacional. Hodiernamente podemos perceber que esse processo de perda de *status* chega a seu auge, não tendo mais o Rio de Janeiro o mesmo destaque que outrora ocupou devido a importante atuação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

## ABSTRACT

### THE NATIONAL SCHOOL OF PHYSICAL EDUCATION AND SPORT: A POSSIBLE HISTORY

The purpose of this study is to rebuild critically one of the possible histories of the National School of Physical Education and Sport (ENEFD), the first teachers' training school of physical education which was linked to a university in Brazil. The study was based not only on written sources but also on the testimony of some people who were close to the daily life of the school. In order to carry out the study *Oral History* was used as a methodological approach. There are two basic reasons for the development of this study. The first is that the ENEFD is a cornerstone and part of the memory of the Brazilian physical education. The second reason is the possibility of a clearer understanding of some of the present debate. This possibility would be brought about from new facts, new approaches and interpretations which could restructure existing historical conceptions. There are six major conclusions. First, the creation of the ENEFD was part of the political project of the *Estado Novo*. Second, the process of creation of the ENEFD was similar to that of other teachers' training schools, all of them under the influence of members of the Brazilian Army. Third, the most well-renowned period of the ENEFD was that under the direction of the physicians. Fourth, the ENEFD played a very important role not only producing but also making public knowledge and information. Five, the students also played their part in the making of this process. Finally, the decadence of the ENEFD was related not only to external forces (the change of the capital of the country to Brasilia, the University Reform, the fusion between the State of Guanabara and the State of Rio de Janeiro) but also to internal forces (slow replacement of members of staff, students' movement under siege, physicians' loss of power).

**Keywords:** physical education history; teachers' training; students' movement.

## BIBLIOGRAFIA

1. ABREU, Eduardo Augusto Pereira. *Estudos Higiênicos sobre educação física, moral e intelectual e moral do soldado*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1847.
2. ABUD, Camilo Manoel. Atitude e cinesioterapia. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set.1949, p.15-24.
3. ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989
4. AMARAL, Antônio Caio do. Sutura primária retardada e enxerto livre de pele no tratamento das feridas de guerra. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.4, jun.1948, p.15-24.
5. ARAÚJO, Paulo. Desenvolvimento da educação física mundial no último quinquênio. *Boletim de Educação física*, Rio de Janeiro, n.10, agosto de 1944, p.31-72.
6. ARENO, Waldemar. Profissão de fé. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.2, jun.1946, p.9-16.
- 7.-----. Limiar da esperança - Aula inaugural de 1946. *Revista Brasileira de Educação Física*, Rio de Janeiro, n.29, jul./ago. 1946, p.3-5.
- 8.-----. II Congresso Panamericano de Educação Física realizado no México em outubro de 1946. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.3, 1947, p.5-25.
- 9.-----. Relatório da viagem ao norte do Brasil. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.4, jun.1948, p.26-43.
- 10.-----. O conselho e o adeus. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set.1949, p.25-34.
11. ----- .Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.11, dez. 1957, p.7-8.
12. -----. Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.12, dez. 1958, p.7-8.
13. -----. *Relatório de 1958*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1958.
14. -----. Oração de patrono da turma de 58. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.13, jun. 1959, p.114-118.
- 15.-----. Oração dos 20 anos. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.13, jun.1959, p.120-136.

16. ----- . A Educação física e seus problemas. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 14, dez. 1959, p.9-20.
17. ----- . III Congresso Panamericano de Educação Física. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.14, dez.1959, p.101-114.
18. ----- . *Relatório de 1959*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1959.
19. ----- . *Relatório de 1961*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1961.
20. ----- . Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.17, jun.62, p.7-8.
21. ----- . Editorial - vinte e cinco anos. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.19, jun.1964, p.7-16.
22. ----- . Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.20, jun./dez. 1965, p.7-8.
23. ARIES, Philippe. Pequena contribuição à história dos jogos e das brincadeiras. *In: ----- . História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
24. ARQUIVOS DA ENEFD. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Educação Física e Desportos, 1945-1961.
25. ----- . Rio de Janeiro: ENEFD, n.2, jun.1946
26. ----- . Rio de Janeiro: ENEFD, n.6, jan.1953.
27. ----- . Rio de Janeiro: ENEFD, n.15, dez.1960.
28. ----- . Rio de Janeiro: ENEFD, n.17, jun.1962.
29. AUGUSTO, Maurette. *Da estreita relação que deve existir entre as cadeiras práticas e teóricas na Escola Nacional de Educação Física e Desportos*. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.14, dez.1959, p.31-34.
30. BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
31. BOLETIM DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: DEF/MES, 1941-1954.
32. ----- . Rio de Janeiro: DEF/MES, n.3, dez.1941
33. ----- . Rio de Janeiro: DEF/MES, n.12, abr.1945.
34. BORGES. Vavy Pacheco. *O que é história?* São Paulo: Brasiliense, 1980.
35. BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembrança de velhos*. São Paulo: EDUSP/T.A. Queiroz, 1987.

36. ----- . Entre a opinião e o estereótipo. *Novos estudos do CEBRAP*, São Paulo, n.32, 1992.
37. BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: ----- . *Questões de sociologia* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
38. BONORINO, Laurentino Lopes et alli. *Histórico da Educação Física*. Vitória: 1930
39. BRASIL. Lei nº 378 de 13 de janeiro de 1937.
40. ----- . Decreto-Lei nº 1212 de 17 de abril de 1939.
41. ----- . Lei n.1821 de 12 de maio de 1953.
42. BURKE, Peter (org.). *A escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992.
43. ----- . Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In:----- . *A Escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992.
44. ----- . A História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In:----- . *A Escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992.
45. CABRAL, Elza Borghi de Almeida. O homem novo no Estado Novo. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de, FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de (orgs). *Fundamentos Pedagógicos da Educação Física - 2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
46. CAMARA, Hely F. Da , ANDRADE, Euclides. *A Força Pública de São Paulo - esboço histórico de 1831-1931*. São Paulo: [s.n.],1931.
47. CAMARGO, Aspásia. Quinze anos de História Oral: documentação e metodologia. In: ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989 .
48. ----- . O ator, o pesquisador e a História: impasses metodológicos na implantação do CPDOC. In : NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
49. CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. *A educação física no Estado Novo: história e doutrina*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
50. CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução a História*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
51. CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.

52. CAVALCANTI, Verter Paes. Educação Física: discurso histórico - um processo de materialização ideológico. In: WIDMER, Cacilda Pereira (org). *Coletânea do I Encontro de História da Educação Física e dos Esportes*. Campinas: Unicamp, 1993.
53. COLOMBO, ALFREDO. Estudo crítico de várias formas de atividade física. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 1, out. 1945, p.50-55.
54. ----- . Aspectos da educação física nos países do Prata. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.2, jun. 1946, p.21-30.
55. ----- . A segunda Lingiada. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set. 1949, p.73-81.
56. ----- . Discurso de Paraninfo. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.6, jan. 1953, p.133-139.
57. CORREA, Carlos Humberto. *História Oral - teoria e técnica*. Florianópolis: UFSC, 1978.
58. COSTA, Lamartine Pereira da. *Diagnóstico da educação física/desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1971.
59. CYSNEIROS, José Augusto Cavalcante. Discurso de posse na presidência do DA. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 14, dez. 1959, p.129-132.
60. ----- . Oração da despedida. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 15, dez. 1960, p.135-138.
61. DIAS, José Luciano de Mattos. Registro oral, história e grandes organizações. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.
62. DUBY, Georges et. al. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1989.
63. EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1936-1942.
64. ----- . Rio de Janeiro, n.9, abr. 1937.
65. ----- . Rio de Janeiro, n.47, out. 1940
66. ----- . Rio de Janeiro, n.68, set. 1942.
67. ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS. *Regimento Interno*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1941.
68. FARIA, Alberto Latorre de. Aula inaugural dos cursos da ENEFD de 1957. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 11, dez. 1957, p.9-20.

- 69.----- . A educação física e o momento atual da sociedade. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.12, dez.1958, p.9-24.
- 70.----- . O professor e seu país. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.15, dez.1960, p.21-28.
71. FARIA Júnior, Alfredo Gomes de. Professor de Educação física, licenciado generalista. *In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de; FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de (orgs.). Fundamentos Pedagógicos da Educação Física -2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
72. ----- . *Metodologia da Pesquisa*. Rio de Janeiro:UERJ, 1990(mimeo).
- 73.----- . Perspectivas na formação profissional em educação física. *In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.
74. FERRAZ, Arison. *Fragmentos da história da tropa de Piratininga*. São Paulo: [s.n],1942.
75. FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.
76. ----- . História oral: um inventário das diferenças. *In: ----- . Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.
77. GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. *Pedaços da Guerra: experiências com história oral de vida de tobarrenhos*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1992.
- 78.GAMBOA, Sílvio Sanchez. As concepções de Tempo e a questão da historicidade do objeto na pesquisa em ciências sociais. *In: WIDMER, Cacilda Pereira (org.). Coletânea do I Encontro de História da Educação Física e dos Esportes*. Campinas: Unicamp, 1993.
79. GEBARA, Ademir. Perspectivas (na história) para o século XXI. *In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.
80. GLÉNISSON, Jean. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Bertrand, 1986.
- 81.GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física Progressista*. São Paulo: Loyola, 1988.
- 82.GOMES, Guilherme de Souza. O médico e o professor de educação física. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.7, dez.1957, p.65-68.

83. GONÇALVES, Jarbas. Depoimento. *In*: CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil - a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988
84. HIGGINS, Arthur. *Compêndio de gymnástica e jogos escolares*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1896.
- 85.----- . *Manual de gymnástica higiênica para uso sem necessidade de professor*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1902.
86. HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
87. JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1873.
- 88.----- . Rio de Janeiro, 23 de abril de 1879.
89. LABORINHA, Léa. A produção científica em Educação Física: positivismo e humanismo, a afirmação e busca da superação de uma influência. *In*: FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes; FARINATTI, Paulo de Tarso Veras (orgs.). *Pesquisa e produção do conhecimento em Educação Física - livro do ano de 1991 da SBDEF*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.
90. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
91. ----- . *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
92. LENK, Maria. A educação física e a Reforma Universitária. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.22, 1972.
93. ----- . *Braçadas e abraços*. Rio de Janeiro: grupo Atlântica Boavista, 1982.
94. LYRA, Antônio Pereira. Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n. 1, out. 1945, p.101-127.
95. MANUAL DA ARTE DE NADAR. Rio de Janeiro: Laemert, 1881.
96. MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física e desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: DEF-MES, 1952-53
- 97.----- . Discurso de Paraninfo. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.7, jan.54, p.121-127.
- 98.-----Discurso de posse de cátedra de História e Organização da Educação Física e Desportos. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.12, dez.1958, p.127-145.
- 99.----- . *Sistemas e métodos de educação física*. Rio de Janeiro: Companhia Brasil Editora, s/d.

100. MEIHY, José Carlos Sebe. *A Colônia Brazilianista - história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.
101. MELO, Victor Andrade de. *Alberto Latorre de Faria e a Educação Física brasileira - uma biografia autorizada*. Memória de Licenciatura. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
102. MELO, Victor Andrade de. Possíveis reflexões sobre a História da Educação Física no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, volume 17, número 1, set/95, p.134-138.
102. ----- . Possíveis reflexões sobre a História da Educação Física no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, volume 17, número 1, set/95, p.40.
103. ----- . Primórdios da Educação Física escola brasileira - uma revisão inicial da literatura. Anais do I Congresso Nacional de Ensino Fundamental. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1995.
104. MELO, Victor Andrade de, DINI, Patricia. Levantamento de fontes para a História da educação física brasileira - Biblioteca Nacional. In: MEZZADRI, Fernando Marinho. *Coletâneas do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Curitiba: UFPR, 1995.
105. MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória - a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.
106. NASCIMENTO, Domingos. *Homem forte, gymnástica doméstica, natação, esgrima, tiro ao alvo*. Curitiba: [s.n.], 1905.
107. PABST, Maria Helena de Sá. Síntese pedagógica das atividades rítmicas. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set,1949, p.35-48.
108. PAGNI, Pedro. *Fernando Azevedo- educador do corpo*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontificia Universidade Católica, 1994.
109. PEREGRINO JÚNIOR, João. Aperfeiçoamento físico do servidor do Estado: educação física, fator de bem estar e eficiência. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.1, jan. 1945, p.80-86.
110. ----- . Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set.1949, p.3.
111. ----- . Sentidos e objetivos da educação física. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.5, set.1949, p.7-14.
112. ----- . Discurso de posse de cátedra de Carlos Sanchez de Queiroz. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.6, jan.1953, p.123-129.
113. ----- . Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.6, jan.1953, p.5-6.

- 114.-----, Editorial - 15 anos de labor e luta. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.7, jan.54, p.5-6.
115. -----, Stress e exercício físico. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.8, 1954/55, p.83-94.
116. -----, A missão da universidade na formação das elites. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.8, 1954/55, p.7-32.
- 117.-----, Editorial - após 17 anos de luta. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.9, jan./jun.1956, p.5-6.
118. -----, Editorial. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.10, dez.1956, p.7-8.
- 119.-----, OLIVEIRA, Maria de Lourdes. Menstruação e esporte. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.4, jun.1948.
120. PESSOA, Roberto. Escola Nacional de Educação Física e Desportos. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE - SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO. *Cursos e Conferências*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1944.
121. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos- teoria e história*, Rio de Janeiro, n.10, 1992.
122. PRIM, Guyn. História Oral. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992.
123. RAMOS, Jair Jordão. *Os exercícios físicos na história e na arte*. São Paulo: IBRASA, 1982.
124. RENAULT, Delso. *O dia a dia do Rio de Janeiro segundo os Jornais- 1870-1879*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1982.
125. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: A Noite/MES, 1945-1947
- 126.-----, Rio de Janeiro, n.14, jul.1945.
- 127.-----, Rio de Janeiro, n.40, jul.1947.
128. REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: EsEFEx, 1936-1942.
129. -----, Rio de Janeiro, n.37, dez.1937.
130. -----, Rio de Janeiro, n.46, out.1939
- 131.-----, Rio de Janeiro, n.49, nov.1941.

132. -----, Rio de Janeiro, n.53, jun. 1942.
133. RIBEIRO, Flexa. Estádio e Anfiteatro. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.6, jan.53, p.69-76.
- 134.ROLIM, Inácio Freitas. *Probidade e Civismo: 1939-1942*. Rio de Janeiro: ENEFD, 1943.
135. ROMA, Antônio Gonçalves. Discurso de orador de 1952. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.6, 1953, p.140-144.
136. SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes,1987.
137. SCHERMANN, Adolpho. *Os desportos em todo mundo*.Rio de Janeiro: A.A.B.B., 1954.
138. SILVA, Vinicius Ruas Ferreira. Depoimento à Lino Castellani Filho. *In:CASTELLANI FILHO, Lino. Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.
139. SOARES, Carmem Lúcia. *Educação física-raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.
140. SOBRINHO, José de Oliveira Barreto. Discurso. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.13, jun.1959, p.106-107.
141. THOMPSON, Paul. *A voz do passado - história oral*. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.
142. WIDMER, Cacilda Pereira (org). *Coletânea do I Encontro de História da Educação Física e dos Esportes*. Campinas: Unicamp, 1993.
143. WEBER, Ernest. *Sports Athléticos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.
144. -----, Sports Athlétiques. Paris:[s.n.], 1905
145. ZAIDAN, Michel Filho. *A crise da razão histórica*. Campinas: Papirus, 1989.

**ANEXO 1**  
**A PRODUÇÃO DE DOCUMENTOS**  
**- as entrevistas na íntegra -**

**ENTREVISTA 1**  
**Paulo Emmanuel da Hora Matta**

(Victor) - Acho que a primeira coisa importante é fazer um pequeno relato, apontamentos biográficos da sua relação com a Educação Física (E.F.). Queria saber do sr. quando começou e qual foi sua ligação com a E.F. ?

(Paulo Matta) - Bem, a minha ligação se deu de uma maneira interessante por que eu gostava de esporte, mas, até em termos tradicionais, eu deveria ser mais um advogado na família. Basicamente, na família tradicional baiana, o homem poderia ser engenheiro, médico ou advogado. E era isso que a família pretendia, então eu fiz o 'clássico', fiz línguas...

(V)- Sempre fazendo esportes?

(PM) - Eu fazia esportes no Colégio Estadual da Bahia. Acredito que tenho um germe de educador, de professor; desde cedo sempre gostei muito de ensinar. E no Colégio Estadual da Bahia me pediram para trabalhar com a equipe feminina de voleibol. Foi quando comecei a mexer com voleibol. Nesse trabalho eu me aproximei muito do grupo de E.F. do Colégio Estadual Central.

(V) - Isso foi mais ou menos em que ano?

(PM) - No começo da década de 50, mais ou menos pelo ano de 1949, que foi o ano do centenário da Bahia, 1950, por aí.

(V) - A EF era muito forte no Colégio?

(PM) - É interessante esta pergunta, porque a EF nessa época, que ainda era a época de Getúlio, tinha programa e tinha exames dentro da área escolar; cada aluno tinha sua ficha que acompanhava como a de qualquer disciplina, com as aprovações, com os testes, tudo pronto. Então realmente era um grupo que tinha força dentro do Colégio Central da Bahia, que era um dos maiores. Era, digamos, aquele colégio que cuidava em Salvador do 2o grau. Havia os colégios espalhados pelos bairros de Salvador e havia o Central.

(V)- Como era mesmo o nome?

(PM) - Colégio Estadual da Bahia Central. Era aonde se fazia o segundo grau oficial.

(V) - Lá o sr. fez o segundo grau e teve contato...

(PM) - Lá eu fiz o 2o grau, tive esse contato e através do relacionamento com os professores, como acontece ainda hoje os que vão se envolvendo criam aquele círculo. E quando eu estava fazendo o curso de direito...

(V) - o sr. chegou a fazer o curso de Direito?

(PM) - Cheguei a começar na Universidade de Bahia. Quando estava fazendo o curso de Direito apareceu a oportunidade de uma bolsa de estudos, de concorrer na Bahia a uma bolsa de estudos para fazer EF.

(V) - Era uma única bolsa?

(PM) - Era uma única bolsa.

(V) - A sua ligação com a Escola Nacional começou aí ?

(PM) - Começou daí. A Escola Nacional por ser padrão, por ser da capital da República, fornecia anualmente bolsas de estudo para os vários estados. E nesses estados a área de EF se encarregava de fazer as pré-seleções. Então abriam seus concursos lá de alguma maneira. Nós tivemos o concurso do qual constavam exames escritos e participação prática nas várias atividades (atletismo, coordenação motora, etc.) e se selecionava esse pessoal que viria para o Rio, por conta própria, e aqui no Rio faria vestibular. Uma vez aprovado no vestibular faria jus a uma bolsa de estudos que seria hoje digamos, ...meio salário mínimo, que era com o que tínhamos de sobreviver.

(V) - Em todos os Estados a seleção era assim?

(PM) - Não posso dizer se todos os Estados faziam esse mesmo tipo de seleção. Nada impedia que algum Estado manda-se alguém já escolhido ou enpistolado, etc.

(V)- Existia um representante da Escola que...?

(PM)- Não, que acompanhasse não; ficava por conta dos organismos de EF de cada Estado a seleção e a indicação. Quando esse individuo era indicado chegava à secretaria da 'Nacional' portando um documento que dizia que era o candidato a bolsista indicado pelo Estado tal.

(V) - Um por Estado?

(PM) - Um por Estado.

(V) - Ainda assim tinha que concorrer no vestibular normal?

(PM) - Sim, normal e com implicações, digamos de cobrança, durante o curso até maior, por ser bolsista.

(V)- Embora a bolsa fosse...

(PM) - Embora a bolsa fosse um auxílio irrisório e às vezes, como ainda hoje se encontra nos organismos oficiais, atrasasse esse pagamento. Mas era cobrado como se ele passasse, no instante da aprovação, a ser um aluno profissional. O aluno que era pago pela Escola para fazer o curso, ao qual os professores não permitiam faltas. Os professores exigiam até um pouco mais nas avaliações. O aluno bolsista tinha essa conotação.

(V)- Qual era o perfil dessas pessoas que vinham de outros Estados? Havia muita diferença do pessoal que era da capital?

(PM) - Havia. Havia aquela questão de que esses eram sem dúvida nenhuma os mais vocacionados e aqueles que obrigatoriamente se apresentavam com mais compromisso. Nos alunos residentes, nos alunos locais, muitos se apresentavam como hoje: 'para transar o corpo numa 'nice', fazer atividades físicas, sem envolvimento, maior, mais consistente, profissional com a área.

No meu caso específico eu tive de criar uma situação até interessante. Porque eu fazia Direito. Numa quarta-feira os professores me comunicaram que tinha uma bolsa e o concurso seria num sábado. Fiz o concurso, fui aprovado e a família não tomou conhecimento. Dei o aviso na 4ª feira que ia viajar na sexta para a Rio.

Então, família tradicional baiana, sem nunca ter saído do seio familiar, eu comuniquei com 48 horas de antecedência que ia para o Rio, fazer um curso de EF, vivendo sozinho e tive de orgulhosamente dizer que não pretendia que ninguém me ajudasse.

(V) - O sr. manteve isso?

(PM) - Mantive. Até passando fome, mas foi mantido perfeitamente. E eu que tinha nascido, digamos, rico, dono de fazenda, cheio de cacau, passei fome no Rio. Meu pai não quis tomar conhecimento da minha área nem na minha formatura. Até o telegrama de parabéns pela formatura que minha mãe passou para mim, o fez escondido do meu pai. Para todos efeitos ele não queria saber o que se passava comigo e só veio me perguntar o que era a EF e se a EF rendia, se financeiramente era interessante, quando eu já era técnico da seleção brasileira e andava pelo mundo e mandava cartões dos vários lugares. E aí numa das minhas idas para a Bahia ele me perguntou o que era minha profissão, quanto me pagavam, se aquilo rendia, se era sério. Porque para todos os efeitos, naquela época, muito mais do que hoje, a discriminação era que a área de EF era uma área recreativa, era um brinquedo com bola. Na Bahia isso ainda era pior.

(V)- Mais em geral era assim? Os outros colegas manifestavam isso?

(PM) - Em geral era assim. Grande parte dos colegas, a não ser aqueles de origem mais humilde, sentiam uma discriminação e pressão muito forte das famílias para que fizessem outras áreas nobres e não EF.

(V)- E a sociedade? As pessoas do Rio, que era onde a Escola estava situada, olhavam com olhos diferentes?

(PM) - É importante para seu registro o seguinte: A minha turma, vestibular de 1954, foi a segunda turma da Escola Nacional de EF a fazer vestibular, já com a exigência do segundo grau completo.

(V) - Foi a segunda turma? Antes não tinha?

(PM) - Foi a segunda turma. Até 1952, o curso era como o 'normal'; uma continuação do primeiro grau. Você fazia o primeiro grau e entrava para a Escola de EF, tal e qual se faz no 'normal' e havia também um exame que era chamado de vestibular, mas que era a nível de primeiro grau.

(V)- Mas você saía com o título de 3o grau ou não?

(PM) - Não; saía com o título de professor de EF. Só a partir da exigência do segundo grau completo é que a EF passou a ter formatação de nível superior. Até então era um curso técnico.

(V)- Seu curso foi de quantos anos? Foi de três anos?

(PM) - Meu curso foi de três e era anual. Com todas as implicações, inclusive perdendo três disciplinas você repetia o ano todo, independente das disciplinas em que você tivesse sido aprovado até com nota dez. Você voltava a cursá-las e aconteciam equívocos tremendos. Porque uma disciplina em que num ano você tinha passado com nota brilhante, se se descuidasse no ano seguinte, acabava reprovado naquela, exatamente naquela que você tinha largado de mão porque tinha tido nota alta.

(V) - O sr. fez em três anos?

(PM) - Eu fiz em mais de três. Porque houve um acidente de percurso. No último ano tivemos um movimento de greve em que paramos em novembro e fomos recomeçar em março do ano seguinte. Muitos não fizeram prova e alguns acharam, como no meu caso, que realmente deveriam repetir e propus não fazer exames e repeti o ano inteiro.

(V) - Você acha que essa mudança de dois anos para três anos e essa exigência do segundo grau mudou o perfil da Escola?

(PM) - Mudou completamente, inclusive os quatro primeiros vestibulares foram até exagerados na dose. Foram acima do que seria, do que era um vestibular normal. Houve ano que teve que se fazer um segundo vestibular porque a reprovação foi imensa e não deu para preencher as vagas reservadas, porque como tudo o que é pioneiro, vai tendo de se submeter a um mecanismo de ajuste. Então, inicialmente os professores na elaboração do vestibular, que era isolado, exageraram no grau de dificuldade.

(V)- Era o único isolado dentro da Universidade?

(PM)- Não. Todos os vestibulares eram isolados. Cada curso tinha o seu próprio vestibular. E no de EF todas as provas eram eliminatórias; todas, fossem físicas ou fossem intelectuais, eram eliminatórias.

(V)- Não tinham privilégios para atletas?

(PM) - Não. Isso só ocorreu na época do primeiro grau. No primeiro grau houve instantes em que a Escola era um celeiro de ex-atletas ou até de atletas atuantes que tinham a Escola como uma continuação de seu treinamento no clube, etc.

(V) - Que dizer que essa mudança fez com que, digamos assim, o nível intelectual da Escola nesse sentido crescesse muito?

(PM) - Sim; no princípio houve até alguma discriminação entre os alunos novos em relação aos alunos do curso antigo. Com a convivência se acabou chegando a um denominador comum porque havia uma participação muito grande nessa época. Mesmo aqueles que não pretendiam, ser profissionais de EF, gostavam da atividade. A Escola de EF era uma escola absolutamente vocacional. Todos eram amantes das atividades físicas, gostavam de uma ou de outra atividade, gostavam de movimento. Então todos se agrupavam em torno disso.

(V) - E hoje mestre, o que você acha? É isso que acontece na formação?

(PM) - Não; hoje não só na EF como em todas as áreas o percentual de vocação é muito pequeno. Hoje há muito mais equívocos de pessoas em cursos errados do que antigamente.

(V)- Inclusive aqui entre nós?

(PM) - Não só na área de EF, mas em todas as áreas. Por isso é que nós encontramos uma incidência tão grande de abandono, de trocas de curso. De vez em quando temos um espectro de um aluno que tenta três, quatro cursos completamente diferentes numa formação acadêmica, o que seria impossível se houvesse vocação. Ou seja, não havendo vocação, na primeira contrariedade, na primeira dificuldade encontrada, o indivíduo abandona e vai tentar outro curso. E isso é o que hoje temos lamentavelmente; mas isto ocorre em qualquer área. Eu não vejo esse quadro apenas na EF. Para você ter uma idéia de quanto era cobrado, a minha primeira prova de vestibular ocorreu às oito horas da manhã de uma quarta-feira de cinzas, no Rio.

(V) - No carnaval o senhor não viu passar nada...

(PM) - Não, nem podia. Eu passei estudando.

(V) - Nessa época o senhor veio de navio?

(PM) - Não, vim de avião. Já tinha avião, tinha até empresa baiana. E todos os Estados tinham sua empresa. Os aviões colados de esparadrapo, mas tudo quanto é Estado tinha sua empresa de aviação.

(V)- Mestre, eu queria dar um salto um pouco mais para trás, eu sei que o senhor não viveu essa época, mas com certeza o senhor deve ter feito reflexões nesse sentido. Como e quais foram as articulações políticas, técnicas, que levaram a fundação da Escola? Como o senhor reflete sobre aquele quadro daquele tempo?

(PM) - A Escola na sua origem, passou e refletir algumas situações. Primeiro, quando a missão francesa trouxe a EF para as Forças Armadas, notadamente para o Exército, com o

método natural que eles no Exército botaram uma sigla (C- 2120) e que aplicaram à Escola de EF do Exército, criou-se um núcleo. Esse núcleo gerou a Escola Civil de EF, no caso a Escola Nacional de Educação Física e Desportos na Universidade.

(V)- O senhor acha que foi ação basicamente dos militares?

(PM) - Dos militares e a Escola Nacional foi dirigida pelos militares. Rolim e mais alguns que dirigiram inicialmente a EF na 'Nacional' eram majores e coronéis do Exército.

(V) - Foi a influência deles...

(PM) - Deles; foi absolutamente de origem militar, não por civismo, mas por militarismo. Tinha formação dos alunos, tinha o canto do Hino, hasteamento da Bandeira, todos os dias. Não só por causa da origem militar, como também em função do Estado Novo.

(V) - Na origem a Escola foi quase uma Escola Militar?

(PM) - Sim, foi um braço militar com uma conotação civil dentro da Universidade Nacional do Brasil.

(V) - Como a Universidade reagiu a isso?

(PM) - Com a continuidade, com o aparecimento do alunado que foi se diplomando na Escola foi havendo uma substituição. Os militares foram se aposentando, foram mudando e aí aconteceu um outro fato interessante, com resquícios até hoje. Precisava-se de líderes e aí os médicos, a área médica, assumiu a EF. Então os professores militares, em sua grande maioria, acabaram sendo substituídos por médicos. E a direção, por extensão, da Escola Nacional de EF passou a ser exercida por médicos. E criava-se um choque cultural muito grande, entre os profissionais da EF com os da área médica.

(V)- O sr. acha que a nível de qualidade... A mudança dos médicos foi benéfica?

(PM) - Eles trouxeram um envolvimento mais científico da área médica ao curso de EF e sem dúvida antes nós tínhamos muito de adestramento, e com a área médica a ciência começou a penetrar e se começou a pensar EF e houve uma evolução nessa área, sem dúvida nenhuma, muito grande. Mesmo com os choques, mas houve uma evolução muito grande.

(V)- Nos 'Arquivos' me parece que a Escola vai aumentando a inserção dela na Universidade...

(PM) - Sim, a força política foi se processando. E é bom lembrar que houve a mudança de ditadura para democracia já na década de 50, e então as alterações foram se processando num ritmo e numa velocidade maiores.

(V) - A Escola passou a ser mais aceita?

(PM) - Sim, não só mais aceita como com maior intercâmbio. Nós já recebíamos periodicamente professores do exterior, notadamente da Europa, que vinham fazer cursos na

Escola, que eram reciclagens, atualizações, lançamentos de métodos novos, processos novos de EF e que ocorriam na 'Nacional'. Levando-se em conta as nossas instalações, que para os padrões atuais seriam de uma escolinha de segundo grau, pois não tínhamos ginásio, não tínhamos piscina. Foi a nossa turma quem construiu a primeira piscina, inclusive o alunado 'brincando de cavar buraco' para fazê-la. Isso como produto de uma greve. Quando eu entrei o nosso diretor era um médico, Dr. Peregrino Fagundes Júnior, que era nada mais nada menos que o presidente da Academia Brasileira de Letras. E que caiu, digamos, no pecado de, em formatura de EF, dizer por duas vezes que se envergonhava de ser diretor de um curso de EF. Que o curso de EF não tinha o *status* e o nível para ser dirigido por ele. O que ocasionou uma greve, a greve que eu falei, que começou em Novembro.

(V) - De que ano? 1959?

(PM)- Não, de 1957 e acabou em março do ano seguinte. E para brigar com esse diretor, sua força política e seus conhecimentos. Sendo amigo do presidente da República de então, que era Juscelino Kubstichek de Oliveira, companheiros de banquetes e de encontros, nós só tivemos uma solução depois de uma paralisação geral.

(V) - Como se deu essa paralisação, mestre? Havia assembléias?

(PM) - (Risos)Havia assembléias e na época eu era diretor, mais uma vez, da Associação Atlética. E o carisma ou até pela minha própria vivência e atividade... Eu gozava de uma condição muito especial perante o alunado. E o Vinicius Ruas era o presidente do Diretório Acadêmico. Nós fizemos uma assembléia e essa assembléia, com todos os alunos, todos na época eram, digamos 300, 400, por que havia também o curso de medicina desportiva, havia o curso de EF normal, era um curso compacto de um ano, como era o de medicina desportiva. Para um você precisava ser médico, para outro, você precisava ter o diploma de normalista, de professora de primeiro grau, e aí fazia esse curso. Ambos de um ano. Havia também os cursos de pós graduação da época, que eram os cursos de técnica desportiva. Havia também o curso de massagem, também de um ano, todos esses com conotações técnicas, eram cursos mais técnicos.

E nós fizemos essa greve e na assembléia geral o Vinicius propôs o meu nome para presidente de greve. E tal e qual ainda hoje acontece, todo mundo participou, todo mundo votou, na primeira semana reuniões permanentes, todo mundo agitado, fechamos a Escola, eu assumi a direção da Escola, despachei para o reitor documentos em nome da Escola Nacional de EF, fizemos o enterro simbólico do diretor, botamos toda Escola de luto, fechamos a porta para ele e como não podia deixar de ser duas semanas depois todo mundo tinha ido para a praia. Estava a comissão de greve praticamente reduzida a dois ou três e eu à frente, tentando pressionar. Só que havia na época um indivíduo chamado Carlos Lacerda e havia uma 'Tribuna da Imprensa'. E eu tentando marcar reunião com o presidente da República sem conseguir, até quando eu ameacei a secretária dele dizendo que iria em passeata com a Tribuna da Imprensa e o Carlos Lacerda com carro de som ao Palácio do Catete para nos receber. Aí fui recebido.

(V) - Mas a passeata aconteceu?

(PM) - Não, não chegou a acontecer, ficou na ameaça. Aconteceu primeiro o apoio da Universidade à nossa greve, dos estudantes em geral e depois da UNE. Nessa época era

muito fácil todo mundo dar apoio, se acontecesse alguma coisa em Belém do Pará, o Rio Grande do Sul parava. O entrosamento e os movimentos estudantis estavam começando a pegar uma força tremenda.

(V) - a greve no Rio de Janeiro foi um fato de imprensa, marcante?

(PM) - Foi, foi um fato marcante e quando Juscelino me recebeu ameaçou de prisão.

(V) - Só foi o senhor?

(PM) - Não, fomos dois ou três. E como todo jovem, eu era o presidente, era quem ia na frente, quem pegava a bandeirinha em primeiro lugar e possivelmente quem deveria tomar o primeiro tiro. Ai ele ameaçou muito educadamente que poderia intervir. Estavam acontecendo exatamente nessa época dois episódios históricos que estavam prejudicando, colocando em perigo o governo dele. Era Aragarças e Jacareacanga, da Aeronáutica, que estavam se rebelando contra o poder civil e contra o governo de Juscelino. Então eu lembrei a ele esse fato, que ele já tinha Aragarça e Jacareacanga para resolver, que não seria bom ele ter os estudantes do Brasil inteiro levantados.

(V) - O sr. acha que em outros Estados houve repercussão da greve?

(PM) - Muito pouco. Se tinham notícias, as lideranças sabiam para mandar o apoio, só, mas não que fosse aquele fato nacional, da mesma maneira que nós tivemos greve de paralisação porque um professor de geografia teria reprovado um aluno de segundo grau em Belém do Pará. E houve a greve nacional por causa disso. Muita gente até entrou em greve sem saber qual era o motivo. Mas as lideranças... A UNE era muito forte. Frejat nessa época era do DCE, era uma força. A única vitória que nós conseguimos depois desse tempo com a Presidência da República, a maneira romântica de resolver a situação, ou seja, incorporaram todos os direitos, todos os salários do Peregrino Júnior e anteciparam sua aposentadoria. Então ele saiu aposentado com todos os direitos, com todas as incorporações. Só faltou banda de música.

(V) Saiu com todas as honras..

(PM)- Todas as honras oficiais que a Universidade poderia prestar

(V) - E os professores, mestre? Os professores se posicionaram de que forma nessa greve? Alguns apoiaram? Enfim, como eles se posicionaram?

(PM) - Havia, como ainda hoje há a parte política. Há aqueles que normalmente ficam em cima do muro, há aqueles que são fundamentalmente contra qualquer movimento e houve, sem dúvida alguma, um grupo que foi solidário, principalmente aquele grupo mais relacionado à EF, que sentia a discriminação dentro do Conselho Departamental entre o grupo médico e o grupo de professores, então eles acharam que era a hora de inverter.

(V) - Então isso existia mesmo? Os professores de EF sofriam preconceitos dos médicos?

(PM) - Existia. Existia sim.

(V) - Tinham menos poder de palavra?

(PM) - Não só menos poder de palavra, como a liberdade política de trânsito dentro da Universidade. Assim apareciam mais verbas para as cadeiras dos médicos do que para as cadeiras dos professores. Apareciam viagens, congressos e a Universidade bancavam para uns e para outros só arrumava passe. Havia . Isso sem dúvida havia.

(V) - Esse grupos de professores então apoiou a greve?

(PM) - Foi, foi aquele que deu apoio.

(V)- O sr. se lembra de alguém?

(PM) - Poderia citar vários: os professores Latorre, Colombo e outros que deram apoio, mas sem se envolver. Era coisa de estudante e eles deixaram com os estudantes. Nenhum deles foi participar de assembléia, ou acompanhou em passeata ou ajudou a fechar a Escola.

(V) - O sr. avalia que tenha sido interessante esse apoio ou vocês não esperavam esse apoio?

(PM) - Não, não. Não sei se pela época em si e até a juventude... Nós nos bastávamos. Era a mesma coisa, eu era presidente da Atlético vários anos e nem a Universidade, nem o Instituto, davam apoio e nós fazíamos tudo. Arrumávamos dinheiro para comprar material, desenhávamos o material, fazíamos competições, ganhávamos os troféus e entregávamos ao diretor. O diretor tinha só a sala de troféus, mas tudo éramos nós que fazíamos. Nós tínhamos absoluta independência e absoluto compromisso em realizar as coisas.

(V) - Me parece que houve uma mudança na relação com os alunos a partir da greve. É impressão minha ou de fato houve essa mudança?

(PM) - Houve e houve uma mudança muito séria. Porque como nós enfrentamos o sistema, ficamos com uma força de veto. Então o prof. Waldemar Areno para ser o diretor, outro médico que se seguiu ao Dr. Peregrino Júnior, teve que ser apoiado por nós. Já não mais era o absoluto; o diretório acadêmico já tinha mais participação, assento no colegiado, etc., e começou a haver uma co-participação, uma co-direção, principalmente nos primeiros anos do prof. Areno.

(V) - Os alunos passaram a ser mais ouvidos?

(PM) - Sim.

(V) - E os professores de EF passaram a ser mais respeitados?

(PM) - Sim, sem dúvida nenhuma porque o prof. Areno não era bobo. E ele próprio viu que havia pressão, que havia uma divisão e que aquilo não era algo que ele desejaria ver crescer. Então de alguma maneira a direção foi levada a neutralizar a possibilidade, digamos, de outra virada de mesa.

(V) - O sr. acha que a greve, mais do que uma disputa entre alunos e professores, foi uma forma de afirmar a profissão ? Tocaram no orgulho da profissão?

(PM) - Sim. É importante que fique bem registrado aí algumas coisas que eu sou... Penas que eu carrego ainda hoje pelo fato de ter sido presidente da comissão de greve. É que muitos dos colegas assumiram o compromisso conosco e perderam o curso. Do curso de técnica muitos jamais voltaram para terminar o curso, porque eram bolsistas no seu estado. Tínhamos um colega que, para ser solidário, perdeu a bolsa e teve que voltar para o Acre e não concluiu seus cursos. Então o alunado se submeteu e pagou o preço da greve, numa demonstração que eu não sei se hoje nós encontraríamos com uma densidade dessa num movimento desse. Porque eu vejo os movimentos, mas ninguém quer ter prejuízo... Nesse tipo de movimento os alunos assumiram o prejuízo. E muitos não eram como nós jovens e solteiros. O pessoal do curso de técnica, o pessoal do curso médico que vinham dos outros estados, eram casados, pais de família. Aquilo significava inclusive para eles promoção nos Estados e eles foram solidários. Eles não pediram exceção. Nenhum dos cursos solicitou em nenhum instante nas assembléias gerais que eles completassem e faltava um mês para fechar o curso deles.

(V) - Então embora algumas pessoas fossem para praia, etc, esse compromisso existia? Não iam para aulas...

(PM) - Não. Não teve nenhuma voz contra a greve. Houve como ainda há hoje aquele apoio moral a distância. ' Eu estou com vocês , mas eu vou para minha praia, vou cuidar de minha vida'.

(V) - Mesmo o pessoal de medicina?

(PM) - mesmo o pessoal de medicina, ninguém na época, e eu como presidente de greve era, digamos, receptor de qualquer dissidência , de qualquer informação, ninguém veio a mim solicitar uma exceção que permitisse que fechasse o curso, que eles não eram alunos de EF, e que o curso deles não tinha nada haver. Nenhum deles.

(V) - O sr. acha que essa mudança de alunos já com 2o grau, de um outro nível intelectual, favoreceu essa organização estudantil?

(PM) - Sim. Não digo tanto que favoreceu, mas deu, digamos, uma outra maturidade. Porque antes era o segundo grau e pensava como segundo grau. Nós estávamos mais próximo da UBES do que da UNE. Embora nós fôssemos filiados a UNE, tivéssemos um DCE. Mas nós estávamos muito mais próximos... A Escola estava muito mais próxima. Acabava o primeiro grau e fazia a Escola. Então a faixa etária era mais baixa. E nessa época começaram a chegar os alunos mais adultos. Entre outras coisas porque se chegava a Universidade mais adulto, não tinham as facilitações. Muita gente para chegar a Universidade fazia dois, três, quatro vestibulares depois de ter concluído o segundo grau. Com isso chegava com 20, 21, 22 anos Universidade. Não antes, que entrava com uma faixa etária muito mais baixa. Muito mais criança.

(V) - Essa greve interferiu na organização do movimento estudantil? Existia um movimento estudantil em EF na época?

(PM) - Existia. Começava-se a criar e nós começávamos a ter nossos encontros, só que esses encontros ocorriam sempre no Rio. Inclusive fizemos até movimentos esportivos, olimpíadas de Escolas de EF, cujo o número era muito pequeno.

(V) - As Escolas militares participavam?

(PM) - Não, não participavam. Então nós ficávamos restritos a quatro. Eram São Paulo Espírito Santo Rio Grande do Sul e Pernambuco. E o Rio.

(V) - Esse foi o início da organização estudantil.

(PM) - Início da organização estudantil. Porque esses grupos também tinham a participação em nossos cursos. Vinham professores e alunos desses cursos a cada ano. Nós fazíamos nas férias um curso internacional, o MEC entrava com o apoio e era a Escola de EF que organizava, trazendo Listello, trazendo professores europeus para esses cursos.

(V) - Voltando um pouco, eu gostaria de saber qual o sr. acha que foi o impacto da fundação da Escola Nacional para a Educação Física brasileira e para o Brasil? Significou algo para a nação brasileira?

(PM) - Sim, sem dúvida nenhuma. Era uma área que não tinha, digamos, uma conotação acadêmica. Era uma área que mesmo com as Escolas, porque as Escolas militares iniciais, e elas surgiram, inclusive a de São Paulo surgiu primeiro na Força Pública, na Polícia Militar. Até a nomenclatura era diferente. Era adestramento. Visava a EF fortalecer os homens das forças militares, a coisa era muito de condicionamento físico, mais do que de ciência esportiva, ciência de Educação Física. Foi com a criação assumida pela Universidade Nacional que foi mudando a linguagem. Se foi começando a trabalhar, o Inezil Penna Marinho começou a produzir livros em várias áreas porque não havia bibliografia em português de forma nenhuma. Ele começou a traduzir aqui, acrescentar ali, adaptar acolá. Criou-se grupos para tentar criar uma EF brasileira, misturando com raízes folclóricas de capoeira, etc., que foi embrionária e nunca realmente chegou a sua implantação, mas isto foi dando outro tipo de conotação. Entrou um pouco mais de ciência, um pouco mais de estudo, um pouco mais de questionamento, até a parte política entrou, porque antes não se discutia nada. Passou-se a discutir. Antes apenas se cumpria ordens tal e qual se cumpria nas corporações militares. E aí...

(V) - O processo foi gradativo.

(PM) - Gradativo. A própria Escola foi evoluindo dentro de seu próprio currículo. Quando antes era a Escola de Joinville Le Point, que era o sistema ginástico na cadeira de Ginástica, aí já foi aparecendo Calistenia, já foi aparecendo Método Natural Austriaco, e já foi aparecendo Ginástica Sueca. Então, o leque foi abrindo, digamos, especificamente para Ginástica.

(V) - Teoricamente houve uma mudança? O esporte passou a ser mais valorizado?

(PM) - Houve. Sim, sem dúvida nenhuma.

(V) - No seu tempo lá o sr. sentiu isso ?

(PM) - Sim, inclusive a Escola mais procurada. A Escola veio a perder um pouco dessa procura nessa última 'gloriosa revolução' quando se voltou a projetar a Escola de EF do Exército novamente, quando assumiram o *filé mignon* novamente, notadamente no futebol. As comissões passaram a ter elementos da Escola do Exército que antes não tinha. Era da civil, etc.

(V) - A preocupação pedagógica mudou dentro da Escola ?

(PM) - Os professores, isso aí... historicamente o que que acontece? O professor tem uma formação, ele vai evoluindo. O seu aluno quando se torna professor já sofreu uma reciclagem, já evoluiu mais. E aí, nas próprias cadeiras de formação ia havendo uma oxigenação e uma mudança . A cada ex-aluno que era contratado vinham idéias novas, vinham inclusive num primeiro instante discordâncias. Havia até discussões de disciplinas que queriam uniformidade e outros que não queriam. Queriam exatamente a multiplicidade de enfoques. E isso aí foi evoluindo sem dúvida alguma.

(V) - Os cursos, eram 4 cursos, eram mesmo diferentes ?

(PM) - Eram. Por exemplo, o médico recebia das disciplinas práticas apenas informações. Regras, acidentes, o que podia acontecer, os traumatismos, porque o enfoque deles, exatamente os acidentes desportivos, os acidentes da área, como curar. O massagista a mesma coisa. Ele passava apenas pelas atividades práticas, pelas outras atividades, mas o enfoque maior eram os grupamentos musculares , os tipos de massagem, como é que ele ia agir para isso, para aquilo, a massagem estimulante , a massagem desintoxicante, a massagem de recuperação. E era o que eles aprendiam. A professora primária de EF, ela ia lidar com pequenos jogos , recreação, não entrava nos métodos , não entrava nos desportos. Ela recebia as informações necessárias e compatíveis ao que ela iria aplicar na sua turma.

Por isto ficou um buraco muito grande quando na sistemática da EF colocou-se todos os segmentos como obrigatórios. Na EF... não se tinha o professor de EF em números e tinha-se acabado com a preparação das normalistas. As normalistas já não tem mais o curso de EF normal. Elas apenas dentro do seu curso recebem alguma informação, o que é muito pouco para ela desenvolver essa área. Já no nosso caso não. Antigamente não. O trabalho hoje rotulado de psicomotricidade e de coordenação motora, elas eram preparadas para desenvolver. O que dava uma sequência muito mais lógica. Se o professor de EF realmente estivesse no primeiro grau , isso poderia ter sido feito. Só que, na época, por problemas econômicos, de custo e por falta de material humano em quantidade para suprir o mercado foi uma lei que acabou não colando até hoje. Até hoje poucos são os cursos de primeiro segmento que tem professores de EF atuando. Muito Poucos.

(V) - Como foi montada a grade curricular? Eu sei que o sr. não é da fundação, mas sabe como as disciplinas foram elencadas? Teve outra Escola como exemplo? Houve disputas entre médicos e militares?

(PM) - Houve sim. Pelo que me foi dado a saber, não só de receber informação, mas também ler. As coisas foram como em todo lançamento, como inclusive aqui na UERJ. A ordenação das primeiras disciplinas era em função do professor que se tinha, do espaço que se possuía e esse elenco foi sendo acrescido na continuidade e até pelas próprias solicitações da própria sociedade. Apareciam coisas novas, então precisava-se colocar aquela informação dentro do curso. Então o currículo foi sendo enriquecido através dessas transformações.

(V) - Mas as disputas internas, os médicos querendo ter mais disciplinas, os militares, houve isso?

(PM) - Não. O que houve foi: 'o que é que nós dispomos e o que nós podemos ensinar?' Então nos dispomos um professor para organização aqui, tem um médico ali que pode dar anatomia, o outro vai dar atletismo, Oswaldo Gonçalves que era bom atleta, se destacava bem. Na Ginástica o prof. Alfredo Colombo e o prof. Alfredo Colombo na seqüência ia mudando os métodos e trazendo assuntos novos e assim se foi criando o elenco de disciplinas.

(V) - Os médicos ficavam mais com as cadeiras mais, digamos, teóricas?

(PM) - Sim.

(V) - E os militares com as mais, digamos, práticas?

(PM) - Sim. Os militares ficavam mais com as atividades, com as cadeiras, digamos, mais práticas.

(V)- Como foram escolhidos esses professores? Houve privilégios de amizade ou conhecimento?

(PM) - Isso hoje historicamente é difícil responder. Você com um compromisso com a seriedade dizer se foi por mérito ou por indicação, mas historicamente sabemos que quase sempre estes fatos são mais agrupadas por afinidade do que por outras situações. É o conhecido do conhecido, é o amigo do amigo, quem está nesse meio, quem está presente acaba dividindo o bolo e aí vai se compondo a coisa até chegar ao momento dos concursos, etc.

(V) - Quando o curso abriu, no seu ponto de vista, o curso era bom? Os professores eram capacitados?

(PM) - Era, dentro da época sim. A formação, talvez três anos nossos seriam colocados em no mínimo dez, doze períodos.

(V) - Porque você acha que, mais tarde, foi escolhido como professor da Escola.

(PM) - \* Lamentavelmente por motivos técnicos essa parte não ficou gravada na íntegra. Aqui o professor começa contando que foi estagiário voluntário de várias disciplinas, auxiliando na execução das práticas de ensino, que na ocasião não faziam parte do currículo. Assim por sua experiência foi convidado junto com vários professores para dar origem ao

primeiro núcleo de prática de ensino, já quando a Escola estava vinculada a Universidade Federal do Rio de Janeiro\* - Ainda tinha mais esse vínculo pessoal com o prof. Renato (Renato Brito Cunha ) que era professor da Escola de EF e estava se transferindo para a Faculdade de Educação para implantar o núcleo de prática de ensino e de didática especial de EF.

(V) - Os concursos internos, de cátedra, de livre-docência, tiveram algum significado especial para a Escola quando foram implantados?

(PM) - Não, não alteraram na substância. Eles tiveram, digamos, uma ordenação interna só. Porque nessa época a Congregação tinha até o traje diferenciado pelo nível do professor. Quando reunia nas solenidades a Congregação, as becas eram diferenciadas por cores, segundo a categoria dentro da Escola.

(V) - Qual foi a relação da Escola com o período Vargas? Era sentida alguma forma de utilização da EF?

(PM) - O grande problema da EF é que muitas vezes quando se é prestigiado, logo depois, até por problemas ideológicos, problemas políticos, se diz que foi usado. Vargas deu uma grande ênfase a EF. A preocupação, a criação da Escola de EF Nacional, tudo isso veio graças a Vargas. Havia os eventos, havia os desfiles, havia as solenidades que o próprio sistema cultua, mas se você olhar o lado da EF, houve muito progresso. Houve verba, houve apoio, houve busca de cursos de atualização. Da mesma maneira que foi o regime militar que deu essa sistemática, colocando como disciplina obrigatória em todos os níveis novamente. Agora, se você olha um lado, você está sendo usado, se você olha outro, você está sendo prestigiado, você está sendo apoiado.

(V) Houve problemas, mas houve vantagens?

(PM) - Sim, sim, sem dúvida nenhuma, o crescimento. Da mesma maneira que grande parte da medicina progride nas guerras. A medicina militar, a medicina das batalhas fez um crescimento até o aparecimento dos antibióticos. Foi graças a isso. Agora, a guerra foi boa? Não, a guerra não foi boa, mas a medicina progrediu durante o período de guerra, se foi obrigado a criar processos novos de recuperação para botar o soldado de novo combatendo. Na EF acontece o mesmo processo. Então o regime ditatorial utiliza a EF, como veículo de publicidade e até de dispersão de idéias, formando jogos, competições, etc, mas por outro lado, com isso, a EF cresce e está sendo prestigiada.

(V) - Mestre, o sr. já falou isso permeando algumas outras respostas, mas eu gostaria de fazer a pergunta de forma mais específica: Como eram as relações de poder dentro da Escola? Os professores entre si, os professores com os alunos, aluno com funcionário, professor com funcionário etc.

(PM) - Essa divisão de poder era bem mais marcada do que hoje. Havia as várias castas dos professores. Assim professor auxiliar era apenas professor auxiliar, o assistente já comandava o auxiliar e assim sucessivamente. O aluno era bem diferenciado do professor, era outro nível de poder. Ele podia tudo, entre ele. Quando era relação com o professor ele tinha de ouvir. Era diferenciado. E os funcionários, que eram em número bem pequeno,

também tinham a sua hierarquia e ela era perfeitamente...O secretário era a autoridade maior entre os funcionários, então todos obedeciam ao secretário. O secretário era mais ou menos como o administrador.

(V) - A hierarquia era bem instituída?

(PM) - Era bem marcada.

(V) - Isso era herança dos militares ou todos os cursos eram assim?

(PM) - Todos os cursos eram assim. Era o princípio do comando. Era comando mesmo. Pelo Estado Novo ou por uma série de coisas havia uma ordenação.

(V) - E isso funcionava bem?

(PM) - Funcionava. Tinham menos entraves porque...ai nós vamos entrar numa outra área, mas vamos, vamos escapular um pouco. O grande problema nosso, qualquer país emergente, qualquer brinquedo novo que nós temos, períodos de liberdade, de democracia aparecendo na nossa história muito picotado, se leva muito tempo discutindo e pouco tempo fazendo. Se discute tanto que acaba o fato em si não ocorrendo. Vide nosso Congresso, vide as plenárias. Então as execuções ficam sempre prejudicadas pelos debates, pelas discussões, pelas reformulações, trocas de idéias. Então as coisas acabam não acontecendo. Nessa época aconteciam mais, porque dois, três se reuniam, ' vamos fazer isso' e chegavam para o restante do grupo 'olha nós vamos fazer isso' e a direção então dizia: ' Olha, nós temos que fazer um Congresso em janeiro. Então vamos sair ao campo, vamos ajudar, apoiar, vamos fazer dinheiro, vamos fazer quermesse, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Os alunos vão cuidar disso, os professores vão cuidar daquilo, o dessa cadeira vai fazer contato internacional e pronto'. No fim, até debater se aquele convidado era importante, se o tema deveria ser esse ou aquele..não! Esse é o congresso!

(V) - Havia discussões políticas, digo partidárias, ideológicas?

(PM) - Sim, sim, havia. Sempre houve e sempre haverá. Elas não tinham...porque...havia uma coisa um pouco diferenciada de hoje. Hoje, não sei se pelo fato de o planeta ter ficado pequeno, o generalismo tomou posse de tudo. Então se discute o afeganistão antes de se discutir a UERJ. Nessa época as coisas eram mais centradas nos objetivos imediatos e daí é que elas iam abrindo. Então mais importante para o pessoal era discutir o curso de EF, a Escola Nacional de EF. Depois se passava a pensar na Universidade do Brasil, o que se podia fazer, o que se ia discutir. Depois é que se pensava no Distrito Federal e aí se ia abrindo o leque de discussões.

(V) - Muitas vezes ouvimos ' o aluno de EF é alienado'. Eu vivi o curso e não era bem assim. E na época?

(PM) - Não era assim. Se você conversar com o Frejat , se você conversar com o Vinicius Ruas verá que essa afirmação é falsa. Hoje, o Vinicius Ruas foi produto dessa época e até alguns, como Frejat, anteriores a essa época, e cresceram como políticos. Frejat chegando a senador da República e tudo partindo desse início. Houve pancadaria no Instituto de EF, na

Escola Nacional de EF, no movimento estudantil. O Frejat foi para lá e quis direcionar o que os alunos de EF iam fazer e o grupo não aceitou. O grupo discutiu com o DCE e não aceitou. Porque o DCE foi levar uma proposta que era muito mais uma proposta de ganho do Frejat do que ganho do ensino, ganho dos estudantes. E foi bombardeado, como ainda hoje acontece, da mesma maneira. Só que nessa época se cuidava de ver primeiro o microsistema. O interesse primeiro cuidado era da Taba. Vamos ver primeiro se nossa Taba está arrumada, aí depois vamos ver a Taba maior, vamos ver o conjunto, o geral, entendeu?

(V) - Mestre e discussões teóricas sobre os rumos da EF, o que significa EF para sociedade, também aconteciam?

(PM) - Aconteciam e talvez acontecessem com mais responsabilidade do que hoje. Porque se procurava demais adequar a discussão a um objetivo de aplicação. Se pensava muito menos na pesquisa pura e se buscava muito mais as discussões aplicadas. Isso havia e havia muito.

(V) - Como eram as pesquisas? Existiam as pesquisas? Qual era a participação dos estudantes?

(PM) - Existiam, elas quase sempre eram provocadas por disciplinas ou por cadeiras e envolviam também o alunado, mas basicamente partiam de núcleo de professores.

(V) Não existia a iniciação científica como temos hoje...

(PM)- Não, como o processo se apresenta hoje foi uma evolução. Havia, por exemplo, momentos em que o aluno provocava um tema e esse tema ia ser buscado, ia ser pesquisado e ia ser levantado.

(V) - Existiam alunos que apresentavam trabalhos em Congresso?

(PM) - Sim e havia os Congressos. Começou-se nessa época os próprios congressos de alunos. Os próprios alunos tinham seu congresso, os próprios alunos participavam já de congressos maiores, aonde já tinham professores participando, aonde apresentavam também seus trabalhos.

(V) - Alunos auxiliavam professores e com eles eram co-autores?

(PM) - Sim e substituíam os professores dando aulas fora, porque não havia prática de ensino até então. A prática era buscada assim. Muitas vezes o aluno substituiu o professor no colégio tal. Ou era um professor daquela cadeira e o aluno o acompanhava ou até assumia aulas daquele professor para criar a vivência, criar a prática.

(V) Nos 'Arquivos' é interessante como começam a surgir artigos de alunos, pesquisas de alunos?

(PM) - Sim. Foram acordando e ocupando esses espaços. Houve um instante, você pode pegar alguns exemplares de 'Arquivos' que você vê muito mais produção lá de aluno do que até de professor. Você tem uma quantidade maior de artigos de alunos do que de professor.

(V) - Como eram as discussões de caráter pessoal? Eram muito exacerbadas, chegava-se a ultrapassar o nível da convivência?

(PM) - Em alguns instantes sim, não era diferente do que ocorre hoje. Muitas vezes elas chegavam a um denominador comum e outras vezes chegavam à rupturas, até a briga.

(V) - Isso entre professores ou alunos?

(PM) - Entre professores, entre alunos e às vezes até entre professores e alunos.

(V) - Como era o ambiente de trabalho? Era um ambiente bom de convivência?

(PM) - Era. Era um ambiente que entre os pontos positivos e os pontos negativos eu posso dizer hoje que tranqüilamente eu encontrava mais pontos positivos do que negativos. Agora, áreas de atrito, incompreensões de um lado ou de outro, isso sempre houve, há e haverá, não tem jeito, porque o ser humano em qualquer área vai ter. Vai ter relacionamentos conflitantes.

(V) Nós muitas vezes ouvimos a expressão 'Servir a interesses'. Em algum momento tinha-se essa impressão?

(PM) - Não. Explícita não. Poderia acontecer, por exemplo... havia um professor que produzia livros, muitas vezes envolvia os alunos, muitas vezes esquecia de citar que os alunos tinham colaborado com aquele livro, com a coleta de dados, para reunir, para fazer o trabalho mais, digamos, mais corporal e o professor ficava com a parte mais intelectual de montar a obra. Isso havia e há.

(V) E estar servindo aos interesses de governantes e governos?

(PM) - É...se alguém agia com um outro interesse ou por uma outra motivação não era uma coisa que ficasse tão definida, tão marcada. Havia, como há aqueles mais radicais, os que batalham mais as coisas e muitas vezes batalhando como propostos de uma outra idéia, de uma outra ação, mas naquele momento, estão batalhando; isso havia. Havia os professores que se envolviam mais politicamente, que tinham mais relacionamento, que muitas vezes eram bombeiros, outras vezes eram incendiários. A mesma pessoa, dependendo do tipo de discussão... Você via um bombeiro daqui a pouco tocando fogo, sendo um incendiário.

(V) - O sr. Falou do Vargas e do Governo Militar. Algum outro governo foi marcante para a Escola? Na Escola sentia-se muito a mudança de governo?

(PM) - Sim...não, porque praticamente o que eu estou buscando é: primeiro, houve o período Vargas, ele foi bem amplo. Depois houve a queda do Vargas. Aí o Vargas lançou o Dutra. No geral, historicamente o Dutra foi um bom governo. Muito silencioso, porque não era de falar, o Dutra era acima de tudo um militar, mas deu apoio, muita coisa foi conseguida, na época do governo Dutra, de melhoria para a Escola de EF. E aí veio o período em que houve as eleições até chegarmos a 64. Que foi outra coisa que marcou. Foi a partir daí, por exemplo, que ele deixou, com a mudança da capital, de ser nacional, passou a ser regional, e

foi daí que se fez o projeto de mudança e que realmente aconteceu a mudança. O Garrastazu foi o responsável pelo Fundão.

(V) - Isso esvaziou a Escola? A Escola perdeu sua peculiaridade como Escola Padrão?

(PM) - Ela saiu de um universo mais fechado e foi jogada em um ambiente muito maior. Isso quase sempre dilui um pouco, por que quase sempre afasta as pessoas. Quando você está em um ambiente menor, o contato é maior, você está mais próximo, você sabe mais das coisas. Quando você abre o ambiente começa a haver..um ficar isolado do outro. Eu acredito que isso tenha acontecido.

(V) - A Escola Nacional hoje não é mais Escola Nacional, não tem mais, bem por motivos outros também, São Paulo conquistou uma relevância na formação, não tem mais...

(PM) - O que aconteceu aí eu apresentaria um enfoque diferente. O grande problema da Federal do Rio de Janeiro foi que ela prendeu demais a renovação e acabou mudando em termos do professorado, do avô para o neto. Ou seja, não houve a passagem do pai entre o avô e o neto. Então, quando olharam para o lado e viram que a grande maioria dos professores já estava com direito a aposentadoria. Aí foram buscar o recém formado de dois, três anos antes ou dois anos antes e entregaram direto e aí se criou o choque de gerações. O pouco convívio que esses novos tiveram com os antigos já foi conflitante, não foi de permuta, não foi de troca, não foi de continuidade. Então quebraram a continuidade e junto com a quebra da continuidade... inicialmente o processo se dava dentro de uma ditadura e depois veio a abertura. E a abertura tem funcionado até o momento no Brasil como, para esse grupo mais jovem, como aquele pássaro nascido na gaiola e que alguém depois de determinado tempo abriu a gaiola e soltou e o pássaro está sem saber o rumo e sem até ter os mecanismos do que pode, do que não pode, da defesa, de como batalhar sua alimentação etc., etc. E o período...

(V) Então a Escola teve um problema interno?

(PM) - Exatamente.

(V) - Houve uma decadência da Escola?

(PM) - Houve, houve uma queda, digamos, eu não gosto das generalizações, mas houve uma queda de envolvimento. Os professores mais antigos, talvez pelo tempo que viveram se colocavam e eram mais responsáveis pela Escola do que o grupo que veio. O grupo que veio, veio mais profissional. Aquilo é uma etapa de trabalho, cumpra minha etapa, vou ver meu contracheque e vou embora. Não teve o envolvimento emocional. Aqui nós também sentimos isso. É só ver o cuidado com que o prof. Ivair veio administrar o Instituto e o que foram administrações anteriores, em termo de investimentos, em termo de cuidado, etc. Você sente a diferença. E o prof. Ivair no caso por que? Porque ele é fundador. Então quando voltou à direção, voltou com aquele pensamento: 'Eu criei isso, eu não posso deixar isso acabar'. Era o mesmo caso dos professores da Escola. Muitos vieram de fundadores até chegar ao Fundão.

(V) - Houve uma perda de tradição?

(PM) - Sim.

(V) - Outro assunto polêmico foi a mudança da sede da Praia Vermelha para o Fundão...

(PM) - Sim, foi outra quebra de tradição, porque foi um ambiente novo, moderno, fora dos padrões que tinha sido aquele original. Então foi um grupo novo...

(V) - Mas era necessário?

(PM) - Era, porque você não podia continuar tendo uma Escola de EF com uma quadra de saibro, uma de cimento, um campo de futebol e uma piscina de 25 metros só. E você tinha todo o planejamento. Diga-se de passagem, é interessante registrar uma coisa. O projeto do Fundão era para ser da 'Nacional' e veio da época de Getúlio. Levou esse tempo todo...O México, a Universidade do México copiou a estrutura e o projeto do Fundão e fez vinte anos antes. Na Universidade oficial da Cidade do México você vai encontrar muita similitude com o Fundão. Porque foi cópia de projeto que os mexicanos levaram e implantaram lá. Só que o Brasil não tinha implantado. Só veio a implantar nos governos revolucionários.

(V) - Que problema trouxe para Escola essa mudança de sede, de ambiente?

(PM) - A mudança de ambiente, como toda a mudança, leva a dois tipos de raciocínio. Um: eu tenho que reformular meus conceitos. Então vou reformular minha vida em deslocamento, eu tenho de ter carro, como é que vai ser o transporte. Inicialmente botaram ônibus vindo da Praia Vermelha para lá, depois retiraram. Então o que acontece com isso? O mais velho é mais refratário, porque já está mais habituado àquela situação. Houve quase que um abandono da Escola pelos mais velhos quando a Escola foi para longe daquele seu roteiro natural. Eles já não se dedicavam tanto, não se identificavam com o novo espaço. O novo espaço era amplo demais.

(V)- Houve briga mestre?

(PM) - Não, não houve briga. A força foi da profa. Maria Lenk usando até o SNI para fazer a transferência. Ela tinha o apoio do Governo Revolucionário para fazer a mudança, ameaçou, os professores se rebelaram, tentaram...tanto que a Faculdade de Educação até hoje ainda não foi. Foi o único núcleo de resistência que ficou, continua na Praia Vermelha. Ela assumiu o que era a antiga reitoria e a Educação Física. A EF era naquela parte do prédio aonde hoje tem parte da Faculdade de Educação e no térreo tem a Faculdade de Comunicação. E do outro lado, que é ocupado também pela Faculdade de Educação era a Reitoria da Universidade. Gabinete do Pedro Calmon etc.

(V) - Quando o sr. chegou na Escola já era na Praia Vermelha?

(PM) - Já era na Praia Vermelha.

(V) - Sei que o sr. não viveu, mas como foi essa mudança da primeira sede? Foi importante para a Escola? O que significou?

(PM) - Foi, foi importante e mais um elo. Os próprios professores e alunos trabalharam e fizeram as quadras de saibro e plantaram as árvores do campus lá da Praia Vermelha. Houve todo o envolvimento, da mesma maneira que para piscina, alunos e professores também ajudaram a cavar o buraco para fazer o tanque etc.

(V) - Ali era 'a Escola'?

(PM) - Era 'a Escola'.

(V) - A saída dali significou muitas perdas?

(PM) - Muitas. Sem dúvida nenhuma, pelo menos para o grupo que tinha vivido essa realidade. O grupo novo... não havia isso, era outra coisa. Era só um endereço novo.

(V) - Não pegava aquela tradição... Quando você chegou lá você sentiu essa tradição?

(PM) - Tinha uma tradição. Tinha aquela sistemática. Tínhamos até cinema no noturno, na faculdade, aonde nós íamos nas embaixadas buscar filmes de esportes e passávamos e casa cheia, auditório cheio.

(V) - Tudo organizado pelo DA e pela Atlética?

(PM) - Tudo, tudo entre nós. Ainda convidávamos professores, pois alguns professores acompanhavam. Tínhamos 'peladas' de professores e alunos sistemáticas nos horários de almoço. Tínhamos todo um relacionamento, digamos, ...eu sinto que houve mais ou menos como uma família que durante muito tempo convive em quartos pequenos, em que estão todos próximos e que de um instante para outro vão para um palacete com ala norte, ala sul, e quase nem se vêem mais. Foi o choque da mudança do Fundão. O Fundão foi grande demais em termos do que era a Praia Vermelha.

(V) - Como era a rotina diária?

(PM) - Chegávamos de manhã, tínhamos os horários, as disciplinas teóricas eram no prédio, as disciplinas práticas eram realizadas no campo.

(V) - Era alternado?

(PM) - É, mas tínhamos um horário com muito sacrifício, principalmente antes de termos a piscina. Eu fiz natação no Piraquê, no Vasco da Gama, no Forte do Leme, com piscina sem tratamento, era caldo de cana, no Clube de Regatas do Flamengo, no Caiçaras, no Guanabara. E isso com o horário seguido com o problema de chegar e o problema de chegar no outros era nosso, era do aluno. Nós saíamos correndo do Vasco da Gama para ir para a Praia Vermelha para dar seqüência as aulas. Isso com uma faixa mínima de intervalo entre um e outro. Nós tínhamos aula de manhã e a tarde.

(V) - Período Integral?

(PM) - Integral, absolutamente integral e anual.

(V) Integral mesmo, sem espaço vago?

(PM) Não, não. Integral direto.

(V)- E a noite havia as atividades...

(PM) - À noite tínhamos as atividades livres. Antes não tínhamos nem refletor, então não podíamos ter a parte prática, depois conseguimos refletor, então tínhamos parte de ciclo de palestras, tínhamos filmes, apresentação de folclore, tínhamos a bandinha que fazia apresentação, tínhamos festas, dança, festa junina, tínhamos olimpíadas internas.

(V) - Organizadas pelo DA e pela Atlética?

(PM) - Sim.

(V)- Mestre, como era as eleições? Existiam chapas...

(PM) - Sim. Ferrenhas, ferrenhas. Todas, todas elas tinham chapas e nunca, nunca havia menos do que três, quatro candidatos. Debatia voto, ia, ia (\*problema técnico\*), tinha tudo. Todas essas coisas eram, eram que havia...ai é que está o caso. Pode parecer até romantismo, mas é verdade, eu bato sempre numa tecla. Havia mais compromisso com a área. Então acabava uma eleição, desaparecia a oposição. Você via logo a seguir o candidato a presidente reivindicando, ajudando, indo armar barraca de festa junina para levantar dinheiro, indo ajudar uma turma que ia se formar a fazer rifa. Nós rifamos até o corcovado! Houve uma turma que rifou. Rifou um monumento e o pessoal comprava e quando chegou no dia do sorteio avisamos que era para ir lá buscar. 'Você acabou de ganhar aquela estátua ali do Cristo Redentor, agora vai lá e pega'.

(V)- O sr. foi por quantos anos presidente da Atlética?

(PM) - Isso aí eu devia ter olhado, mas acho que uns quatro anos.

(V)- Em todos teve Eleição?

(PM) - Todos. Só que chegava na hora eram os meus diretores que se candidatavam e eu não sabia mais em determinado instante se eles eram oposição ou se estavam fazendo a campanha e dizendo 'Olha, votem no Paulo'. Entendeu, havia. Porque a Atlética sempre foi algo diferenciado. Era bem diferente da briga, por exemplo, do DA. O DA era sempre brigado, havia sempre oposição, havia sempre concorrência. Já a Atlética não. A Atlética chegava um ponto que era muito importante para a Instituição, para os alunos, a continuidade. Porque eles já tinham um programa, eles já sabiam o que iria acontecer. E assim ficava muito mais fácil dar continuidade.

(V)- A Atlética brigava com o DA? Trabalhavam em harmonia?

(PM) - Não; havia de vez em quando alguma ciumenta. Quando um começava a realizar muitas promoções, havia.

(V) - O DA também era muito ativo?

(PM) - Era. Mas o DA ficava com as festas, o DA ficava com a parte da organização da 'junina', mas já a Atlética ficava com as competições intercursos, ficava com a competição interna, ficava com os torneios, ficava com os torneios com as outras escolas de Educação Física que nós chegamos a fazer.

(V) - E essas competições como eram? Era um acontecimento social na cidade? Saía em jornal?

(PM) - Sim, sim saía no jornal. Eram alvo de, digamos, colaboração geral. Mesmo quem não era da equipe era... Havia a torcida, havia a organização de torcida, havia a coordenação deles. Até lanche... Tinha quem preparava os lanches, os próprios alunos, a tietagem dos atletas, daquele grupo. Tinha as garotas que iam assistir e que depois começavam as paqueras. Tinha os namoros e depois acabavam nos casamentos.

(V) - Tem gente casada dessa época?

(PM) - Tem, tem muita gente. Muita gente casou e houve até gente que se separou em função disso para criar novo casamento. O Félix D'Avila foi um. O Félix D'Avila veio casado lá de Sergipe e durante o curso foi se animando e acabou se separando.

(V) - Mestre, tinha uma inserção maior na sociedade a Educação Física e faculdade de Educação Física?

(PM) - Não. Ela foi criando, houve uma época que ela se tornou ...isso aí é uma questão que eu posso ver com um enfoque regional, aqui. Porque em cada lugar há uma manifestação diferente. Por exemplo, nós tivemos um período áureo da força, do valor da Educação Física no Rio de Janeiro. Foi a década de 60. Onde nós chegamos a ter um departamento de EF do Estado com competições estudantis organizadas etc, do Estado. Na década de 70 já começou o esvaziamento. Então essa década de 60 foi uma década em que a EF respondeu bem à coletividade e por essa resposta ela, em contrapartida..., ela subiu conceitualmente, em termos dessa própria sociedade daqui. Já na década de 70 começou, digamos, um outro relacionamento do corpo, começou o problema da liberdade sexual, etc. Se passou a ver o corpo para o sexo e se diminuiu a ênfase que se estava dando a Educação Física na década de 60.

(V) Com essas atividades (olimpíadas, etc.), as aulas eram suspensas?

(PM) - Não, não. Nós teoricamente... atividade extra-classe era atividade extra-classe. Não podia incluir no calendário. Então nos normalmente fazíamos em fins de semana. Utilizávamos sábados e domingos e estendíamos por tantas datas quanto fossem necessárias. Só na Semana da Pátria nós aproveitávamos e aí trazíamos, fazíamos os encontros interestaduais. Aí tínhamos que agrupar, porque não ia dar para fazer a cada fim de semana.

(V) - O pessoal ficava instalado na Escola?

(PM) - Sim, nós arrumávamos alojamentos dentro de corporação militar ou então levávamos as delegações para o alojamento dos surdos e mudos. Vinha gente de tudo quanto é Estado.

(V) - E os Congressos, como ocorriam dentro da Escola? Tinham uma importância grande?

(PM)- Sim, fazia parte do calendário. Nós realizávamos - o MEC depois assumiu - um Congresso Nacional, que ocorria sempre nas férias de julho, no Rio. Mês de julho era de férias, as aulas não iam até julho, acabavam em junho. Então em julho tinha um congresso nacional e normalmente em janeiro tínhamos um Congresso Internacional. Esse Congresso e outros eventos começaram a partir da Escola Nacional e depois o SEED-MEC assumiu a coordenação, mas ainda utilizava a Escola como base.

(V) - Os alunos tinham viagens para conhecer a EF em outros Estados?

(PM) - Houve algum intercâmbio. Não um intercâmbio, digamos assim, com muita continuidade ou muito planejamento, mas houve, houve períodos de intercâmbio. Como também tinha uma coisa interessante que desapareceu. As turmas que se formavam iam reunindo seu caixa e quase sempre na formatura faziam uma viagem ao exterior. Quando tinha pouco dinheiro ia para a Argentina, quando arrumava mais dinheiro ia para a Austria, ia para os países...A minha turma foi para a Argentina, foram quinze dias em Buenos Aires.

(V) - Mas iam todos?

(PM) - Iam.

(V) - E lá conheciam algo ligado a EF?

(PM) - Sim, lá se buscava o intercâmbio com entidades e pessoas com quem já se tinha mantido correspondência antes. Buscava o intercâmbio, participava às vezes de atividades deles lá e ia conhecer os locais. Eles vinham aqui também. Porque esse intercâmbio, principalmente com a Argentina, já se processava muito por conta dos períodos dos congressos internacionais. Eles já viam e já tinham conhecimento.

(V) - Mestre, como eram as cerimônias como desfiles com a participação da Escola?

(PM) - Havia; por exemplo, no meu período, o Rio tinha além das paradas regulares, de 7 de setembro e de 15 de novembro, em que normalmente os estudantes, os colégios participavam. Não tinha só as paradas militares, tinham paradas em bairros e paradas pela Presidente Vargas, também com a participação de colégios. Havia duas competições muito importantes nas quais tínhamos grande envolvimento que eram os Jogos Infantis e os Jogos da Primavera. Era nosso campo, digamos, de treinamento. Então nos espalhávamos pelos vários colégios, coordenávamos os desfiles, que era responsabilidade nossa; os desfiles de abertura e de encerramento e eram monumentais, se processavam no campo do Vasco, no campo do Fluminense e depois de 50, até no Maracanã. Foi uma idealização do Mário Filho e era criado, organizada a competição dos Jogos Infantis e dos Jogos da Primavera pelo Jornal dos Sports, que era a Bíblia de quem fazia esporte na época e queria notícia.

(V)- Não era só de futebol como hoje?

(PM) - Não, era de tudo. Os Jogos Infantis e os Jogos da primavera tinham de...os Jogos Infantis tinham de velocípede a tiro ao alvo e arco e flecha, passando por todas as modalidades. E os Jogos da primavera já eram para a fase adulta. Os Jogos Infantis eram para primeiro e segundo grau. Tinha competição de clube, nessa fase, de colégio. Nos Jogos da Primavera tinha competição de clube, de faculdade, isso interestadual vinha delegação de Minas, de São Paulo.

(V) - Mestre e diariamente, o senhor chegou a pegar cerimônias de hastear a Bandeira, cantar o Hino...

(PM) - Não, quando eu cheguei em 1954 só em solenidades oficiais é que se cantava o Hino, mas já não era aquele padrão de todo dia hastear a Bandeira e cantar o Hino Nacional e a Faculdade estar formada.

(V) - O senhor não pegou, entrava e ia direto para a aula?

(PM) - Não, já vinha com o horário e cada um ia procurar seu canto, sendo que às vezes chegávamos para a aula de futebol às 5 horas da manhã.

(V) - O senhor chegou a pegar reformas no currículo?

(PM) - Não, mudanças de disciplina não. Eu peguei... eu cheguei a pegar mudanças no desenvolvimento de disciplinas, aparecendo assuntos, tópicos novos que eram incluídos no programa e nós íamos então receber as informações em ginástica, em atletismo, em estilos, por exemplo, em atletismo, que mudavam, e o prof. Oswaldo Gonçalves e os professores da área traziam.

(V) Mudava o enfoque que eram dadas as matérias?

(PM) - Mudava um pouco, não muito, a linha seguida era mais ou menos uniforme. Mas dava para sentir que alguns professores, com o passar do tempo, iam sofrendo uma transformação no relacionamento deles, na maneira, na ênfase que davam para determinados tipos de assunto, de acordo com o que ia acontecendo de transformações na sociedade.

(V) - E os 'Arquivos'? O que significou para a Escola a publicação dos Arquivos?

(PM) - Os 'Arquivos' durante algum tempo eram uma verdadeira bíblia de fonte de consulta, principalmente porque faltava muita bibliografia em português.

(V) - Foram a mais importante do Brasil na época?

(PM) - Foram, foram e foram sérios. Agora o que eu posso, sem saudosismo e sem pieguice, trazer hoje? É que nessa época se cultuava mais a história e se procurava registrar mais os fatos. Não se deixava perder. E não sei se foi ganho; para mim não foi, o brasileiro passou a ser anti-histórico. Ele passou a querer apagar. Tudo que acontecia antes do momento dele não interessava, então passa a borracha. E nós chegamos ao momento em que cada um se intitula dono de uma coisa sem olhar o que veio antes dele, qual foi o passado, o que

aconteceu. Nós estamos num período, talvez, pior, em que a história não só não é cultuada, como passa a quase ser algo que temos que esconder. Nós estamos escondendo demais os fatos históricos, registrando pouco, estamos quase voltando as sociedades nativas de só haver memória oral de fatos. E nós tínhamos 'n' formas de estar registrando tudo isso até em vídeos, mas estamos deixando passar. Os fatos não estão sendo registradas. Você pode pensar na sua passagem, como tão pouco foi registrado ou quanto tão pouco vocês registraram da passagem de vocês aqui no Instituto. E é assim, do micro você vai para o macro-sistema e está havendo isso em todas as áreas.

(V) - Como os artigos eram escolhidos. Havia briga para publicação...

(PM) - Não, não. Como era uma coisa sistemática havia uma seleção feita na Congregação. A Congregação é que selecionava as várias áreas.

(V)- Muita gente enviava artigo?

(PM) - Havia ocasião que era preciso provocar. O pessoal começava a ter preguiça, e a direção sentia que iria faltar material e provocava os professores e os alunos para que realizassem e você vai descobrir que têm 'Arquivos' de vários tamanhos. Têm 'Arquivos' mais grossos e mais finos. Havia anos em que a produção era muito maior e ao invés de separar, acabavam publicando um volume mais grosso.

(V) - Qual foi a importância dos 'Arquivos' para a Escola e para a Educação Física brasileira?

(PM) - Com o aparecimento e advento dos 'Arquivos', que nós chamávamos de 'Arquivos Implacáveis', a linguagem foi melhorada. Se você buscar as origens, você vai ver que os artigos foram ficando mais sofisticados a proporção que foram sendo editados. Porque houve, começou a haver o treinamento de escrever. Antes era quase coloquial e depois a linguagem, as citações, etc, já foram aparecendo e houve uma evolução muito grande porque houve um treinamento. Antes não se tinha nem padrão em português para escrever.

(V) - Me parece que os 'Arquivos' foi a primeira publicação em Educação Física que teve essa preocupação. A revista 'Educação Física' manteve sempre um tom meio coloquial. Foi o primórdio de uma produção científica mais específica...

(PM) - Foi, foi exatamente, exatamente. Isso eu estou citando...é o tal caso, eu não tenho uma visão do resto do Brasil, nós estamos falando da Escola Nacional de EF, que era padrão e de onde muito das nossas coisas foram levadas para o resto do Brasil, até pela presença dos bolsistas que voltavam e eram pontos referenciais nos seus Estados. iam se organizando, criando seus núcleos nos vários Estados do Brasil. Era a função do bolsista. O bolsista tinha, entre outros, um compromisso de ao término do curso voltar para seu Estado. Ele só poderia ficar aqui se seu governador o liberasse. Foi o meu caso. Eu voltei e meu governador ficou com medo das minhas idéias e me deu rápido uma carta de que me liberava do compromisso perante o Estado da Bahia, que não tinha mercado de trabalho para mim lá e que eu estava por isso descompromissado em termos da bolsa recebida.

(V) - Os alunos liam os 'Arquivos'? Era uma coisa esperada?

(PM) - Sim, era uma coisa esperada, era uma coisa que inicialmente, digamos, de circulação mais restrita. Então era preciso ter algum prestígio para segurar. E depois não, depois foi aumentada a quantidade.

(V) - Era vendido?

(PM)- Não, não. Era arquivado e distribuído. Ele era arquivado na biblioteca e distribuído para várias instituições e internamente também.

(V) - Como eram as reuniões, ou melhor, como eram as participações de alunos e funcionários nos departamentos, na Congregação?

(PM) - Os alunos adquiriram dentro da Congregação, os funcionários não. Os funcionários só vieram a adquirir agora modernamente a representatividade. Na época era primeiro só professor, depois havia representante dos alunos. Não havia proporcionalidade. O presidente do DA participava da reunião da Congregação. Só o presidente.

(V) E existiam os departamentos?

(PM) - Existiam os departamentos. Nos departamentos, só quando o alunado tinha alguma coisa específica e ia algum representante lá levar o pleito ou levar o problema que estava enfrentando ou que alguém estava enfrentando, ia um representante do DA a essa reunião específica.

(V) - Depois da greve isso mudou?

(PM) - Não, isso continuou...

(V) - Não era reivindicação dos alunos?

(PM) - Não, ainda não era. Não era, porque nós tínhamos tanta liberdade de ação dentro do nosso universo que não passava muito pela cabeça o poder superior, influir lá.

(V) - Não era necessário.

(PM) - Não era necessário, da mesma maneira que os professores não interviam nas nossas atividades. Era quase um acordo tácito. Nós não nos metemos com vocês, vocês não se metem conosco.

(V) - Dentro de seu período como estudante quais foram os professores que mais lhe marcaram? Porque?

(PM) - É...por exemplo, da maneira, digamos política, política e sempre conduziam a coisa tinha os dois extremos. O prof. Waldemar Areno por um lado e o prof. Alberto Latorre de Faria pelo outro. Latorre de Faria ainda tinha comigo mais um problema de ser conterrâneo. Então ainda tinha mais esse elo. O prof. Carlos Sanchez de Queiroz, que hoje é um luminar da psicologia e já foi inclusive diretor do Instituto de Psicologia da Federal do Rio de

Janeiro, e era nosso professor, também era uma pessoa por quem eu tinha grande admiração, principalmente pela maneira com que ele...a facilidade com que ele tinha de se manifestar, de fazer discursos, de participar, de dar palestras, dar conferências. E tinha também o outro lado, o prof. Ernesto Santos, O prof. Célio Cidade, pela seriedade com que eles davam a cadeira de desporto coletivo, notadamente futebol. Esses marcaram, a mim marcaram e marcaram bem. Tinha uns que alternavam. Prof. Renato Brito Cunha, por exemplo, alternava. Renato Brito Cunha tinha momentos em que se envolvia muito e outros em que sumia; ia para os Estados Unidos fazer curso, aí desaparecia e quando voltava, voltava querendo mudar tudo. E de alguma maneira marcava.

(V) - Muitos professores iam para o exterior?

(PM) - Não. Muito poucos. O exterior era quase uma viagem interplanetária nessa época. Não precisa dizer nada. Na minha época tinham dois carros na Universidade. No nosso Instituto tinha um só de um professor nosso que era de organização, por que ele era gerente geral da Coca-Cola. Ele não tinha carro por ser professor da Universidade. Prof. Miguez. Ele era gerente geral da Coca-Cola. Não por ser professor da Universidade. Outro carro que estacionava atrás, exatamente onde era a reitoria, era o carro do reitor. Nós andávamos de bonde, a pé em grande maioria e quando arrumávamos algum dinheirinho de lotação. Lotação era um micro-ônibus, por isso era mais rápido e o preço mais caro do que o ônibus. Mas o transporte nosso usual era o bonde.

(V)- Mas dava conta?

(PM) - Dava. Dava conta da população. Dava conta tranquilamente. A população também, você há de convir, era outra, mas o bonde...e eu não perdôo o Rio de Janeiro pela eliminação do bonde. Eu acho que o bonde... o Brasil tirou o bonde de circulação, o Rio de Janeiro tirou o bonde de circulação em função de dizer que era do primeiro mundo, que aquilo era atrasado, e você ainda hoje encontra no primeiro mundo cidades que têm o bonde como seu transporte. E sem dúvida nenhuma estão muito mais avançadas, em termos de ecologia e meios de transporte do que outros, que substituíram. Porque os metrô nada mais são do que uma recuperação dos bondes. Os metrô estão aí recuperando a perda do bonde. Estão ocupando aquilo que o bonde fazia, o lugar do bonde.

(V) - Nós falamos dos professores. Algum diretor marcou mais o senhor?

(PM) - No período que eu cursei a Escola foi o período do choque. Com o Dr. Peregrino Júnior, que era diretor na época de minha chegada.

(V) - Ele era mal diretor?

(PM)- Não ele não era mal diretor, ele não era um diretor interessado, ele era um burocrata que entre as reuniões da Academia Brasileira de Letras e seu consultório médico, aparecia para dirigir a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Normalmente eram o colegiado e o secretário quem administravam. Ele era aquele médico que dava o atestado. Dava só o atestado. Já o prof. Areno, não. Enquanto eu fui aluno tive a direção do Dr. Peregrino Júnior e posteriormente a colocação do prof. Areno como diretor que ficou tempos e tempos.

(V)- Ele ficou até a profa. Maria Lenk?

(PM) É. Ele ficou. Porque era praxe no sistema acadêmico alguém dirigir as Instituições por muito tempo. Só deixava de ser diretor para se aposentar. Isso era muito normal. Um reitor também.

(V) - Mas não foi o caso do Areno, ele não aposentou.

(PM) - Não. Ele não se aposentou, mas ficou, ficou por muito tempo. Quando a profa. Maria Lenk, que vivia nos Estados Unidos, voltou para reassumir a Educação Física, e com seus conhecimentos na área militar, e graças ao seu nome como atleta, substituiu o prof. Areno.

(V)- Houve então isso mesmo?

(PM) - Houve, houve.

(V)- Na lista triplice era a terceira e depois passou na frente?

(PM) - Exatamente.

(V) - Falamos de professores. E os alunos, quais foram aqueles que mais marcaram o senhor?

(PM) - As turmas nessa época eram muito unidas; criávamos um elo muito forte entre nós. Minha turma, eu tive Valdir Simplicio, Félix D'Avila, Eulier Machado, Eulier Fávaro Machado, ...o Vinicius Ruas, o Hélio Costa. Tive uma série...você vê que era clube do Bolinha, por que era completamente separada a parte masculina da feminina. Atividades, como por exemplo, ginástica rítmica que era só feminina, os homens não podiam nem ver. O ginásio, o local era fechado e completamente isolado. Nós tínhamos o relacionamento, encontrávamos as colegas nas aulas teóricas. Aulas práticas completamente diferenciadas no currículo e diferenciadas no momento da prática. Por exemplo, foi meu contemporâneo o diretor da Gama Filho, prof. Cláudio Macedo Reis e o prof. Valdir que foi diretor da Federal. Havia muitos que se sobressaíram nas suas áreas. O Rui Porto foi meu colega de turma e abandonou o curso porque não resistiu às aulas de boxe. Porque em cada aula de boxe ele ia a nocaute; no final do primeiro semestre ele abandonou o curso. Ele estava lá por diletantismo e era, embora fosse gaúcho, era residente no Rio, era daquele grupo que não tinha um envolvimento maior e ele já era jornalista. Então ele tinha ido buscar a Educação Física como uma complementação da sua área de jornalista.

(V) - Presidente do DA. Quais o senhor pegou lá?

(PM) - O Vinicius....Deu branco..ai a memória não está me acompanhando. Teve o Coelho..quando eu cheguei era um outro baiano... os irmãos Coelho. Depois, teve....encontrei com ele há pouco tempo..O Vinicius foi o último. O Vinicius Ruas... eu passei por uns três presidentes de Diretório Acadêmico.

(V) - Mestre, e funcionários? Algum o marcou mais especificamente?

(PM) - Sim. Um que me proibia de fazer minhas peladas, não dava bola, era o disciplinador lá e que chegou a ser seu conhecido, que é o Inácio.

(V) - Chegou a ser porque?

(PM)- Bom, é porque é o mesmo Inácio, aposentado aqui da UERJ. O Inácio era o responsável pelo material no campo de futebol, no campo de vôlei, as bolas só podiam ser conseguidas através dele. E ele não facilitava. Se caia uma gota d'água, o prof. Ernesto dos Santos telefonava para ele de onde estivesse. Ele ai pegava uma plaquinha e botava lá no campo. 'Campo Interditado'. Era chover, para não estragar a grama, ele colocava a plaquinha de campo interditado e acabou. Todo mundo ficava proibido de qualquer atividade. Com chuva não podia ter bola, mesmo a quadra de vôlei sendo de saibro, porque estragava a bola. Então, não podia jogar. Mesmo a gente podendo jogar porque o saibro não escorregava com a chuva e gostávamos de fazer atividade na chuva; mesmo assim ele não emprestava. E tinha, por exemplo, o secretário, que era o Antônio Charadia, que ajudava muito aos alunos. Ele era quase que um administrador. Ele ajudava e sempre procurava facilitar tudo para nós.

(V) - E fatos marcantes? Quais foram os mais significativos e marcantes para o senhor?

(PM) - Eu acho que além do treinamento de direção, da época que eu dirigi a Atlético que foi uma escola de administração para mim fabulosa, e pela Atlético eu fui para a FAE e na FAE eu cumpri todas as funções..

(V) - FAE?

(PM) - Era o que é hoje a FEURJ. Era a Federação Atlético de Estudantes que era o nome original quando nós éramos capital da República. Depois que a capital da república foi para Brasília, aí se criou primeiro a FEUG, que era Federação de Estudantes Universitários da Guanabara, depois transformou-se em FEURJ. Esse período para mim foi marcante e foi muito marcante quando a assembleia me colocou na condição de presidente da comissão de greve e eu me senti com o mundo jogado em cima de meus ombros, e tendo de batalhar até com a Presidência da República. Quer dizer, foi o primeiro Presidente da República com quem tive contato. A piscina foi uma pequena chantagem minha com meu conterrâneo Pedro Calmon. Ele me chamou ao Gabinete e ofereceu melhorias no Restaurante, que foram feitas, e um ginásio, que também foi construído, além da piscina, se eu suspendesse a greve. E ainda eu iria para um Congresso na Europa. Ele me fez essa proposta e me perguntou o que eu achava. Marquei uma assembleia geral e o convidei. Ele estava certo que nessa assembleia eu iria propor o término da greve. Só que quando ele chegou, peguei o microfone e repeti *ipsis literis* a proposta dele. Ele ficou roxo, deu um murro na mesa, etc., mas nós o pressionamos e o obrigamos a assumir o compromisso de cumprir essas etapas independente dos rumos da greve. E ele cumpriu.

(V) - Era acessível o Pedro Calmon?

(PM) - Era. Era inteligente, não foi a toa que se perpetuou diretor, era um bom papo, um homem inteligentíssimo, um historiador de mão cheia, grande orador, tinha a figura necessária e até representativa do que seria um reitor de uma Universidade. Ele foi inclusive

titular *honoris causa* de 'n' Universidades pelo mundo. Talvez tenha sido dos reitores brasileiros de todas as épocas, aquele que marcou mais. Mas também foi um dos que ficou mais tempo no lugar.

(V) - Como o sr. vê hoje a Escola Nacional e as escolas de formação?

(PM)- Não gosto de falar isso, pois me dá tristeza. Porque quando nós não tínhamos espaço, sonhávamos em ter algum espaço, e para nós a Escola foi mudada para um super-palácio, e eu chego hoje e encontro tudo aquilo destruído, sub-aproveitado, não encontro os alunos participando das coisas, só pode me dar uma grande tristeza. É uma tremenda frustração. Eu não sei se aconteceria, mas eu imagino como seria, que atividades nós teríamos feito na nossa época se tivéssemos as instalações que hoje a Escola tem. Quer dizer, nós fizemos EF sem instalações e hoje a Escola de EF tem um palácio. Está caindo aos pedaços por falta de conservação, de cuidado e até de amor, mas é um palácio, em comparação com o que nós tivemos.

(V) - Para o senhor qual foi a missão da Escola?

(PM) - Missão da Escola em relação a que? Ao País, a EF ou a mim?

(V) - Com relação a tudo isso?

(PM) - Com relação a mim, a Escola trouxe um senso de responsabilidade, me trouxe um amor com as atividades acima daquele que eu possuía antes. Eu via a atividade apenas pelo enfoque da prática esportiva, eu passei a ver a atividade como uma escola de vida, como uma parte educacional de uma amplitude muito grande. Então tudo isso, preparação até administrativa pelas funções que eu exerci na Escola, em termos profissionais. Eu devo tudo isso a Escola. Sem dúvida alguma. Acho que foi um marco na EF do País. Ela foi padrão. Ela criou caminhos a serem seguidos. Eu acho...

(V) - A Escola cumpriu sua missão?

(PM) - Eu acho que sim. Não imagino o que poderia ou como deveria ter sido desenvolvido a EF no Brasil sem a Escola Nacional. Eu acredito que o desenvolvimento...porque entre outras coisas até a diversificação, até a multiplicação de escolas de EF no País parte de elementos da 'Nacional' que foram deslocados para os outros Estados. Na minha turma, por exemplo, o Felix D'Avila foi diretor de Escola de EF, o Eulier Fávares Machado foi diretor de escola de EF, O Cláudio Reis diretor de escola de EF, isso tudo partindo da mesma...eu fui diretor de escola de EF. Então você vê que isso eu estou vendo em uma turma. O fator multiplicador continuou ainda por muitos anos até se chegar ao que se tem hoje, que eu acho um pouco exagerado, um pouco terceiro-mundista. Porque nós somos recordistas absolutos em número de escolas de EF hoje. Muito mais do que deveríamos ter. O Rio de Janeiro tem mais escolas de EF do que a França. O país todo, não só a cidade do Rio de Janeiro. Eu acho que exageramos um pouco na dose. E com isso é óbvio que aí vem a contrapartida. Perdeu-se qualidade. Porque se teve que botar ensinando em escolas de EF aqueles que não teriam um 'rank' para ensinar se a quantidade fosse menor. A segunda escola pegou o primeiro escalão, a terceira pegou o segundo escalão, a quarta... quando chegamos na centésima já faltava professores de qualidade para estabelecer a coisa. Porque não houve... não há um

amadurecimento precoce para preparar o corpo docente, porque o professor recém-formado poderá ser maravilhoso professor depois de alguns anos, mas ele vai precisar ter o treinamento de alguns anos, esperar a evolução de alguns anos depois de formado para poder começar a desenvolver-se na sua plenitude. Só que esse tempo ele está ensinando e formando alunos. Ai a qualidade começa a cair.

(V) - Bom mestre, era tudo, muito obrigado!!

(PM) - De nada.

**ENTREVISTA 2**  
**José Ignácio Alves de Souza**

( O sr. Ignácio me cumprimentou e gentilmente se colocou a disposição para responder tudo o que lembrasse. Antes que fizesse a primeira pergunta e conseguisse ligar o gravador começou a falar do primeiro diretor da ENEFD, 'o major do Exército Inácio', com o qual conviveu ainda nos tempos em que a ENEFD se situava no Instituto Nacional de Surdos.)

Victor - (Aproveito a conversa para começar o diálogo) Quer dizer que o primeiro diretor se chamava Inácio?

Ignácio - O nome dele era Inácio de Freitas Rolim...o fundador da Escola de Educação Física. A Escola começou nas Laranjeiras, nasceu ali nas Laranjeiras...( interrompi a gravação a pedido do sr. Inácio, que fez uma observação sobre as peculiaridades de uma gravação)...Ela nasceu nas Laranjeiras junto com um prédio residencial grande de três andares...Acho que eles alugaram aquela casa e o diretor do Instituto de Surdos e Mudos era amigo dele, era amiguíssimo dele, do Inácio. O diretor do Instituto de Surdos e Mudos...Rua das Laranjeiras 332, eu sei por que trabalhei ali muito tempo também...chamava-se Armando Paiva de Lacerda, amigo do Inácio. Um era diretor da Escola e outro diretor do Instituto de Surdos e Mudos. E as salas, eles usavam para as aulas teóricas. Por isso que a Escola de Educação Física nasceu ali encostadinha no Instituto de Surdos e Mudos...Quem criou aquela Escola foi ele, o Inácio. E ...acho que ele era formado em Educação Física, não era? Era, era formado em Educação Física.

V- Mas era militar também?

I - Era militar! Era do Exército. Não sei bem de que arma ele era do Exército, se era da Infantaria, Cavalaria, não sei, eu sei que era do Exército. Era muito bem quisto, viu?

V - O sr. é da época da fundação, sr. Inácio?

I - Bem, bem da fundação, não. Eu entrei lá em 1943, ela era de 1939. Foi pelo decreto, acho, 1212 de agosto de 1939 que Getúlio criou ela. Era a Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

V- Como o senhor foi para a Escola?

I - Não. Eu trabalhava no Instituto de Surdos e Mudos. Porque eu era garçom no Instituto de Surdos e Mudos. Porque o Instituto de Surdos e Mudos era um colégio em que nas férias os meninos iam para a casa dos pais. Durante o ano letivo eles ficavam no Instituto para eles estudarem, porque ali tinha tudo. Ali tinha encadernação, tinha carpintaria, tinha sapataria. Ele saía dali preparado para a vida. Ele era surdo e mudo, né? Assim também eu escutei eles dizerem lá, eles diziam que toda pessoa que nasce surda é muda, porque nós quando criança aprendemos a falar pelos sons, né? Eles não escutavam o som, ele era surdo, por isso todo surdo é mudo.

V- E o sr. era do Instituto de Surdos e Mudos?

I - Era do Instituto de Surdos e Mudos.

V- Foi quando a Escola chegou lá?

I - Não, a Escola já estava formada. Eu entrei no Instituto de Surdos e Mudos em 1942. Trabalhei um ano no Instituto de Surdos e Mudos, mas...porque eu trabalhava no Instituto de Surdos e Mudos em uma companhia de alimentação que era uma companhia de alimentação que servia o Instituto de Surdos e Mudos. O pessoal que trabalhava na alimentação não era funcionário do Ministério da Educação, não. Não era não. Era uma companhia que servia e no fim do ano ia quase todo mundo embora, porque o Instituto quase fechava. Eles davam férias coletivas aos funcionários. Mas como eles eram muito amigos...e toda tarde quem levava o café para o diretor do Instituto de Surdos e Mudos, Dr. Armando Paiva de Lacerda, ... levava um café a tarde, quatro e meia da tarde, ... e eu era da cozinha, era da companhia que servia alimentação aos alunos, almoço e jantar, não era? E a tarde quem levava o café era eu. E eu conversando com ele lá, ele me perguntou como eu entrei ali, como eu estava na companhia, que não-sei-o-que, que eu era...enfim aquele negócio de eu sempre ...nunca cheguei atrasado, não faltava dias, tinha aquela conversa e ele disse assim: 'Você não é funcionário não?'. E eu disse: ' Não sou não doutor'. Aí ele disse: 'Mas é pena você não ser funcionário. Você é uma pessoa tão prestativa. Você quer ser funcionário?'. Disse: 'Ah! Claro que quero! '. Aí como no Instituto de Surdos e Mudos não tinha vaga, ele arranjou uma vaga para mim na Escola de Educação Física e Desportos.

V- Com o prof. Inácio...

I- Foi o Inácio...mas eu quando cheguei lá o Inácio já não estava mais.

V- Quem era? O senhor lembra?

I - Era o Roberto Pessoa. Era um paraibano que era capitão. Mas ele foi a coronel. Desde aquele tempo que para fazer o curso de Estado Maior para ser general tinha que ser no mínimo coronel. Ainda hoje existe, né?

V- É, ainda hoje.

I - É, no mínimo coronel. Ele foi a coronel, né? E aí ele teve que deixar. E aí veio um outro militar. Naquele tempo tudo era militar ...o Armando era civil, o Armando Paiva de Lacerda era civil, não era militar não, era civil. Mas o Rolim, Inácio Rolim, era militar. E aí veio um outro. Um outro paraibano também, que era Antônio Pereira Lira. Eu peguei esses diretores todos, né? Eu peguei esses todos. Eu peguei o Roberto Pessoa, peguei o Lira, peguei um que era professor da cadeira de fisioterapia, o Abud.

V- O Abud foi diretor também?

I - O Abud foi. O nome dele era ....(esqueceu o nome).

V- Camilo Abud?

I - Camilo Manuel Abud! Camilo Manoel Abud era ele. Foi diretor. E vieram outros, não era? Vieram outros. Eu peguei o Areno, Dr. Waldemar Areno, todos foram diretores de lá.

V- Queiroz?

I - O Dr. Queiroz, Carlos Sanchez de Queiroz. Quem é que te disse já? Paulo Matta?

V- Eu andei lendo também..

I - Ah! Você andou lendo!

V- O sr. pegou também o prof. Latorre de Faria?

I - Peguei o Latorre de Faria. Alberto Latorre de Faria. Tenho aí o centro com o nome dele.

V- O Centro Acadêmico.

I - É, aí é o nome dele. Eu peguei o Latorre também.

V- E a Maria Lenk?

I - Depois do Latorre de Faria veio outro, para depois ser a Maria Lenk. (Esqueceu o nome)

V - Peregrino Júnior?

I - É, Peregrino Júnior também foi diretor de lá. O nome dele era João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior.

V- Entre os diretores qual foi aquele que mais marcou o sr.?

( Nesse momento tivemos que trocar de lugar, pois o barulho era imenso e estava a prejudicar em demasia a qualidade da gravação. Ao voltar a gravar, sr. Ignácio mudou o assunto)

I - Era fácil entrar no serviço público, não era? Era fácil entrar mais acontecia que a gente era diarista, ganhávamos por dia e no dia que não trabalhávamos não ganhávamos. E desses diretores todos, eu só me tornei funcionário efetivo acho que quatro anos depois, porque eles...depois do Roberto Pessoa veio outro paraibano, Antônio Pereira Lira, era major também, ficou pouco tempo também porque foi logo classificado para o Estado-Maior. E o Lira foi que passou os funcionários, os trabalhadores diaristas, todos eles diaristas, para mensalista. A gente passou a ganhar mensal. O dia que a gente não trabalhava a gente ganhava, mas tinha que justificar sua falta. Mas sendo diarista, podia ser o que fosse, perdia o dia.

V- Havia muitos funcionários?

I - Olha meu filho, que eu me lembro...eu era servente e servente você sabe o que é. Varria o pátio, servia o material das aulas práticas, porque as aulas práticas eram feitas no

Fluminense, no campo do Fluminense. E as aulas de natação também eram na piscina do Fluminense, no início. Então, dos diretores todos o que beneficiou a gente foi o Antônio Lira, Antônio Pereira Lira. Mas porque esse já foi no governo do Dutra. Porque o irmão dele era secretário particular do Dutra, José Pereira Lira. Ele, com ele lá, arranjaram de beneficiar aqueles funcionários, passaram eles para mensalista e deram um aumentozinho a gente, uma coisinha, porque a gente era diarista, era. Depois que vieram os outros...mas aí foi quando...eu não me lembro bem o ano... que ela mudou para a Praia Vermelha. Ela foi lá para Praia Vermelha. No governo do Dutra mudaram ela para ali na Praia Vermelha onde houve o hospício, onde era o hospital de malucos ...por que a reitoria era na Rua do Ouvidor, em um prédio alugado, na Rua do Ouvidor. E aí foi para lá no Governo do Dutra, melhoraram o prédio e coisa e a Escola mudou para lá.

V- E foi bom isso?

I - Até chegar a Praia Vermelha a Escola viveu sempre de favor. Não sei se o Brasil era atrasado ainda, não sei. Eu sei que ela começou a ter sede própria na Praia Vermelha. Ficou bastante tempo na Praia Vermelha. Eu me lembro que saiu da Praia Vermelha em 'setenta e não sei o que'. Foi lá para o Fundão.

V- O sr. foi junto para o Fundão?

I - Não, eu não fui junto. Eu fiquei uns tempos na Faculdade de Educação, porque eu trabalhava com uma professora que chamava-se Maria Jacy Nogueira Vaz. Ela era professora de metodologia e muito amiga da diretora da Faculdade de Educação. E elas duas conversando, quando a Escola mudou, e aí eu falei para ela: 'professora'...a professora Maria Jacy era muito minha amiga...' lá no Fundão é muito longe, eu moro em Nova Iguaçu'...eu ainda moro em Nova Iguaçu. Então ela disse assim: 'Não, você vai ficar aqui, eu vou dar um jeito'...não me lembro qual era o nome da diretora da Faculdade de Educação...eu sei que fiquei dois anos com ela lá, na Faculdade de Educação, na Praia Vermelha. Foram mudando aquelas repartições, de uma em uma... Ah! Era Nair, Nair não me lembro de que...E aí a Maria Lenk quando soube que eu estava lá na Praia Vermelha e era lotado na Escola de Educação Física, ela aí foi lá, brigou com a Nair e me trouxe para o Fundão. Mas aí já faltava dois anos para eu me aposentar. Aí foi quando o Ivair Machado chegou lá...e aqui não tinha educação física não. Quem criou a educação física foi o Ivair Machado e o Edson. Eles dois, sabe disso? O Ivair Machado, eles dois em um avião uma vez conversando...sei até disso, eles me falaram isso. E saiu a história, a ideia de abrir uma Escola de Educação Física aqui. Aí abriram. Eles dois juntos eram muito amigos.

V- Foi quando o sr. Veio para cá?

I - Aí o Ivair Machado foi me buscar lá, aí foi quando eu inaugurei...quando eu vim para aqui foi quando foi inaugurado isso aqui. Estou desde essa data aqui. Faz dezoito anos já que eu estou aqui. Mas até...eu ainda fiquei dois anos aqui e lá. Aí ele foi lá me buscar e disse para mim assim: 'Olha você pode ficar...', porque o material aqui meu filho, roubavam tudinho. Tinha uma pessoa...o material das aulas práticas, bola, roubavam tudo. E aí ele se lembrou de mim lá, porque eu trabalhei lá com ele no halterofilismo. Ele é professor de ...O Ivair Machado é professor de musculação, halterofilismo. Aí ele disse: 'Vou buscar aquele funcionário que é bom'. Foi de carro lá me buscar. 'Você pode ficar até uma hora aqui?'. Eu

disse: 'Professor, eu não posso trabalhar na UERJ, eu não estou aposentado aqui ainda'. Ele disse: 'Não! Até uma hora da tarde você pode ficar na UERJ?'. Eu disse: 'Posso!'. Ai eu ficava aqui até uma hora da tarde, chegava lá, entrava lá as duas e saía às oito horas da noite de lá. Ai quando eu me aposentei de lá, depois de dois anos, fiquei exclusivo aqui, com ele ai, já como diretor.

V- No tempo que o sr. estava na Escola, o sr. sempre fez o mesmo trabalho?

I - O mesmo trabalho: servir o material as aulas práticas. Agora quando eu cheguei aqui o Paulo Matta foi diretor e ai o Paulo Matta me mudou de função. Porque como eu já era muito antigo...Porque você sabe meu filho que de primeiro o material vinha equipadinho, rede de voleibol vinha com vareta, com faixa, com tudo, depois de um certo tempo...não sei o que é isso, se são os empresários, política, não sei o que é...só vem a rede pura. E o único funcionário mais antigo que sabia fazer aquilo era eu. Ai o Paulo...porque eu trabalhava no almoxarifado...ai o Paulo Matta me tirou de lá. 'Vem cá tio, você sabe colocar isso?'. 'Sei'. Aquilo tem que colocar a faixa na altura da quadra, embaixo, faixa, vareta, aquilo tudo... (interrupção por presença de outras pessoas falando de assuntos outros). Ai, eu fiquei só fazendo isso. Consertando tatame, ajeitando as coisas...

V- Mas lá na Escola você já fazia isso?

I - Na Escola eu já fazia isso.

V - E havia muitos funcionários lá sr. Inácio?

I - Lá. Tinha uns dezoito.

V- Não era muito, era?

I - Não, para o tempo era, porque quando aquilo começou, o curso superior era série, não era? Eram dois anos o curso superior e um ano o curso de educação física infantil, só para criança, educação física só para criança.

V- Para médico tinha?

I - Olha..médico..tinha o curso de medicina especializada em educação física, tinha esse curso lá.

V- Massagista também?

I - Massagista também.

V- Eram muitos alunos sr. Inácio?

I - Olha meu filho, na época eu me lembro, mais ou menos...entrava todo ano 100 alunos, cinquenta mulheres e cinquenta homens.

V- Era separado?

I - Era separado, as aulas separadas. Aqui também era. Hoje está tudo junto, mas na época era separado. Era tudo separado.

V- O sr. lembra de nomes de funcionários de lá?

I - Lembro de muitos, colegas meus, né? Tinha um que era muito meu amigo. Quem trouxe ele para a Escola foi o Rolim mesmo, o Inácio Rolim. Lembro que eu nunca vi, em local nenhum, nome igual ao dele ...Zoroastro era o nome dele. Zoroastro, ele era funcionário junto com a gente, ele que coordenava os funcionários, meu amigo. Morava em Nova Iguaçu, foi ele que me levou para Nova Iguaçu para eu comprar um terreno lá, fazer casa lá. E tinha um outro também que trabalhava na Light de noite e trabalhava de dia na Escola até meio-dia. Saia meio-dia.

V- As aulas eram só de manhã?

I - As aulas eram até meio-dia. Até meio-dia. A tarde era só para limpar o prédio...tinha o curso de educação física infantil e tinha o Curso Superior que eram dois anos, ginástica para adulto. Ginástica para criança era só um ano.

V- E os secretários. O sr. lembra dos secretários?

I - Dos secretários...de alguns eu lembro. Olha, quando eu cheguei lá, quem eu encontrei lá, o secretário, o nome dele eu não me lembro não, me lembro do sobrenome dele que era Souza Brasil. Que eu alcancei foi o primeiro secretário. Depois vieram outros, veio...até esse estava aqui a pouco tempo, não sei se ele já aposentou, Antônio Firmino de Proença, era secretário da gente, ficava na secretaria. Tinha uma moça também, uma senhora, D. Zina Joviana, era secretaria também da Escola. Mas meu filho, isso faz tantos anos...só se você me perguntar assim...

V- Chiaradia, o senhor pegou?

I - Ah! Foi secretário também. Antônio Chiaradia.

V- Chiaradia.

I - Era Antônio Chiaradia. Até aliás tinha dois Antônio. Tinha um professor Antônio que era ...o nome dele era ...filho de português.....era Antônio...Duro Chiaradias. E o menino que era aluno era Antônio... Chiaradias Duro, era ao contrário. Isso é o que eu vi eles falarem lá, né? Mas o menino, o filho do português, era professor. Fez curso de técnica de futebol... quem dava curso de técnica de futebol era o Ernesto dos Santos. Ele está velhinho. Está vivo ainda. Está velhinho. E o assistente dele era o Célio Cidade, morreu agora pouco. Ele bebia, que coisa horrível, ele bebia. Célio Cidade.

V- O sr. lembra dos alunos?

I - Os alunos lembro, meu filho. Tinha muito aluno, tinha muito aluno sabe porquê? Porque naquela época o aluno se formava em dois anos, ele tinha emprego. E tinha emprego logo.

Agora, hoje aqui você sabe, é difícil, o aluno se forma, eu não sei como ele ainda tem influência para fazer um curso desse. Muitos saem ai. Têm meninos aqui que estão nos Estados Unidos. Agora só que quando eles chegam lá...tinha uma menina aqui que ela foi, ela tinha um irmão, nos Estados Unidos e o irmão dela mandou no mês de natal, no mês de dezembro, mandou uma viagem para ela ir lá, visitar ele lá. Ela tinha se formado aqui, eu esqueço o nome dela. Quando ela chegou lá, Victor, ela tinha feito três anos aqui, e quando ela chegou lá ela tinha que fazer mais dois anos de Educação Física.

V- Teve uma época que a Escola foi em três anos, não teve?

I - Teve. Foi o Antônio Lira...que era de dois anos e ele passou para três anos.

V- O sr. acha que melhorou a Escola?

I - Melhorou os conhecimentos, não é Victor? O cara aprendia mais um ano.

V- Os alunos mudaram muito?

I - Em parte, não é Victor? Mudaram em parte. Você sabe que no vestibular é que seleciona o aluno. O vestibular é para selecionar o aluno, para saber se ele está preparado para receber a matéria que ele vai receber no currículo, enfim. Mas melhorou um pouco.

V- Teve algum aluno que marcou mais o sr., que o sr. lembra mais dele?

I - ....Olha...tinha aluno lá que era muito amigo do funcionário. Porque você sabe que o funcionário..a posição dele era pequena, você sabe disso. E o menino que era aluno, eu sempre penso assim comigo, por muito pobre que o aluno seja, ele tem mais recurso que o funcionário, ele chegou a estudar, a fazer um curso superior. Não é todo mundo meu filho, hoje então nem é bom falar. É difícil fazer um curso superior, Victor. É muito difícil. Eu tenho três filhos com curso superior. Mas eles mesmos é que...eu consegui levar até o ginásio, naquele tempo, do ginásio para lá...ginásio ou científico? Do científico para lá, eles se viravam. Eu tenho o mais velho que é professor, é funcionário federal, de um ambulatório do INPS. Esse trabalhava de dia, trabalhava de dia e estudava de noite, coitado. Para poder viver. E tem muito aí assim, né? Para poder vencer. Aqui tem muito assim. Aqui tinha um menino que era motorista de ônibus. Você sabe? Era Altair o nome dele. Ele era motorista de ônibus de noite e de dia ele estava aqui na Escola fazendo as aulas.

V- Naquele tempo era assim na Escola?

I - Olha, tinha muita gente que trabalhava de dia e estudava a noite...estudava de dia e trabalhava de noite. Porque para estudar mesmo só sendo de dia. Agora também as faculdades...porque naquela época as faculdades ficavam só até meio-dia, uma hora, né? Mas com o tempo as faculdades, por exemplo, que tinham a necessidade de cultivar mais um pouco, de ensinar mais, né? Então o camarada que queria fazer, melhorar de vida, enfim, é muito sacrificio para ele, muito sacrificio para ele na época.

V- Tinham os bolsistas na época, né?

I- Tinham os bolsistas que vinham do interior e quando acabavam de se formar ele ia para o Estado onde deu a bolsa para ele, para ele trabalhar lá, até pagar a bolsa dele. Tinha uma porcentagem para pagar todo mês até ele pagar.

V- Vinham de todos os Estados?

I - Vinham mais de lá de cima, do nordeste, né? Maranhão, do Amazonas, vinha do Recife. E aqueles Estados todos tinham bolsistas, porque a Escola aceitava aquilo, porque a Escola tinha restaurante, ela tinha bandeirão, acabou isso tudo.

V- A relação do sr. com aos alunos, então, era boa?

I - Era. Eles tratavam bem os funcionários. Felizmente.

V- O professor Paulo Matta me falou que o sr. tomava conta das bolas...

I - Era eu sim, era. Sempre trabalhei. Mas eu sempre sabia porque o aluno só podia aprender se treinasse. Eu sempre entendia aquilo meu filho, porque eu era filho de trabalhador, eu entendia aquilo. Porque eu não estudava, eu não queria também ...depois a gente não queria...porque o aluno tinha direito, a direção dava sempre, estava sempre a favor do aluno. O aluno tinha que treinar. Como o aluno podia treinar sem dar o material a ele? Quem tomava conta do material era eu, não era? Mas eu me dava bem com eles todos e arranjei muito amigos com eles todos e eles também me conheciam...

V- Havia muitas atividades culturais entre os alunos? Festas,...

I - Olha, olha Victor, isso nesse tempo era mais difícil. Porque o ensino era...era menos, não era? Apesar que eles dizem aí hoje que o ensino não melhorou não, né? Melhorou não?

V- Em certo sentido talvez não.

I - Não, é?

V - Talvez não. Esse é um assunto bem complicado.

I - Agora, como é que um aluno tinha curso superior de dois anos e saia professor? Saia professor! Mas não era um professor...você viu que a moça que se formou aí foi para os Estados Unidos e teve que estudar mais dois anos lá. Porque o que ela sabia lá era pouco para ser professora lá.

V- O sr. lembra que teve uma greve de estudantes lá?

I - Greve de estudantes? Olha, durante o tempo do Getúlio... porque o Getúlio foi até 45, é 45 a ditadura do Getúlio... no tempo da ditadura de Getúlio não era fácil não. Depois tinha um reitor, o reitor da Universidade lá, ele teve 20 anos como reitor, foi um cara, chamava-se Pedro Calmom, se o aluno fizesse greve, quando o aluno fazia greve, se o presidente do DCE conversasse quinze minutos com o reitor acabava a greve. Ele convencia o aluno de

que...um crânio, formado em História e Organização, o cara. Teve 20 anos como reitor da Universidade! Você leu alguma coisa, não leu? Você sabe disso.

V- Li alguma coisa...Mas o sr. não lembra da greve no tempo do Peregrino Júnior?

I - Lembro! Eu lembro da greve no tempo do Peregrino Júnior. Mas aí não era mais tempo do Getúlio, não. Aí já era governo constituído.

V- No tempo do Getúlio a Escola era bem...?

I - Era, era. Aí já era mais difícil. Era bem militarizada, todos os diretores eram militares.

V- Tinha Hino Nacional de manhã e coisas desse tipo?

I - Tinha?

V - Cantar o Hino Nacional de manhã?

I - Ah! Era! Formava. Todo Mundo. De manhã hasteava a Bandeira, às 7 horas, o diretor, era militar, os professores, todo mundo formado, os funcionários. Todo mundo cantava o Hino Nacional, hasteava a Bandeira.

V- Depois acabou isso?

I - Depois acabou isso. Com o tempo veio o governo constituído. É que era tudo militar. Era para valorizar o militar. Você sabe que no tempo do Getúlio, a coisa era dura, para respeitar ele. Porque se não...Você vê que naquele tempo o jornal, um jornalzinho, que fosse falar mal do governo era fechado.

V- O sr. acha que o Getúlio foi bom para a Escola?

I - Bom, quem criou foi ele, né? Ele criou a Escola, no tempo dele criou a Escola. Ele era militar, naturalmente ele não poderia ser contra militar, por que quem protegia ele eram os militares, quem dava apoio a eles eram os militares. Mas assim mesmo ele ainda agüentou muito tempo, né? Depois de certo tempo é que eu li que ele disse que para endireitar o Brasil tinha que fechar o Congresso por quinze anos. Quinze anos, não, sessenta anos! Ele só fechou quinze. Então já viu, depuseram ele e ele voltou como governo constituído, não era para voltar mais. Voltou em 50.

V- No tempo da greve dos estudantes já era governo constituído.

I - Já era governo constituído.

V- Como foi a greve? O sr. Lembra?

I - A greve era eles reivindicando direitos, não é meu filho? No Brasil, naquela época principalmente, e hoje, tem-se o direito de se reivindicar direitos, né? Todo mundo tem direito.

V- Mas parou mesmo a Escola?

I - Parou uns dias, parou uns dias. Eu me lembro que parou uns dias. Agora, não me lembro o ano. Parou uns dias para os alunos, agora para os funcionários não. Estava lá todo dia, marcando cartão, aquele negócio.

V- Os professores também não?

I - Os professores também, eles até formavam de manhã para hastear a Bandeira.

V- Como era a relação dos funcionários com os professores?

I - Era boa, era. Os professores eram bons para os funcionários. Eles sabiam que eles dependiam dos funcionários, quando eles iam para uma sala, o funcionário tinha que ter passado lá para ter limpadado a sala e tudo.

V- Tinha briga de funcionário com funcionário, funcionário com os alunos?

I - Não, eu só me lembro de uma só. Um secretário que teve lá. Era Osvaldo Vieira da Costa. Secretário, ele era exigente demais e esse cara que trabalhava na Light brigou uma vez com ele lá. Que eu me lembro só essa vez. Só esse funcionário.

V- Mas o cotidiano era agradável? Era legal trabalhar lá?

I - Era, era. Trabalhava... você sabe que de primeiro, eu hoje é que penso isso, de primeiro o trabalhador... era mais conformado de ser trabalhador, parece que os homens administradores e políticos eram mais honestos com o trabalhador. Sei lá, era mais amigo, era mais sincero.

V- Havia discussões políticas dentro da Escola?

I - Não, no tempo da ditadura, não. Os professores é que conversavam um com outro politicamente. Conversavam se estava bom, se estava ruim, como hoje também acontece.

V- Mas entre os funcionários tinha?

I - Não, não havia política não. Todo mundo tinha que trabalhar na hora, não trabalhou, sabe como é que é, era suspenso.

V- E o secretário é que chefiava?

I - O secretário chefiava.

V- Normalmente ele era rigoroso?

I - Era, esse era rigoroso. Mas vieram outros mais acessíveis, mais... até aos poucos melhorando. Eu digo hoje para eles aqui que isso aqui é uma casa santa. Eu falo ai para eles, o Machado fala isso. 'O que o Ignácio fala que isso aqui é uma casa santa é mesmo'.

V- A rotina era muito pesada? Como era a rotina? Como era o dia-a-dia?

I - Lá? Naquele tempo?

V- É.

I - Ah era! Trabalhava até as quatro horas da tarde, de sete as quatro, na época do Getúlio, na época da ditadura, né? Trabalhava-se de sete às quatro. A Escola parava meio-dia. Acabava as aulas meio-dia. Tínhamos que limpar o prédio para no outro dia estar tudo limpinho, não tinha companhia de limpeza, então era o funcionário que fazia. Era a gente que fazia.

V- Sr. Ignácio entre os professores teve algum que marcou mais o sr., que o sr. lembra com mais carinho?

I - Olha, tinha um lá, professor de educação física da parte prática, que ele era médico, levou parece que uns oito ou nove anos para se formar, porque era professor, fazia uma série e trancava matrícula, já era casado, era professor de educação física, muito meu amigo, era professor da parte prática, era assistente da...na naquele tempo tinha o catedrático, hoje é o titular, naquele tempo tinha o catedrático, o catedrático era mais rigoroso...Alfredo Colombo. O Paulo Matta não falou nele não?

V- Falou.

I - Alfredo Colombo. E tinha outro que era o Adalberto Santos e Silva. Tinha o assistente, que era médico, era muito meu amigo, até. Quem tomava conta dos vestiários dos professores era eu, e ele não botava a carteira dele dentro do armário, não. Me dava para eu guardar. Cássio do Rotier do Amaral era médico. Todos eles eram meus amigos.

V- E briga entre médico e militar?

I - Não tinha briga...essa briga de civil e militar sempre houve, não é Victor? Sempre teve isso, Victor. Isso é antigo. Sempre houve essa coisa de civil e militar.

V- Na Escola, desde que o sr. chegou sempre houve isso?

I - Sempre teve essa coisa, sempre teve...porque ...não sei, de primeiro, o trabalhador era muito castigado e tinha aqueles coitados que..., eu, por exemplo, tinha vindo da roça, vim da roça, do interior, sou pernambucano e minha mãe tinha muitos filhos e eu não agüentei ficar mais lá e vim para o Rio de Janeiro para ganhar minha vida, vim novo, eu servi o Exército e sai de lá, vim me embora, eu servi o Exército. Eu servi no Exército e joguei futebol no Exército.

( Novamente tivemos que mudar de local, pois temia que um barulho intenso recém começado viesse a prejudicar a qualidade da gravação. Ao chegar na sala, o sr. Ignácio começou a falar da obrigatoriedade da educação física no nível superior e da professora Maria Lenk, que segundo ele criou tal dispositivo. Aproveitei para perguntar sobre a professora Maria Lenk)

V- A profa. Maria Lenk foi uma boa diretora?

I - Foi, foi ela que criou isso para valorizar a educação física.

V- O crédito obrigatório.

I - Era o crédito obrigatório. O aluno podia estar fazendo, cursando a universidade, ele tinha que fazer educação física. Hoje são dois semestres, um ano, naquele tempo era um semestre, tinha que fazer seis meses.

V- E a mudança da Escola lá para o Fundão. O sr. chegou a trabalhar um tempo lá. Era boa a Escola?

I - Trabalhei dois anos lá. Era ...disse que hoje está muito ruim, não é Victor? Abandonou muito. Abandonou muito aquilo, não tem dinheiro, eu não sei como é que é. Não sei como os homens se candidatam a ser Presidente da República, Victor, eu não entendo isso. Victor, está difícil a coisa, como um homem pode melhorar o país. Porque se a gente for falar a verdade mesmo, Victor, quem menos tem culpa são eles. Quem tem culpa é o eleitorado que vota, é o trabalhador, é o estudante.

V- Mas aquela sede quando começou era boa? Era melhor que a antiga?

I - Bom, era melhor porque era maior, era mais ampla. Lá na Praia Vermelha ...lá era uma casa alugada, nas Laranjeiras. Na Praia Vermelha, era uma coisa emprestada, era barraco de madeira, madeira. Agora lá no Fundão, não, já foi prédio construído, até com cortiça para não passar som, para não atrapalhar outra aula.

V- Mas dava mais trabalho para o senhor?

I - Mais trabalho para todo mundo, principalmente para o funcionário, né? O professor não, porque você sabe, o professor, a obrigação dele são três horas, de formar prova, examinar o aluno, corrigir prova, isso era menos. Mas para o funcionário eram oito horas batidas. Eu faço oito horas batidas aqui, porque eu sou *celetista*. Eu sou *celetista*. Na lei federal o mensalista ...o funcionário estatutário...ele só pode ficar até com setenta anos. Eu estou com setenta e oito. Então, quando passou aqui todo mundo para estatutário, aí eu fiz um requerimento e pedi para continuar como *celetista*. Porque eles relaxam mais, né? Tem menos direitos, menos coisas. Eu queria ficar, não queria sair. Porque meus filhos, eu ainda estava ajudando eles, eu ainda ajudo.

V- O sr. nasceu em que ano sr. Ignácio?

I - Eu sou de 1917. Eu nasci a 2 de outubro de 1917. Vou fazer setenta e oito. São muitos anos!

V- Nossa senhora! Graças a Deus.

I - Mas eu não ando muito bem não, Victor. Eu sinto umas dorzinhas aqui, por aqui, que os médicos dizem que é gastrite, que é não-sei-o-que. Eu estou conseguindo aliviar um pouco porque me levanto muito cedo. Eu moro em Nova Iguaçu. Quase uma hora de ônibus. Eu agora estou levantando às 4 horas, porque o Ivair Machado me liberou o horário. Mas por causa dos outros, não criar confusão com os outros, eu continuo vindo no mesmo horário meu. Eu levantava duas e meia da manhã, e agora acordo às quatro horas, chegava aqui as cinco e meia. Saía três horas.

V- O sr. sempre abria o ginásio, né?

I - Sempre quem abria o ginásio era eu. Ainda hoje abri o ginásio. Eu continuo abrindo o ginásio. Porque eles têm uma confiança em mim muito grande, não é Victor? Você não viu que ele mandou as professoras me convidarem, é aniversário dele, eu nem sabia. Aniversário dele, ele é o diretor. Ele me liberou o horário.

V- O tempo que o sr. passou na Escola foi um tempo feliz?

I - Foi, foi bom, mas, Victor, aqui eu acho que é melhor. Não sei porque se é porque eles gostam muito de mim. Eu sou muito...tomo conta das coisas, dou conta, não é Victor? Tenho compromisso, fui criado assim, meu pai me educou assim. Você sabe que o funcionário...você não viu, olha, eu li sábado na Tribuna da Imprensa, o Otto Fernandes dizendo...

( Sr. Inácio solicitou o desligamento do gravador)

V- O sr. chegou a acompanhar as competições na Escola Nacional?

I - Cheguei.

V- E como eram as competições?

I - Victor, a competição, lá na Escola...Tinham as inscrições, né? As inscrições, primeiro você tem que se inscrever, você como professor sabe disso, tem que se inscrever. Às vezes avisavam ao funcionário, 'Tem competição amanhã dos alunos', e a gente tinha que estar com a pista preparada, tudo direitinho, tudo certinho.

V - Existiam relações da Escola com outros Estados, vinham alunos de outros Estados para fazer intercâmbio?

I - Os bolsistas!

V- Não, tirando os bolsistas, alunos de outras faculdades, de outros estados?

I - Vinha quando havia o curso de medicina especializada em Educação Física, né? Vinha de outros Estados, mas já como médico.

V- Outras pessoas de outros estados não tinha?

I - Não, porque...a faculdade dele era lá. Ele só vinha para cá se fosse bolsista, se tivesse uma bolsa lá. Né? É.

V- O sr. acha que a Escola cumpriu o papel dela para a educação física?

I - O Victor, você sabe que para responder você com exatidão mesmo...eu era funcionário... curricular...e só quem sabe daquilo mais é quem era auxiliar de escritório, vivia no escritório, na secretaria. Meu irmão sabe disso. Eu tenho um irmão que era chefe de expediente escolar lá na UFRJ. Você não conhece não. Ele está aposentado. Ele sabia disso mais do que eu. Mas naturalmente devia. É.

V- Obrigado, muito obrigado sr. Inácio.

**ENTREVISTA 3**  
**Ramilda Colares Quitete**

( Depois de ter sido recebido pela profa. Ramilda começamos a conversar, aproveitei para tomar as atitudes básicas de todo início de entrevista e a profa. começou a falar sobre a ENEFD. Pedi autorização e comecei a gravar...)

Ramilda Colares (RC) - ...Mas então eu dizia a você o seguinte, na questão do histórico da Escola, porque a Escola de Educação Física (EF) da Universidade - Universidade do Brasil - teve origem na Escola de Educação Física do Exército. Então o que ocorreu é que muitos eram militares. O nosso diretor mesmo, de muitos anos, foi um conhecido, um militar conhecido, mesmo entre nós de EF. Nós o chamávamos de major Rolim. O nome dele era major Inácio de Freitas Rolim, de São Paulo.

Victor - Ele era de São Paulo?

RC- De São Paulo. Ele chegou a Marechal dentro da carreira e fazia parte da Liga de Defesa Nacional, que ainda existe até hoje. Então o que ocorria, e aí vem aquela relação de poder que você também está querendo focalizar no seu trabalho; você vê, um jovem, mesmo naquela época, você coloca muitos anos para trás, em relação a um adulto, e um adulto militar, e você com formação civil - no meu caso eu não tenho ninguém na minha família com formação militar, eu não tenho conhecidos, então eu não tinha vivência, vim de escola pública - o que ocorria? Quando entrava naquela disciplina, e o próprio adolescente já é contestador, o que ocorria? Você reagia. Eu reagi muito. Entendeu? 'Não pode falar, tem que entrar para sala, não pode ficar conversando', mas acontece que aquilo disciplinava.

V- Havia muita indisciplina, professora, muitos choques?

RC- Olha, não sei se nós tínhamos muita indisciplina, mas nós também reagíamos, nós também criticávamos. Eu acho que essa coisa que hoje vocês...o jovem sempre foi contestador! Sempre, por toda época, é característica do jovem. O que ocorria é que você contestava, mas havia um respeito pela postura da pessoa. Porque, como eu percebo, no meu entender, ele era uma pessoa que tinha um nível tão forte, tão retilíneo, que quando ele dizia uma coisa, "Vai para aula que terminou intervalo", você não gostava; muitas vezes eu retruquei, 'não sou soldado, não estou na caserna', coisas desse nível e ele ouviu, ele ouviu com respeito e me considerava, por exemplo, líder; qualquer coisa ele perguntava "porque está acontecendo isso, o que está acontecendo com o grupo"; eu era assim um pouquinho de termômetro; ora, isso era também uma atitude de respeito, ele também nos respeitava. Eu me lembro de um episódio de que nós fomos ao Pacaembú, porque havia uma apresentação de danças.

V- Pacaembú em São Paulo?

RC - São Paulo. Nós fizemos uma excursão daqui da Escola para São Paulo e lá tínhamos colegas que faziam apresentações muito interessantes, muitos que estão ainda aí no cenário, Tônia Carrero, pessoas desse nível, então muito interessante, de dança expressionista, enfim

uma apresentação realmente de valor. Ora, ele sendo de São Paulo, eu percebo coisas que naquela época mesmo eu já avaliava, o que ele poderia fazer? Ir para casa da família, dos familiares. Não, ele ficou hospedado no Pacaembú com todos nós. Eu acho que essa dedicação ao que faz, a seriedade ao que faz... São falhas e eu acho que essas falhas terão...também devemos ter um mínimo de maturidade de nós percebermos. Inclusive dos jovens, você deve exigir dos jovens, ele deve perceber essas falhas e observar mais o que você recebeu de muito bom, não ficar preso a nuvens no céu. Olhar o céu. Então, voltando as relações de poder, nós na Escola tínhamos assim...éramos jovens, bem jovens, um dia fomos jovens (risos), que faziam o curso superior. Pessoas talvez um pouco mais velhas, menos jovens, que viam dos estados fazer o curso do magistério. Quer dizer, tinha um curso menor que tinha direito a habilitação para trabalhar só com o primeiro grau, antigo primário. Técnicos desportivos, que depois de militarem nos clubes viam para Escola fazer um curso de especialização. Nós chegamos...as pessoas, na época, ...que iam...Ademar Pimenta, e várias pessoas assim que eu não me recordo, mas que faziam o curso de técnico esportivo. O outro curso que eram médicos que depois de formados viam fazer medicina especializada em Educação Física, porque as escolas eram obrigadas, todas as escolas obrigadas, a ter um médico que diria da saúde do aluno, da possibilidade de fazer tal exercício ou não. Então eles já eram médicos. Ou ainda massagistas, que também faziam o curso de massagista. Então, repare, são pessoas de formações muito diferentes. Em faixas etárias diferentes e com formação diferente. Nós ...os professores que eram também...nós tínhamos professores quase tão jovens quanto nós. E professores também de estrutura diferente, ou seja, professores médicos ou outros que davam cinesiologia, parte teórica, o Peregrino Júnior que era nosso professor dava a parte de biotipologia; ao lado de professores que davam a parte prática, de Educação Física, o ataque e defesa, que nós fazíamos esgrima, e assim todos, voleibol, basquetebol. Tinham maior ou menor valor? Não. Isso é apenas para deixar claro para você a gama enorme que nós tínhamos. Repare bem, isso, no meu entender, é um fator de grande enriquecimento. Porque eu nunca tive outra escola que tivesse possibilidade de conviver com pessoas tão diferentes, que me ajudassem tanto, principalmente na formação de uma pessoa jovem. Então, vendo por outro lado, é preciso para produzir, para as coisas para quem dirige, haver um controle, um controle maior. Porquê como as coisas podem funcionar se você tem muita diversidade? Podem sim, mas havendo maior controle.

V- Professora, havia, embora existindo esse aspecto de enriquecimento, brigas entre militares, médicos etc..?

RC- Olha, Victor, eu acho que o ser humano é sempre muito semelhante em todas as épocas. Eu não sinto que...Eu acho que havia sim. Havia, por exemplo, professor civil que tinha a seguinte postura que eu realmente ficava um pouco admirada, estupefata. "Basta", entre aspas, pessoas que diziam isso, "Basta dizer", porque vinham determinadas ordens do dia, porque nós tínhamos ordens do dia, Victor, toda uma estrutura militar, boletim do dia, então vinha uma determinada ordem de certo procedimento para todos, então o professor se posicionava na frente de nós: "Basta me dizer que eu sou obrigado que eu não quero fazer". Eu, por exemplo, tinha uma atitude de crítica, apesar de gostar muito dele, desse professor. Porque eu achava que eram regras do jogo. Eu aprendi que as regras do jogo tem que ser cumpridas. Você não vai ter regras que você gosta ou que não gosta. Você tem regras. Entendeu? Então, eu acredito que isso sempre existiu. Começou daí, claro porque é um início, depois a linha dos militares, porque é uma causa histórica, se nós tivemos origens na Escola de Educação Física do Exército é claro que nós já tínhamos professores militares e

tudo. Agora eu acho que existiam dificuldades, mas uma coisa que, no meu entender, não há militar ou civil, como eu não vejo...sabe? Fulano fez isso porque é negro, fulano faz assim porque é branco, fulano faz assim porque tem tal religião, não. Eu acho que eu vejo personalidades. Eu acho que há uma determinada personalidade autoritária e que é um civil. E há uma determinada personalidade democrática e que é militar.

V- Existiam professores civis mais autoritários que os militares?

RC - Eu penso que sim. Sabe, como eu vejo até hoje no cenário pessoas que se dizem teoricamente democráticas, mas agem de maneira muito autoritária. Porque até eu estou julgando ou pré-julgando? Não, eu acho até que é uma dificuldade da pessoa se trabalhar muito, por que tem uma personalidade de estrutura autoritária. E até o ser humano, na verdade, eu acho que nós somos muito individualistas, muito autoritários. É um trabalho de grande maturidade para nós irmos abrindo mão em relação ao outro, ver o outro, respeitar o outro. Isso é uma coisa a muito longo prazo. É sabedoria, não é conhecimento. É sabedoria que chega quase na terceira idade (risos)

V- A senhora acha que a estrutura da Escola era muito militar?

RC- Olha, era, é como eu disse a você, no início era militar. Nós tínhamos muita, exemplo de coisa, nós todos os dias tínhamos ordem unida, nós formávamos e cantávamos o Hino Nacional. Isso é uma coisa realmente de origem militar. Diariamente. Agora você me pergunta...e ficávamos em silêncio e eram ouvidas todas as determinadas ordens do dia, o que ia acontecer durante o dia, tinha o professor do dia, tinha, não me lembro se o funcionário do dia, professor do dia eu tenho certeza, e ele era responsável pelas ocorrências daquele dia. Você...é uma estrutura que é herdada dos militares? Sim. Agora também não será, isso é que me pergunto, não será um preconceito que você já acha, por que é militar, não é bom? E porque é civil...sabe? Eu acho que esses aspectos axiológicos, esses maniqueísmos, é bom, é mau. Eu acho que precisava, eu acho que tem que olhar as nuances, sabe? Eu acho que é muito do adolescente. Ele passa do péssimo para o ótimo, fulano é excelente, fulano é legal. Eu acho que o maduro tem que ver, porque nós somos sempre isso e aquilo. É a realidade.

V- Mas na época vocês questionavam isso?

RC - Olha, nós questionávamos em termos. Sempre também existiam as personalidades, não é? Que questionavam e que dificultavam, mas dentro de um conjunto acho que nós convivíamos bem, nós nos harmonizávamos, pelo menos era meu entender. Eu acho que ainda havia um grande respeito. Porque foram valores que foram passados, que eram muito da época, não é? Você vê uma linha de pessoas, pois andávamos de maiô para nadar e calção para fazer esporte. Naquela época isso já era uma coisa avançada, vamos dizer. Então isso era uma coisa que podia criar determinadas coisas, de rigidez de disciplina e tudo, porque talvez se não colocássemos, será que não íamos exagerar, extrapolar?

V- A sra. é da primeira turma?

RC- Não. Nós tivemos a primeira turma que eles chamavam de emergência, onde saíram os nossos professores. Foi um curso menor, de menor duração. Depois teve uma turma que aí foi seriada e depois a seguir veio a nossa.

V- De 40?

RC- Olha, nos terminamos, preciso confirmar, nos terminamos, fizemos 41 e 42, porque naquela época ainda não eram três anos, eram dois anos. Depois com a reforma é que passou o curso para três anos. Mas nós já tínhamos 41 e 42, nós éramos ainda Universidade do Brasil. Mas, olha, para você perceber, nós éramos visitados pelos ministros, pelo Ministro da Educação. Nós tínhamos Leitão da Cunha, que naquela época, depois tivemos o Capanema. Nós éramos prestigiados, agora porquê? Por que realmente na época, o diretor, no caso o major Rolim, que depois chegou a marechal, mas sempre chamávamo-lo de major, ele se impunha, ele fazia questão de prestigiar. Ele colocava, eu acho, que exatamente os louros dele de militar a serviço da EF. Uma atitude de civismo, porque ele acreditava que a EF ajudaria a cidadania, a essas atitudes de civismo. Então, eu pessoalmente dou um testemunho favorável porque me ajudou até hoje. Eu acho que determinadas situações que eu aprendi, de situação de jogo, de respeito, de saber perder, de jogar com o outro e não contra o outro, isso até hoje no jogo da vida tem me ajudado.

V- Professora, por que a senhora foi procurar a EF?

RC - Olha, a história é seguinte, porque minha história é pessoal. Eu estudei em escola pública, mas minha família era de professores; minha mãe era professora; tias professoras diretoras; e a mamãe, apesar de ser muito pouco esportista, não tinha muito sentido de educação física, gostava muito mais de ficar lendo, dentro de casa, 'flor de estufa' como dizia, mas ela como muito boa educadora, com uma visão abrangente de educadora, ela valorizava a Educação Física. Eu me lembro que as primeiras aulas na infância que eu tive foram dadas por ela. Porque nós tínhamos um colégio, eu tinha um colégio, e ela dava aula para nós. Ela sempre incentivou a prática de educação física, escotismo, sabe? Acho que ela desenvolveu muito isso. Então, na época, ela mesmo que me incentivou muito para que eu fizesse EF. Claro que eu sempre gostei, não tanto de que fosse a linha de ser considerada em geral boa esportista, não. Porque a EF é muito mais abrangente. Acho que por isso me dei bem e acho que fui uma razoável professora de EF. Eu via muito a pessoa na totalidade, o ser na totalidade, eu tinha condição de, muito mais; eu não, acho que todos nós temos; de ajudar um aluno, porque é uma situação em que ele se expressa de uma maneira muito mais espontânea, porque se ele ficar desatento a bola cai, ele tem que estar alerta para segurar a bola. Se eu tenho hoje grupos na sala de aula, ele pode estar só de corpo presente, ele pode estar longe. Na aula de EF isso não acontece. Se o menino está mais dispersivo, preocupado com um problema, de repente ele vem e fala conosco. Por causa até de ser ao ar livre, ele estabelece uma relação mais fácil, mais próxima. E com isso eu fui tão ajudada que quando professora na universidade, como eu me percebo? Eu não sei se eu fiz algo de exponencial, acredito que não. Mas o que eu acho que eu realmente consegui de meus alunos foi uma atitude, como eu desenvolvia muitos esses objetivos afetivos do ensino, eu me sentia muito próxima de meus alunos e eles a mim. Acho isso muito importante.

V- Quando a sra. Cursos existia alguma espécie de preconceito da sociedade para com uma mulher fazendo o curso?

RC - Existia sim. Existia e, isso eu volto a falar no major Rolim, ele procurava quebrar isso. Exatamente as moças mais educadas, de família, iam para as escolas de freiras, coisas assim mais tradicionais. E praticar esporte, colocar calção, isso era uma coisa muito avançada, que criava dificuldade. Não da minha família. Não da minha família, graças a deus eu não tive esse problema.

V- Algumas colegas suas tiveram problema com família?

RC - Olha, que eu tenha conhecimento eu acredito que não, pois já chegavam lá, já tinham uma seleção, uma triagem para terem vencido esse bloqueio e chegarem a fazer escola. Eu não tenho notícias, agora sei que era uma atitude assim genérica da sociedade. O que é para homem, o que é para mulher. Esporte, claro, nós sempre tivemos, até muito mais do que hoje, mas, por exemplo, não praticávamos futebol, nós praticávamos basquete. Quer dizer, o futebol, dentro dos esportes coletivos, era colocado para homem. O boxe também. Hoje as coisas mudaram. Eu não sei, até assumo minha atitude conservadora, eu ainda sou a favor que nós somos diferentes. Melhores ou piores não, mas somos diferentes. Acho que o rosa não é pior do que o amarelo, são diferentes. Eu não vejo porque diferença é pior. Acho até que é uma atitude mais revolucionária, mas quem sabe depois, como a história é cíclica, a gente não voltará a determinados outros comportamentos. Eu até espero, até porque os frutos dessa sociedade estão muito violentos, e acho que, quem sabe, não caberia uma revisão. Porque dizer que você pode fazer tudo, mesmo para a mulher, o célebre espaço da mulher, eu faço uma diferença. Acho que uma coisa é você ser respeitada como mulher, Conseguir determinadas reivindicações que não eram, Não se faziam valer, o próprio código civil que já se reformulou; eu até sou de família ...a mamãe era feminista; então para mim isso está muito claro. Não é que eu tivesse a postura dela, mas eu considero. Mas daí eu hoje vejo uma certa extrapola. Porque o homem fuma, eu fumo. Eu acho ruim o homem fumar e você exatamente não pode fazer coisas que são ruins. Pelo menos dentro dessa linha. Fumar, o fumante pode até ser meu amigo, agora o fumo é ruim, e eu digo isso com todas as letras. Também acho que existe uma atitude hoje que confunde democracia com sim, não e muito pelo contrário. Você tem criar uma posição, dizer sim e assumir, e assumir dizer não. Eu agora nessa conversa que estou tendo com você. Eu estou dizendo, como dizia a muitos de meus alunos, coisas que eles me perguntaram e eu nunca deixei de me posicionar. Até porque quando as pessoas não se posicionam elas estão fugindo de serem criticadas. E eu quero ser criticada, pois na medida que eu sou criticada, eu vejo a posição do outro e melhoro. Eu só progrido na medida que eu ouço o outro, mas se eu não me posiciono, vão criticar em cima de que? Então, há muita confusão, em termos de democracia.

V- A sra. afirmou que existia algum preconceito da sociedade. E dentro da Escola, as mulheres eram de alguma forma discriminadas?

RC - Não, não havia, pelo contrário. Acho que nós que chegávamos a Escola, nós tínhamos boas relações de companheirismos. Voltando a esse interesse que você tem no poder, acho que nós tínhamos muito boa atitude, entre os colegas, os médicos e nós, os professores, os alunos. A minha crença no esporte. Acho que o esporte cria, a prática da educação física são atitudes de mais simplicidade, de mais despojamento, que nós somos realmente iguais, no sentido que o calção desnuda, a roupa, nesse muito bom sentido. Você realmente fica igual. Então, eu observo, dentro do meu entender, que foi o grupo que mais me ajudou. Porque o

resto são as togas, são as situações que as pessoas ainda se colocam, até eu faço maior crítica as pessoas que são vaidosas, aquelas que aparentemente são muito simples, não tem nada de simplicidade. É uma grande vaidade cobrindo aquela simplicidade.

V- A sra. Falou que a Escola nasceu dentro da Escola de Educação Física do Exército. A sra. Acha que além dessa articulação com os militares existiram outras articulações levadas em conta por ocasião da fundação da Escola?

RC - Olha, eu acho que articulações existiram mais, acho que não dá nem para chamar de articulações, acho que mais na parte da organicidade, de cunho da organização. Foi necessário uma organização a ser aproveitada. Mas como nós, e ainda vem também nosso....graças a deus, eu gosto muito de ser brasileira, com todas as nossas dificuldades, com todas as nossas grandezas....eu acho que também nosso militar, está provado, ele militar brasileiro, é diferente de outros militares, até de perto da América do Sul. Então, não há, como eles dizem muito, paisana. Eles são capazes de se aproximar. Claro que há uma certa, toda aquela liderança hierárquica, claro como a Igreja tem. A igreja tem toda uma hierarquia de bispo e padres, da qual eu pertenço, eu sou católica. Agora, isso é errado? Eu não entro nessa linha. Acho que é uma questão de organização, que são necessárias para os objetivos, para aquilo que se tem em vista.

V- Qual a sra. Acha que foi o significado da fundação da Escola para o Brasil e para a EF brasileira?

RC - Olha, Victor, eu talvez até exagere no meu entusiasmo, até admito isso, mas eu acho que foi muito importante. Muito importante, sim. Porque era uma Escola diferente. Nós tínhamos atletas, esse sentido, porque o esporte e a EF tem a característica da universalidade. Porque o esporte, em todo canto do mundo, uma pessoa joga com pessoas de raça diferentes, com língua diferente. O que não acontece com outras áreas, se eu não tenho domínio da língua eu dificilmente vou poder entrar em um seminário e debater com outro colega. Mas com EF eu posso. Como tem acontecido, todos os nossos encontros esportivos, nossas olimpíadas. Então, cria também universalidade.

V- Houve resistências para Escola, dentro da Universidade do Brasil? O que significou para a Universidade uma Escola de EF?

RC- Olha, eu não tenho conhecimento, pode até ter havido, eu não posso dizer isso para você, mas sei que, pelo fato de nós estarmos organizados e conseguimos, dependeu muito da direção, pois a direção de uma escola e a chefia influi muito, de nós nos impormos, nós conseguirmos nos impormos, a tal ponto que os reitores visitavam a Escola, prestigiavam a Escola.

V- Isso foi aumentando com o tempo?

RC - Eu acredito que sim, acredito que sim. Que nós éramos considerados. Agora, depois era preciso que houvesse continuidade, ouviu Victor. Tudo na vida é uma passagem de bastão. Você tem que ter aquela humildade de passar, você é uma parte da equipe, você não vai fazer novo, você considera o que foi feito, reavalia e passa para o outro. Essa história de nós querermos criar sempre o novo e não olharmos o que passou, nós não temos memória.

Isso é uma das coisas que nós temos que ver. Considera o que é bom aquilo que não aconteceu, o passado....não tem nada haver. Você só pode construir as coisas olhando o que houve, o passado, o presente e uma visão de futuro.

V- Professora, a sra. Falou em cinco cursos diferentes. Os cursos eram mesmo diferentes?

RC- Sim. Eram diferentes, Victor olha aqui. Nós tínhamos algumas matérias em comum. Matérias comuns, mas de acordo com a especialidade, até a matéria tomava e tinha um determinado nível. O nível de exigência também era diferente. Então, era diferente sim, partes em comum e partes diferenciadas, de acordo com o objetivo do curso.

V- A sra. Pegou os primórdios da Escola. A sra. Teria idéia de que forma foi montada a grade curricular? Houve disputa? Mais disciplinas práticas ou mais teóricas?

RC - Não, olha, eu não tenho condições de dizer isso para você. Claro, eu cheguei como aluna e recebi aquela grade, não tenho notícias disso. Sempre como tudo, é do ser humano, competitivo, então, eu me lembro de algumas coisas, que era o professor da parte prática, o professor da teórica, até nós alguns alunos éramos melhor na parte teórica do que na parte prática. Sempre há aquela linha, mas aquela linha de diferenças, de valorizar mais isso do que aquilo, e talvez a parte prática era mais exaltada, mais enfatizada, mas eu acredito que no fim nós tínhamos coisas muito em comum, porque nós percebíamos médicos, professores, fazendo parte de nossos desfiles, jogando no campo, basquete. É o que eu digo a você, eu volto a dizer: a própria atividade ajuda a misturar, o que é muito bom.

V- A sra. Tem idéia como foram escolhidos os professores, por ocasião da Fundação da Escola?

RC - Olha, do que eu possa a saber, do que chegou a meu conhecimento, foram, aqueles professores que tivessem feito o curso de emergência, que foi o curso inicial, que se distinguiram. Esses aí foram os escolhidos para fazer parte da parte prática. E a parte teórica, acho que dentro da Universidade. Nós tivemos professores de nível muito bom.

V- E depois como se dava a escolha dos professores?

RC - Depois? Olha eu não posso dizer a você, não me lembro dessa seleção. Não me lembro de ter assistido. Mas agora, você perguntando isso, mas eu assisti, um pouco mais tarde, concursos. Colegas nossos que se submeteram a concursos. Prova pública, Professor Inezil Penna Marinho, que também foi nosso contemporâneo, eu me lembro.

V- O prof. Inezil foi da sua turma?

RC- O prof. Inezil não, na ocasião ele fez o curso de técnico esportivo e depois ele foi professor da Escola e fez concurso para a Escola, escreveu vários livros. A assistente dele foi, me lembro de ter assistido prova de concurso público, e havia seleção, porque sendo Universidade Federal devia se submeter. Mas eu não posso afirmar, não tenho esse dado, que não é muito de meu domínio. Não sei dizer a você.

V- Profa, a sra. Pegou a escola exatamente no período Vargas. Quais eram as relações da Escola com Vargas e qual a influência de Vargas na Escola?

RC - Olha, Victor, eu acredito, porque era uma fase...é a tal coisa que volto a dizer a você, com todo respeito, com toda contribuição que o presidente Vargas deu ao Brasil, mas foi uma fase ditatorial. E é civil. Isso que eu volto a dizer a você. Então, ele realmente prestigiava, por um lado havia o prestígio da presença do presidente, dos desfiles, porque isso era muito da linha dele. Como dizer? É até difícil dizer isso para você, mas eu vou tentar dizer, como eu o percebo, os equívocos que existiram no mundo, que foram copiados por nós, seja fascismo e nazismo, eles se serviam do esporte, dos atletas, para fins políticos, o que para mim parece que não tem nada haver. A EF e o esporte é válido por ele mesmo. Então, como nós aqui no Brasil também tínhamos um pouco, pegamos um pouco dessa cópia, tivemos alguns movimentos semelhantes, bem também nos moldes do Brasil. Todas as nossas coisas tomam uma feição brasileira. Mas de qualquer forma, o modelo vinha da Europa. Então, aquelas exibições de desfiles, de massas, isso era muito usado para servir a determinados objetivos, dos quais eu, por exemplo, discordo por minha formação democrática. Agora, era uma coisa dentro do contexto da época, mas eu como já fui habituada, em casa minha era professora de História sempre fazia agente refletir as causas e as conseqüências dos fatos, eu naquela época já tinha uma atitude crítica. Mas nós convivíamos com aquilo.

V- Era obrigatória a participação nas formaturas e desfiles?

RC- Sim, não era optativo. Como desde escola, desde qualquer aluno ginásiano na época era, fazia parte você ir para as paradas, sete de setembro, da raça. Nós tínhamos o célebre dia da raça, o que para mim isso é muito...eu faço uma grande crítica porque eu acho que não tem nada haver. Agora, ou melhor, não tem nada haver não, tem alguma coisa haver. Porque uma coisa ruim é você se servir disso para fins outros, agora, aquelas concentrações de grupo, de canto orfeônico, de EF, de marchar, eu acho muito positiva. Eu me lembro que eu gostava muito.

V- Os alunos em geral gostavam?

RC - De modo geral eu acho que nós gostávamos, porque era um certo sentido de afirmação. O adolescente gosta de se afirmar, o rapazinho gosta de estufar o peito, de desfilar, de ordem unida, ele gosta. Pelo menos era uma coisa dentro da época, do contexto da época. Eu acho que não havia esse atitude de rebeldia, de fazer contrariado. Sempre existiam aquelas pessoas que não gostavam, mas nós, eu pelo menos me lembro de fazer aquilo com gosto, era pequenininha e ficava no final do escalão, pois não tinha menor para mim (risos), eu me sentia muito bem, uma forma de afirmação, de fazer desfilar, de estar ali. E o que era importante, Victor, é aí que eu digo a você que não tem nada haver não, que tem alguma coisa haver, que aqueles valores, de você se calar, de você manter uma distância, isso é, como eu percebo, educativo, é educativo. Porque você aprende a se calar, você fala e eu ouço, eu falo e você ouve. Isso são coisas que você aprende na prática.

V- Professora, entre professores e alunos, professores e funcionários, existia esse diálogo?

RC - Olha, de um modo geral existia sim. Como sempre, é aquilo que eu volto sempre a dizer, nós tínhamos professores de personalidades mais ditatoriais, mais autocratas, eu não digo ditadores, é muito forte, eu digo autocratas. É claro que aí as dificuldades eram maiores. Mas nós também tínhamos professores mais democratas, de personalidade mais liberais. É toda a gama.

V- Os professores discutiam com os alunos conteúdos? O que os professores discutiam?

RC - Bom, não é na linha de hoje, em que na Universidade o debate é mais franco, mais direto, há mais liberdade de expressão. Eu acredito que a gente ganhou com isso, evoluiu, graças a deus. Mas existia, proporcionalmente a gente tem que considerar muito, tudo você tem considerar dentro do contexto, não pode tirar os fatos do contexto. Dentro do contexto eu acho que era significativo, existia.

V- E como era a relação entre professores e funcionários?

RC - Olha, essa relação de poder também, é aquilo que eu digo a você, também havia uma certa distância de tudo, porque como não era só na escola. Era distância de pai para filho, de chefe para funcionário, era essa relação de poder que era...talvez, eu considero hoje, na minha visão, exagerada, uma certa rigidez, uma certa dificuldade de expressão, mas por outro lado, como é para a gente ver um lado e outro numa atitude crítica, eu percebo uma vantagem, já que as pessoas exerciam, aquilo que nós dizíamos, o seu papel, o que é muito importante. Havia o papel do diretor, o papel do funcionário, o papel do pai, o papel do filho e hoje parece que há uma certa dificuldade, porque parece que nós consideramos que ser democrata é não exercer papel.

V- E a relação entre alunos e funcionários?

RC- Olha, como sempre Victor, as coisas, é como eu digo, volto novamente a mesma tecla, havia muita atitude de disciplina de respeitar, porque ele é o funcionário X, e você é aluno, aquela situação de cada exercendo sua função bem definida. Mas como sempre tem sempre aquelas pessoas que estabelecem uma relação afetiva muito próxima e outros não. Mas aí eu volto a dizer a você, isso é um negócio muito menos da organização, mas muito mais da personalidade. Eu acredito muito, eu não sou muito de admitir, como eu até aprendi, 'você é de uma classe média, então você é uma classe dominante', toda a terminologia, e o dito pobre, você humilha. Não.

V- A sra. Falou que existiam discussões nas aulas. Existiam discussões políticas, essencialmente políticas, partidárias, dentro da Escola?

RC - Não, porque nós vivíamos até em um período d partido único, era ditadura. Aí você vê, nós fazíamos mais na linha do 'fla-flu', das coisas de esporte, isso era outro tipo de discussão.

V- E discussões teóricas existiam?

RC - Sim, discussões teóricas sim. Nós tínhamos oportunidade, e os professores faziam exposições, e nós as perguntas, isso sempre foi colocado.

V- No seu tempo na Escola foi possível perceber mudanças na valorização de matrizes teóricas? Houve alguma valorização e conquista do esporte?

RC - Considerando a EF hoje?

V- Considerando o seu tempo na Escola?

RC - Eu acredito que dentro do tempo houve sim, porque eram escritos livros, eram realizados ciclos de conferência, os quais se expunham diferentes teses, diferentes posições. Então eu acho que nós evoluímos sim. Nós saíamos diferentes do que entrávamos na Escola. Acho que houve sim. Agora outra coisa é a posição de ontem para hoje, isso é outra visão, mas na época acho que houve sim.

V- Como era o ambiente de trabalho na Escola?

RC- Olha, sempre onde tem um homem ao lado do outro, eu não cairia numa atitude radical de existencialismo é o inferno, porque sempre tem aquelas coisas que não são tão nobres do homem, aquelas coisas de inveja, aquelas situações, como eu digo, os pecados capitais, as dificuldades. Eu não quero chamar pecados, porque hoje o pessoal fica muito assustado com essa linguagem, eu não me assusto muito não.

V- Como era o cotidiano da Escola? Como era a rotina diária?

RC - Bom a rotina da Escola era a seguinte. Nós entrávamos às sete horas da manhã, o que deixava muito claro que sete não era sete e um, não era sete e dois, rigidez mesmo. Agora você me diz 'é ruim, é ditador'? Ora, para mim me ajudou, pois eu sou uma pessoa impontual. Então, quando eu digo isso hoje, em dentista, o pessoal da risada, mas sou e eu realmente me reeduquei, nunca me orgulhei de ser impontual. Essa história de dizer 'assumi a impontualidade', que história é essa? Você tem que 'dessassumir' a impontualidade (risos).

V- Então era às sete horas em ponto?

RC - Sete horas. E isso sempre...porque ia, não tomava café, mas eu chegava lá, porque se não chegasse tinha dificuldade. Era fila, era formação. Formados, nós todos éramos formados e aí cantávamos o Hino Nacional Brasileiro e depois ouvíamos as ordens do dia. Agora veja você como uma pessoa jovem, hoje, acrítica, estou admitindo que as pessoas venham, apenas adiantando matéria para discussão. 'Mas que absurdo, o que é isso, cantar o Hino Nacional'. Eu pessoalmente, para mim, foi muito bom. Eu tenho muita tristeza quando eu vejo fora do país, até em reuniões de pessoas, até com militares, não sabem cantar o Hino Nacional. Fica todo mundo batendo a boca, agora letra que é bom não sabe. Eu acho isso ruim.

V- Na Escola cantava-se todo dia?

RC - Todo dia. Eu aprendi, hoje eu canto e acho que é importante sim. Não supervalorizar, algumas pessoas fazem desmandos e acham que é patriota. Não é por aí. Patriotismo está muito ligado a civismo, mas o civismo é uma coisa importante. É uma coisa importante você

gostar da sua mãe, da sua família, da sua casa. É muito importante você gostar de seu país. 'Mas tem defeito', e daí? Exatamente você demonstrar que gosta apesar dos defeitos, você não gosta dos defeitos, mas eu gosto do Brasil, não obstante as dificuldades.

V- Depois da formação e do Hino, vocês iam para a aula?

RC - Depois da formação, havia o boletim do dia, contava-se as ocorrências, o que ia acontecer, o boletim, e cada um de nós ia para suas aulas. Então o dia começava assim, impreterivelmente.

V- E como eram as viagens para congresso, para estudo, existiam?

RC - Olha, eu estou dizendo a você que eu me lembro bem de nós termos ido a São Paulo, estudantes.

V- Foram de trem?

RC - Fomos de trem, sim. Fomos de trem e ficamos hospedados no Pacaembu. Claro que já havia aqueles alunos da Escola que se distinguiam muito em esportes, eram atletas, então faziam parte daquelas competições, olimpíadas, isso sempre houve, e era muito estimulado, sempre foi muito estimulado.

V- Congressos existiam?

RC - Congressos, sim. Eu me lembro de ter havido congressos de EF e semanas de debate, fora da Escola, me lembro. Não sei até que ponto isso tinha uma certa consistência, mas existia sim.

V- E a Escola participava ativamente?

RC - Eu acho que a Escola sempre...porque é uma coisa que eu me lembro, palestras, ciclos de conferência, essas coisas que eu assisti, que eram até organizadas pela própria Escola. Então, é claro que isso tudo muito ensaiando passos, considerando o tempo em que nós estávamos, quantos anos atrás. Não era essa facilidade de hoje de seminários, de mesas redondas, em todos assuntos. Claro que nós já avançamos, caminhamos bastante, mas acho que para a época já havia preocupação, de debates, de palavras.

V- No seu tempo já existiam os bolsistas?

RC - Sim, eu não era bolsista, mas vinham aqueles bolsistas, principalmente dos estados, pessoas que vinham com bolsa dos estados para poder fazer o curso, depois eles voltavam. Eram pessoas que, às vezes, voltavam para os seus diferentes estados com atitude quase de pioneirismo em EF.

V- Foi importante a concessão de bolsa?

RC - Eu penso que sim. Porque, na verdade, com certas dificuldades que nós temos, as pessoas se não tivessem a bolsa, existe até hoje isso, eu acho que não podiam fazer, não

podiam se deslocar, um país-continente como o nosso, viam do nordeste, vir para cá. Então, sem essa ajuda, eu acho que seria praticamente quase impossível, naturalmente pessoas que tinham um determinado nível, tinham interesse, força de vontade. Eu acho muito válido.

V- Hoje é possível ver nas Universidades diversos estudantes participando de pesquisas. Na época os estudantes participavam de pesquisas?

RC - Até muito tempo depois que eu sai da Escola...A profa Maria Novaes e eu fizemos parte de pesquisas, mas isso já não era na Escola, foi na pedagogia e na linha de educação, mas era em um sentido genérico. A pesquisa como tal, com toda formulação mais científica ainda não existia. É coisa mais recente.

V- Na Escola não existiam pesquisas?

RC- Olha, eu acredito que existissem sim, pois às vezes nos éramos indagados sobre determinados comportamentos, porque interessava para a pesquisa. Mas era pesquisa com as ferramentas da época. Como eu digo, nós chamávamos de uma pesquisa genérica, não tinha uma cientificidade, esse comportamento científico ainda não existia.

V- Quais eram as relações da Escola com outros estados e outras faculdades de EF? Havia Intercâmbio?

RC- Naquela época nós éramos capital, era uma posição diferente. E então como capital, os alunos dos estados convergiam para o Distrito Federal. Havia intercâmbio, nós tínhamos uma certa liderança pelo fato de sermos a capital. Depois as coisas mudaram.

V- Vinham alunos de outros estados?

RC - Vinham alunos de outros estados e também de outros países. Nós tivemos presença de pessoas, por causa do esporte, de países sul-americanos. Eu me lembro desses contatos, de países sul-americanos. Mais tarde, não mais a Escola, até de professores da Alemanha, porque não mais a Escola, mas a Divisão de EF, que era dirigida por um antigo professor, professor Alfredo Colombo. Então, ele tinha uma atitude, a direção, uma atitude que eu considerava muito inteligente e boa para o Brasil. No lugar de nós irmos para o estrangeiro, havia aqueles estágios chamados internacionais. Então, os professores vinham ao Brasil. Então, nós tivemos a oportunidade de conhecer bons professores de EF, líderes, que nós tínhamos contato aqui. No lugar de deslocar a pessoa para lá, e nós ainda termos problemas de cultura, de até chegarmos e aproveitarmos, para render, voltar e trazer para o Brasil, que também eu acho que quando você sai do Brasil, para mim isso é claro, tem que voltar para trazer alguma coisa para o Brasil. Os professores que vinham, nós éramos muito ajudados, porque eles já chegavam aqui com interprete e depois nós pegávamos aquela experiência deles e adaptávamos a nossa realidade, o que acho muito mais inteligente.

V- Profa. Parece-me que o primeiro centro acadêmico da Escola foi fundado em 1940. A sra. Lembra do centro acadêmico em seu tempo?

RC - Olha, eu realmente, eu sempre gostei de liderança, de coisas acadêmicas, estudantil, eu sempre fui... mas lá na Escola eu realmente não tenho muitos dados a dizer a você. Se isso

existiu, se você tem registrado, devia ter existido, mas eu não...para mim não foi alguma coisa tão significativa, pois eu não me lembro. Até porque esse governo de alunos talvez não era tão incrementado, tão valorizado. Estou dizendo isso em face de nossos atuais diretórios.

V- A sra. Foi uma liderança entre os estudantes?

RC - Olha, Victor, eu sempre fui uma pessoa, é um assunto que eu sempre escrevi desde a Escola, eu sempre me impressionou muito, se eu sou líder eu não sei. Agora sempre me impressionou muito o assunto, eu sempre quis estudar, perguntar, indagar. Porque eu acho que uma boa liderança e a coisa da árvore, tem bons frutos, depende da liderança e também uma má liderança também tem maus frutos. Então eu acho muito importante, eu sempre me preocupei muito nesse sentido, quais qualidades que levam, quais qualidades mais importantes para um líder.

V- Como era a vida cultural na Escola? Existiam festas, reuniões?

RC - Sim, você sabe que aí é como muito decorrente da vida de esporte, de educação física. Eu acho que a alegria é uma das características da vida de EF. Acho que quem é alegre fica mais alegre e há até a possibilidade de quem é triste ficar mais alegre. Porque é o êxito, é o jogo, é a expansividade. Então tinham as danças, os encontros, as festas, tinham sim. Nós tínhamos muitas atividades sociais. Namoros, surgiam casamentos. Tudo isso existia, de tudo que pessoas que estão perto, principalmente pessoas jovens. Então existia, e pessoas entrando na maturidade. Mas eu acho que conservava esse aspecto de jovialidade, de crença na vida de condições psicológicas de entrar na luta, eu acredito que a EF me deu muito. Não estou querendo exagerar, acredito que existiam algumas condições de família, mas eu costumo dizer. Eu acho que foram as duas grandes escolas para mim: foi a igreja e a Escola de EF, no sentido de formativas. Eu talvez esteja me contrapondo a outras pessoas. Eu faço até um paralelismo. Eu consigo fazer. Eu acho que uma pessoa certa, um atleta, um religioso, ele tem muito de disciplina, ele tem muito de amor, ele tem muito de bem em comum, como um atleta também, e o esportista e o professor de EF deve ter.

V- Sei que a sra. Não presenciou enquanto aluna, mas é possível que tenha lido os Arquivos da Escola Nacional.

RC - Olha, alguma coisa. A memória hoje já me trai um pouco, não sei até que ponto. Sempre claro que a gente tinha contato, nós tínhamos cadeiras como história e organização da EF. Era uma cadeira, era uma disciplina, o professor Aloisio Acioli, que diga-se de passagem, já partiu para eternidade, quantos já partiram, mas tem alguns aí firmes, mas uma bellissima pessoa. Pessoa de uma linha, de uma educação, de uma fineza. Até hoje eu tenho a memória dele. Muito fino, educado, suave.

V- Que outros professores marcaram a sra.?

RC - Para mim, independente do major Rolim, que eu digo para você que foi um grande, dava pedagogia, muito criticado, contestado, mas eu aprendi muito. Se não aprendi pedagogia, aprendi a maneira dele, de ser dele, de retidão, isso eu acho muito importante, você não aprende só a matéria, você aprende o professor. Ele me deu muito como ser humano. Mas a profa. Maria Helena Sá Earp, esta aí firme até hoje, eu achei que ela também

foi uma figura que me marcou. Pessoa com preocupação do melhor, de fazer um exercício inteiro, perfeito, exigia, repetia o exercício 10,15 vezes, nos fazia repetir para ter um exercício perfeito. Eu acho que como o bom engenheiro que quer o melhor, o artesão que quer o melhor, eu admiro muito esse tipo de pessoa, retilíneo, mesmo com falhas, mas é retilíneo. Diz sim-sim, não-não. Foi uma pessoa que me marcou bastante. Acho que de todos eles eu recebi. Tinha uma professora também, profa. Dora, de ataque e defesa, também. Ela talvez não fosse das pessoas mais citadas, mas tinha uma atitude também tão suave, de tão bom relacionamento com alunos que me impressionou. Isso estou falando pinçando, mas de um modo geral...profa. Cacilda Benigno, que foi do Benett, uma pessoa que me impressionou muito, também pela retidão, pela formação, pela formação de educadora. Muitos, muitos. O Peregrino Júnior, pela capacidade. Prof. Peregrino Júnior foi outro que me impressionou bastante. Foram muitos. Tive muitos bons mestres.

V- E entre os funcionários, algum a marcou mais?

RC- Olha, até parece.. não sei... não tenho lembrança. Não que não tivesse sido marcada, mas é uma questão de esquecimento. Mas de repente devia ter havido. Eu não posso lembrar agora, mas devia ter havido. Principalmente nos naquela época, jovens, tinha sempre um apoio, a presença de um deles para nos ajudar, mas eu não posso, não sei dizer agora.

V- E colegas?

RC- Ah, colegas, para mim foi um grupo que até hoje a gente se quer bem. Colegas foram muitas, que hoje, umas cinco ou seis de nossa turma já partiram para a eternidade, empreenderam a viagem santa, mas pessoas que ainda estão aí, firme, e que me impressionam muito até hoje, pessoas de muito valor. Até hoje nós nos estimamos. Eu tive um problema de saúde o ano passado, e como apoio, aquela presença. Quando nós nos encontramos, pasmem você, é o único grupo que eu me encontro, realmente tem a liderança de uma moça que é convertida, ela era israelita e casou com um rapaz católico, mas ela lidera, tem sempre alguém para liderar. Então ela telefona, é uma pessoa assim muito forte, de personalidade muito forte. Então ela sempre lidera, e nós aceitamos muito bem. Nós sempre rezamos, de mão dada, pai-nosso. Eu não tenho essa experiência em outros grupos.

V - Profa., como eram as instalações da Escola?

RC - Bom, inicialmente nós não tínhamos uma sede própria. Nós usávamos o antigo, o atual, pois ainda é, o Instituto Nacional de Surdos e Mudos. Para a parte era utilizado ali, na Rua Laranjeiras. E a parte prática, porque nós não tínhamos também instalações, só depois é que a gente foi para o Fundão, anteriormente nós fomos para a 'Pasteur', ali nós tínhamos o Fluminense, aliás meu time. Eu sempre gostei do Fluminense, corri pelo Fluminense, eu sou realmente Flu. Então eles cediam as instalações para nós fazermos a parte prática. Então, a parte prática, de campo, de estádio, nós realizávamos lá. Toda a parte prática quase. E a parte teórica, na sua maioria, no Instituto Nacional de Surdos e Mudos. Mas, você sabe, nem isso dificultava. Nós fazíamos aquela caminhada. Saíamos do Fluminense e andávamos a Álvaro Chaves, não me lembro bem, e entrávamos na Rua das Laranjeiras, fazíamos essa caminhada.

V- A natação era aonde?

RC - No Fluminense também. Porque tinha a piscina, eles cediam também.

V- Havia algum desejo de se adquirir uma sede própria?

RC - Eu acredito que até necessidade, não só desejo. Necessidade, pois nós vivíamos emprestados. Tanto que depois se conseguiu, mas já se conseguiu no nível da Universidade do Rio de Janeiro, Federal do Rio de Janeiro, quando nós fomos para o Fundão. E anteriormente, quando eu voltei e fiz cursos lá, já estava na Pasteur e aí nós tínhamos piscina. Lá nós tínhamos.

V- A sra. Tem algum conhecimento sobre a greve dos estudantes?

RC - Naquela época? Não? Não. Eu não me lembro de ter participado de greve de estudante, eu não me lembro.

V- No seu período....

RC - Você vê, era um sistema de ditadura e depois, eu acho que ...assim...não sei, quero assumir meu conservadorismo, faço questão ...assumir no sentido para ser criticada....eu acredito é perigo, o equilíbrio no ser humano é muito difícil. O fato de você não se expressar, eu sou a favor de ter grupo, os grêmios, desde os ginásios, você fazia uma experiência de liderança, de democracia, de votar, porque você só aprende errando, falhando. Claro que foi uma falha nós não termos tido esse exercício. Agora, eu hoje, como eu digo, a história é cíclica e cai de um lado para o outro, parece-me, como eu entendo, um pouco de exagero. Porque, de repente, você precisa até para ser valorizado, precisa haver menos. Tudo que tem muito você desvaloriza. Você precisa ter definido os objetivos de greve, estabelecer um fundo de greve, você tem que conscientizar, não pode ficar, depois não consegue nada.

V- Profa, quais foram os fatos mais significativos e marcantes para a sra. Dentro da Escola?

RC - Foram muitos. Eu me lembro, por exemplo, coisas de competição, daquela linha que nós tínhamos que ficar atrás. Tinha uma linha e todos tinham que sair da mesma linha para alcançar um objetivo. Mas todos tinham que sair da mesma linha. Isso me impressionou muito. Eu sentia que todos nós éramos iguais, não havia diferenças. Nós saíamos todos a mesma posição. E também o sentido de controle, porque você tinha uma advertência, uma partida, se você não tivesse um controle, muito importante, você com três saídas falsas era desclassificado.

V- Existiam muitas competições estudantis?

RC - Existia, intercolégiais, havia muito esse incremento de competições, de esporte. Outra coisa que me impressionava era a lisura de determinadas pessoas que só ganhavam dentro da regra. Eu me lembro de um colega que infringiu determinada regra e ele se denunciou. Aquilo me impressionou muito. Eu achava esse aspecto ético uma coisa que me impressionou muito.

V- Como era a aceitação da Escola no Rio de Janeiro? Era bem aceita?

RC- Eu acredito que dentro da linha de educadores com uma visão mais ampla era aceita, até com uma atitude de curiosidade, mas também de aprovação. Mas para aquelas pessoas mais conservadoras, mais puritanas, havia um certo medo.

V- Profa., para a senhora a Escola cumpriu seus objetivos?

RC - Eu acho dentro do contexto sim, cumpriu. Tudo que é bom poderia ser melhor, mas nossas falhas somadas criam as dificuldades. De um modo geral havia um esforço, um sentido de querer melhorar, de ideal, de idealismo. Eu percebia muito ideal.

V- É só isso professora, obrigado.

RC - Acho que é uma tentativa de ajudar.

**ENTREVISTA 4**  
**Alfredo Gomes de Faria Júnior**

Victor - Eu queria começar perguntando como se deu sua ligação com a ENEFD? Como você chegou até a Escola Nacional?

Alfredo - Bom, eu tinha acabado de pedir desligamento da Escola de Aeronáutica, do curso de cadetes, após terminar o Colégio Militar, do qual eu tinha pedido transferência para a Escola da Aeronáutica. Eu caracterizei bem que gosto de voar, acho até hoje voar uma das coisas interessantes, mas não exatamente daquele caráter militarista que impregnava a aviação da Força Aérea, uma coisa que não coadunava com meu temperamento, com meu gosto, com aquilo que eu estava esperando. Então eu já tinha tido algumas experiências de magistério no campo da Educação Física. Eu tinha ensinado, numa academia particular, jiu-jitsu. E me senti muito bem ensinando uma atividade física, no caso um desporto, senti que eu tinha vocação para o magistério, seria uma das coisas que eu identificaria. Eu tinha um amigo que fazia o mesmo curso que eu, nós jogávamos futebol de salão juntos, era o Antônio Carlos Pereira Lopes, recentemente falecido, o Pavão da natação, que já estava no primeiro ano da Escola, da ENEFD. Foi através do contato com ele que comecei a ver quais as disciplinas que lá eram estudadas, como o curso se desenvolvia, quais possibilidades profissionais. E eu já tinha tido também uma experiência como técnico de natação, na época que eu era nadador, com o Cavalcanti, que conversava muito também sobre a formação do professor de Educação Física, do técnico. Aquilo tinha ficado, vamos dizer assim, um pouco esquecido e com essa conversa com o Pavão a coisa despertou. E eu fiquei convencido que era realmente aquele caminho que eu queria seguir. Então me inscrevi em um curso pré-vestibular, que era mantido pelo Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Educação Física (EF), e na época era o Vinicius Ruas o presidente do Diretório e quem organizava o cursinho pré-vestibular como a gente chamava. Então meu contato foi através desses caminhos.

V- E quais foram as relações familiares a essa sua escolha?

AG- Foram as piores possíveis. Por parte da família da minha mãe, a pressão foi muito forte para eu não seguir, algumas coisas depreciativas, demonstrando assim um preconceito. Eu tinha uma tia até que dizia: "Ele resolveu ser juiz de boxe". Não sei porquê, de onde ela tirou que um professor de EF seria um juiz de boxe. Por outro lado, o meu pai não demonstrou muita simpatia, mas também não botou nenhum obstáculo, "a vida é tua, você sabe o que você quer, agora têm mercado, você vai poder viver disso?", foram algumas perguntas que ele fez. Tirando isso as pressões familiares foram mais do lado da família da minha mãe e essas pressões foram forte.

V- Você acha que isso foi uma coisa da tua família ou você observava também com seus colegas?

AG - Não, acho que os conceitos eram generalizados. Acho que a sociedade não reconhecia ainda a profissão como alguma coisa digna, de status. Naquela época, é bom que se diga, as profissões realmente reconhecidas eram o engenheiro, o militar, o advogado e o médico. Determinadas profissões, uma profissão que estava começando na época, a profissão de

sociólogo, também era uma profissão pouco considerada, ninguém sabia direito o que era. E EF ... tinha todos aqueles preconceitos que as pessoas só vão tratar do físico, são menos inteligentes, procuraram aquele curso porque aquele curso é mais fácil. Eu acho também que a exigência de ter, na época, um curso científico para poder fazer o exame vestibular, era uma exigência recente. Então as pessoas ainda não conseguiam identificar bem se aquilo era uma profissão de nível superior ou ... dentro da própria Universidade ela era reconhecida como de nível superior, mas as outras, vamos dizer assim, carreiras viam de uma forma um pouco discriminatória. Isso também, percebi lá que nós não tínhamos nenhuma ligação com as outras licenciaturas. Então era, o que eu digo, um verdadeiro 'apartheid' intelectual. Todas as licenciaturas seguiam um mesmo currículo, tinha uma legislação, e a EF não obedecia a esses parâmetros, inclusive estabelecidos pela legislação em vigor. Então, nós éramos dentro da Universidade uma ilha que tinha um desenvolvimento separado.

V- Vamos pegar um pouco esse ponto da Universidade. O que significou para a Universidade do Brasil a presença de uma Escola de EF? Havia resistências por parte da Universidade para com a Escola de EF?

AG- Sim, a Universidade, a gente sentia claramente que ela sempre valorizou mais determinadas carreiras, determinadas disciplinas. Então, ela tinha uma estrutura dentro do que, vamos dizer assim, a sociedade convencionava como profissões de nível superior. O professor de EF não era visto como necessariamente tendo uma formação de nível superior. A gente notava bem essa diferença. Quando chegava em relação aos alunos isso desaparecia um pouco. Isso era mais em relação aos professores e a cúpula universitária. Mas, por outro lado, o pessoal da época, dos Diretórios Acadêmicos, das Associações Atléticas, eram pessoas muito atuantes, então elas conseguiam se impor, o caso clássico é o da célebre greve. Naquela época, não só porque o governo central era no Rio de Janeiro, mas porque a estrutura da sociedade, o número de habitantes que nós tínhamos, permitia determinadas coisas. Você veja, um presidente de diretório acadêmico ser recebido pelo Presidente da República, como aconteceu algumas vezes, mesmo que acompanhado pelo reitor, etc, mas havia um canal direto, as coisas se processavam. Eu vejo isso ocorrendo exatamente nos países africanos. Então, Moçambique, a gente vê os professores de EF que estão na liderança despacharem diretamente com o Presidente da República. A estrutura social e política daquela época permitia um avanço nesse sentido. Era uma coisa de, vamos dizer assim, de uma estrutura política muito elementar, pouco complexa, como a gente tem hoje.

Então essa marca desaparecia muito quando se tratava dos alunos. O pessoal achava muito interessante a gente ter as atividades práticas, às vezes até achavam que era muito interessante, melhor do que ficar dentro de um laboratório de física ou de química, que a gente tinha uma vida mais agradável, ao ar livre. Mas nós éramos até, relativamente, bem aceitos pelos colegas. Eu, por exemplo, fui contratado para dirigir a equipe de natação, ainda como aluno da Escola, da Faculdade de Arquitetura, da Escola de Arquitetura. E os resultados foram tão interessantes que houve uma aproximação da gente com o grupo da Arquitetura. Agora eu acho que a grande vantagem de estarmos dentro da Universidade, e aí eu coloco minha experiência, foi de nós podermos participar de grandes momentos da vida nacional e também da parte cultural, como foi possível naquela época. Por exemplo, o lançamento da Bossa Nova foi na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no anfiteatro ao ar livre que tinha sido construído na Faculdade de Arquitetura, que era uma Faculdade muito interessante, de ponta, apesar de ser uma carreira nova também. Então, nós vivendo ali entrávamos em todas essas manifestações culturais, intelectuais, palestras de várias

personalidades, de diferentes campos. Então foi uma coisa muito interessante aberta para o aluno de EF. Quem não queria se fechar no curso de EF tinha uma série de oportunidades de participar de fóruns, de cursos, na época chamavam muito de curso de extensão, extensão cultural. Dava essa idéia mesmo de universo, a Universidade.

V - Isso na sua época?

AG - Na minha época.

V- Você tem conhecimento se com as turmas passadas também era assim? Houve mudança dessa relação? Se houve, qual foi a importância dos estudantes nessa mudança?

AG - Bem, você sabe bem que a origem da Escola, através da constituição de seu corpo docente, foi na Escola de Educação Física do Exército. A primeira estrutura era, vamos dizer, uma estrutura de cunho militarista, um abrandamento do que existia de organização na Escola de Educação Física do Exército e uma ida para onde é hoje o Instituto de Surdos, que foi a primeira sede. Depois, com a ida para o campus que hoje a gente chama de Campus da Praia Vermelha, a gente, tenho pelo menos o depoimento das pessoas que me antecederam, que essa mudança foi importantíssima, sair do Instituto de Surdos e ir para o Campus da Praia Vermelha. Foi realmente uma primeira integração nossa ali. Isso ainda ecoava... interessante que embora eu não tenha vivido essa parte do Instituto de Surdos, foi muito interessante como isso ainda passava de turma para turma. "Ah, no tempo do Instituto de Surdos era assim". Então nós fomos tendo uma conotação mais universitária, integrados mais dentro da estrutura universitária. Eu acho que os estudantes tiveram uma participação definitiva, decisiva nessa mudança de estrutura, de mentalidade, de posicionamento. Ficava muito claro, havia uma clara separação, que era a participação dos estudantes na Atletica e no Diretório Acadêmico. Normalmente a turma que participava da Atletica era a turma que nós chamávamos de apolíticos. Era a turma que só se envolvia na organização de campeonatos, participação. E surgiram vários líderes ali que se tornaram figuras importantes do cenário desportivo, tanto da CBDU, como da própria FAE, como a gente chamava na época, Federação Atlética de Estudantes do Rio de Janeiro. Grandes líderes surgiram das Atléticas. É claro que eles tinham um posicionamento político, eles não eram apolíticos, mas eles eram vistos, e nós chamávamos de uma forma pejorativa, do pessoal que não se mete na política. Já o pessoal do Diretório Acadêmico não. Esse pessoal era um pessoal que tinha posicionamento político, que tinha uma participação coletiva, tinha uma vinculação forte com a UNE, tinha as representações no DCE, diretório Central dos Estudantes. E nós vimos até alguns alunos de Ef chegarem até a ser presidentes do DCE, na UFRJ. Então demonstra que houve uma pujança do aluno de EF no contexto político da época.

V- Essa mudança teve relação com a exigência do segundo grau para entrada na Escola?

AG- Bem, eu não posso falar anteriormente, mas acho que é um conjunto de fatores. Acho que esse foi um fator fundamental para reconhecimento da profissão como de nível superior, como um campo de estudos que merecia estar dentro da estrutura universitária, mas acho que não foi o único fator. Eu acho que a participação dos estudantes nesses órgãos mais nacionais dos estudantes também teve uma parcela muito grande. Agora, a gente notava bem aí, e eu também já fiz alguns estudos a respeito, que havia uma grande divisão. Vamos dizer, a parte intelectual estava na mão dos médicos. A parte científica, vamos dizer assim, da EF,

o lado científico da EF estava efetivamente na mão dos médicos. Evidentemente tinha os professores de EF que eram reconhecidos. Era o caso do Inezil Penna Marinho e da auxiliar do Inezil, Maurette Augusto, que assumiu quando o Inezil se afastou para assumir um cargo em Brasília. Eles eram respeitados dentro da profissão e respeitados dentro da própria Congregação, que era o órgão que geria a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Agora, é preciso lembrar que eles eram professores de matéria teóricas. Os professores de matéria prática eram menos prestigiados e menos aceitos e tinham menos poder dentro da estrutura da Escola. Por outro lado, a gente observava também a questão dos militares. Quando eu fui fazer a Escola esse poder dos militares na Escola Nacional já tinha diminuído, praticamente desaparecido. Mas ele estava aumentando no Ministério. Então o que você via era o seguinte, parece até que havia um acordo: 'Nós médicos ficamos com a parte científica da EF, nos militares ficamos com a parte administrativa, com a grande administração central a nível nacional da EF. Quando você começava a chegar no nível estadual, naquela época o nível municipal era praticamente inexistente, o poder das prefeituras, dos sistemas municipais de educação eram praticamente inexistentes, insignificantes. Agora o estado tinha muito poder. E na época nós tínhamos o Estado da Guanabara que tinha uma estrutura muito interessante e o setor de Ef era gerido por professores de EF. Por exemplo, o Brito Cunha, que fez seu doutoramento nos Estados Unidos e foi um diretor e sempre havia uma luta para fazer uma progressão. Deixar de ser um serviço dentro da estrutura para passar a ser uma divisão e chegar a ser um departamento. Então, havia uma crença que se a gente se posicionasse de outra forma na estrutura hierárquica das secretárias, a gente teria a profissão mais reconhecida e teríamos uma estrutura mais adequada no campo das escolas. Então essa divisão ficava muito clara. Professores, médicos e militares. Mas na Escola os militares não tinham, na minha época, o mesmo poder que tiveram no início, na época do Rolim, que foi o criador da Escola. As primeiras cadeiras eram ocupadas todas por militar, praticamente. Então houve uma invasão. Muitos professores, principalmente da parte prática, eram oriundos da Polícia Especial, a polícia repressiva do Felinto Muller, na época do Getúlio. Muitos tinham servido lá e por essa identificação com a parte física, os desportos, eles foram convidados a integrar o corpo da Escola. Mas nessa época já tinha, muitos já tinham largado, a Polícia Especial já tinha sido, me parece, extinta. Em 62 acho que ela já não existia. Esse pessoal, então, foi integrado no magistério já como civis. Essas relações, é importante também observar na estrutura hierárquica que existia.

O titular era uma pessoa importante dentro da estrutura administrativa, acadêmica, científica. O titular tinha um poder muito grande. É interessante dizer que eles tinham realmente um nível altíssimo, mesmo os das disciplinas práticas. Eram pessoas extremamente preparadas. Você tem que levar em conta o contexto da época. O que se pensava de ciência na época, o que era ciência dos desportos naquela época e o que é hoje. Mas eram pessoas extremamente bem preparadas. Quando você entrava nos auxiliares não eram tão preparados. Os assistentes e auxiliares...havia uma diferença muito grande e a gente sentia isso quando o titular vinha dar uma aula. Normalmente ele dava poucas aulas. Quando eles davam essas aulas ficava bem claro que o nível era bastante diferente. Alguns já estavam bastante avançados, na época, em termos de visão científica, de como devia ser uma Universidade. Na época nós tínhamos um titular de fisiologia que era reconhecido em toda Universidade, não só na EF, o nome dele era Eduardo Viana, me parece. Ele era considerado realmente um gênio do campo da fisiologia, reconhecido pelos médicos, ele também era médico. Já quem dava aula para o curso era realmente uma pessoa totalmente despreparada. Quando você tinha uma aula do Inezil e uma aula da assistente, você sentia a

diferença. Quando você tinha uma aula da Maria Lenk e uma aula de uma assistente essas diferenças eram muito marcantes.

Mas eu vivi um momento interessantíssimo da Escola que foi a da renovação do corpo docente. Isso se deu fundamentalmente nas disciplinas médicas, com maior repercussão. Nós tivemos então um concurso primeiro para livre docência na área de cinesiologia, na época chamada de cinesiologia, e nós tivemos três candidatos fortíssimos. Tínhamos um que era o Fracarolli, que era nosso professor, José Luis Fracarolli, o assistente, quem dava aula realmente para a gente. Tivemos o Mauricio Sathler que era alguém que estava se aproximando da área, vindo diretamente da medicina e muito ligado ainda a parte da traumatologia, mas um professor extremamente bem preparado, que tinha uma base boa de física. E tivemos o Waldemar Bianchi. Então foi uma disputa entre esses três. E foi interessante que os alunos que estavam mais interessados na área científica e acadêmica da EF acompanharam esse concurso. Primeiro houve a apresentação das provas de livre docência, uma coisa interessantíssima ainda dentro daquela visão tradicional da universidade antiga, onde uma banca faz tudo para a arrasar um candidato, reduzir o candidato a expressão mais simples, que sirva como uma cerimônia de iniciação, se você quer ser livre docente, quer entrar para o ensino universitário então você tem que ser humilde. Então seu trabalho não vale nada, em uma das bancas que nós assistimos, um dos professores do júri se levantou e jogou a tese do candidato na lata do lixo. Depois esse candidato tirou mais de 9. Aquilo era um ritual, vamos dizer, de iniciação para aquele grupo. E foi muito interessante, para nós alunos, participarmos disso, assistirmos ao concurso. Depois tivemos a mesma coisa para fisiologia e surgiu o Mauricio Rocha, um nome que até hoje é reconhecido. Então quando você vê...depois nós tivemos o concurso para titular, tanto de fisiologia, que o Mauricio Rocha entrou, quanto de cinesiologia, ganho pelo Mauricio Sathler. Então quando a gente assistia todo esse processo a gente via como era o mundo acadêmico.

V- Para as cadeiras práticas esses concursos não existiam?

AG- Não houve concurso na época em que eu fazia o curso. Nós tivemos depois um concurso para História da EF. Porque era uma cadeira só, História e Organização da EF. Então fazia tudo parte de uma mesma cadeira, como era chamado na época, era dividido por cadeiras. Quem fez o concurso foi o Renato de Brito Cunha e se saiu muito bem. Quem dava História na época era o professor Aciolly, também dava Pesos e Halteres, e o Brito Cunha então apresentou seu trabalho de tese etc. Nós tínhamos também, fizemos alguns concursos para disciplinas teóricas, como, por exemplo, Metodologia do Ensino da EF com a Yesis Passarinho, Yesis Amoedo Passarinho, que foi uma pessoa muito importante com trabalhos na Didática e com trabalhos no campo de ensino da Metodologia da EF. Agora quando você pega uma tese de livre docência daquela época e você pega um trabalho hoje, você vê que aqueles trabalhos eram trabalhos elementares, trabalhos no nível de uma graduação que a gente consideraria hoje. Mas a gente tem que pensar na questão do contexto. Tanto que uma das teses de livre-docência que foi apresentada, que tive a oportunidade de assistir, era sobre... acabou em um sociograma a aula de EF. Isso é um trabalho que não poderia ser considerado hoje em alguns concursos sérios de livre-docência a nível federal.

V- Essa falta de concurso para a área prática pode também significar uma menor preocupação com essas cadeiras? Uma menor valorização dessas cadeiras?

AG- Eu acho que a tua pergunta foi muito incisiva... desses professores de EF... mas acontece, por exemplo, que na Metodologia também eram professores de EF. Então acho que está mais na concepção de teoria e prática, e não se eram professores de EF ou não. Era quem lida com a teoria tinha um status mais elevado, era mais respeitado e quem lidava com a prática... então não era tanto o professor de EF, porque nós tínhamos professores de Ef na teoria, como o Brito Cunha, o Queiroz, o Inezil, a Yesis, a Maurette, que eram pessoas super valorizadas dentro do contexto, e eram professores de EF. Me parece que era a dicotomia teoria e prática que estava muito evidente na época. As pessoas não aceitavam um status científico e acadêmico para quem lidasse com a prática, essa é minha interpretação.

V- Vou voltar um pouco. Você falou que a Escola nasceu, fundamentalmente, dentro da Escola de Educação Física do Exército, essa tem sido uma visão apresentada por todos os entrevistados. Queria saber se, na sua visão, além dessas articulações militares, outras articulações políticas foram levadas em conta por ocasião da fundação da Escola?

AG- Eu tenho documentação sobre o assunto, mas muitas evidências nos levam a crer que houve uma interferência muito grande para tentar a aprovação da criação da Escola. A gente tem que voltar um pouco a época de Getúlio, da ditadura de Getúlio, onde a gente tinha Gustavo Capanema como super ministro da Educação, que foi de, se não falha a memória, 37 a 44, ele foi o todo poderoso. E esse ministro, com todos esses poderes, precisava ser sensibilizado para determinadas estratégias que precisavam ser colocadas em prática. Evidências que três aspectos fizeram parte da estratégia de Capanema. Primeira a inclusão da Ef na Juventude Brasileira, que era um movimento semelhante aos que existiam em Portugal de Salazar, de Mussolini na Itália, e do Hitler na Alemanha. A Juventude Brasileira era o braço que entraria pelo sistema escolar e extra-escolar, mas que abrangeria criança e jovens. Você era compulsoriamente obrigado a pertencer a Juventude Brasileira, bastava ter de tantos a tantos anos e você não tinha como fugir, era considerado como sendo da Juventude Brasileira. O outro foi a criação da Divisão de EF. No próprio MEC criar uma divisão de EF foi um aspecto importante no tripé criado por Capanema. E o terceiro era a Escola, criação de uma Escola Nacional, de uma Escola que formasse os quadros para a época. Então você tinha os três, esse tripé, gerando a EF. Alguns deram depoimento que foi muito importante a participação de Gregório Fortunato, que era o chefe da guarda pessoal de Getúlio, encaminhando favoravelmente a criação da Escola. Eu não tenho nenhum documento, não vi nenhum documento, mas isso consta, que houve essa intervenção. Eu acho que era possível. Hoje a gente sabe que naquela época de Getúlio as coisas funcionavam muito nessa base de relações pessoais, pedido pessoal, o poder que o Gregório Fortunato teve no Palácio do Catete. Então, a criação da Escola não pode ser vista muito como vários pioneiros que se reuniram e quiseram fazer... eles existiram, na minha interpretação, mas a estratégia da ditadura previa a criação de um núcleo formador de recursos humanos.

V- Mas independente da estratégia existia algum movimento próprio dos professores? Era um anseio dos professores a criação da Escola?

AG- Eu tenho dúvidas nessa evolução da Escola, da criação da Escola de EF. Porque algumas coisas estão bastante caracterizadas do ponto de vista da história. Quando o Brasil se tornou independente e nós tivemos uma força militar austríaca que estava ligada a nossa primeira imperatriz, nós vivemos que esses primeiros elementos que vieram da Áustria fora

responsáveis pela disseminação de métodos de ensino de atividades físicas, embora voltados para as armas, para preparar o homem de armas. Quando você chega mais recentemente e começa a analisar os anais das conferências nacionais de educação, é importante a gente ver que antes de ser criada uma Escola de EF no meio civil e até no meio militar, nós já tínhamos sessões nesses congressos que tratavam da EF. Então você vê Fernando Azevedo. Fernando Azevedo era um professor de EF, mas ele não tinha uma formação, Fernando Azevedo é anterior a criação da Escola. Você vê pessoas que tiveram uma projeção nacional no campo da educação, que tiveram uma participação importantíssima na estrutura educacional da época, uns foram secretários de educação, de estado, etc, ou do município neutro, com era chamado o Distrito Federal. E você tinha então uma discussão de temas ligados a Ef, que eram discutidos em congressos da área de educação por pessoas que eram professores de Ef de fato, mas não tinham uma formação. Então esse é um período meio nebuloso, que a gente não sabe exatamente o que acontecia. Evidentemente, essas pressões para criar devem ter existido, uma vez que se discutia EF em congressos de educação. Outra coisa, outra evidência que eu posso apresentar é que a parte científica da Ef surgiu antes da formação do professor de EF. Desde a época do Brasil-Colônia você tem teses sobre EF, atividade física, embora com uma visão higienista, defendida em várias faculdades. Não só nas faculdades de Medicina, mas na Faculdade de Direito também. Você tem na Faculdade de Direito de Recife, na faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Você tem uma série de trabalhos científicos que mostram que a pesquisa existia antes da formação de professores. É provável que isso tenha feito uma certa pressão para culminar com a criação de uma Escola civil, considerada padrão, que fosse integrada a uma Universidade.

V- Você acha que a Escola significou um avanço para a EF brasileira?

AG- Eu acho que ela foi fundamental para a EF brasileira. É preciso que a gente pense muito na estrutura da época. Eu não vou só nos meus antecedentes, nas pessoas que me antecederam, mas eu vou mesmo no meu período. É muito interessante que como colegas nossos nós tínhamos bolsistas. O governo federal dava bolsas de estudos para as pessoas dos estados nordestinos, estados do norte, centro-oeste. Eles recebiam essa bolsa de estudo, viam estudar na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil e depois tinham o compromisso de voltar para os estados de origem. Um grande número voltou e você tem as pessoas que criaram os núcleos nas secretarias de educação de estados como Sergipe, Pernambuco, Ceará. Foram colegas nossos que fizeram o curso aqui com uma bolsa do governo federal. Alguns permaneceram, ficaram no Rio, foram atraídos pela grande capital, e ficaram, mas muitos voltaram e esta aí uma resposta para essa abrangência. A repercussão nacional se deu através dessas pessoas que vieram ser bolsistas. Isso vigorou, se não me falha a memória, até o golpe de 64. Eu peguei esse período onde nós tínhamos os bolsistas de vários estados. Agora, outra coisa que precisava ser dita, e isso eu tenho documentos, até 1950 a união dos médicos, dos professores de Ef, dos militares, era uma convivência harmônica, até certo ponto cordial. Mas no Congresso panamericano em Montevideo houve um cisma. Foi aí que os médicos se separaram dos professores de EF. Foi em 1950 e teve a participação do Waldemar Areno, a participação do Guilherme, que era professor de fisiologia. Eles criaram a Sociedade de Medicina Desportiva e houve aí um cisma. Até 1950, os professores de Ef eram os responsáveis pelos congressos e os médicos participavam juntos. A partir daí houve esse cisma e os professores de Ef não podiam participar, não era legalmente, mas não havia condições de trabalhos de professores de Ef serem aceitos pelos médicos da Sociedade de Medicina Desportiva. Isso recentemente foi

quebrado. Hoje você encontra os professores de Ef voltando a apresentar trabalhos em congressos médicos.

A estrutura dos congressos daquela época era uma estrutura totalmente diferente. Por exemplo, ninguém fazia perguntas. Você tinha um conferencista, o conferencista acabou todo mundo aplaudia e pausa para o café. Não havia questionamento como hoje o estudante de primeiro período resolve perguntar a grande autoridade em psicologia do desporto uma questão qualquer. Isso era inviável, isso era uma coisa inconcebível. Tanto que nem se permitia a participação. Ahuno era para fazer curso. Naquela época havia uma, vamos dizer, uma euforia muito grande de criação de cursos na Nacional. A Nacional estimulava muito a organização, então tinha cursos de verão, cursos de extensão, os cursos de extensão eram muito importantes, tinha os cursos de aperfeiçoamento. Essa estrutura de poder dentro do próprio magistério quando apareciam os congressos, e naquela época a Divisão de EF, que tinha a frente o Alfredo Colombo, que era da parte prática, mas respeitadíssimo, eles tinham uma estrutura, traziam professores de fora, organizavam estágios internacionais. Os mais famosos eram os de Santos, mas nos tivemos aqui onde hoje se localiza o complexo que trata de menores abandonados, aquele complexo foi utilizado para congressos organizados pelo próprio ministério. Mas, os professores iam praticamente lá ouvir, não questionar os oradores, os professores convidados de fora. Era para beber aquele conhecimento que as grandes autoridades do campo traziam.

É interessante também apresentar um fato. Um professor da parte prática era respeitadíssimo: Cássio Rothier do Amaral. Só que Cássio Rothier do Amaral era professor de EF, mas era médico também. Ele era o professor especializado em calistenia, ele era professor da área de ginástica. Ele era o responsável pela parte de calistenia, e dava aulas maravilhosas de calistenia e junto destrinchava a anatomia a medida que dava aula. Então quando a gente tinha o privilégio de ter uma aula com o Cássio era realmente uma coisa. E o Cássio era das disciplinas práticas, mas ele era respeitado. Mas ele era respeitado como pessoa, talvez porque ele fosse médico. Mas também a gente tem que reconhecer que ele era uma capacidade, uma autoridade no assunto e isso era reconhecido por nós.

V- A Escola ministrava 5 cursos, que se pretendiam diferentes, e depois foram reduzidos para 4 cursos. Esses cursos eram mesmo diferentes?

AG- O curso de... eu peguei o curso de massagem, tinha o curso de infantil, que era Ef infantil, tinha o curso de medicina desportiva e tinha o curso superior de Ef. Basicamente eu peguei esses quatro. A gente ficava vendo o seguinte, por exemplo, o curso de massagem. Ele era um curso como se você retirasse a disciplina massagem do curso superior de EF e aumentasse a carga horária prática. Em termos de conhecimento teórico era o mesmo, dado com uma linguagem mais facilitada, porque as pessoas que procuravam o curso de massagista não tinham uma formação nem de segundo grau, pessoas que não tinham tido uma escolarização mais avançada. Os termos eram mais facilitados e concentrava-se muito na execução prática da massagem. Essa é uma primeira resposta. O curso de EF infantil era um curso com duração de um ano que pegava prioritariamente as pessoas de outros estados. Vinha muita gente de outros como bolsista. E realmente aí a ênfase na parte desportiva era muito menor e muito maior na parte de ginástica, algumas bases fisiológicas, que eram dadas de uma forma mais superficial do que no curso superior. Havia uma pequena diferença. O curso de medicina desportiva era uma coisa *sui generis* dentro da Escola. Poucas atividades eram dadas para os professores de EF darem no curso. Você pegava um Brito Cunha que ia dar duas aulas, três aulas, um número ridículo de aulas. Psicologia o

Queiroz ia lá e dava três, quatro aulas. Era mais concentrado mais sobre a parte de traumatologia, de fisiologia menos, e de anatomia. Eles concentravam muito. Dependendo dos professores disponíveis... quando assumiu o Maurício Rocha o curso assumiu uma perspectiva muito mais aprofundada em fisiologia do que antes. Antes era o Areno o 'dono' do curso de medicina desportiva, então ele enfatizava a questão da higiene, e a tese dele era a higiene nas piscinas, então ele tinha aulas e mais aulas sobre higiene das piscinas. Anatomia muito superficial, porque eles já eram médicos, era considerado somente uma revisão. Mas a grande vedete era a traumatologia, porque na época se via muito a medicina desportiva como o camarada que vai trabalhar no clube de futebol, tratar de fulano que teve uma fratura, teve uma entorse, como ia se recuperar etc. E a parte pedagógica era só ilustrativa e os médicos chegavam a fugir das aulas. Parecia uma aula de criança, o professor dando aula na frente e os médicos fugindo todos de branco, de gatinhas, depois de ter assinado a lista de presença, para não assistirem as aulas dos professores de EF.

V- O sr. Tem algum conhecimento de como eram escolhidos os professores? Havia alguma disputa entre médicos e professores?

AG- O que foi estabelecido é o seguinte: tem certas disciplinas que são disciplinas de médicos. Fisiologia é médico, cinesiologia é médico, anatomia tinha que ser médico, era um consenso, ninguém discutia isso. Salvo os estudantes. Os estudantes contestavam isso, porque a gente já tinha percebido que tinha muito professor de EF que poderiam dar um curso de anatomia melhor do que aqueles médicos que nos davam os cursos. Mas entre eles aquilo era um feudo, não entrava ninguém para dar fisiologia que não fosse médico. Diferente hoje. Hoje existe muitos professores de EF que assumem disciplinas de fisiologia e dão até aula nos cursos de mestrado. Naquela época aquilo era ponto pacífico. Nem pensar, não havia a menor possibilidade. Essas disciplinas são disciplinas médicas. Traumatologia era uma disciplina médica, dentro de traumatologia tinha massagem, era médico. Tudo isso era disciplina médica. Não tinha contestação. Agora nas disciplinas práticas podia ser qualquer um, professor de Ef ou médico, esse é o exemplo do Cássio, e nas disciplinas teóricas, vamos dizer, não biomédica, como é o caso da psicologia, onde a gente tinha o Queiroz, era de se esperar, por exemplo, que em psicologia desportiva fosse um psicólogo. Mas, evidentemente, naquela época, não existia o curso de psicologia, o curso de psicologia como o de sociologia estavam começando a se estruturar na época, principalmente na PUC. As primeiras pessoas que fizeram EF depois foram fazer uma segunda licenciatura, como foi o meu caso que fui fazer pedagogia, mas nós tivemos outras pessoas da minha turma que foram fazer psicologia. Um dos assistentes, bem mais recentemente, do Queiroz, o Manes fez psicologia, tinha uma outra colega nossa de turma que foi fazer psicologia também, pedagogia também foi um curso procurado.

V- A gente já falou de dois tipos de relação de poder dentro da Escola. Uma que é a entre militares, médicos e professores de EF. E entre as hierarquias acadêmicas. Com eram as relações de poder entre as categorias profissionais?

AG- Era uma relação hierárquica bastante marcada e bastante respeitada. Você tinha os responsáveis pela parte administrativa, os servidores responsáveis pela parte administrativa, eles não interferiam de forma nenhuma na vida acadêmica, nem científica da Escola. Não votavam, não escolhiam representantes, não tinham representantes. Eles eram totalmente separados, mas eles eram os responsáveis pela parte administrativa, o professor também não

se metia na parte administrativa, aquela parte era deles. E dentro da estrutura administrativa você tinha o chefe da secretaria que era a autoridade máxima, do ponto de vista administrativo. Ele trabalhava direto com o diretor da Escola. Ele resolvia todos esses problemas e tinha as pessoas que trabalhavam com ele, os auxiliares administrativos que estavam a ele subordinados. Agora, o chefe da secretaria tinha um grande poder. Era uma pessoa realmente responsável por tudo que acontecia do ponto de vista administrativo do ponto de vista acadêmico. Também você tinha o zelador do prédio que vê se tem água no banheiro, bota banco no corredor, vê se a lâmpada está acesa, um aparelho que não está funcionando e tem que ser substituído. Esse é outro grupo. Tinham os serventes para fazer limpeza e tinha o administrador. É interessante que naquela época havia a exigência de um exame médico para se entrar na Escola. Era exame de sangue, fezes, urina, em um laboratório que ficava dentro da própria Escola, que tinha um responsável. A estrutura profissional daquela época era uma estrutura profissional que era, vamos dizer assim, vigente naquela sociedade e que hoje desapareceu em termos de hierarquia. Então você tinha, se o sujeito era o chefe de secretaria, era o responsável por fazer a secretaria e tudo ligado. O sujeito era chefe do laboratório, era o responsável por aquilo. E eles tinham autoridade. Sr. Inácio, por exemplo, o dia que ele chegava lá e tivesse chovido na noite anterior não havia prática no dia seguinte. Ele determinava e estava determinado. Ele era uma autoridade respeitada. Não adiantava pedir, implorar, suplicar, nada disso. Estava determinado que não podia. As pessoas tinham autoridade dentro de uma hierarquia na parte administrativa. No corpo docente isso também era marcado. É titular, é assistente, é auxiliar, isso estava muito bem claro, ninguém contestava nada. E até existia uma hierarquia informal entre os alunos. Um cara é do terceiro ano, o outro era do primeiro, então ele é quase professor. Ele, embora naquela época já não tivesse o trote como anteriormente tinha, eram coisas 'lights', vamos fazer uma festa, arranjar dinheiro para uma obra beneficente, coisas assim, mas ficava muito claro que você é aluno do primeiro ano, que você é aluno do terceiro ano. Essas coisas eram bem marcadas naquela época.

V- E conflitos entre professores e alunos? Os alunos na sua época questionavam muito os professores?

AG- A maior parte fazia acordos, "eu não te questiono e você dá uma prova fácil, deixa eu passar". Agora, insatisfação, resistência, rebeldia, sempre existiu. É interessante que as maiores queixas eram relacionadas com a má distribuição do horário. As aulas práticas eram muito exigentes, às vezes você tinha três aulas práticas e depois duas teóricas. Ou tinha quatro aulas práticas e depois uma teórica no fim do dia. Você chegava na última aula, se você fosse fazer, se você resolvesse fazer aquelas aulas para valer corresponderia há quatro horas de treinamento, você chegaria ao último tempo, eles jogavam as aulas teóricas lá para o fim da manhã, e você chegava realmente esgotado fisicamente, desconfortável para assistir uma aula teórica. Essa era a maior queixa. Avaliação não era, porque normalmente avaliação é a principal queixa, o principal ponto de conflito, isso não era. Eu percebi que havia um cordial convívio com os professores, principalmente da parte prática, porque é preciso pensar um pouco no contexto daquela época. Todo mundo se formava pela Nacional, não havia outra Escola. Nós tínhamos poucas escolas do governo e um número mais ou menos equivalente de escolas privadas, de grande renome. Esses professores mantinham o monopólio dessas escolas privadas, fulano é do Franco-Brasileiro, ciclano é do Mallet Soares. Todos os grandes nomes estavam nessas escolas e esse pessoal não dava para acumular tantas escolas, então quando percebiam que tinha um aluno se destacando, eles

faziam um convite para ir trabalhar. "Vamos trabalhar no Mallet Soares comigo, vamos trabalhar no Franco Brasileiro"; trabalhar no Anglo Americano, que era um colégio de renome da época, participava de atividades esportivas. Havia muito isso. Um professor, por exemplo, não podia dar uma determinada aula, ou tinha que faltar, ou em alguns lugares alguns trabalhavam no SESC, então tinham que trabalhar sábado e domingo, não podiam ir e passavam para a gente, nos pagavam, e era uma relação que a gente ia tendo assim muito boa. Então na parte prática eles eram mais próximos da gente, na parte teórica já era um convívio mais formal.

V- Essa relação maior com a parte prática, para você tem alguma relação com o preconceito com os professores...

AG- O pessoal se aproximando para enfrentar o preconceito? A minha interpretação é que esses professores da prática achavam que o que era importante era a prática. Realmente para o sujeito dar aula em uma escola ele tinha que dominar a ginástica, ele tinha que dominar aquele desporto, ele tinha que ter sido um bom praticante daquilo, pelo menos na Escola. Eles vinham com bons olhos, alguém que está do nosso lado, mas não para fazer frente ao preconceito, mas alguém que se identifica com a gente. O que me passou de impressão foi isso.

V- Havia discussões políticas, no sentido ideológico-partidária, na época?

AG- Sim, eu acho que vivi um momento de grande efervescência. Na Escola eu peguei o final do Governo do Juscelino, que eu reputo como momento mais democrático que vivi, e tive a felicidade de viver um pouco, desde aquele curso pré-vestibular até a mudança que ocorreu quando eu estava no primeiro ano da Escola. Eu peguei o Governo Juscelino que foi um governo com muita fartura também. Nós tínhamos essas cinco aulas, mas nós tínhamos um intervalo da segunda para a terceira e nós tínhamos um lanche dado pela Escola. Esse lanche era subsidiado pelo governo federal. Havia uma interrupção de cinco minutos e nós tínhamos direito a um Toddy, a um sanduiche, a um café, porque nós chegávamos cedo e já tínhamos várias aulas fortes, quando chegávamos no meio do dia estávamos com uma fome danada. Então havia uma interrupção para um lanche. O bandejão era fartíssimo na época do Juscelino. Era realmente uma refeição completa. Asseado, todo mundo bebia leite, comia carne, peixe, galinha, carne branca, carne vermelha. Era realmente um bandejão fartíssimo. Não havia problemas de falta de material. Nunca senti falta de material, bolas, a piscina sempre bem cuidada, o campo perfeito para você jogar, quanto a questão de material você sentia que não havia falta. Eu vi os professores viajarem. Era interessante que os médicos viajavam mais para os Congressos científicos e os professores faziam muito estágio ou iam fazer visitas. Então "vai viajar para o Instituto de EF de Estocolmo". E uma coisa interessante também é que esse pessoal, é um documento importantíssimo, o Areno era uma pessoa muito cuidadosa para fazer o controle administrativo através de relatórios. Os relatórios dele são muito interessantes. Você pega e vê quantos viajaram, para onde viajou, os alunos, eu mesmo fui representando a Escola em São Paulo em um momento muito interessante que foi a introdução do handebol, que já estava muito desenvolvido em São Paulo com o prof. Jamil e nós queríamos introduzir no Rio. Eu vivi muito isso, o Guilherme Abtibil viveu muito o boom da Ginástica Olímpica, foi esse grupo, o Arruda, O Guilherme Abtibil, esse grupo todo que teve o desenvolvimento da Ginástica Olímpica, com um professor Argentino, o Rapesté. Esse contato assim era muito estimulado pela direção.

V- Você viajou outras vezes para estágios ou congressos? Viagens eram comuns entre os alunos?

AG- Eram comuns, mas não era como hoje que tem um encontro de EF. Eram mais visitas acadêmicas, técnicas e científicas. "Vamos visitar a Escola de EF de São Paulo", pegávamos um ônibus e íamos, fazer contato, conhecia o pessoal de lá, fazia contato com o Centro Acadêmico, lá sempre se chamou Centro Acadêmico. Isso ocorria. Eu peguei o período em que os alunos, a Maria Lenk teve uma importância muito grande, ela não era diretora, mas era uma pessoa interessada no bom ensino, que era a apresentação de trabalhos feitos pelos alunos. Não havia uma exigência de monografia, mas para os alunos que quisessem apresentar um trabalho passou a ser organizado um simpósio no fim do curso, pelos alunos do terceiro ano, para os alunos apresentarem. Eu até não participei disso, na época eu não me achei preparado para chegar lá e levantar uma tese, então eu não participei disso. Mas da minha turma vários apresentaram trabalhos, trabalhos de alunos, eu achei que não era o momento de apresentar, não sei se fiz bem, se fiz mal, mas poderia ter participado do momento de implantação de seminários na Escola. Tudo organizado pela Escola para os alunos. As nossas sugestões eram ouvidas, era tudo muito negociado. Não teve assim um período muito de conflito. Agora, depois do término do período de Juscelino, a gente sentiu que houve... porque aí entrou Jânio, já renuncia, assume Jango. Então, vamos dizer, politicamente a gente discutia muito, e mesmo política partidária. Por exemplo, eu era do Partido Socialista Brasileiro e naquela época o grupo predominante ali, de direita, era o pessoal da UDN, a União Democrática Nacional. O partido que ficava no poder ou era o PTB, que não é esse, era o PTB de Vargas, e também o PDS, Partido Democrático Social, era centrão, o partido de centro. E também nós tínhamos o pessoal que era do Partido Comunista, que era um grupo bastante ativo, que teve uma participação muito grande, na criação do Centro Popular de Cultura, na UNE. Nós freqüentávamos a UNE, o prédio da UNE na Praia do Flamengo. Tinha várias atividades lá que fazia com que a gente fosse para lá. A nossa vida ali, quem teve a oportunidade de viver a Universidade plenamente enriqueceu muito, não só com o que a Escola podia oferecer, mas com o que a Universidade podia oferecer, tanto no Diretório Central dos Estudantes, a própria UNE, havia uma identificação muito grande. A gente tinha orgulho de ser de uma Escola que tinha um diretório que participava de um DCE que tinha uma ligação com a UNE. Havia, vamos dizer assim, não uma obediência... a gente respeitava as decisões da UNE. A UNE decidiu isso e nós temos que participar do desenvolvimento, essas coisas todas.

O que a gente vê é que os estudantes na época tem uma participação muito forte na parte cultural. É claro que essa parte cultural toda tinha um engajamento político. Nessa época nós participávamos de movimentos idealistas. Eu participei no Censo, trabalhei no Censo de 70. Era uma maneira de você ganhar um dinheirinho, aquilo era uma tarefa que universitários se propunham a fazer, a se engajar. Depois, eu não me lembro mais o ano, mas eu participei também do movimento de alfabetização Paulo Freire. Nós viemos para o Maracanã para fazer a prova para selecionar quem ia ser monitor. E você via aquelas campanhas, "vamos alfabetizar todo mundo", havia essas coisas assim idealistas onde o estudante participava muito. Era muito no nível nacional, essas coisas todas eram no nível nacional e menos no nível da própria Escola, na Universidade. Existia, mas a participação política era muito grande. E não havia aquela coisa, como há hoje, "aquele diretório do PT", na época havia também, "os caras são todos do PC", "os caras são todos do PSB", "aqueles caras são todos da UDN", isso sempre existiu.

V- E discussões teóricas? Você sentiu a mudança de valorização de matrizes teóricas enquanto você esteve na Escola?

AG- Do ponto de vista político?

V- Não, do ponto de vista da EF? Valorização mais do esporte?

AG- Naquele momento eu vivi muito a ginástica. A ginástica era valorizada, a ginástica tinha uma importância capital, era uma disciplina fundamental. Você aprendia, na verdade, os métodos. A gente teve aula de Ginástica Dinamarquesa, de Método Sueco, o Cássio dava essa aula para a gente, Desportiva Generalizada. Aliás, o Cássio dando aula de ginástica dinamarquesa para a gente era uma coisa incrível, uma maravilhosa. Porque a gente não trabalha com balanceado, então quando a gente entrava para uma aula com balanceado ele fazia com a gente. Eram aulas maravilhosas. Então ginástica era muito importante. O desporto, cada um de nós se identificava com o que gostava. Era natação o que eu queria, dedicava, mas também fazia atletismo, no fim a gente competia muito, eu competi em atletismo pela Escola, fui campeão carioca de atletismo pela Escola. Essa participação nossa também... lutei judô, fiz uma porca de coisas. Era um pouco também porque o pessoal da Associação Atlética, era A.A.A, era muito assim amador, mas tinha um pessoal que tinha um carisma muito grande. Na época era o João Carlos o presidente da Atlética. Era um cara assim que ia nos corredores. "Você é bom em atletismo, você tem que ir lá no domingo", e motivava todo mundo para participar, "Porque a Escola tem que estar bem representada", não faltava material também. Você recebia o calção, você recebia a camiseta. Você só levava o sapato de prego. Havia muita disponibilidade de material para isso. Agora quando começou o governo do Jânio e do Jango, aí as coisas começaram, economicamente... a inflação começou a ficar mais alta, uma série de coisas.

V- Como era a rotina diária? Era muito militarizada?

AG- Não. Alguns professores botavam a gente em forma e faziam a chamada, isso nas aulas práticas, mas isso você contava nos dedos quem fazia.

V- Uniforme ainda tinha?

AG- Uniforme sempre foi exigido. Você tinha que ir com uniforme, uniforme apropriado, se a aula fosse de futebol, mesmo que a aula fosse teórica, você tinha que ir de chuteira, meião, camiseta, calção. Mesmo que fosse para sentar lá e assistir aula teórica.

V- Os professores tinham suas pesquisas. Os estudantes participavam dessas pesquisas? De que forma?

AG- Eu participei, quer dizer, eu tive o privilégio de trabalhar, apesar da separação sexista que havia, por exemplo, uma cadeira como natação tinha um corpo docente que só lecionava para os homens e você tinha um outro corpo docente que só lecionava para as mulheres, a separação era absoluta. E até a distribuição de horário era feita de maneira que os homens não se encontrassem com as mulheres. E eu tive a oportunidade de trabalhar com a Maria Lenk na introdução do Intervall-training, na aplicação do Intervall-training de Gersher and

???, aqui no Rio, no Centro de Desportos da Marinha, no meio da Baía. Na época o tenente comandante era o Lamartine. Nós participamos de uma pesquisa junto com a Maria Lenk. Agora, não havia assim, vamos dizer, o pessoal não tinha um domínio grande da metodologia da pesquisa, um rigor. Era mais uma atividade prática. Tirando os camaradas que faziam pesquisa, como o Eduardo Viana, esse professor de fisiologia. Agora, a gente não pode dizer que determinadas disciplinas tinham pesquisa, como por exemplo, quando Maurício Rocha entrou, sim, a fisiologia deu um salto, mas a traumatologia apresentava muitos trabalhos estatísticos, biometria também tinha bastante comprometimento. Mas a pesquisa não era uma constante. A pesquisa histórica, eu não me lembro de ninguém ter participado com o Inezil, nem com o Aciolly, nem com pesquisas assim.

V- Como se dava a publicação dos Arquivos? O que significou para a Escola e para a EF?

AG- Bom, a publicação dos Arquivos foram fundamentais. A publicação foi fundamental, eu acho, até a nível nacional. Primeiro se você pega o decreto de criação, o 1212, ele é muito interessante porque já fala em pesquisa. Fala em pesquisa e fala na disseminação da pesquisa. Os Arquivos da ENEFD foram criados para disseminar a pesquisa. Isso é uma coisa bastante interessante para a época. O momento que eu vivi foi o momento da abertura dos alunos poderem publicar trabalhos nos Arquivos. Nos primeiros anos você vê que só tem trabalhos de professores e principalmente dos titulares. Ai depois os assistentes e titulares começaram a publicar alguma coisa. E a fase que eu vivi foi a fase dos alunos poderem publicar. E ai foi muito interessante porque a gente começou a ser convidado para participar da própria organização dos Arquivos, da publicação. E isso deu muita experiência para gente, de como publicar, organizar um periódico. Agora, se você levar em consideração que você tinha a Revista de Educação Physica, com 'ph', que era da EF do Exército; você tinha a do João Lotufo, que eram as duas grandes revistas de peso; os Arquivos junto com essas três eram a terceira força. E do ponto de vista científico ela era a de maior importância. Porque a do João Lotufo e a da Escola de EF do Exército eram muito... artigos assim de divulgação da prática, coisas que estavam acontecendo, "eu sou a favor, eu sou contra o futebol feminino", coisas desse gênero.

V- Como os artigos eram escolhidos? Havia uma comissão editorial? Algum artigo era encomendado?

AG- O diretor, que era o grande responsável pela revista incentivava os professores do curso a escreverem, mas não era bem uma encomenda. "Vocês precisam escrever, está faltando artigo", ficava um pouco fechado a quem era professor da... eu não me lembro de alguém que não fosse professor ou ex-aluno que tivesse escrito. Então era um pouco fechado. O pessoal de São Paulo, não me lembro ter escrito na revista do Rio. Depois nós tivemos uma outra revista que teve um peso e foi criada pela Divisão de EF, que era o chamado Boletim de EF. Foi muito importante o Boletim, depois quando o Lamartine foi trabalhar no Ministério, isso é mais recente, no seu período ele fez ressurgir o Boletim com o nome de Boletim Técnico-Informativo, o BTL, e depois deu origem a Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, que também mudou de nome posteriormente. Você vê então que havia essa preocupação, mas na realidade você tinha quatro grandes periódicos, eu não estou falando na cronologia, pois não me lembro muito bem, Boletim Técnico-Informativo é recente, é de 68, mas a origem do Boletim da Divisão é final dos anos 50 e início dos anos 60, era importante; os Arquivos, os mais importantes; e as duas revistas, da Escola de EF do Exército e do João

Lotufo, que depois perderam a periodicidade. Então em termos de importância muito grande. E Era disputadíssimo! O pessoal que vinha estudar aqui levava os Arquivos para lá, todo mundo esperava a saída dos Arquivos. Foi uma revista importantíssima.

V- Você já falou um pouco da importância da mudança da sede do Instituto de Surdos e Mudos. Qual foi o impacto da mudança da sede da Praia Vermelha para a atual sede no Fundão? O que significou para a Escola?

AG- Eu reputo que essa mudança era necessária. Não se podia manter uma Escola como era a Escola de EF em instalações tão acanhadas quanto eram aquelas da Praia Vermelha. Então a mudança tinha de ser feita. Uma das coisas que eu gostaria de passar nessa entrevista é essa idéia que nessa época, finais dos anos 50 e início dos anos 60, a vida era muito diferente aqui, nós não tínhamos no grande Rio oito milhões de pessoas. Era uma cidade pequena, até certo ponto provinciana em muitas coisas, você vê um estudante foi falar com um presidente da República para reivindicar uma piscina. São coisas que hoje, um país mais de cem milhões, não se pode ter isso. A mudança da capital também foi muito importante, muito traumatizante. Quer dizer a cidade cresceu muito mais. Temos que pensar um pouco nos finais dos anos 50 e ali nos três, quatro primeiros anos da década de 60, a Escola ainda resolvia. Mas com as pressões de 68, foi uma pressão mundial que foi respondida de forma diferente por cada país, ampliando o número de vagas, porque o vestibular era uma coisa que você não pode nem imaginar. Era realmente uma meia dúzia de privilegiados que entrava realmente para a Universidade. Houve uma democratização realmente na entrada da Universidade. Todo ano tinha os excedentes, os caras que tinham passado, mas estavam fora do número de vagas. Quando você começa a crescer, as pressões numéricas, aquela Escola não atenderia mais. Não haveria possibilidade de atender ali. As turmas eram pequenas na minha época. Eram vinte e poucos, uma turma com trinta era uma turma grande. Nesse momento da transferência você tinha turma com cem. Então você tinha quatro períodos, quatro anos, você tinha oitocentos alunos. Quer dizer, você passa de cento e pouco para oitocentos. A mudança se fazia necessária. Segundo, as instalações do ponto de vista técnico, vamos dizer assim, já deixavam a desejar. A gente não tinha uma pista de atletismo. Quando se foi para o Fundão agente tinha uma pista de atletismo, com tartam, que era o material mais avançado, inclusive atletismo foi a primeira disciplina que foi para lá, junto com a ginástica, e o resto ficou ainda na Praia Vermelha, com as aulas teóricas. Mas para caracterizar essa mudança, então foi o atletismo, a aula de atletismo era lá, e a ginástica, que era dada na Faculdade de Arquitetura. Ginástica e dança. Nesse período a dança era chamada de rítmica. Segundo, a necessidade de laboratórios, de equipamentos. Por exemplo, Mauricio Rocha deu uma guinada muito grande na Escola e com todo o prestígio nacional que ele tinha angariado, ele montou, aí teve toda aquela política com a ditadura, de criar cinco grandes laboratórios de fisiologia para formar os grandes atletas, mostrar a excelência do regime, então financiaram o laboratório do Mauricio Rocha. Mas não tinha espaço, não tinha espaço para montar um laboratório daquele tipo. Cinesiologia, depois biomecânica assumiu uma perspectiva importante e as instalações eram extremamente acanhadas. A própria divisão em departamentos, porque na época que eu fiz o curso não havia divisão em departamentos. Eram unidades. Era regime seriado e era unidade. Era a Faculdade, no caso era a Escola Nacional de EF, tinha uma congregação, onde os professores responsáveis.. o poder legislativo dentro da faculdade, e não havia departamento. A partir do momento que você criou departamentos começava a precisar de espaços para a parte administrativa. A biblioteca era muito acanhada na Nacional aqui na Praia Vermelha. A ida para lá, eu acho,

até prejudicou a biblioteca. Deu oportunidade da gente poder usar a biblioteca da biomédica, mas por outro lado muitos livros se extraviaram por problemas na transferência dos livros. Acho também que o pessoal que estava na biblioteca não era um pessoal qualificado, com curso de biblioteconomia etc. Então, de vez em quando, tinha muito livro e pouca estante, eu vivi isso na Praia Vermelha, eu tenho livros raros, porque os livros iam ser jogados fora e a gente vivia na biblioteca, aí a gente olhou e "- Esses livros? -Não esses livros vão ser jogados fora. -A gente pode apanhar. - Pode". Eu tenho minha coleção, você agora me completou com o número 2 que era o único que eu não tinha, porque eles iam jogar os números excedentes fora. Aí a gente foi lá e "-Posso apanhar? - Pode". Então eu tenho livros raros como o de 43 do Inezil, que tem um carimbo da Escola. Eles tinham 30 exemplares daquele, iam ficar com dois, aí quem estava lá...Então, nessa passagem, a biblioteca, eu acho que foi prejudicada, mas os laboratórios tiveram um aprimoramento. Os vestiários eram super-acanhados, atletismo não tinha, campo de futebol tinha um, que o sr. Inácio mantinha bem, agora lá você tem vários campos de futebol. Acho que não dava mais para manter aquela Escola ali.

Agora, houve uma pressão muito grande para não haver a mudança. Porque os professores davam aulas nesses colégios importantes, como eu te disse, Anglo-Americano, Mallet Soares, Pedro II, Pedro II tinha também um grande número de professores. Então ninguém queria sair dali não, porque ali era muito mais cômodo, ali você estava em Copacabana. Um professor tinha uma agência de automóveis, então ele deixava a agência de automóveis, vinha ali, dava uma aula e voltava. Mas era no Leme. O outro era representante da Coca-Cola, o escritório era no centro da cidade. Ir para o Fundão foi uma reação muito grande. Eu acho até, eu acompanhei esse momento da Maria Lenk lá, que foi o responsável pela transferência, não foi tanto, ela não fez isso tanto dentro de uma linha ideológica, "Vamos levar para o campus para desarticular". Eu acho até que tem declarações dela dizendo isso, que era importante, ela assumindo uma posição assim de direita radical, mas naquele tempo dela era mais a parte do esporte. Ela queria que a Escola tivesse uma estrutura como qualquer escola internacional. Ela não pensava muito nesse negócio de desarticular os alunos. A briga maior dela era com os professores, não com os alunos.

V- Houve resistência dos alunos para essa mudança?

AG - Houve. Agora, não foi a maior resistência. A maior resistência foi dos professores.

V- Você acha que foi por motivo pessoal mesmo? Não foi para 'manter a tradição da Escola'?

AG - Não, nada disso, o pessoal não tinha consciência disso. Foi motivo pessoal mesmo, era muito mais cômodo, os professores tinham seus negócios, moravam quase todos os professores na zona sul, o Fundão era longe, como continua sendo. Foi um verdadeiro pioneirismo, tanto que quem mudou para lá mesmo foram as pessoas que estavam ao lado da Maria Lenk. Mas não havia essa consciência, "vamos manter a tradição da Escola aqui", não passou isso.

V- Qual foi seu período na Escola?

AG - Eu tive de 60 a 63 na graduação e 64 no curso de técnica. Depois eu voltei, eu dava aula na Escola Guatemala, eu era do INEP, fui levado para o INEP com o Anísio Teixeira. E

com essas mudanças eles me colocaram a disposição da Escola, eu continuava ganhando não como professor universitário, mas como técnico em educação do INEP, Ministério da Educação, e fiquei lotado lá na Escola. Então montei uma assessoria técnica de ensino, com material didático, a filмотeca, organizei essa parte toda. A revista estava parada e nós retomamos, com o Capinussú que era jornalista e aluno da Escola para assumir a impressão...

V- Com o nome de Arquivos da ENEFD?

AG - (Sinal de positivo com a cabeça).

V- Você não pegou a greve dos estudantes. Mas você pegou algum eco?

AG- Sim, a greve foi um marco histórico. Todo mundo contava, uns contavam para os outros esse evento, o que ela proporcionou etc. Agora tinha umas coisas interessantes. Naquela época, o presidente comparecia a uma formatura, você já imaginou um presidente de república ir a uma formatura de estudante de EF? Era uma coisa muito provinciana, o reitor ainda recebia no gabinete sem muitos formalismos. Era uma coisa muito pequena, não tinha a proporção de hoje. O que eu acho que é difícil nessa abordagem histórica é alguém lembrar ou imaginar como a coisa era naquela época. Agora, havia muita coisa interessante que o aluno podia participar. Por exemplo os cursos de verão de natação eram, todo ano, coisas importantes.

V- Cursos de extensão existiam?

AG- Cursos de extensão, muitos, a noite, nós voltávamos. Tinha período que se você quisesse você ficava o dia inteiro até de noite, acabava dez horas da noite. Então, na minha época nós tivemos o curso de ginástica acrobática, cama elástica, com o Charles Astor, que era realmente... era um cara que foi da legião francesa, da legião estrangeira francesa, era um cara que tinha uma história de vida interessantíssima, na época devia ter seiscenta e poucos anos, quase setenta, dava parada de duas mãos na asa do avião; esse cara veio dar aula para a gente. Uma disciplina interessante que o pessoal achava no curso, era ruim, mas todo mundo queria, era nutrição. Nós tivemos um curso de nutrição. Muitos cursos da parte prática também, como esses de ginástica acrobática, mas também de natação. Teve biomecânica da natação, naquela época dos concursos os professores estavam interessados em fazer currículo. Então faziam esses cursos de extensão. Era muito efervescente. E tinha naquela época... numa pergunta anterior eu esqueci do curso de técnica desportiva. Eu não tinha falado. Mas era um número pequeno de pessoas. Se você pega o relatório do Areno você vê natação com 3 caras, futebol com quatro. Era um grupo, assim... não tinha uma procura como tem hoje um curso de EF.

V- Como era a participação dos alunos na congregação e...

AG - Não havia. Podia ser convidado para dar um depoimento "conte como foi sua visita".

V- Mas não era oficial?

AG - Era oficial porque ele era convidado. Ele só não tinha assentos, nem participação periódica.

V- Quais foram os professores que mais lhe marcaram? Porquê?

AG- É uma pergunta difícil para dizer um. Nós tivemos alguns professores que nos marcaram bastante. Por exemplo, eu tive...eu apreciei muito a maneira pela qual o Célio Cidade dava futebol. Ele dava futebol na maneira pela qual deveria ser ensinado na escola. Então quando você ia assistir uma aula do titular, que era o Ernesto Santos era uma aula diferente, porque a aula do Ernesto era uma aula para você conhecer o futebol. Você tinha uma aula do Ernesto e ia para o Maracanã ver um jogo, você já via outro jogo, só com o que ele te ensinou com o futebol. Era um negócio incrível. Mas o Célio foi um dos camaradas que mostrou mais como você pode usar o futebol para educar. Então esse camarada me marcou muito. O Cássio também foi um professor que marcou muito na parte de ginástica. Ele apresentava uma visão cultural da ginástica muito importante. Você sabia dali realmente vibrando com uma aula que foi dada. Era realmente uma coisa interessante. A Maria Lenk, embora não pudesse ter aula com ela. Ela se interessava muito mais pelos alunos, mesmo do sexo masculino, que tivessem interessados em natação. Nós nos aproximávamos dela, ela era uma pessoa que lia muito, assinava muitas revistas, era uma pessoa que falava alemão fluentemente, um inglês muito bom. Então ela assinava as revistas, emprestava para a gente, traduzia do alemão. Ela trouxe o cônsul aqui. Ela fez uma série de coisas. Ela me impressionava mais por isso, pela abertura que ela tinha de nos receber e ver as dificuldades que a gente tinha. Porque ela chegou um ponto que não tinha experiência, depois de um certo tempo, que até nós tínhamos. Quando eu fui trabalhar em clube, aí você entra no dia-a-dia, você está treinando a equipe para ser campeão, como técnico eu tenho todos os títulos aqui do Rio. Peguei muita experiência, e a Maria Lenk não tinha uma experiência como técnica de clube, mas ela tinha uma abertura, ela assinava as revistas, ela ia a congressos internacionais, e ela tinha isso, ela compartilhava tudo que ela tinha. Ela foi uma pessoa que também me impressionou muito. Acho que essas foram as pessoas que... o Osvaldo Gonçalves, esse também era titular. Quando ele dava aula, a aula dele era também uma maravilha, aula de atletismo, mas também deu poucas aulas para gente.

V- E colega de turma. Algum marcou mais você?

AG- Os colegas eram uma coisa interessante. Tinham naquela época os grandes expoentes no desporto. Então eram pessoas que tinham nome no desporto. Na minha turma tinha o esquerdinha que era do futebol, Flamengo etc. Então futebol você tinha que conversar com o esquerdinha, contava aquelas histórias, aquela coisa toda. Como nadador tinha o China, tinha sido um bom nadador, nadava bem, natação tinha que conversar com ele. Tinha aqueles que eram engraçados. Uma figura interessantíssima que acabou presidente do Diretório e se não me falha a memória até presidente do DCE, foi o que a gente apelidava de Caruso. Era uma pessoa que a gente acompanhou uma transformação total na vida desse camarada. Era um burocrata, um servidor público, de uma repartição sem importância nenhuma, que resolveu fazer EF. Mas ele já tinha mais de 40 anos. E ele se empolgou naquilo, e se empolgou com a política e entrou para o Partido Comunista. Ele cantava ópera, por isso o apelido dele era Caruso. Uma vez nós entramos no vestiário e lá estava ele cantando sozinho a ópera, nem foi na aula anterior e lá estava cantando a ópera, aí juntou toda a turma, "Grande Caruso", aí ficou Caruso e ele se tornou popularíssimo. Ele era

solteirão, começou a namorar as garotas e foi eleito, se tornou um líder político, foi perseguido pela ditadura e teve que desaparecer, ficar um período fora. Escolheu uma escola para trabalhar de uma colônia de pescadores e morreu. Um cara super interessante. E tem, tinha assim os camaradas que marcavam pela divergência. Por exemplo, Eduardo Viana. Eduardo Viana foi da minha turma, o presidente da Federação. O Eduardo Viana fazia direito na época, e ele é um cara de uma memória privilegiada, um cara estudioso, então ele vivia nos corredores com um livro decorando para o direito. Nas provas teóricas ele sempre tirou notas muito boas, agora teve problemas com algumas disciplinas práticas. Ele era goleiro de futebol da turma. Mas sempre foi desviante, como ele é hoje, uma figura que faz questão de ser considerado 'gênio do mau'. Ele foi uma pessoa que chamava atenção. Tinha outras pessoas que haviam largado outras carreiras, tinha muito isso. Por exemplo, Tomaz Leite Ribeiro foi uma cara que tinha largado o ITA, quase se formando pelo ITA, larga tudo para fazer EF. Tinha umas pessoas assim. Tinha dois, um era piloto e o outro era comissário de bordo. Não, tinha dois pilotos e um comissário de bordo. Então eles não podiam fazer o curso direito, estavam sempre enrolados. Pessoas que se destacavam como Ari Vidal. Ari Vidal foi da minha turma. Uma pessoa super interessante, grande falastrão, contador de casos, aparecia lá com umas namoradas, apareceu lá com a Marisa Gata mansa. Uma pessoa assim sempre de bem com a vida. Tinha alguns que eram filhos de professores da Escola. Por exemplo, o Paulo era filho do professor de atletismo. Tinha pessoas superinteressantes. É bom ver que a maior parte dessa turma se destacou na EF, no seu setor, foi uma coisa interessante.

V- Funcionário. Algum o marcou mais?

AG- O Inácio é uma pessoa queridíssima. Com todo o rigor, o formalismo dele, conservadorismo, ele é uma pessoa interessantíssima, todo mundo respeitava muito ele. Uma pessoa de respeito. O cara da secretaria, a gente tinha um respeito muito grande também por ele. Pessoa séria, sempre disposta a te dar uma informação, a resolver. Era uma pessoa disposta a resolver mesmo os problemas. O camarada do laboratório também, figura incrível. Essas coisas todas foram desaparecendo. Hoje uma unidade não pode ter um laboratório para fazer exame de sangue, fezes, urina dos alunos. Tinha um pessoal da piscina, que fazia a limpeza na piscina, que era também interessante. Um deles era namorado da Margarida, professora de natação. O convívio sempre muito bom dos funcionários com os alunos.

V- Algum fato foi mais marcante para você no seu tempo na Escola?

AG- Eu acho que o fato mais marcante, vamos dizer assim, até da minha vida profissional, foi essa questão dos concursos. Isso mexeu muito comigo, a realização dos concursos para titulares e para livres-docentes que eu assisti. Acho que foi ali que eu tomei gosto pela vida acadêmica, que eu achei que gostaria de ser professor universitário. Aquilo sacudiu a Escola. Eu senti que aquele foi um momento que a Escola virou pelo avesso. A Escola, a partir daquele momento, não foi mais a mesma. Houve uma renovação ali. Sai o Fracarolli...Porque nós éramos tratados um pouco assim como débeis mentais, pouco inteligentes e você que tinha gente ali com uma formação boa. O cara que sai do ITA, pessoas que fazem outras faculdades, e os caras tratavam a gente como se fosse um bando de débeis mentais, botar questão na lousa e "a prova vai ter cinco perguntas, estudem em casa", umas coisas assim. A entrada desses concursos agitou a Escola. A gente percebeu que não

seria um mundo diferente. Porque aí saíram as publicações, tem, por exemplo, a tese do Valdemar Bianchi, que era sobre o golfinho brasileiro. Passaram a surgir novas publicações. Então isso foi um ponto marcante. Outro foi esse convite que a Maria Lenk me fez para participar dessa pesquisa na Marinha, onde ficamos um mês, treinamos o pessoal com o Interval-training e todos os recordes da Marinha caíram naquele ano. Foi um negócio assim... super-bacana.

V- Como você vê hoje a atual herdeira da ENEFD?

AG- Eu vejo com tristeza. Eu acho que houve uma decadência da Escola. Primeiro, eu acho que não houve uma renovação do corpo docente como deveria ter sido feito. Como eu disse para você no início da entrevista, os titulares eram pessoas muito bem preparadas, que não escolheram, talvez, os melhores assistentes. Ou escolheram. Talvez aqueles fossem os melhores na época. Mas havia uma diferença muito grande entre titular e os auxiliares. Os titulares foram se aposentando, foram morrendo. Esses que eram os assistentes foram subindo e, subindo na hierarquia, depois com a mudança surgiu a figura do adjunto, e não substituíram, não prepararam as pessoas para substituir. Esses também foram se aposentando e não houve uma renovação. Aí surge a exigência dos concursos, que deu uma certa sacudida e é uma possibilidade da Escola retomar, ela perdeu o prestígio nacional de escola padrão, outras escolas foram criadas; foram se desenvolvendo e a ultrapassaram, até pela própria visão e própria estrutura. A Universidade Federal do Rio de Janeiro cresceu, inchou muito, e a faculdade de EF não conseguiu manter a qualidade tentando acompanhar esse crescimento. Acho que eles fizeram uma má opção tentando abrir um bacharelado em EF. Acho que foi um erro estratégico tremendo. Abandonar uma coisa que ela tinha experiência, que ela tinha prestígio. Mas eu não posso dizer que ela seja uma escola ruim. Mas ela não exponenciou qualitativamente como se esperava de uma escola que teve toda essa tradição, chegar a um ponto bastante avançado do ponto de vista qualitativo.

V- Última pergunta. Você acha que a Escola cumpriu seu papel no decorrer de sua história?

AG- Certamente. Ela disseminou o que havia de pesquisa, o que havia de teorização na época. Através da publicação dos Arquivos, mas também da participação de seus professores em cursos, em cursos nacionais, preparando gente no Norte, Nordeste, Centro-Oeste. A área de influência estou falando mais essa porque no Sul era mais de São Paulo. Esse papel de disseminação foi muito importante. A pesquisa, que está desde o decreto 1212, ela foi a primeira a fazer pesquisa, de todas as Escolas de EF. No Rio de Janeiro ela realmente atendeu ao que se preconizava. Ela formação gerações de profissionais competentes. Em todos os ramos, quando você pega os técnicos desportivos, os grandes técnicos todos passaram pela Escola. Você tem o Paulo Matta, no voleibol você tem também outras pessoas como o Célio, que passou pela Escola, uma pessoa de grande reputação no voleibol; na natação você tem o Daltely, que faleceu a pouco tempo, tinha todos os títulos como técnico; você tem no futebol o próprio Parreira, Lazaroni, essa turma toda; no basquetebol você tem o Ari Vidal; no Atletismo você tem a Aída dos Santos; quando você começa a ver, na formação de técnicos também foi muito importante também o papel da Escola. Os professores de EF que são da minha geração, as pessoas que ainda escrevem, que estão aí abrindo oportunidades para pessoas mais novas. Eu acho que nesse ponto a Escola cumpriu. Se ela poderia fazer mais? Isso é uma incógnita. Mas o balanço é muito favorável.

V- Muito Obrigado.